OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

PRECEDIDAS DE UM ENSAIO BIOGRAPHICO

NO QUAL SE RELATAM

ALGUNS FACTOS NÃO CONHECIDOS DA SUA VIDA

PELO

VISCONDE DE JUROMENHA

VOLUME IV

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1863

OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

OBRAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

PRECEDIDAS DE UM ENSAIO BIOGRAPHICO

NO QUAL SE RELATAM

ALGUNS FACTOS NÃO CONHECIDOS DA SUA VIDA

AUGMENTADAS

COM ALGUMAS COMPOSIÇÕES INEDITAS DO POETA

PELO

VISCONDE DE JUROMENHA

VOLUME IV

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1865

REDONDILHAS

Sôbolos rios que vão
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Alli lembranças contentes
N'alma se representárão;
E minhas cousas ausentes
Se fizerão tão presentes,
Como se nunca passárão.
Alli, despois d'acordado,
Co'o rosto banhado em ágoa,
Deste sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado
Não he gosto, mas he mágoa.

E vi que todos os danos
Se causavão das mudanças,
E as mudanças dos anos;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o maior bem
Quão pouco espaço que dura;
O mal quão depressa vem;
E quão triste estado tem
Quem se fia da ventura.

Vi aquillo que mais val
Qu'então s'entende melhor,
Quando mais perdido for;
Vi ao bem succeder mal,
E ao mal muito peor,
E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento:
Vi nenhum contentamento;
E vejo-me a mi, qu'espalho
Tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas ágoas
Com que banho este papel:
Bem parece ser cruel
Variedade de mágoas,
E confusão de Babel.
Como homem, que por exemplo
Dos trances em que se achou,
Despois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou:

Assi, despois qu'assentei
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os orgãos com que cantava,
Aquelle instrumento ledo
Deixei da vida passada,
Dizendo: Musica amada,
Deixo-vos neste arvoredo
Á memoria consagrada.

Frauta minha, que tangendo
Os montes fazieis vir
Par'onde estaveis, correndo;
E as ágoas, que hião descendo,
Tornavão logo a subir;
Jamais vos não ouvirão
Os tigres, que s'amansavão;
E as ovelhas, que pastavão,
Das hervas se fartarão,
Que por vos ouvir deixavão.

Ja não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos
Na ribeira florecente;
Nem poreis freio á corrente,
E mais se for dos meus olhos.
Não movereis a espessura,
Nem podereis ja trazer
Atraz vós a fonte pura;
Pois não podestes mover
Desconcertos da ventura.

Ficareis offerecida
Á Fama, que sempre vela,
Frauta de mi tão querida;
Porque mudando-se a vida,
Se mudão os gostos della.
Acha a tenra mocidade
Prazeres accommodados;
E logo a maior idade
Ja sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.

Hum gosto, que hoje s'alcança,
Á manhãa ja o não vejo:
Assi nos traz a mudança
D'esperança em esperança,
E de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa
Qu'esperança será forte?
Fraqueza da humana sorte,
Que quanto da vida passa
Está recitando a morte!

Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade:
Não cuide a gente futura
Que será obra da idade
O que he força da ventura.
Qu'idade, tempo, e espanto
De ver quão ligeiro passe,
Nunca em mi puderão tanto,
Que, postoque deixo o canto,
A causa delle deixasse.

Mas em tristezas e nojos,
Em gosto e contentamento;
Por o sol, por neve, por vento,
Tendré presente á los ojos
Por quien muero tan contento.
Orgãos e frauta deixava,
Despojo meu tão querido,
No salgueiro que alli'stava,
Que para tropheo ficava
De quem me tinha vencido.

Mas lembranças da affeição
Que alli captivo me tinha,
Me perguntárão então,
Qu'era da musica minha,
Que eu cantava em Sião?
Que foi daquelle cantar,
Das gentes tão celebrado?
Porque o deixava de usar,
Pois sempre ajuda a passar
Qualquer trabalho passado?

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso
Por entre o espesso arvoredo;
E de noite o temeroso
Cantando refreia o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente;
E o trabalhador, cantando,
O trabalho menos sente.

Eu qu'estas cousas senti
N'alma de mágoas tão cheia,
Como dirá, respondi,
Quem alheio está de si
Doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
Quem em choro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar
Canta por menos cansar,
Eu só descansos engeito.

Que não parece razão,
Nem seria cousa idonia,
Por abrandar a paixão
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Sião.
Que quando a muita graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes morra de tristeza,
Que por abrandá-la cante.

Que se o fino pensamento
Só na tristeza consiste,
Não tenho medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
Que maior contentamento?
Nem na frauta cantarei
O que passo, e passei ja,
Nem menos o escreverei;
Porque a penna cansará,
E eu não descansarei.

Que se vida tão pequena
S'accrescenta em terra estranha;
E se Amor assi o ordena,
Razão he que canse a penna
D'escrever pena tamanha.
Porém, se para assentar
O que sente o coração,
A penna ja me cansar,
Não canse para voar
A memoria em Sião.

Terra bem-aventurada,
Se por algum movimento
D'alma me fores tirada,
Minha penna seja dada
A perpetuo esquecimento.
A pena deste desterro,
Qu'eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quizer
Em Babylonia sujeito,
Hierusalem, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito;
A minha lingua se apegue
Ás fauces, pois te perdi,
S'em quanto viver assi
Houver tempo, em que te negue,
Ou que m'esqueça de ti.

Mas ó tu, terra de glória,
S'eu nunca vi tua essencia,
Como me lembras na ausencia?
Não me lembras na memoria,
Senão na reminiscencia:
Que a alma he taboa rasa,
Que com a escripta doutrina
Celeste tanto imagina,
Que vôa da propria casa,
E sobe á patria divina.

Não he logo a saudade
Das terras onde nasceo
A carne, mas he do Ceo,
Daquella santa Cidade,
Donde est'alma descendeo.
E aquella humana figura,
Que cá me póde alterar,
Não he quem se ha de buscar;
He raio da formosura,
Que só se deve d'amar.

Que os olhos, e a luz que ateia
O fogo que cá sujeita,
Não do sol, nem da candeia,
He sombra daquella ideia,
Qu'em Deos está mais perfeita.
E os que cá me captivárão,
São poderosos affeitos
Qu'os corações tẽe sujeitos;
Sophistas, que m'ensinárão
Máos caminhos por direitos.

Destes o mando tyrano
M'obriga com desatino
A cantar ao som do dano
Cantares d'amor profano,
Por versos d'amor divino.
Mas eu, lustrado co'o santo
Raio, na terra de dor,
De confusões e d'espanto,
Como hei de cantar o canto,
Que só se deve ao Senhor?

Tanto póde o beneficio
Da graça que dá saude,
Que ordena que a vida mude:
E o qu'eu tomei por vicio,
Me faz gráo para a virtude;
E faz qu'este natural
Amor, que tanto se préza,
Suba da sombra ao real,
Da particular belleza
Para a belleza geral.

Fique logo pendurada
A frauta com que tangi,
Ó Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada
Para só cantar de ti;
Não captivo e ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios desatado,
E cá desta a ti levado,
Patria minha natural.

E s'eu mais der a cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyrannos e urgentes,
Risque-se quanto ja fiz
Do grão livro dos viventes.
E, tomando ja na mão
A lyra santa e capaz
D'outra mais alta invenção,
Cale-se esta confusão,
Cante-se a visão de paz.

Ouça-me o pastor e o rei,
Retumbe este accento santo,
Mova-se no mundo espanto;
Que do que ja mal cantei
A palinodia ja canto.
A vós só me quero ir,
Senhor e grão Capitão
Da alta torre de Sião,
Á qual não posso subir,
Se me vós não dais a mão.

No grão dia singular,
Que na lyra em douto som
Hierusalem celebrar,
Lembrae-vos de castigar
Os ruins filhos de Edom.
Aquelles que tintos vão
No pobre sangue innocente,
Soberbos co'o poder vão,
Arraza-los igualmente:
Conheção que humanos são.

E aquelle poder tão duro
Dos affectos com que venho,
Qu'encendem alma e engenho;
Que ja m'entrárão o muro
Do livre arbitrio que tenho;
Estes, que tão furiosos
Gritando vem a escalar-me,
Máos espiritos damnosos,
Que querem como forçosos
Do alicerce derribar-me;

Derribae-os, fiquem sós,
De forças fracos, imbelles;
Porque não podemos nós,
Nem com elles ir a vós,
Nem sem vós tirar-nos delles.
Não basta minha fraqueza
Para me dar defensão,
Se vós, santo Capitão,
Nesta minha Fortaleza
Não puzerdes guarnição.

E tu, ó carne, qu'encantas,
Filha de Babel tão feia,
Toda de miseria cheia,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhoreia;
Beato só póde ser
Quem co'a ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste:

Quem com disciplina crua
Se fere mais que huma vez;
Cuja alma, de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que ja a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes,
E em nascendo os affogar,
Por não virem a parar
Em vicios graves e urgentes:

Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na Pedra, que veio a ser
Emfim cabeça do canto:
Quem logo, quando imagina
Nos vicios da carne má,
Os pensamentos declina
Áquella Carne divina,
Que na Cruz esteve ja.

Quem do vil contentamento
Cá deste mundo visibil,
Quanto ao homem for possibil,
Passar logo entendimento
Para o mundo intelligibil;
Alli achará alegria
Em tudo perfeita, e cheia
De tão suave harmonia,
Que nem por pouca recreia,
Nem por sobeja enfastia.

Alli verá tão profundo
Mysterio na summa Alteza,
Que, vencida a natureza,
Os móres faustos do mundo
Julgue por maior baixeza.
Ó tu, divino aposento,
Minha patria singular,
Se só com te imaginar,
Tanto sobe o entendimento,
Que fará se em ti se achar?

Ditoso quem se partir
Para ti, terra excellente,
Tão justo e tão penitente,
Que despois de a ti subir,
Lá descanse eternamente!

CARTA A HUMA DAMA

Querendo escrever hum dia
O mal, que tanto estimei,
Cuidando no que poria,
Vi Amor que me dizia:
Escreve, qu'eu notarei.
E como para se ler
Não era historia pequena
A que de mi quiz fazer,
Das azas tirou a penna
Com que me fez escrever.

E, logo como a tirou,
Me disse: Aviva os espritos;
Que pois em teu favor sou,
Esta penna, que te dou,
Fará voar teus escritos.
E dando-me a padecer
Tudo o que quiz que puzesse,
Pude em fim delle dizer,
Que me deo com qu'escrevesse
O que me deo a escrever.

Eu qu'este 'engano entendi,
Disse-lhe: Qu'escreverei?
Respondeo, dizendo assi:
Altos effeitos de ti,
E daquella a quem te dei.
E ja que te manifesto
Todas minhas estranhezas,
Escreve, pois que te prézas,
Milagres d'hum claro gesto,
E de quem o vio, tristezas.

Ah Senhora, em quem se apura
A fé de meu pensamento!
Escutàe e estae attento,
Que com vossa formosura
Iguala Amor meu tormento.
E, postoque tão remota
Estejais de m'escutar
Por me não remediar,
Ouvi, que pois Amor nota,
Milagres são de notar.

Escrevem varios Authores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem naquelle monte.
Se os sentidos podem dar
Mantimento ao viver,
Não he logo d'espantar,
S'estes vivem de cheirar,
Que viva eu só de vos ver.

Huma arvore se conhece,
Que na geral alegria
Ella tanto s'entristece,
Que, como he noite, florece,
E perde as flores de dia.
Eu, qu'em ver-vos sinto o preço
Qu'em vossa vista consiste,
Em a vendo m'entristeço,
Porque sei que não mereço
A gloria de ver-me triste.

Hum Rei de grande poder
Com veneno foi criado,
Porque, sendo costumado,
Não lhe pudesse empecer,
Se despois lhe fosse dado.
Eu, que criei de pequena
A vista a quanto padece,
Desta sorte m'acontece,
Que não me faz mal a pena,
Senão quando me fallece.

Quem da doença Real
De longe enfermo se sente,
Por segredo natural
Fica são vendo sómente
Hum volatil animal.
Do mal, que Amor em mi cria,
Quando aquella Phenix vejo,
São de todo ficaria;
Mas fica-me hydropesia,
Que quanto mais, mais desejo.

Da vibora he verdadeiro,
Se a consorte vae buscar,
Qu'em se querendo juntar,
Deixa a peçonha primeiro,
Porque lh'impede o gerar.
Assi quando m'apresento
Á vossa vista inhumana,
A peçonha do tormento
Deixo á parte, porque dana
Tamanho contentamento.

Querendo Amor sustentar-se,
Fez huma vontade esquiva
D'huma estatua namorar-se:
Despois, por manifestar-se,
Converteo-a em mulher viva.
De quem m'irei eu queixando,
Ou quem direi que m'engana
Se vou seguindo, e buscando
Huma imagem, que d'humana
Em pedra se vai tornando?

D'huma fonte se sabia,
Da qual certo se provava,
Que quem sobre ella jurava,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.
Vós, que minha liberdade,
Senhora, tyrannizais,
Injustamente mandais,
Quando vos fallo verdade,
Que vos não possa ver mais.

Da palma s'escreve e canta
Ser tão dura e tão forçosa,
Que pezo não a quebranta,
Mas antes, de presumpçosa,
Com elle mais se levanta.
Co'o pezo do mal que dais,
A constancia qu'em mi vejo,
Não sómente ma dobrais,
Mas dobra-se meu desejo,
Com qu'então vos quero mais.

Se alguem os olhos quizer
Ás andorinhas quebrar,
Logo a mãe, sem se deter,
Huma herva lhe vai buscar
Que lhes faz outros nascer.
Eu que os olhos tenho attento
Nos vossos, qu'estrellas são,
Cegão-se os do entendimento,
Mas nascem-me os da razão
De folgar com meu tormento.

Lá para onde o sol sahe,
Descobrimos, navegando,
Hum novo rio admirando,
Que o lenho que nelle cahe,
Em pedra se vai tornando.
Não s'espantem disto as gentes;
Mais razão será qu'espante
Hum coração tão possante,
Que com lagrimas ardentes
Se converte em diamante.

Póde hum mudo nadador
Na linha e canna influir
Tão venenoso vigor,
Que faz mais não se bulir
O braço do pescador.
Se começão de beber
Deste veneno excellente
Meus olhos, sem se deter,
Não se sabem mais mover
A nada que se apresente.

Isto são claros sinais
Do muito qu'em mi podeis:
Nem podeis desejar mais;
Que se ver-vos desejais,
Em mi claro vos vereis.
E quereis ver a que fim
Em mi tanto bem se pôs?
Porque quiz Amor assim,
Que por vos verdes a vós,
Tambem me visseis a mim.

Dos males que m'ordenais,
Qu'inda tenho por pequenos,
Sabei, se mos escutais,
Que ja não sei dizer mais,
Nem vós podeis saber menos.
Mas ja que a tanto tormento
Não se acha quem resista,
Eu, Senhora, me contento
De terdes meu soffrimento
Por alvo de vossa vista.

Quantos contrarios consente
Amor, por mais padecer!
Que aquella vista excellente,
Que me faz viver contente,
Me faça tão triste ser!
Mas dou este entendimento
Ao mal, que tanto m'offende,
Como na vela s'entende,
Que se se apaga co'o vento,
Co'o mesmo vento se accende.

Exprimentou-se algum'hora
D'ave, que chamão Camão,
Que se da casa, onde mora,
Vê adultera senhora,
Morre de pura paixão.
A dor he tão sem medida,
Que remedio lhe não val.
Mas oh ditoso animal,
Que póde perder a vida,
Quando vê tamanho mal!

Nos gostos de vos querer
Estava agora enlevado,
Se não fôra salteado
Das lembranças de temer
Ser por outrem desamado.
Estas suspeitas tão frias,
Com que o pensamento sonha,
São assi como as harpias,
Que as mais doces iguarias
Vão converter em peçonha.

Faz-me este mal infinito
Não poder jamais dizer,
Por não vir a corromper
Os gostos que tenho escrito,
Co'os males qu'hei d'escrever.
Não quero que s'apregôe
Mal tanto para encobrir,
Porque em quanto aqui s'ouvir
Nenhuma outra cousa sôe,
Que a gloria de vos servir.

OUTRA

Dama d'estranho primor,
Se vos for
Pezada minha firmeza,
Olhai não me deis tristeza,
Porque a converto em amor.
E se cuidais
De me matar, quando usais
D'esquivança,
Irei tomar por vingança
Amar-vos cada vez mais.

Porém vosso pensamento,
Como isento,
Seguirá sua tenção,
Crendo qu'em tanta affeição
Não haja accrescentamento.
Não creais
Que desta arte vos façais
Invencibil;
Que Amor sobre o impossibil
Amostra que póde mais.

Mas ja da tenção que sigo,
Me desdigo;
Que se ha tanto poder nelle,
Tambem vós podeis mais qu'elle
Neste mal que usais comigo.
Mas se for
O vosso poder maior
Entre nós,
Quem poderá mais que vós,
Se vós podeis mais que Amor?

Despois que, Dama, vos vi,
Entendi,
Que perdêra Amor seu preço;
Pois o favor que lh'eu peço,
Vos pede elle para si.
Nem duvido
Que não póde, de sentido,
Resistir;
Pois em vez de vos ferir,
Ficou de vos ver ferido.

Mas pois vossa vista he tal
Em meu mal,
Que posso de vós querer?
Que mal poderei valer,
Onde o mesmo Amor não val.
Se attentar,
Nenhum bem posso esperar:
E oxalá
Que vos alembrasse ja,
Sequer para me matar.

Mas nem com isto creais
Que façais
Meus serviços mais pequenos;
Porqu'eu, quando espero menos,
Sabei qu'então quero mais.
Nada espero;
Mas de mi crede este fero,
Qu'em ser vosso,
Vos quero tudo o que posso,
E não posso quanto quero.

Só por esta phantasia
Merecia
De meus males algum fruito;
E não era certo muito
Para o muito que queria.
De maneira,
Que não he, na derradeira,
Grande espanto,
Que quem, Dama, vos quer tanto,
Que outro tanto de vós queira.

A HUMAS SUSPEITAS

Suspeitas, que me quereis?
Qu'eu vos quero dar lugar
Que de certas me mateis;
Se a causa, de que nasceis,
Vós quizesseis confessar.
Que de não lhe achar desculpa,
A grande mágoa passada
Me tẽe a alma tão cansada,
Que se me confessa a culpa,
Te-la-hei por desculpada.

Ora vêde que perigos
Tẽe cercado o coração,
Que no meio da oppressão
A seus proprios inimigos
Vai pedir a defensão!
Que, suspeitas, eu bem sei,
Como se claro vos visse,
Que he certo o que ja cuidei;
Que nunca mal suspeitei,
Que certo me não sahisse.

Mas queria esta certeza
Daquella que me atormenta;
Porque em tamanha estreiteza
Ver que disso se contenta,
He descanso da tristeza.
Porque se esta só verdade

Me confessa limpa e nua
De cautela e falsidade,
Não póde a minha vontade
Desconforme ser da sua.

Por segredo namorado
He certo estar conhecido
Que o mal de ser engeitado
Mais atormenta sabido
Mil vezes, que suspeitado.
Mas eu só, em quem se ordena
Novo modo de querella,
De medo da dor pequena,
Venho a achar na maior pena
O refrigerio para ella.

Ja nas iras m'inflammei,
Nas vinganças, nos furores,
Que ja doudo imaginei;
E ja mais doudo jurei
De arrancar d'alma os amores.
Ja determinei mudar-me
Para outra parte com ira;
Despois vim a concertar-me
Que era bom certificar-me
No que mostrava a mentira.

Mas despois ja de cansadas
As furias do imaginar,
Vinha emfim a rebentar
Em lagrimas magoadas,

E bem para magoar.
E deixando-se vencer
Os meus fingidos enganos
De tão claros desenganos,
Não posso menos fazer,
Que contentar-me co'os danos.

E pedir que me tirassem
Este mal de suspeitar
Que me vejo atormentar,
Indaque me confessassem
Quanto me póde matar.
Olhae bem se me trazeis,
Senhora, posto no fim;
Pois neste estado a que vim,
Para que vós confesseis,
Se dão os tratos a mim.

Mas para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
Tal justiça lhe convinha;
Porque da culpa, qu'he vossa,
Venha a ser a morte minha.
Justiça tão mal olhada
Olhae com que côr se doura,
Que quero, ao fim da jornada,
Que vós sejais confessada,
Para qu'eu seja o que moura!

Pois confessae-vos jagora,
Indaque tenho temor

Que nem nesta ultima hora
Me ha de perdoar Amor
Vossos peccados, Senhora.
E assi vou desesperado,
Porque estes são os costumes
D'amor que he mal empregado;
Do qual vou ja condemnado
Ao inferno de ciumes.

LABYRINTHO, QUEIXANDO-SE DO MUNDO

Corre sem vela e sem leme
O tempo desordenado,
D'hum grande vento levado:
O que perigo não teme,
He de pouco exprimentado.
As redeas trazem na mão
Os que redeas não tiverão:
Vendo quanto mal fizerão
A cobiça e ambição,
Disfarçados se acolhêrão.

A náo, que se vai perder,
Destrue mil esperanças:
Vejo o máo que vem a ter;
Vejo perigos correr
Quem não cuida que ha mudanças.
Os que nunca em sella andárão,
Na sella postos se vem:
De fazer mal não deixárão;
De demonio hábito tem
Os que o justo profanárão.

Que poderá vir a ser
O mal nunca refreado?
Anda, por certo, enganado
Aquelle que quer valer,
Levando o caminho errado.
He para os bons confusão,
Ver que os máos prevalecêrão;
Que, posto se detiverão
Com esta simulação,
Sempre castigos tiverão:

Não porque governe o leme
Em mar envolto e turbado,
Que tẽe seu rumo mudado,
Se perece grita e geme
Em tempo desordenado.
Terem justo galardão,
E dor dos que merecêrão,
Sempre castigos tiverão
Sem nenhuma redempção,
Postoque se detiverão.

Na tormenta, se vier,
Desespere na bonança,
Quem manhas não sabe ter:
Sem que lhe valha gemer,
Verá falsar a balança.
Os que nunca trabalhárão,
Tendo o que lhe não convem,
Se ao innocente enganárão,
Perderão o eterno bem,
Se do mal não s'apartárão.

CONVITE QUE FEZ NA INDIA A CERTOS FIDALGOS

A primeira iguaria foi posta a Vasco de Athaide, e dizia:

Se não querèis padecer
Huma, ou duas horas tristes,
Sabeis que haveis de fazer?
Volveros por dò venistes,
Que aqui não ha que comer.
E, póstoque aqui leais
Trovinha que vos enleia,
Corrido não estejais;
Porque por mais que corrais,
Não heis de alcançar a ceia.

A segunda a D. Francisco de Almeida.

Heliogabalo zombava
Das pessoas convidadas;
E de sorte as enganava,
Que as iguarias que dava,
Vinhão nos pratos pintadas.
Não temais tal travessura,
Pois ja não póde ser nova;
Porque a cêa está segura
De vos não vir em pintura;
Mas ha de vir toda em trova.

A terceira a Heitor da Silveira

Cêa não a papareis:
Com tudo, porque não minta,
Para beber achareis,
Não Caparica, mas tinta,
E mil cousas que papeis.
E vós torceis o focinho

Com esta amphibologia?
Pois sabei que a Poesia
Vos dá aqui tinta por vinho,
E papeis por iguaria.

A quarta a João Lopes Leitão, a quem o Author fez huns versos, que vão adiante, sobre huma peça de cacha, que deu a huma dama

Porque os que vos convidárão
Vosso estomago não danem,
Por justa causa ordenárão,
Se trovas vos enganárão,
Que trovas vos desenganem.
Vós tereis isto por tacha,
Converter tudo em trovar;
Pois se me virdes zombar,
Não cuideis, Senhor, que he cacha,
Que aqui não ha que cachar.

Responde João Lopes

Pezar ora não de são,
Eu juro pelo Ceo bento,
Se de comer não me dão,
Qu'eu não sou camaleão,
Que m'hei de manter do vento.

Responde o Author

Senhor, não vos agasteis,
Porque Deos vos proverá;
E se mais saber quereis,
Nas costas deste lereis
As iguarias que ha.

Virado o papel, dizia assi:

Tendes nem migalha assada;
Cousa nenhuma de môlho;

E nada feito em empada;
E vento de tigelada;
Picar no dente em remôlho:
De fumo tendes taçalhos;
Ave da pena que sente
Quem da fome anda doente;
Bocejar de vinho e d'alhos;
Manjar em branco excellente.

A derradeira a Francisco de Mello

D'hum homem, que teve o scetro
Da vêa maravilhosa,
Não foi cousa duvidosa,
Que se lhe tornava em metro
O qu'hia a dizer em prosa.
De mi vos quero affirmar
Que faça cousas mais novas,
De quanto podeis cuidar;
E esta cêa, que he manjar,
Vos faça na boca em trovas.

NA INDIA AO VISO-REI, COM O MOTE ADIANTE

Conde, cujo illustre peito
Merece nome de Rei,
Do qual muito certo sei
Que lhe fica sendo estreito
O cargo de Viso-Rei;
Servirdes-vos d'occupar-me
Tanto contra meu Planeta,
Não foi senão azas dar-me,
Com as quaes vou a queimar-me,
Como o faz a borboleta.

E s'eu a penna tomar,
Que tão mal cortada tenho,
Será para celebrar
Vosso valor singular
Dino de mais alto engenho.
Que se o meu vos celebrasse,
Necessario me sería
Que os olhos d'aguia tomasse,
Só para que não cegasse
No sol de vossa valia.

Vossos feitos sublimados
Nas armas, dignos de gloria,
São no mundo tão soados,
Qu'em vós de vossos passados
Se resuscita a memoria.
Pois aquelle animo estranho,
Prompto para todo effeito,
Espanta todo o conceito:
Como coração tamanho
Vos póde caber no peito?

A clemenciá, que asserena
Coração tão singular,
S'eu nisso puzesse a penna,
Seria encerrar o mar
Em cova muito pequena.
Bem basta, Senhor, que agora
Vos sirvais de me occupar;
Que assi fareis aparar
A penna, com que algum'hora
Vos vereis ao Ceo voar.

Assi vos irei louvando,
Vós a mi do chão erguendo,
Ambos o mundo espantando;
Vós com a espada cortando,
Eu com a penna escrevendo.

MOTE QUE LHE MANDOU O VISO-REI

Muito sou meu inimigo,
Pois que não tiro de mi
Cuidados, com que nasci,
Que põe a vida em perigo.
Oxalá que fôra assi!

VOLTA

Viver eu, sendo mortal,
De cuidados rodeado,
Parece meu natural;
Que a peçonha não faz mal
A quem foi nella criado.
Tanto sou meu inimigo,
Que por não tirar de mi
Cuidados, com que nasci,
Porei a vida em perigo.
Oxalá que fôra assi!

Tanto vim a accrescentar
Cuidados, que nunca amansão
Em quanto a vida durar,
Que canso ja de cuidar
Como cuidados não cansão.
S'estes cuidados, que digo,
Dessem fim a mi e a si,

Farião pazes comigo;
Que pôr a vida em perigo,
O bom fôra para mi.

A HUMA DAMA, QUE LHE MANDOU PEDIR ALGUMAS OBRAS SUAS

Senhora, s'eu alcançasse
No tempo que ler quereis,
Que a dita dos meus papeis
Pola minha se trocasse;
E por ver
Tudo o que posso escrever
Em mais breve relação,
Indo eu onde elles vão,
Por mi só quizesseis ler;

Despois de ver hum cuidado
Tão contente de seu mal,
Verieis o natural
Do que aqui vêdes pintado;
Que o perfeito
Amor, de que sou sogeito,
Vereis aspero e cruel,
Aqui com tinta e papèl,
Em mi com sangue no peito.

Que hum contínuo imaginar
Naquillo que Amor ordena,
He pena, que emfim por penna
Se não póde declarar;
Que se eu levo
Dentro n'alma quanto devo

De trasladar em papeis,
Vêde que melhor lèreis,
Se a mi, se aquillo qu'escrevo?

A HUMA SENHORA, A QUEM DERÃO HUM PEDAÇO DE SITIM AMARELLO

Se derivais da verdade
Esta palavra *Sitim,*
Achareis sem falsidade,
Que após o *si* têe o *tim,*
Que tine em toda a Cidade.
Bem vejo que m'entendeis;
Mas porque não falle em vão,
Sabei que a esta Nação
Tanto que o *si* concedeis,
O *tim* logo está na mão.

E quem da fama s'arreda,
Que tudo vai descobrir,
Deve sempre de fugir
De sitins, porque da seda
Seu natural he rugir.
Mas panno fino e delgado,
Qual a raxá e outros assi,
Dura, aquenta, e he callado,
Amoroso, e dá de si
Mais que *sitim,* nem brocado.

Mas estes, que sedas são
Com quem s'enganão mil Damas,
Mais vos tomão, do que dão;
Promettem, mas não darão,

Senão nodoas para as famas.
E se não me quereis crer,
Ou tomais outro caminho,
Por exemplo o podeis ver,
Quando lá virdes arder
A casa d'algum vizinho.

Oh feminina simpreza,
Donde estão culpas a pares,
Que por hum Dom de nobreza,
Deixão dões da natureza,
Mais altos e singulares!
Hum Dom, que anda enxertado
No nome, e nas obras não.
Fallo como experimentado;
Que *sitim* desta feição
Eu tenho muito cortado.

Dizem-me qu'era amarello;
E quem assi o quiz dar,
Só para me Deos vingar,
Se vem á mão amarê-lo,
O qu'eu não posso cuidar.
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas,
(Isto bem póde não ser)
Dá a meninas formosas,
Sómente polas fazer.

Quem vos isto diz, Senhora,
Servio nas vossas armadas
Muito, mas anda ja fóra:

E póde ser qu'inda agora
Traz abertas as fréchadas.
E, postoque desfavores
O tirão de servidor,
Quer-vos ventura melhor;
Que dos antigos amores
Inda lhe fica este amor.

A HUMA SENHORA REZANDO POR HUMAS CONTAS

Peço-vos que me digais
As orações que rezastes,
Se são polos que matastes,
Se por vós que assi matais?
Se são por vós, são perdidas;
Que qual será a oração,
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Que se vedes quantos vem
A só vida vos pedir,
Como vos ha Deos de ouvir,
Se vós não ouvis ninguem?
Não podeis ser perdoada
Com mãos a matar tão prontas,
Que se n'huma trazeis contas,
Na outra trazeis espada.

Se dizeis que encommendando
Os que matastes andais;
Se rezais por quem matais,
Para que matais rezando?

Que se na força do orar
Levantais as mãos aos Ceos,
Não as ergueis para Deos,
Erguei-las para matar.

E quando os olhos cerrais,
Toda enlevada na fé,
Cerrão-se os de quem vos vê,
Para nunca verem mais.
Pois se assi forem tratados
Os que vos vem quando orais,
Essas horas que rezais,
São as horas dos finados.

Pois logo, se sois servida
Que tantos mortos não sejão,
Não rezeis onde vos vejão,
Ou vede para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males que causastes,
Resuscitae quem matastes,
Não tereis por quem rezar.

A HUMA DAMA QUE LHE DEO HUMA PENNA

Se n'alma e no pensamento
Por vosso me manifesto,
Não me peza do que sento;
Que se não soffrer tormento,
Faço offensa a vosso gesto.
E, pois quanto Amor ordena,
E quanto est'alma deseja,

Tudo á morte me condena,
Não quero senão que seja
Tudo pena, pena, pena.

A HUMA DAMA QUE LHE CHAMOU CARA SEM OLHOS

Sem olhos vi o mal claro,
Que dos olhos se seguio:
Pois cara sem olhos vio
Olhos, que lhe custão caro.
D'olhos não faço menção,
Pois quereis que olhos não sejão;
Vendo-vos, olhos sobejão,
Não vos vendo, olhos não são.

DISPARATES NA INDIA

Este mundo es el camino
Adó hay ducientos váos,
Ou por onde bons e máos,
Todos somos del merino.
Mas os máos são de teor,
Que desque mudão a côr,
Chamão logo a El-Rei compadre;
E emfim, dejadlos, mi madre,
Que sempre tẽe hum sabor
De quem torto nasce, tarde s'endireita.

Deixae a hum que se abone:
Diz logo de muito sengo,
Villas y castillos tengo,
Todos á mi mandar sone.

Então eu, qu'estou de molho,
Com a lagrima no olho,
Polo virar do envés,
Digo-lhe: *tu ex illis es,*
E por isso não te ólho;
Pois honra e proveito não cabem n'hum saco.

Vereis huns, que no seu seio
Cuidão que trazem París,
E querem com dous ceitís,
Fender anca pelo meio.
Vereis mancebinho de arte,
Com espada em talabarte:
Não ha mais Italiano.
A este direis: Meu mano,
Vós sois galante que farte;
Mas pan y vino anda el camino, q̃ no mozo garrido.

Outros em cada theatro,
Por officio lhe ouvirés
Que se matarán con tres,
Y lo mismo haran con cuatro.
Prezão-se de dar respostas,
Com palavras bem compostas;
Mas se lhe meteis a mão,
Na paz mostrão coração,
Na guerra mostrão as costas;
Porque aqui torce a porca o rabo.

Outros vejo por ahi,
A que se acha mal o fundo,
Que andão emendando o mundo,

E não se emendão a si.
Estes respondem a quem
Delles não entende bem
El dolor que está secreto;
Mas porém quem for discreto,
Responder-lhe-ha muito bem:
Assi entrou o mundo, assi ha de sahir.

Achareis rafeiro velho,
Que se quer vender por galgo:
Diz que o dinheiro he fidalgo,
Que o sangue todo he vermelho.
Se elle mais alto o dissera,
Este pelote puzera:
Que o seu eco lhe responda;
Que su padre era de Ronda,
Y su madre de Antequera,
E quer cobrir o Céo co'huma joeira.

Fraldas largas, grave aspeito,
Para Senador Romano.
Oh que grandissimo engano!
Que Momo lhe abrisse o peito!
Consciencia, que sobeja,
Siso, com que o mundo reja,
Mansidão outro que si;
Mas que lobo está em ti,
Metido em pelle de oveja!
E sabem-no poucos.

Guardae-vos de huns meus Senhores,
Que ainda comprão e vendem;

Huns, qu'he certo, que descendem
Da geração de pastores:
Mostrão-se-vos bons amigos;
Mas se vos vem em perigos,
Escarrão-vos nas paredes;
Que de fóra dormiredes,
Irmão, que he tempo de figos;
Porque de rabo de porco nunca bom virote.

Que direis d'huns, que as entranhas
Lh'estão ardendo em cobiça,
E se tẽe mando, a justiça
Fazem de teas de aranhas?
Com suas hypocrisias,
Que são de vossas espias:
Para os pequenos huns Neros,
Para os grandes tudo feros.
Pois tu, parvo, não sabias,
Que lá vão leis, onde querem cruzados?

Mas tornando a huns enfadonhos,
Cujas cousas são notorias;
Huns, que contão mil historias
Mais desmanchadas que sonhos;
Huns mais parvos que zamboas,
Qu'estudão palavras boas,
A que ignorancia os atiça:
Estes paguem por justiça,
Que tẽe morto mil pessoas,
Por vida de quanto quero.

Adonde tienen las mentes
Huns secretos trovadores.

Que fazem cartas d'amores,
De que ficão mui contentes?
Não querem sahir á praça;
Trazem trova por negaça;
E se lha gabais, qu'he boa,
Diz qu'he de certa pessoa.
Ora que quereis que faça,
Senão ir-me por esse mundo?

Ó tu, como me atarracas,
Escudeiro de Solia,
Com bocaes de fidalguia,
Trazido quasi com vacas;
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes, que cheirão ja!
Voto a tal, que me fará
Hum destes nunca fallar
Mais com viva alma.

Huns, que fallão muito, vi,
De que quizera fugir;
Huns que, emfim, sem se sentir,
Andão fallando entre si;
Porfiosos sem razão;
E desque tomão a mão,
Fallão sem necessidade;
E se algum'hora he verdade,
Deve ser na confissão;
Porque quem não mente... Ja m'entendeis.

Oh vós, quem quer que me lerdes,
Qu'haveis de ser avisado,

Que dizeis ao namorado
Que caça vento com redes?
Jura por vida da Dama;
Falla comsigo na cama;
Passêa de noite e escarra;
Por falsete na guitarra
Põe sempre: Viva quem ama,
Porque calça a seu proposito.

Mas deixemos, se quizerdes,
Por hum pouco as travessuras,
Porqu'entre quatro maduras
Leveis tambem cinco verdes.
Deitemos-nos mais ao mar;
E se algum se arrecear,
Passe tres ou quatro trovas.
E vós tomais cores novas?
Mas não he para espantar;
Que quem porcos ha menos,
Em cada mouta lhe roncão.

Ó vós, que sois Secretarios
Das consciencias Reais,
E que entre os homens estais
Por Senhores ordinarios;
Porque não pondes hum freio
Ao roubar, que vai sem meio,
Debaixo de bom governo?
Pois hum pedaço de inferno
Por pouco dinheiro alheio
Se vende a Mouro e a Judeo.

Porque a mente, affeiçoada
Sempre á Real dignidade,
Vos faz julgar por bondade
A malicia desculpada.
Move a presença Real
Huma affeição natural,
Que logo inclina ao Juiz
A seu favor: e não diz
Hum rifão muito geral,
Que o Abbade donde canta, dahi janta?

E vós bailais a esse som:
Por isso, gentís pastores,
Vos chama a vós mercadores
Hum que só foi pastor bom.

A JOÃO LOPES LEITÃO,

SOBRE HUMA PEÇA DE CACHA QUE MANDOU A HUMA DAMA, QUE SE LHE FAZIA DONZELLA

MOTE

Se vossa Dama vos dá
Tudo quanto vós quizestes,
Dizei-me: p'ra que lhe déstes
O que vos ella fez ja?

VOLTA

Sendo os restos envidados,
E vós de cachas mil contos
Sabeis com quão poucos pontos,
Que lhos achastes quebrados;
Se o que tẽe, isso vos dá,

Vós mui bem lho merecestes,
Porque se a cacha lhe destes
Tinha-vo-la feita ja.

MOTE

Menina formosa e crua,
Bem sei eu
Quem deixará de ser seu,
Se vós quizereis ser sua.

VOLTAS

Menina mais que na idade,
Se para me querer bem
Vos não vejo ter vontade,
He porque outrem vo-la tem;
Tẽe-vo-la, e faz-vo-la crua.
Porém eu
Ja tomára não ser meu,
Se vós não foreis tão sua.

Nos olhos, e na feição
Vos vi, quando vos olhava,
Tanta graça, que vos dava
De graça este coração:
Não o quizestes de crua,
Por ser meu:
Se outrem vos dera o seu,
Póde ser foreis mais sua.

Menina, tende maneira,
Que ainda não venha a ser,
Pois não quereis quem vos quer,
Que queirais quem vos não queira.

Olhae não me sejais crua,
Que pois eu
Quero ser vosso, e não meu,
Sêde vós minha, e não sua.

A HUMA DAMA DOENTE

MOTE

Da doença, em que ora ardeis,
Eu fôra vossa mézinha
Só com vós serdes a minha.

VOLTAS

He muito para notar
Cura tão bem acertada,
Que podereis ser curada
Sómente com me curar.
Se quereis, Dama, trocar,
Ambos temos a mézinha,
Eu a vossa, e vós a minha.

Olhae, que não quer amor,
(Porque fiquemos iguaes)
Pois meu ardor não curais,
Que se cure vosso ardor.
Eu cá sinto vossa dor;
E se vós sentis a minha,
Dae e tomae a mézinha.

OUTRO

Deo, Senhora, por sentença
Amor, que fosseis doente,
Para fazerdes á gente
Doce e formosa a doença.

VOLTAS

Não sabendo Amor curar,
Foi a doença fazer
Formosa para se ver,
Doce para se passar.
Então vendo a differença
Que ha de vós a toda a gente,
Mandou, que fosseis doente,
Para gloria da doença.

E digo-vos de verdade,
Que a saude anda invejosa,
Por ver estar tão formosa
Em vós essa enfermidade.
Não façais logo detença,
Senhora, em estar doente,
Porque adoecerá a gente,
Com desejos da doença.

Qu'eu por ter, formosa Dama,
A doença, qu'em vós vejo,
Vos confesso, que desejo
De cahir comvosco em cama.
Se consentis, que me vença
Deste mal, não houve gente
Da saude tão contente,
Como eu serei da doença.

AO MESMO

Olhae que dura sentença
Foi amor dar contra mi!
Que porqu'em vós me perdi,
Em vós me busque a doença.

Claro está,
Que em vós só me achará;
Qu'em mi, se me vem buscar,
Não poderá mais achar,
Que a fórma do que foi ja.

Que s'em vós Amor se pôs,
Senhora, he forçado assi,
Que o mal, que me busca a mi,
Que vos faça mal a vós.
Sem mentir,
Amor me quiz destruir
Por modo nunca cuidado,
Pois ha de ser ja forçado
Pezar-vos de vos servir.

Mas sois tão desconhecida,
E são meus males de sorte,
Que vos ameaça a morte,
Porque me negais a vida.
Se por boa
Tal justiça se pregoa;
Quando desta sorte for,
Havei vós perdão de Amor,
Que a parte ja vos perdoa.

Mas o que mais temo, emfim,
He que nesta differença,
Que se não torne a doença,
Se me não tornais a mim.
De verdade,
Que ja vossa humanidade
De que se queixe não tem;

Pois para as almas tambem
Fez Amor enfermidade.

A HUMA DAMA VESTIDA DE DÓ

MOTE

De atormentado e perdido,
Ja vos não peço, senão
Que tenhais no coração
O que tendes no vestido.

VOLTA

Se de dó vestida andais
Por quem ja vida não tem,
Porque não o haveis de quem
Vós tantas vezes mataïs?
Que brado sem ser ouvido,
E nunca vejo senão
Cruezas no coração,
E grande dó no vestido.

A DONA GUIOMAR DE BLASFÉ, QUEIMANDO-SE COM HUMA VÉLA NO ROSTO

MOTE

Amor, que todos offende,
Teve, Senhora, por gosto,
Que sentisse o vosso rosto
O que nas almas accende.

VOLTA

Aquelle rosto que traz
O mundo todo abrazado,

Se foi da flamma tocado,
Foi porque sinta o que faz.
Bem sei que Amor se vos rende;
Porém o seu presupposto
Foi sentir o vosso rosto
O que nas almas accende.

A HUMA MULHER, AÇOUTADA POR HUM HOMEM, QUE CHAMAVÃO QUARESMA

MOTE

Não estejais aggravada,
Senão se for de vós mesma;
Porqu'a mulher, que he errada,
Com razão pela Quaresma
Deve ser disciplinada.

VOLTAS

Quererdes profano amor
Em Quaresma, he consciencia:
Açoutes e penitencia
Vós está muito melhor.
Não fiqueis disto affrontada,
Pois a culpa he vossa mesma;
Que mulher, que he tão malvada,
He bem que pela Quaresma
Seja bem disciplinada.

Se a penitencia vos val,
Mui bem açoutada estais;
Pois por Quaresma pagais
Vossos vicios do carnal.
Não torneis a ser errada,

Nem condemneis a vós mesma,
Pois estais ja emendada:
E não sereis por Quaresma
Outra vez disciplinada.

A HUM FIDALGO, QUE LHE TARDAVA COM HUMA CAMISA, QUE LHE PROMETTEO

Quem no mundo quizer ser
Havido por singular,
Para mais s'engrandecer,
Ha de trazer sempre o dar
Nas ancas do prometter.
E ja que vossa mercê,
Largueza tẽe por divisa,
Como o mundo todo vê,
Ha mister que tanto dê,
Que venha a dar a camisa.

A HUMA DAMA, QUE LHE CHAMOU DIABO, POR NOME FOÃA DOS ANJOS

MOTE

Senhora, pois me chamais
Tão sem razão tão máo nome,
Inda o diabo vos tome.

VOLTAS

Quem quer que vio, ou que leo,
Terá por novo e moderno,
Ter quem vive no inferno,
O pensamento no Ceo.
Mas se a vós vos pareceo,

Que m'estava bem tal nome,
Esse diabo vos tome.

Perdido mais que ninguem
Confesso, Senhora, ser;
Mas o diabo não quer
Aos Anjos tamanho bem.
Pois logo não me convem,
Ou se me convem tal nome,
Será para que vos tome.

Se vos benzeis com cautella,
Como de Anjo, e não de luz,
Mal póde fugir da Cruz,
Quem vós tendes posto nella.
Mas ja que foi minha estrella
Ser diabo, e ter tal nome,
Guardae-vos, que vos não tome.

Ja que chegais tanto ao cabo,
Com as mãos postas aos Ceos,
Vou sempre pedindo a Deos,
Que vos leve este diabo.
Eu, Senhora, não me gabo;
Mas pois que me dais tal nome,
Tomo-o, para que vos tome.

A HUM AMIGO, QUE NÃO PODIA ENCONTRAR

MOTE

Qual terá culpa de nós
Neste mal, que todo he meu?
Quando vindes, não vou eu,
Quando vou, não vindes vós.

VOLTA

Reinando Amor em dous peitos,
Tece tantas falsidades,
Que de conformes vontades
Faz desconformes effeitos.
Igualmente vive em nós;
Mas por desconcerto seu
Vos leva, se venho eu,
Me leva, se vindes vós.

MOTE SEU

Descalça vai pela neve:
Assi faz quem Amor serve.

VOLTAS

Os privilegios que os Reis
Não pódem dar, póde amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
Mortes e guerras crueis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo soffre quem o serve.

Moça formosa despreza
Todo o frio, e toda a dor.
Olhae quanto póde Amor
Mais que a propria natureza.
Medo, nem delicadeza
Lh'impede que passe a neve.
Assi faz quem Amor serve.

Por mais trabalhos que leve,
A tudo se off'receria;

Passa pela neve fria,
Mais alva que a propria neve;
Com todo frio se atreve.
Vêde em que fogo ferve
O triste, que a Amor serve.

OUTRO ALHEIO

A dor que a minha alma sente,
Não na sabe toda a gente.

VOLTAS

Qu'estranho caso de Amor!
Que desejado tormento!
Que venho a ser avarento
Das dores de minha dor!
Por me não tratar peor,
Se se sabe, ou se se sente,
Não na digo a toda a gente.

Minha dor e causa della
De ninguem ouso fiar;
Que seria aventurar
A perder-me, ou a perdella.
E pois só com padecella,
A minha alma está contente,
Não quero que o saiba a gente.

Ande no peito escondida,
Dentro n'alma sepultada;
De mi só seja chorada,
De ninguem seja sentida.
Ou me mate, ou me dê vida.

Ou viva triste ou contente,
Não ma saiba toda a gente.

OUTRO SEU

D'alma, e de quanto tiver,
Quero que me despojeis,
Com tanto, que me deixeis
Os olhos para vos ver.

VOLTA

Cousa este corpo não tem,
Que ja não tenhais rendida:
Despois de tirar-lhe a vida,
Tirae-lhe a morte tambem.
Se mais tenho que perder,
Mais quero que me leveis,
Com tanto que me deixeis
Os olhos para vos ver.

MOTE ALHEIO

Amores de huma casada,
Que eu vi pelo meu mal,

VOLTAS

N'huma casada fui pôr
Os olhos, de si senhores:
Cuidei que fossem amores,
Elles fizerão-se amor.
Faz-se o desejo maior
Donde o remedio não val,
Em perigo de meu mal.

Não me pareceo que Amor
Pudesse tanto comigo,
Que donde entra por amigo,
Se levante por senhor.
Leva-me de dor em dor,
E de final em final,
Cada vez para mór mal.

OUTRO SEU

Enforquei minha esperança;
Mas Amor foi tão madraço,
Que lhe cortou o baraço.

VOLTA

Foi a esperança julgada
Por sentença da Ventura,
Que pois me teve á pendura,
Que fosse dependurada:
Vem Cupido com a espada,
Corta-lhe cerce o baraço.
Cupido, foste madraço.

OUTRO SEU

Puz o coração nos olhos,
E os olhos puz no chão,
Por vingar o coração.

VOLTA

O coração invejoso
Como dos olhos andava,
Sempre remoques me dava
Que não era o meu mimoso:
Venho eu de piedoso

Do Senhor meu coração,
E boto os olhos no chão.

OUTRO SEU

Puz meus olhos n'huma funda,
E fiz hum tiro com ella
Ás grades d'huma janella.

VOLTA

Huma Dama, de malvada,
Tomou seus olhos na mão;
E tirou-me huma pedrada
Com elles ao coração.
Armei minha funda então,
E puz os meus olhos nella,
Trape, quebrei-lhe a janella.

ALHEIO

De pequena tomei amor,
Porque o não entendi;
Agora que o conheci,
Mata-me com desfavor.

VOLTAS

Vi-o moço e pequenino,
E a mesma idade ensina
Que s'incline huma menina
Ás amostras d'hum menino:
Ouvi-lhe chamar Amor,
Pelo nome me venci;
Nunca tal engano vi,
Nem tamanho desamor.

Crosceo-me de dia em dia
Com a idade a affeição,
Porque amor de criação,
N'alma, e na vida se cria.
Criou-se em mi este amor,
E senhoreou-se de mi:
Agora que o conheci,
Mata-me com desfavor.

As flores me torna abrolhos,
A morte me determina
Quem eu trouxe de menina
Nas meninas de meus olhos.
Desta mágoa e desta dor
Tenho sabido que emfim
Por amor me perco a mim
Por quem de mi perde amor.

Parece ser caso estranho
O que Amor em mi ordena,
Qu'em idade tão pequena
Haja tormento tamanho.
Sejão milagres d'Amor,
Hei-os de soffrer assi,
Até que haja dó de mi
Quem entender esta dor.

CANTIGA VELHA

Apartárão-se os meus olhos
De mi tão longe.
Falsos amores,
Falsos, máos, enganadores.

VOLTAS

Tratárão-me com cautella,
Por m'enganar mais asinha;
Dei-lhe posse d'alma minha,
Forão-me fugir com ella.
Não ha vê-los, nem ha vella,
De mi tão longe.
Falsos amores,
Falsos, máos, enganadores!

Entreguei-lhe a liberdade,
E, emfim, da vida o melhor;
Forão-se; e do desamor
Fizerão necessidade.
Quem teve a sua vontade
De si tão longe?
Falsos amores,
E oxalá enganadores!

OUTRA

Falso Cavalheiro, ingrato,
Enganais-me,
Vós dizeis, que eu vos mato,
E vós matais-me.

VOLTAS

Costumadas artes são
Para enganar innocencias,
Piedosas apparencias
Sobre isento coração.
Eu vos amo, e vós ingrato
Magoais-me,

Dizendo, que eu vos mato,
E vós matais-me.

Vêde agora qual de nós
Anda mais perto do fim,
Que a justiça faz-se em mim,
E o pregão diz que sois vós.
Quando mais verdade trato
Levantais-me
Que vos desamo e vos mato,
E vós matais-me.

PROPRIO

Se de meu mal me contento,
He porque para vós vejo
Em todo o mundo desejo,
E em ninguem merecimento.

VOLTA

Para quem vos soube olhar.
Tão impossivel foi ser
O poder-vos merecer,
Como o não vos desejar.
Pois logo a meu pensamento
Nenhum remedio lhe vejo,
Senão se der o desejo
Azas ao merecimento.

ALHEIO

Vós, Senhora, tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Dotou em vós natureza
O summo da perfeição;
Que o qu'em vós he senão,
He em outras gentileza:
O verde não se despreza,
Que, agora que vós os tendes,
São bellos os olhos verdes.

Ouro e azul he a melhor
Côr, por que a gente se perde;
Mas a graça desse verde
Tira a graça a toda côr.
Fica agora sendo a flor
A côr, que nos olhos tendes,
Porque são vossos e verdes.

ALHEIO

Para que me dan tormento,
Aprovechando tan poco?
Perdido, mas no tan loco,
Que descubra lo que siento.

VOLTAS

Tiempo perdido es aquel
Que se passa en darme afan,
Pues cuanto más me lo dan,
Tanto menos siento dél.
Que descubra lo que siento?
No lo haré, que no es tan poco;
Que no puede ser tan loco
Quien tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda Amor,
Que de tan dulce querella,
A nadie dé parte della,
Porque la sienta mayor.
Es tan dulce mi tormento,
Que aun se me antoja poco;
Y si es mucho, quedo loco
De gusto de lo que siento.

ALHEIO

De vuestros ojos centellas,
Que encienden pechos de hielo,
Suben por el aire al cielo,
Y en llegando son estrellas.

VOLTAS

Falsos loores os dan,
Que essas centellas tan raras
No son nel cielo mas claras
Que en los ojos donde estan.
Porque cuando miro en ellas
Lo como alumbran al suelo,
No sé que seran nel cielo;
Mas sé que acá son estrellas.

Ni se puede presumir
Que al cielo suban, Señora;
Que la lumbre que en vós mora,
No tiene más que subir;
Mas pienso que dan querellas
Á Dios nel octavo cielo,
Porque son acá en el suelo
Dos tan hermosas estrellas.

ALHEIO

De dentro tengo mi mal,
Que de fuera no hay señal.

VOLTA

Mi nueva y dulce querella
Es invisible á la gente;
El alma sola la siente,
Que el cuerpo no es dino della.
Como la viva centella
Se encubre en el pedernal,
De dentro tengo mi mal.

ALHEIO

Amor loco, amor loco,
Yo por vós, y vós por otro,

VOLTAS

Dióme Amor tormentos dós,
Para que pene doblado;
Uno es verme desamado,
Otro es mancilla de vós.
Ved que ordena Amor em nós!
Porque vós haceisme loco,
Que seais loca por otro.

Tratais Amor de manera,
Que porque asi me tratais,
Quiere que, pues no me amais,
Que ameis otro que no os quiera.
Mas con todo, si no os viera
De todo loca por otro,
Con mas razon fuera loco.

Y tan contrario viviendo,
Alfin, alfin, conformamos;
Pues ambos a dós buscamos
Lo que mas nos vá huyendo.
Voy tras vós siempre siguiendo,
Y vós huyendo por otro:
Andais loca, y me haceis loco.

ALHEIO

Vêde bem se nos meus dias
Os desgostos vi sobejos,
Pois tenho medo a desejos,
E quero mal a alegrias.

VOLTA

Se desejós fui ja ter,
Servírão de atormentar-me;
Se algum bem póde alegrar-me,
Quiz-me antes entristecer.
Passei annos, passei dias
Em desgostos tão sobejos,
Que só por não ter desejos,
Perderei mil alegrias.

PROPRIO

Pois se he mais vosso que meu,
Senhora, meu coração,
Eu vosso captivo são,
Meus olhos, lembre-vos eu.

VOLTA

Lembre-vos minha tristeza,
Que jamais nunca me deixa;

Lembre-vos com quanta queixa
Se queixa minha firmeza:
Lembre-vos que não he meu
Este triste coração;
E pois ha tanta razão,
Meus olhos, lembre-vos eu.

OUTRO

Senhora, pois minha vida
Tendes em vosso poder;
Por serdes della servida,
Não queirais que destruida
Possa ser.

VOLTA

Isto não por me pezar
De morrer, se vós quizerdes;
Que melhor me he acabar
Mil vezes, que supportar
Os males que me fizerdes;
Mas só por serdes servida
De mi, em quanto viver,
Vos peço que minha vida
Não queirais que destruida
Possa ser.

OUTRO

Pois damno me faz olhar-vos,
Não quero, por não perder-vos,
Que ninguem me veja ver-vos.

VOLTAS

De ver-vos a não vos ver
Ha dous extremos mortaes;

E são elles em si taes,
Que hum por hum me faz morrer;
Mas antes quero escolher,
Que possa viver sem vêr-vos,
Minh'alma, por não perder-vos.

Deste tamanho perigo
Que remedio posso ter,
Se vivo só com vos ver,
Se vos não vejo, perigo?
Mas quero acabar comigo,
Que ninguem me veja ver-vos,
Senhora, por não perder-vos.

A TRES DAMAS, QUE LHE DIZIÃO QUE O AMAVÃO

MOTE

Não sei se m'engana Helena,
Se Maria, se Joanna;
Não sei qual dellas m'engana.

VOLTAS

Huma diz que me quer bem,
Outra jura que mo quer;
Mas em jura de mulher
Quem crerá, se ellas não crem?
Não posso não crer a Helena,
A Maria, nem Joanna;
Mas não sei qual mais m'engana.

Huma faz-me juramentos
Que só meu amor estima,

A outra diz que se fina,
Joanna, que bebe os ventos.
Se cuido que mente Helena,
Tambem mentirá Joanna;
Mas quem mente não m'engana.

A HUMA DAMA MAL EMPREGADA

MOTE

Menina, não sei dizer,
Vendo-vos tão acabada,
Quão triste estou por vos ver
Formosa e mal empregada.

VOLTAS

Quem tão mal vos empregou,
Pouco de mi se dohia,
Pois não vio o quanto me hia
Em tirar-me o que tirou.
Obriga o primor que tem
Lindeza tão extremada
Que digão quantos a vem,
Formosa e mal empregada!

Tomastes da formosura
Quanto della desejastes,
E com ella me guardastes
Para tão triste ventura.
Mataveis sendo solteira,
Matais agora em casada;
Matais de toda a maneira,
Formosa e mal empregada.

A HUMA FOÃA GONÇALVES

MOTE

Com vossos olhos, Gonçalves,
Senhora, captivo tendes
Este meu coração Mendes.

VOLTA

Eu sou boa testimunha,
Que Amor tem por cousa má,
Que olhos, que são homens ja,
Se nomeiem sem alcunha;
Pois o coração apunha,
E diz, olhos, pois vós tendes,
Chamae-me coração Mendes.

OUTRO

De que me serve fugir
De morte, dor e perigo,
Se me eu levo comigo?

VOLTAS

Tenho-me persuadído,
Por razão conveniente,
Que não posso ser contente,
Pois que pude ser nascido.
Anda sempre tão unido
O meu tormento comigo,
Qu'eu mesmo sou meu perigo.

E se de mi me livrasse,
Nenhum gosto me seria:
Quem, senão eu, não teria

Mal, que esse bem me tirasse?
Força he logo que assi passe,
Ou com desgosto comigo,
Ou sem gosto e sem perigo.

A HUMA DAMA, QUE JURAVA PELOS SEUS OLHOS

Quando me quer enganar
A minha bella perjura,
Para mais me confirmar
O que quer certificar,
Polos seus olhos me jura.
Como meu contentamento
Todo se rege por elles,
Imagina o pensamento,
Que se faz aggravo a elles
Não crêr tão grão juramento.

Porém como em casos taís
Ando ja visto e corrente,
Sem outros certos sinais,
Quanto me ella jura mais,
Tanto mais cuido que mente.
Então vendo-lhe offender
Huns taes olhos como aquelles,
Deixo-me antes tudo crer,
Só pola não constranger
A jurar falso por elles.

MOTE ALHEIO

Ha hum bem, que chega e foge;
E chama-se este bem tal,
Ter bem para sentir mal.

VOLTA

Quem viveo sempre n'hum ser,
Inda que seja em pobreza,
Não vio o bem da riqueza,
Nem o mal d'empobrecer:
Não ganhou para perder;
Mas ganhou com vida igual
Não ter bem, nem sentir mal.

A HUMA DAMA, QUE LHE VIROU O ROSTO

MOTE

Olhos, não vos mereci
Que tenhais tal condição,
Tão liberaes para o chão,
Tão irosos para mi.

VOLTA

Baixos e honestos andais,
Por vos negardes a quem
Não quer mais que aquelle bem,
Que vós no chão espalhais?
Se pouco vos mereci,
Não m'estimeis mais que o chão,
A quem vós o galardão
Dais, e mo negais a mi.

PROPRIO

Venceo-me Amor, não o nego;
Tẽe mais força qu'eu assaz;
Que como he cego e rapaz,
Dá-me porrada de cego.

VOLTA

Só porque he rapaz ruim,
Dei-lhe hum boféte zombando.
Diz-me: Ó máo, estais-me dando,
Porque sois maior que mim?
Pois se eu vos descarrego,
E em dizendo isto, chaz;
Torna-me outra, tá rapaz,
Que dás porrada de cego.

AO DESCONCERTO DO MUNDO

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E para mais m'espantar,
Os máos vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assi
O bem tão mal ordenado,
Fui máo; mas fui castigado.
Assi, que só para mi
Anda o mundo concertado.

A HUMA DAMA, PERGUNTANDO-LHE QUEM O MATAVA

MOTE

Perguntais-me, quem me mata?
Não quero responder nada,
Por vos não fazer culpada.

VOLTA

E se a penna não me atiça,
A dizer pena tão forte,

Quero-me entregar á morte,
Antes que a vós á justiça.
Porém se tendes cobiça
De vos verdes tão culpada,
Direi que não sinto nada.

MOTE

Esconjuro-te, Domingas,
Pois me dás tanto cuidado,
Que me digas se te vingas,
Viverei menos penado.

VOLTAS

Juravas-me, que outras cabras
Folgavas de apascentar;
Eu por não me magoar,
Fingia qu'erão palabras.
Agora d'arte te vingas
D'algum meu doudo peccado,
Qu'inda que queiras, Domingas,
Não posso ser enganado.

Qualquer cousa busca o seu;
Á fonte vai para o Tejo,
E tu para o teu desejo,
Por te vingares do meu.
De mi t'esqueces, Domingas,
Como eu faço do meu gado:
Praza a Deos, que se te vingas,
Que morra desesperado.

Na phantasia te pinto,
Fallo-te, responde o monte,

Busco o rio, busco a fonte,
Endoudeço, e não o sinto:
Domingas no valle brado,
Responde o eco Domingas;
E tu inda te não vingas
De me ver doudo tornado!

ALHEIO

Se a alma ver-se não póde
Onde pensamentos ferem,
Que farei para me crerem?

VOLTAS

Se n'alma huma só ferida
Faz na vida mil sinais,
Tanto se descobre mais,
Quanto he mais escondida.
S'esta dor tão conhecida
Me não vem, porque não querem,
Que farei para ma crerem?

Se se pudesse bem ver
Quanto callo, e quanto sento,
Despois de tanto tormento
Cuidaria alegre ser.
Mas se não me querem crer
Olhos, que tão mal me ferem,
Que farei para me crerem?

ALHEIO

Vosso bem querer, Senhora,
Vosso mal melhor me fôra.

VOLTAS

Ja agora certo conheço
Ser melhor todo tormento,
Onde o arrependimento
Se compra por justo preço.
Enganou-me hum bom comêço;
Mas o fim me diz agora
Que o mal melhor me fôra.

Quando hum bem hę tão damnoso,
Que sendo bem, dá cuidado,
O damno fica obrigado
A ser menos perigoso.
Mas se a mi por desditoso,
Co'o bem me foi mal, Senhora,
Co'o vosso mal bem me fôra.

ALHEIO

Se me desta terra for,
Eu vos levarei, amor.

VOLTAS

Se me for, e vos deixar,
(Ponho por caso, que possa)
Est'alma minha, qu'he vossa,
Comvosco m'ha de ficar.
Assi que só por levar
A minha alma, se me for,
Vos levarei, meu amor.

Que mal póde maltratar-me,
Que comvosco seja mal?
Ou que bem póde ser tal,

Que sem vós possa alegrar-me?
O mal não pódo enojar-me,
O bem me será maior,
Se vos levar, meu amor.

ALHEIO

Pequenos contentamentos,
Hi buscar quem contenteis,
Que a mi não me conheceis.

VOLTAS

Os gostos, que tantas dores
Fizerão ja valer menos,
Não os acceita pequenos,
Quem nunca teve maiores:
Bem parecem vãos favores,
Pois tão tarde me quereis,
Qu'inda me não conheceis.

Offereceis-me alegria,
Tendo-me ja cego e mouco:
He baixeza acceitar pouco,
Quem tanto vos merecia.
Ide-vos por outra via,
Pois o bem que me deveis,
Nunca mo satisfareis.

ALHEIO

Perdigão perdeo a penna,
Não ha mal que lhe não venha.

VOLTAS

Perdigão, que o pensamento
Subio a hum alto lugar,

Perde a penna do voar,
Ganha a pena do tormento:
Não tẽe no ar, nem no vento,
Azas com que se sostenha:
Não ha mal que lhe não venha.

Quiz voar a huma alta torre,
Mas achou-se desasado;
E vendo-se despennado,
De puro penado morre.
Se a queixumes se soccorre,
Lança no fogo mais lenha:
Não ha mal que lhe não venha.

A HUMAS SENHORAS, QUE HAVIÃO SER TERCEIRAS PARA COM HUMA DAMA

Pois a tantas perdições,
Senhoras, quereis dar vida,
Ditosa seja a ferida,
Que tẽe taes Cirurgiões!
Pois ventura
Me subio à tanta altura,
Que me sejais valedoras,
Ditosa seja a tristura,
Que se cura
Por vossos rogos, Senhoras!

Ser minha pena mortal,
Ja qu'entendeis, que he assi,
Não quero fallar por mi,
Que por mi falla meu mal.
Sois formosas,

Haveis de ser piedosas,
Por ser tudo d'huma côr;
Que pois Amor vos fez rosas
Milagrosas,
Fazei milagres de Amor.

Pedi a quem vós sabeis,
Que saiba de meu trabalho,
Não pelo qu'eu nisso valho,
Mas pelo que vós valeis.
Que o valer
De vosso alto merecer,
Com lho pedir de giolhos,
Fará qu'em meu padecer
Possa ver
O poder que tẽe seus olhos.

Vossa muita formosura
Com a sua tanto val,
Que me rio de meu mal,
Quando cuido em quem me cura.
A meus ais,
Peço-vos que lhe valhais,
Damas de Amor tão valídas,
Que nunca tal dor sintais,
Que queirais,
Onde não sejais queridas.

CANTIGA ALHEIA

Na fonte está Leonor
Lavando a talha, e chorando,
Ás amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

VOLTAS

Posto o pensamento nelle,
Porque a tudo o Amor a obriga,
Cantava, mas a cantiga
Erão suspiros por elle.
Nisto estava Leonor
O seu desejo enganando,
Ás amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

O rosto sobre hũa mão,
Os olhos no chão pregados,
Que de chorar ja cansados,
Algum descanso lhe dão;
Desta sorte Leonor
Suspende de quando em quando
Sua dor; e em si tornando,
Mais pezada sente a dor.

Não deita dos olhos ágoa,
Que não quer que a dor s'abrande
Amor, porque em mágoa grande
Sécca as lagrimas a mágoa.
Despois que de seu amor
Soube novas perguntando,
D'improviso a vi chorando.
Olhae que extremos de dor!

TROVAS

QUE MANDOU O AUTOR DA CADEIA, EM QUE O TINHA EMBARGADO POR HUMA DIVIDA MIGUEL ROIZ, FIOS SECCOS D'ALCUNHA, AO CONDE DO REDONDO D. FRANCISCO COUTINHO, VISO-REI, QUE SE EMBARCAVA PARA FÓRA, PEDINDO-LHE O FIZESSE DESEMBARCAR.

Que diabo ha tão damnado,
Que não tema a cutilada
Dos fios seccos da espada
Do fero Miguel armado?
Pois se tanto hum golpe seu
Sôa na infernal cadeia,
Do que o demonio arreceia
Como não fugirei eu?

Com razão lhe fugiria,
Se contr'elle, e contra tudo
Não tivesse hum forte escudo
Só em Vossa Senhoria.
Por tanto, Senhor, proveja,
Pois me têe ao remo atado,
Que antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

TROVAS

QUE MANDOU HEITOR DA SILVEIRA AO MESMO CONDE, INVERNANDO EM GOA

Vossa Senhoria creia
Que não apura o engenho
Fome, se he como a que tenho,
Mas afraca e corta a veia.
E quem o contrario sente,

Está farto em toda a hora,
Como estou faminto agora:
Mas Martha, se está contente,
Dá-lhe pouco de quem chora.

E pois Vossa Senhoria
Em geral a tudo acode,
Acuda a mi, que só póde
Dar-me no engenho valia.
Esperte esta Musa minha,
Que o tempo traz somnolenta;
Valha-lhe nesta tormenta
Com essa doce mézinha,
Que só dá vida e contenta.

Acuda com provisão,
Não de papel, mas provída
D'ouro e prata; que esta vida
Não sustentão papeis, não.
De feitor a thesoureiro
Ser-me-hia trabalho grande;
Vossa Senhoria mande
Algum remedio, primeiro,
Com que a morte o ferro abrande.

AJUDA DE LUIZ DE CAMÕES

Nos livros doutos se trata
Que o grande Achilles insano
Deo a morte a Heitor Troiano;
Mas agora a fome mata
O nosso Heitor Lusitano.
Só ella o póde acabar,
Se essa vossa condição

Liberal e singular
Não mete entr'elles bastão,
Bastante para o fartar.

A HUMA SENHORA, QUE LHE CHAMOU DIABO

ESPARSA

Não posso chegar ao cabo
De tamanho desarranjo,
Que sendo vós, Senhora, Anjo,
Vos queira tanto o Diabo.
Dais manifesto sinal
De minha muita firmeza,
Que os diabos querem mal
Aos Anjos por natureza.

CANTIGA

Vi chorar huns claros olhos,
Quando delles me partia.
Oh que mágoa! Oh que alegria!

VOLTAS

Polo meu apartamento
Se arrazárão todos d'ágoa.
Quem cuidou qu'em tanta mágoa
Achasse contentamento?
Julgue todo entendimento
Qual mais sentir se devia,
Se esta dor, se esta alegria?

Quando mais perdido estive,
Então deo a est'alma minha
Na maior mágoa que tinha,

O maior gosto que tive.
Assi, se minha alma vive,
Foi porque me defendia
Desta dor esta alegria.

O bem, que Amor me não deu
No tempo que desejei,
Quando delle me apartei,
Me confessou qu'era meu.
Agora que farei eu,
Se a fortuna me desvia
De lograr esta alegria?

Não sei se foi enganado,
Pois me tinha defendido
Das iras de mal querido,
No mal de ser apartado.
Agora peno dobrado,
Achando no fim do dia
O principio da alegria.

VILLANCETE PASTORIL

Deos te salve, Vasco amigo.
Não me fallas? Como assi?
Bofé, Gil, não 'stava aqui.

VOLTAS

Pois onde te hão de fallar,
Se não 'stás onde appareces?
Se Magdanela conheces,
Nella me pódes achar.
E como te hão d'ir buscar

Aonde fogem de ti?
Pois nem eu estou em mi.

Porque te não acharei
Em ti, como em Magdanela?
Porque me fui perder nella
O dia que me ganhei.
Quem tão bem falla, não sei
Como anda fóra de si.
Ella falla dentro em mi.

Como estás aqui presente,
Se lá tens a alma e a vida?
Porqu'he d'hum'alma perdida
Apparecer sempre á gente.
Se és morto, bem se consente
Que todos fujão de ti.
Eu tambem fujo de mi.

OUTRO PASTORIL

Porque no miras, Giraldo,
Mi zampoña como suena?
Porque no me mira Elena.

VOLTAS

Vuelve acá, no estês pasmado,
Mira que gentil sonar!
Como te podrá mirar
Quien no puede ser mirado?
Y que bueno enamorado!
No dirás, si es mala, o buena?
No, que me hizo mudo Elena.

Mira tan dulce armonía,
Déjate dessos enojos.
Tengo clavados los ojos
Con que mirar te podia.
Ansí Dios te dé alegría:
No vés cuan dulce que suena?
No, porque no veo Elena.

OUTRO PASTORIL

Crescem, Camilla, os abrolhos
De chorares por Cincero:
Não he muito, que lhe quero,
Belisa, mais que meus olhos.

VOLTAS

Sempre os teus olhos estão,
Camilla, d'ágoas banhados.
De se verem desamados
Póde ser que chorarão.
Si, mas crescem os abrolhos,
E tu cegas por Cincero.
S'eu não vejo quem mais quero,
Para que quero mais olhos?

Se se foi ha mais d'hum mês,
Teus olhos não cansarão?
Não, que após elle se vão
Estas lagrimas que vês.
Fazem logo estes abrolhos
O mato espinhoso e fero.
Pois eu não vejo a Cincero,
Isso só verão meus olhos.

Chorando queres morrer?
Mais quero viver chorando.
Tu não vês que vás cegando?
Se cego, como hei de ver?
Põe na vista outros antolhos.
Não posso, nem menos quero.
Outra para outro Cincero,
Antes não quero ter olhos.

A HUMA MULHER, QUE SE CHAMAVA GRACIA DE MORAES

MOTE

Olhos, em qu'estão mil flores,
E com tanta graça olhais,
Que parece que os Amores
Morão onde vós morais.

VOLTA

Vem-se rosas e boninas,
Olhos, nesse vosso ver;
Vem-se mil almas arder
No fogo dessas meninas.
E di-lo-hão minhas dores,
Meus suspiros e meus ais;
E dirão mais, que os amores
Morão onde vós morais.

MOTE

Quem se confia em huns olhos,
Nas meninas delles vê
Que meninas não têe fé.

VOLTAS

Quem põe suas confianças
Em meninas sem assento,
Offereça o soffrimento
A duzentas mil mudanças.
Mostrão no ar esperanças;
Mas em seus olhos se vê
Como não tẽe n'alma fé.

Enganão ao parecer,
Porque no caso d'amar,
São mulheres no matar,
E meninas no querer.
Quem em seus olhos se crer,
Cem mil graças nelles vê;
Vê-las sim, mas não ter fé.

Amostrão-vos n'hum momento
Favores assi a mólhos;
Mas na mudança dos olhos
Se lhe muda o pensamento.
Em nada ja tẽe assento,
E o que mais nelles se vê
He formosura sem fé.

LOUVANDO E DESLOUVANDO HUMA DAMA

CANTIGA VELHA

Sois formosa, e tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Ninguem vos póde tirar
Serdes tão bem assombrada;

Mas heis-me de perdoar,
Que os olhos não valem nada.
Fostes mal aconselhada
Em querer que fossem verdes:
Trabalhae de os esconderdes.

A vossa testa he jardim,
Onde Amor se desenfada;
He tão branca e bem talhada,
Que parece de marfim.
Assi he; e quanto a mim,
Isso vos nasce de a terdes
Tão perto dos olhos verdes.

Os cabellos desatados
O mesmo sol escurecem;
Senão que por ser ondados,
Algum tanto desmerecem:
Mas á fé, que se parecem
A furto dos olhos verdes,
Não vos peze, não, de os terdes.

As pestanas tẽe mostrado
Ser raios, que abrazão vidas;
Se não forão tão compridas,
Tudo o mais era pintado:
Ellas me tinhão levado
A alma, sem o vós saberdes,
Se não forão os olhos verdes.

O mimo desse carão
Nem pôr-lhe os olhos consente:
O ser liso e transparente

Rouba todo o coração:
Inda assi achareis nação,
Que lhe não peze de os verdes;
Mas não seja co'os olhos verdes.

Esse riso, que he composto
De quantas graças nascêrão,
Senão que alguns me disserão,
Vos faz covinhas no rosto.
Na vontade tenho posto
Dar-vos a alma, se quizerdes,
A trôco dos olhos verdes.

Nunca se vio, nem se escreve
Boca co'huma graça igual,
Se não fôra de coral,
E os dentes de côr de neve.
Dou-me eu a Deos, que me leve!
Soffrerei quanto tiverdes,
Não me tenhais olhos verdes.

Essa garganta merece
Outras palavras não minhas,
Senão qu'he feita em rosquinhas
D'alfenim, ao que parece.
Eu sei bem quem se offerece
A tomar tudo o que tendes,
E tambem os olhos verdes.

Essas mãos são ferropeas:
Só o vê-las enfeitiça;
Senão que são alvas, cheias,
E têe a feição roliça;

Com que appellais por justiça,
Para com ellas prenderdes
Quem vê vossos olhos verdes.

A vossa galantaria
Matará a quem fallardes:
Tendes huns desdens e tardes,
Que eu logo vos roubaria.
Oh dou-me a Santa Maria!
Sou cujo de quanto tendes,
E tambem desses olhos verdes.

AO MESMO

Tudo tendes singular,
Com que os corações rendeis,
Senão que rindo fazeis
Covinhas para enterrar:
E para resuscitar
Têe força a graça que tendes;
Senão que tendes os olhos verdes.

Tudo, Senhora, alcançais,
Quanto o ser formosa alcança,
Senão que dais esperança
Co'os olhos com que matais.
Se acaso os alevantais,
He para as almas renderdes;
Senão que tendes os olhos verdes.

A DOM ANTONIO, SENHOR DE CASCAES,

QUE TENDO-LHE PROMETTIDO SEIS GALLINHAS RECHEADAS POR HUMA COPLA QUE LHE FIZERA, LHE MANDOU POR PRINCIPIO DA PAGA MEIA GALLINHA RECHEADA

Cinco gallinhas e meia
Deve o Senhor de Cascais;
E a meia vinha cheia
De appetite para as mais.

MOTE

Catharina bem promette;
Ora má! como ella mente!

VOLTAS

Catharina he mais formosa
Para mi, que a luz do dia;
Mas mais formosa seria,
Se não fosse mentirosa.
Hoje a vejo piedosa,
Á manhãa tão differente,
Que sempre cuido que mente.

Prometteo-me hontem de vir,
Nunca mais appareceo;
Creio que não prometteo,
Senão só por me mentir.
Faz-me, emfim, chorar e rir;
Rio, quando me promette,
Mas choro quando me mente.

Jurou-me aquella cadella
De vir, pela alma que tinha;
Enganou-me; tinha a minha;
Deo-lhe pouco de perdella.
A vida gasto após ella,
Porque ma dá, se promette,
Mas tira-ma quando mente.

Má, mentirosa, malvada,
Dizei, porque me mentis?
Prometteis, e então fugis?
Pois sem tornar, tudo he nada.
Não sois bem aconselhada;
Que quem promette, se mente,
O que perde não o sente.

Tudo vos consentiria
Quanto quizesseis fazer,
Se este vosso prometter
Fosse por me ter hum dia.
Todo então me desfaria
Com gosto; e vós de contente,
Zombarieis de quem mente.

Mas pois folgais de mentir,
Promettendo de me ver,
Eu vos deixo o prometter,
Deixae-me vós o servir:
Haveis então de sentir
Quanto a minha vida sente
O servir a quem lhe mente.

Catharina me mentio
Muitas vezes, sem ter lei,
E todas lhe perdoei
Por huma só que cumprio.
Se como me consentio
Fallar-lhe, o mais me consente,
Nunca mais direi que mente.

MOTE

A alma, qu'está offrecida
A tudo, nada lhe he forte;
Assi passa o bem da vida,
Como passa o mal da morte.

VOLTA

De maneira me succede
O que temo, e o que desejo,
Que sempre o que temo, vejo,
Nunca o que a vontade pede.
Tenho tão offerecida
Alma e vida a toda a sorte,
Que isso me dera da morte,
Como ja me dá da vida.

MOTE

Ferro, fogo, frio e calma,
Todo o mundo acabarão;
Mas nunca vos tirarão,
Alma minha, da minha alma.

VOLTA

Não vos guardei, quando vinha,
Em torre, força, ou engenho;

Que mais guardada vos tenho
Em vós, que sois alma minha.
Alli nem frio, nem calma,
Não podem ter jurdição;
Na vida sim, porém não
Em vós que tenho por alma.

MOTE

Esperei, ja não espero
De mais vos servir, Senhora;
Pois me fazeis cada hora
Tanto mal, que desespéro.

VOLTA

Pois sei certo que folgais,
Quando mais mal me fazeis,
E que nunca descansais,
Senão quando me mostrais
Quão pouco bem me quereis;
Servir-vos mais não espero
Pois meu viver empeora
Com me fazerdes, Senhora,
Tanto mal, que desespéro.

MOTE

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
Vai formosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,

Sainho de chamalote:
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura;
Vai formosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
Cabellos de ouro entrançado,
Fita de cór d'encarnado,
Tão linda que o mundo espanta:
Chove nella graça tanta,
Que dá graça á formosura;
Vai formosa, e não segura.

MOTE

Quem disser que a barca pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

VOLTAS

Se vos quereis embarcar,
E para isso estais no caes,
Entrae logo: que tardaes?
Olhae qu'está preamar:
E se outrem, por vos fretar,
Vos disser qu'esta que pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

Esta barca he de carreira;
Tẽe seus apparelhos novos:
Não ha como ella outra em Povos
Boa de leme, e veleira:
Mas, se por ser a primeira,
Vos disser alguem que pende,
Dir-lhe-hei, mana, que mente.

MOTE

Com razão queixar-me posso
De vós, que mal vos queixais;
Pois, Senhora, vos sangrais,
Que seja n'hum corpo vosso.

VOLTAS

Eu para levar a palma,
Com que ser vosso mereça,
Quero que o corpo padeça
Por vós, que delle sois alma.
Vós do corpo vos queixais,
Eu queixar-me de vós posso,
Porque, tendo hum corpo vosso,
Na minha alma vos sangrais.

E sem fazer differença
No que de mi possuis,
Pelo pouco que sentis,
Dais á minh'alma doença.
Porque dous aventurais?
Oh não seja o damno nosso!
Sangre-se este corpo vosso,
Porque, minha alma, vivais.

E inda, se attentardes bem,
Seguis medicina errada,
Porque para ser sangrada
Hum'alma sangue não tem.
E pois em mi sarar posso
Males, que á minha alma dais,
Se inda outra vez vos sangrais,
Seja neste corpo vosso.

MOTE

Ojos, herido me habeis,
Acabad ya de matarme;
Mas muerto volved á mirarme,
Porque me resusciteis.

VOLTAS

Pues me distes tal herida,
Con gana de darme muerte,
El morir me es dulce suerte,
Pues com morir me dais vida.
Ojos, qué os deteneis?
Acabad ya de matarme;
Mas muerto volved á mirarme,
Porque me resusciteis.

La llaga cierto ya es mia,
Aunque, ojos, vós no querrais;
Mas si la muerte me dais,
El morir me es alegría.
Y assí digo que acabeis,
O ojos, ya de matarme;
Mas muerto volved á mirarme,
Porque me resusciteis.

A DONA FRANCISCA DE ARAGÃO,

QUE LHE MANDOU GLOSAR ESTE VERSO

Mas porém a que cuidados?

Tanto maiores tormentos
Forão sempre os que soffri,

Daquillo que cabe em mi,
Que não sei que pensamentos
São os para que nasci.
Quando vejo este meu peito
A perigos arriscados
Inclinado, bem suspeito
Que a cuidados sou sujeito,
Mas porém a que cuidados?

AO MESMO

Que vindes em mi buscar,
Cuidados, que sou captivo?
Eu não tenho que vos dar:
Se vindes a me matar,
Ja ha muito que não vivo;
Se vindes, porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu, que sempre soffri mais,
Não digo que não venhais;
Mas porém a que, cuidados?

AO MESMO

Se as penas que Amor me deu,
Vem por tão suaves meios,
Não ha que temer receios;
Que val hum cuidado meu
Pór mil descansos alheios.
Ter n'huns olhos tão formosos
Os sentidos enlevados,
Bem sei qu'em baixos estados
São cuidados perigosos;
Mas porém a que cuidados?...

MOTE ALHEIO

Trabalhos descansarião,
Se para vós trabalhasse;
Tempos tristes passarião,
Se algum'hora vos lembrasse.

GLOSA

Nunca o prazer se conhece,
Senão despois da tormenta:
Tão pouco o bem permanece,
Que se o descanso florece,
Logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bens se lograrião,
Mas os males tudo atalhão;
Porém ja que assi porfião,
Onde descansos trabalhão,
Trabalhos descansarião

Qualquer trabalho me fôra
Por vós grão contentamento:
Nada sentíra, Senhora,
Se víra disto algum'hora
Em vós hum conhecimento.
Por mal que o mal me tratasse,
Tudo por bem tomaria;
Postoque o corpo cansasse,
A alma descansaria,
Se para vós trabalhasse

Quem vossas cruezas ja
Soffreo, a tudo se poz;
Costumado ficará;

E muito melhor será,
Se trabalhar para vós.
Tristezas esquecerião,
Postoque mal me tratárão;
Annos não me lembrarião,
Que como est'outros passárão,
Tempos tristes passarião.

Se fosse galardoado
Este trabalho tão duro,
Não vivêra magoado.
Mas não o foi o passado,
Como o será o futuro?
De cansar não cansaria,
Se quizereis, que cansasse;
Cavar, morrer, fa-lo-hia;
Tudo, emfim, esqueceria,
Se algum'hora vos lembrasse.

MOTE ALHEIO

Triste vida se me ordena,
Pois quer vossa condição
Que os males, que dais por pena,
Me fiquem por galardão.

GLOSA

Despois de sempre soffrer,
Senhora, vossas cruezas,
A pezar de meu querer,
Me quereis satisfazer
Meus serviços com tristezas.
Mas, pois em balde resiste

Quem vossa vista condena,
Prestes estou para a pena;
Que de galardão tão triste
Triste vida se me ordena.

De contente do mal meu
A tão grande extremo vim,
Que consinto em minha fim:
Assi que vós e mais eu,
Ambos somos contra mim.
Mas que soffra meu tormento,
Sem querer mais galardão,
Não he fóra de razão
Que queira meu soffrimento,
Pois quer vossa condição.

O mal, que vós dais por bem,
Esse, Senhora, he mortal;
Que o mal, que dais como mal,
Em muito menos se tem,
Por costume natural.
Mas porém nesta victoria,
Que comigo he bem pequena,
A maior dor me condena
A pena, que dais por gloria,
Que os males, que dais por pena.

Que mór bem me possa vir,
Que servir-vos, não o sei.
Pois que mais quero eu pedir,
Se quanto mais vos servir,
Tanto mais vos deverei?
Se vossos merecimentos

De tão alta estima são,
Assaz de favor me dão
Em querer que meus tormentos
Me fiquem por galardão.

MOTE ALHEIO

Ja não posso ser contente,
Tenho a esperança perdida;
Ando perdido entre a gente,
Nem morro, nem tenho vida.

GLOSA

Despois que meu cruel Fado
Destruio huma esperança,
Em que me vi levantado,
No mal fiquei sem mudança,
E do bem desesperado.
O coração, que isto sente,
Á sua dor não resiste,
Porque vê mui claramente
Que pois nasci para triste,
Ja não posso ser contente.

Por isso, contentamentos,
Fugi de quem vos despreza:
Ja fiz outros fundamentos,
Ja fiz senhora a tristeza
De todos meus pensamentos.
O menos que lh'entreguei,
Foi esta cansada vida:
Cuido que nisto acertei,
Porque de quanto esperei
Tenho a esperança perdida.

Acabar de me perder
Fôra ja muito melhor;
Tivera fim esta dor,
Que não podendo mór ser,
Cada vez a sinto mor.
De vós desejo esconder-me,
E de mi principalmente,
Onde ninguem possa ver-me;
Que pois me ganho em perder-me,
Ando perdido entre a gente.

Gostos de mudanças cheios,
Não me busqueis, não vos quero:
Tenho-vos por tão alheios,
Que do bem que não espero,
Inda me ficão receios.
Em pena tão sem medida,
Em tormento tão esquivo
Que morra, ninguem duvída;
Mas eu se morro, ou se vivo,
Nem morro, nem tenho vida.

A HUMA DAMA QUE SE CHAMAVA ANNA

MOTE

A morte, pois que sou vosso,
Não a quero; mas se vem,
Ha de ser todo meu bem.

GLOSA

Amor, qu'em meu pensamento
Com tanta fé se fundou,
Me tẽe dado hum regimento,

Que quando vir meu tormento
Me salve com cujo sou.
E com esta defensão,
Com que tudo vencer posso,
Diz a causa ao coração:
Não tẽe em mi jurdição
A morte, pois que sou vosso.

Por exprimentar hum dia
Amor se me achava forte
Nesta fé, como dizia,
Me convidou com a morte,
Só por ver se a temeria.
E como ella seja a cousa
Onde está todo meu bem,
Respondi-lhe, como quem
Quer dizer mais, e não ousa:
Não a quero, mas se vem...

Não disse mais, porque então
Entendeo quanto me toca;
E se tinha dito o não,
Muitas vezes diz a boca,
O que negà o coração.
Toda a cousa defendida
Em mais estima se tem:
Por isso he cousa sabida,
Que perder por vós a vida
Ha de ser todo meu bem.

Á MESMA DAMA

Vejo-a n'alma pintada,
Quando me pede o desejo
O natural que não vejo.

GLOSA

Se só de ver puramente
Me transformei no que vi,
De vista tão excellente
Mal poderei ser ausente,
Em quanto o não for de mi.
Porque a alma namorada
A traz tão bem debuxada,
E a memoria tanto voa,
Que se a não vejo em pessoa,
Vejo-a n'alma pintada.

O desejo, que s'estende
Ao que menos se concede,
Sobre vós pede e pretende,
Como o doente que pede
O que mais se lhe defende.
Eu, qu'em ausencia vos vejo,
Tenho piedade e pejo
De me ver tão pobre estar,
Qu'então não tenho que dar,
Quando me pede o desejo.

Como áquelle que cegou,
He cousa vista e notoria,
Que a natureza ordenou
Que se lhe dobre em memoria
O qu'em vista lhe faltou:
Assi a mi, que não vejo
Co'os olhos o que desejo,
Na memoria e na firmeza
Me concede a natureza
O natural que não vejo.

MOTE ALHEIO

Sem vós, e com meu cuidado,
Olhae com quem, e sem quem.

GLOSA

Vendo Amor que com vos ver
Mais levemente soffria
Os males que me fazia,
Não me pôde isto soffrer;
Conjurou-se com meu Fado;
Hum novo mal me ordenou:
Ambos me levão forçado,
Não sei onde, pois que vou
Sem vós e com meu cuidado.

Não sei qual he mais estranho
Destes dous males que sigo,
Se não vos ver, se comigo
Levar imigo tamanho.
O que fica, e o que vem,
Hum me mata, outro desejo:
Com tal mal, e sem tal bem,
Em taes extremos me vejo:
Olhae com quem, e sem quem!

AO MESMO

Amor, cuja providencia
Foi sempre que não errasse,
Porque n'alma vos levasse,
Respeitando o mal d'ausencia,
Quiz qu'em vós me transformasse.
E vendo-me ir maltratado,

Eu e meu cuidado sós,
Proveo nisso de attentado,
Por não me ausentar de vós,
Sem vós, e com meu cuidado.

Mas est'alma, qu'eu trazia,
Porque vós nella morais,
Deixa-me cego, e sem guia;
Que ha por melhor companhia
Ficar onde vós ficais.
Assi me vou de meu bem,
Onde quer a forte estrella,
Sem alma, qu'em si vos tem,
Co'o mal de viver sem ella:
Olhae com quem, e sem quem!

MOTE ALHEIO

Sem ventura he por demais.

GLOSA

Todo o trabalhado bem
Promette gostoso fruito;
Mas os trabalhos, que vem,
Para quem dita não tem
Valem pouco, e custão muito.
Rompe toda a pedra dura,
Faz os homens immortais
O trabalho quando atura;
Mas querer achar ventura,
Sem ventura, he por demais.

MOTE ALHEIO

Minh'alma, lembrae-vos della.

GLOSA

Pois o ver-vos tenho em mais
Que mil vidas que me deis,
Assi como a que me dais,
Meu bem, ja que mo negais,
Meus olhos, não mo negueis.
E se a tal estado vim
Guiado de minha estrella,
Quando houverdes dó de mim,
Minha vida, dae-lhe a fim,
Minh'alma, lembrae-vos della.

MOTE ALHEIO

Tudo póde huma affeição.

GLOSA

Têe tal jurdição Amor
N'alma donde se aposenta,
E de que se faz senhor,
Que a liberta e isenta
De todo humano temor.
E com mui justa razão,
Como senhor soberano,
Que Amor não consente dano.
E pois me soffre tenção,
Gritarei por desengano:
Tudo póde huma affeição.

TROVA DE BOSCÃO

Justa fué mi perdicion;
De mis males soy contento;
Ya no espero galardon,
Pues vuestro merecimiento
Satisfizo mi pasion.

GLOSA

Despues que Amor me formó
Todo de amor, cual me veo,
En las leyes, que me dió,
El mirar me consintió,
Y defendióme el deseo.
Mas el alma, como injusta,
En viendo tal perfeccion,
Dió al deseo ocasion:
Y pues quebré ley tan justa,
Justa fué mi perdicion.

Mostrándoseme el Amor
Mas benigno que cruel,
Sobre tirano traidor,
De zelos de mi dolor,
Quiso tomar parte en él.
Yo que tan dulce tormento
No quiero dallo, aunque peco,
Resisto, y no lo consiento;
Mas si me lo toma á trueco
De mis males, soy contento.

Señora, ved lo que ordena
Este Amor tan falso nuestro!
Por pagar á costa agena,
Manda que de un mirar vuestro
Haga el premio de mi pena.
Mas vos, para que veais
Tan engañosa intencion,
Aunque muerto me sintais,
No mireis, que si mirais,
Ya no espero galardon.

Pues que premio (me direis)
Esperas que será bueno?
Sabed, sino lo sabeis,
Que es ló mas de lo que peno
Lo menos que mereceis.
Quien hace al mal tan ufano,
Y tan libre al sentimiento?
El deseo? No, que es vano.
El amor? No, que es tirano.
Pues? Vuestro merecimiento.

No pudiendo Amor robarme
De mis tan caros despojos,
Aunque fué por mas honrarme,
Vos sola para matarme
Le prestastes vuestros ojos.
Matáranme ambos á dos;
Mas á vos con mas razon
Debe el la satisfaccion;
Que á mi por él, y por vos,
Satisfizo mi pasion.

ALHEIO

Todo es poco lo posible.

GLOSA

Ved que engaño señorea
Nuestro juicio tan loco,
Que por mucho que se crea,
Todo el bien, que se desea,
Alcanzado, queda poco.
Un bien de cualquiera grado,
Si de haberse es imposible,

Queda mucho deseado.
Mas para mucho, alcanzado,
Todo es poco lo possible.

OUTRA

Posible es á mi cuidado
Poderme hacer satisfecho,
Si fuera posible al hado
Hacer no hecho lo hecho,
Y futuro lo pasado.
Si olvido pudiera haber,
Fuera remedio sufrible;
Mas ya que no puede ser,
Para contento me hacer,
Todo es poco lo posible.

ALHEIO

Vos teneis mi corazon.

GLOSA

Mi corazon me han robado;
Y Amor viendo mis enojos,
Me dijo: Fuéte llevado
Por los mas hermosos ojos,
Que desque vivo he mirado.
Gracias sobrenaturales
Te lo tienen en prision.
Y si Amor tiene razon,
Señora, por las señales,
Vos teneis mi corazon.

MOTE

Que veré que me contente?

GLOSA

Desque una vez yo miré,
Señora, vuestra beldad,
Jamas por mi voluntad
Los ojos de vos quité.
Pues sin vos placer no siente
Mi vida, ni lo desea,
Si no quereis que yo os vea,
Qué veré que me contente?

MOTE

Sem vós, e com meu cuidado.

GLOSA

Querendo Amor esconder-vos
Em parte que vos não visse,
Co'o extremo de querer-vos
Cegou-me os olhos com ver-vos,
Levou-vos, sem que vos visse.
Eu cego, mas atinado,
Quando vi que vos não via,
Do mesmo Amor indignado,
Ja vêdes qual ficaria
Sem vós e com meu cuidado.

MOTE

Retrato, vós não sois meu;
Retratárão-vos mui mal;
Que a serdes meu natural,
Foreis mofino como eu.

GLOSA

Indaqu'em vós a arte vença
O que o natural tẽe dado,
Não fostes bem retratado;
Que ha em vós mais differença,
Que no vivo do pintado.
Se o lugar se considera
Do alto estado, que vos deu
A sorte, qu'eu mais quizera;
Se he qu'eu sou quem d'antes era,
Retrato, vós não sois meu.

Vós na vossa gloria posto,
Eu na minha sepultura,
Vós com bens, eu com desgosto;
Pareceis-vos ao meu rosto,
E não ja á minha ventura.
E pois nella e vós errárão
O qu'em mi he principal,
Muito em ambos s'enganárão.
Se por mi vos retratárão,
Retratárão-vos mui mal.

Mas se esse rosto fingido
Quizerão representar,
E houverão por bom partido
Dar-vos a alma do sentido
Para a gloria do lugar;
Víreis, posto nessa alteza,
Que vos não ha cousa igual;
E que nem a maior mal
Podeis vir, nem mór baixeza,
Que a serdes meu natural.

Por isso não confesseis
Serdes meu, qu'he desatino,
Com que o lugar perdereis:
Se conservar-vos quereis,
Blazonae que sois divino.
Que se nesta occasião
Conhecessem qu'ereis meu,
Por meu vos derão de mão,
. . . .
Fôreis mofino, como eu.

MOTE

Foi-se gastando a esperança,
Fui entendendo os enganos;
Do mal ficárão-me os danos,
E do bem só a lembrança.

GLOSA

Nunca em prazeres passados
Tive firmeza segura,
Antes tão arrebatados,
Qu'inda não erão chegados,
Quando mos levou ventura.
E como quem desconfia
Ter em tal sorte mudança,
No meio desta porfia,
De quanto bem pretendia
Foi-se gastando a esperança.

Não tive por desatino
A occasião de perdella;
Mas foi culpa do destino.

Que a ninguem, como mais dino,
Amor pudéra sostella.
Dei-lhe tudo o qu'era seu,
Não receando taes danos
Deste, a quem alma lhe deu:
Quando ja não era meu,
Fui entendendo os enganos.

Fiquei deste mal sobejo
A quem a causa compete
Dizer-lhe tudo o que vejo,
Que Amor acceita o desejo,
Mas mente no que promete.
Que se a mi se me obrigou
A dar-me bens soberanos,
Foi engano que ordenou:
Que do bem tudo levou,
Do mal ficárão-me os danos.

E se dor tão desigual
Soffro em mi com padecellos.
Quero de novo soffrellos;
Que por a causa ser tal,
Não determino offendellos.
Dobre-se o mal, falte a vida,
Cresça a fé, falte a esperança,
Pois foi mal agradecida;
Fique a dor n'alma imprimida,
E do bem só a lembrança.

ENDECHAS A BARBARA ESCRAVA

Aquella captiva,
Que me tẽe captivo.

Porque nella vivo,
Ja não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves mólhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,
Nem no Ceo estrellas,
Me parecem bellas,
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar.

Huma graça viva,
Que nelles lhe mora,
Para ser senhora
De quem he captiva.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vão
Perde opinião,
Que os louros são bellos.

Pretidão de Amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocára a côr.
Leda mansidão,
Que o siso acompanha,
Bem parece estranha,
Mas barbara não.

Presença serena,
Que a tormenta amansa:
Nella emfim descansa
Toda minha pena.
Esta he a captiva,
Que me tẽe captivo;
E pois nella vivo,
He força que viva.

MOTE

Quem ora soubesse
Onde o Amor nasce,
Que o semeasse!

VOLTAS

D'Amor e seus danos
Me fiz lávrador;
Semeava amor,
E colhia enganos;
Não vi, em meus anos,
Homem que apanhasse
O que semeasse.

Vi terra florída
De lindos abrolhos,
Lindos para os olhos,
Duros para a vida.
Mas a rez perdida,
Que tal herva pasce,
Em forte hora nasce.

Com quanto perdi,
Trabalhava em vão:

Se semeei grão,
Grande dor colhi.
Amor nunca vi
Que muito durasse,
Que não magoasse.

ALHEIO

Se me levão ágoas,
Nos olhos as levo.

VOLTAS

Se de saudade
Morrerei ou não,
Meus olhos dirão
De mi a verdade.
Por elles me atrevo
A lançar as ágoas,
Que mostrem as mágoas
Que nesta alma levo.

As ágoas, qu'em vão
Me fazem chorar,
Se ellas são do mar,
Estas de amar são.
Por ellas relevo
Todas minhas mágoas;
Que se força d'ágoas
Me leva, eu as levo.

Todas me entristecem,
Todas são salgadas;
Porém as choradas
Doces me parecem.

Correi, doces ágoas,
Que se em vós m'enlevo,
Não doem as mágoas,
Que no peito levo.

ALHEIO

Menina dos olhos verdes,
Porque me não vêdes?

VOLTAS

Elles verdes são,
E tẽe por usança
Na côr esperança,
E nas obras não.
Vossa condição
Não he d'olhos verdes,
Porque me não vêdes.

Isenções a mólhos
Qu'elles dizem terdes,
Não são d'olhos verdes,
Nem de verdes olhos.
Sirvo de giolhos,
E vós não me credes,
Porque me não vêdes.

Havião de ser,
Porque possa vê-los,
Que huns olhos tão bellos
Não se hão d'esconder:
Mas fazeis-me crer,
Que ja não são verdes,
Porque me não vêdes.

Verdes não o são,
No que alcanço delles;
Verdes são aquelles
Qu'esperança dão.
Se na condição
Está serem verdes,
Porque me não vêdes?

ALHEIO

Trocae o cuidado,
Senhora, comigo;
Vereis o perigo,
Qu'he ser desamado.

VOLTAS

Se trocar desejo
O amor entre nós,
He para qu'em vós
Vejais o que vejo.
E sendo trocado
Este amor comigo,
Ser-vos-ha castigo
Terdes meu cuidado.

Tendes o sentido
D'Amor livre e isento,
E cuidais qu'he vento
Ser tão mal querido.
Não seja o cuidado
Tão vosso inimigo,
Que queira o perigo
De ser desamado.

Mas nunca foi tal
Este meu querer,
Que a quem tanto quer,
Queira tanto mal.
Seja eu maltratado,
E nunca o castigo
Vos mostre o perigo,
Qu'he ser desamado.

Á TENÇÃO DE MIRAGUARDA

Ver, e mais guardar
De ver outro dia,
Quem o acabaria?

VOLTAS

Da lindeza vossa,
Dama, quem a vê,
Impossivel he
Que guardar-se possa.
Se faz tanta mossa
Ver-vos hum só dia,
Quem se guardaria?

Melhor deve ser
Neste aventurar
Ver, e não guardar,
Que guardar e ver.
Ver e defender,
Muito bom seria,
Mas quem poderia?

MOTE

Irme quiero, madre,
Á aquella galera,
Con el marinero,
Á ser marinera.

VOLTAS

Madre, si me fuere,
Do quiera que vó,
No lo quiero yo,
Que el Amor lo quiere.
Aquel niño fiero,
Hace que me mueva
Por un marinero
Á ser marinera.

El que todo puede,
Madre, no podrá,
Pues el alma vá,
Que el cuerpo se quede.
Con él por que muero
Voy, porque no muera;
Que si es marinero,
Seré marinera.

Es tirana ley
Del niño Señor,
Que por un amor
Se deseche un Rey.
Pues desta manera
Quiero irme, quiero
Por un marinero
Á ser marinera.

Decid, ondas, cuando
Vistes vos doncella,
Siendo tierna y bella,
Andar navegando?
Mas qué no se espera
Daquel niño fiero?
Vea yo quien quiero,
Sea marinera.

MOTE

Saudade minha,
Quando vos veria?

VOLTAS

Este tempo vão,
Esta vida escassa,
Para todos passa,
Só para mi não.
Os dias se vão
Sem ver este dia,
Quando vos veria.

Vêde esta mudança
Se está bem perdida,
Em tão curta vida
Tão longa esperança.
Se este bem se alcança,
Tudo soffreria,
Quando vos veria.

Saudosa dor,
Eu bem vos entendo;
Mas não me defendo,

Porque offendo Amor.
Se fosseis maior,
Em maior valia
Vos estimaria.

Minha saudade,
Charo penhor meu,
A quem direi eu
Tamanha verdade?
Na minha vontade
De noite e de dia
Sempre vos teria.

MOTE

Vida da minha alma,
Não vos posso ver:
Isto não he vida
Para se soffrer.

VOLTAS

Quando vos eu via,
Esse bem lograva,
A vida estimava,
Pois então vivia;
Porque vos servia
Só para vos ver.
Ja que vos não vejo
Para qu'he viver?

Vivo sem razão,
Porqu'em minha dor
Não a poz Amor;
Que inimigos são.

Mui grande traição
Me obriga a fazer
Que viva, Senhora,
Sem vos poder ver.

Não me atrevo ja,
Minha tão querida,
A chamar-vos vida,
Porque a tenho má.
Ninguem cuidará,
Que isto póde ser,
Sendo-me vós vida,
Não poder viver.

MOTE

Coifa de beirame
Namorou Joanne.

VOLTAS

Por cousa tão pouca
Andas namorado?
Amas o toucado,
E não quem o touca?
Ando cega e louca
Por ti, meu Joanne,
Tu pelo beirame.

Amas o vestido?
És falso amador.
Tu não vês que Amor
Se pinta despido?
Cego e mui perdido

Andas por beirame,
E eu por ti, Joanne.

A todos encanta
Tua parvoice;
De tua doudice
Gonçalo s'espanta,
E zombando canta:
Coifa de beirame,
Namorou Joanne.

Eu não sei que viste
Neste meu toucado,
Que tão namorado
Delle te sentiste,
Não te veja triste;
Ama-me, Joanne,
E deixa o beirame.

Joanne gemia,
Maria chorava,
E assi lamentava
O mal que sentia:
(Os olhos feria,
E não o beirame,
Que matou Joanne).

Não sei do que vem
Amares vestido;
Que o mesmo Cupido
Vestido não tem.
Sabes de que vem
Amares beirame?
Vem de ser Joanne.

MOTE

Se Helena apartar
Do campo seus olhos,
Nascerão abrolhos.

VOLTAS

A verdura amena,
Gados, que pasceis,
Sabei que a deveis
Aos olhos d'Helena.
Os ventos serena,
Faz flores d'abrolhos
O ar de seus olhos.

Faz serras florídas,
Faz claras as fontes:
S'isto faz nos montes.
Que fará nas vidas?
Tra-las suspendidas,
Como hervas em mólhos,
Na luz de seus olhos.

Os corações prende
Com graça inhumana;
De cada pestana
Hum'alma lhe pende.
Amor se lhe rende,
E posto em giolhos,
Pasma nos seus olhos.

ALHEIO

Verdes são os campos
De côr de limão;

Assi são os olhos
Do meu coração.

VOLTAS

Campo, que t'estendes
Com verdura bella;
Ovelhas, que nella
Vosso pasto tendes;
D'hervas vos mantendes
Que traz o verão;
E eu das lembranças
Do meu coração.

Gados, que pasceis
Com contentamento,
Vosso mantimento
Não no entendeis.
Isso que comeis,
Não são hervas, não;
São graça dos olhos
Do meu coração.

ALHEIO

Verdes são as hortas
Com rosas e flores:
Moças, que as régão,
Matão-me d'amores.

Entre estes penedos
Que daqui parecem,
Verdes hervas crescem,
Altos arvoredos.

Vai destes rochedos
Ágoa, com que as flores
D'outras são regadas,
Que mátão d'amores.

Com ágoa, que cai
Daquella espessura,
Outra se mistura,
Que dos olhos sai:
Toda junta vai
Regar brancas flores,
Onde ha outros olhos,
Que mátão d'amores.

Celestes jardins,
As flores estrellas:
Hortelôas dellas
São huns seraphins.
Rosas e jasmins
De diversas cores,
Anjos, que as régão,
Mátão-me d'amores.

ALHEIO

Menina formosa,
Dizei de que vem
Serdes rigorosa
A quem vos quer bem?

VOLTAS

Não sei quem assella
Vossa formosura;

Que quem he tão dura
Não póde ser bella.
Vós sereis formosa;
Mas a razão tem
Que quem he irosa,
Não parece bem.

A mostra he de bella,
As obras são cruas:
Pois qual destas duas
Ficará na sella?
Se ficar *irosa,*
Não vos está bem:
Fique antes *formosa*,
Que mais força tem.

O Amor formoso
Se pinta e se chama:
Se he amor, ama,
Se ama, he piedoso.
Diz agora a grosa
Que este texto tem,
Que quem he formosa
Ha de querer bem.

Havei dó, menina,
Dessa formosura;
Que se a terra he dura,
Secca-se a bonina.
Sêde piedosa;
Não veja ninguem
Que por rigorosa
Percais tanto bem.

ALHEIO

Tende-me mão nelle,
Que hum real me deve.

VOLTAS

C'hum real d'amor,
Dous de confiança,
E tres d'esperança,
Me foge o trédor.
Falso desamor
S'encerra naquelle
Que hum real me deve.

Pedio-mo emprestado,
Não lhe quiz penhor:
He máo pagador;
Tendo-mo afferrado.
C'hum cordel atado,
Ao Tronco se leve;
Que hum real me deve.

Por esta travéssa
Se vai acolhendo:
Ei-lo vai correndo,
Fugindo a grã pressa.
Nesta mão, e nessa
O falsô se atreve,
Que hum real me deve.

Comprou-me o amor,
Sem lhe fazer preço:
Eu não lhe mereço
Dar-me desfavor.

Dá-me tanta dor,
Que ando após elle
Pelo que me deve.

Eu de cá bradando,
Elle vai fugindo;
Elle sempre rindo,
Eu sempre chorando.
E de quando em quando
No amor se atreve,
Como que não deve.

A fallar a verdade
Elle ja pagou;
Mas ainda ficou
Devendo ametade.
Minha liberdade
He a que me deve:
Só nella se atreve.

MOTE

Dó la mi ventura,
Que no veo alguna?

VOLTAS

Sepa quien padece,
Que en la sepultura
Se esconde ventura
De quien la merece.
Allá me parece,
Que quiere fortuna
Que yo halle alguna.

Naciendo mesquino,
Dolor fué mi cama;
Tristeza fué el ama,
Cuidado el padrino.
Vestióse el destino
Negra vestidura,
Huyó la ventura.

No se halló tormento,
Que allí no se hallase;
Ni bien, que pasase.
Sinó como viento.
Oh qué nacimiento,
Que luego en la cuna
Me siguió fortuna!

Esta dicha mia,
Que siempre busqué,
Buscándola, hallé
Que no la hallaria;
Que quien nace en dia
D'estrella tan dura,
Nunca halla ventura.

No puso mi estrella
Mas ventura em min:
Ansí vive en fin
Quien nace sin ella.
No me quejo della;
Quéjome que atura
Vida tan escura.

MOTE

Vida de minha alma.

VOLTA

Dous tormentos vejo
Grandes por extremo:
Se vos vejo, temo,
E se não, desejo.
Quando me despejo,
E venho a escolher,
Temendo 'o desejo,
Desejo temer.

CANTIGA ALHEIA

Pastora da serra,
Da serra da Estrella,
Perco-me por ella.

VOLTAS

Nos seus olhos bellos
Tanto Amor se atreve,
Que abraza entre a neve
Quantos ousão vellos.
Não sólta os cabellos
Aurora mais bella:
Perco-me por ella.

Não teve esta serra
No meio d'altura
Mais que a formosura,
Que nella se encerra.
Bem ceo fica a terra,
Que tẽe tal estrella:
Perco-me por ella.

Sendo entre pastores
Causa de mil males,
Não se ouvem nos vales
Senão seus louvores.
Eu só por amores
Não sei fallar nella,
Sei morrer por ella.

D'alguns, que sentindo
Seu mal vão mostrando,
Se ri, não cuidando
Qu'inda paga rindo.
Eu triste, encobrindo
Só meus males della,
Perco-me por ella.

Se flores deseja
Por ventura bellas,
Das que colhe dellas
Mil morrem d'inveja.
Não ha quem não veja
Todo o melhor nella:
Perco-me por ella.

Se n'agoa corrente
Seus olhos inclina,
Faz a luz divina
Parar a corrente.
Tal se vê, que sente
Por ver-se a ágoa nella:
Perco-me por ella.

ENDECHAS

Vós sois huma Dama
Das feias do mundo;
De toda a má fama
Sois cabo profundo.
A vossa figura
Não he para ver;
Em vosso poder
Não ha formosura.
Vós fostes dotada
De toda a maldade;
Perfeita beldade
De vós he tirada.
Sois muito acabada
De taixa e de glosa:
Pois quanto a formosa,
Em vós não ha nada.
Do grão merecer
Sois bem apartada;
Andais alongada
Do bem parecer.
Bem claro mostrais
Em vós fealdade:
Não ha hi maldade,
Que não precedais.
De fresco carão
Vos vejo ausente;
Em vós he presente
A má condição.
De tér perfeição
Mui alheia estais;
Mui muito alcançais
De pouca razão.

Vai o bem fugindo,
Cresce o mal co'os anos,
Vão-se descobrindo
Co'o tempo os enganos.
Amor e alegria
Menos tempo dura.
Triste de quem fia
Nos bens da ventura!
Bem sem fundamento
Tẽe certa a mudança,
Certo o sentimento
Na dor da lembrança.
Quem vive contente,
Viva receoso:
Mal que se não sente,
He mais perigoso.
Quem males sentio,
Saiba ja temer;
E pelo que vio
Julgue o qu'ha de ser.
Alegre vivia,
Triste vivo agora;
Chora a alma de dia,
E de noite chora.
Confesso os enganos
De meu pensamento:
Bem de tantos anos
Foi-se n'hum momento.
Meus olhos, que vistes?
Pois vos atrevestes,
Chorae, olhos tristes,
O bem que perdestes.

A luz do sol pura
Só a vós se negue;
Seja noite escura,
Nunca a manhãa chegue.

O campo floreça,
Murmurem as ágoas,
Tudo me entristeça,
Cresção minhas mágoas.

Quizera mostrar
O mal que padeço;
Não lhe dá lugar
Quem lhe deu comêço.

Em tristes cuidados
Passo a triste vida;
Cuidados cansados,
Vida aborrecida.

Nunca pude crer
O que agora creio:
Cegou-me o prazer
Do mal que me veio.

Ah ventura minha,
Como me negaste!
Hum só bem que tinha,
Porque mo roubaste?

Triste fantasia
Quanta cousa guarda!
Quem ja visse o dia,
Que tanto lhe tarda!

Nesta vida cega
Nada permanece;
O qu'inda não chega,
Ja desaparece.

Qualquer esperança
Foge como o vento:
Tudo faz mudança,
Salvo meu tormento.
Amor cego e triste,
Quem o têe padece:
Mal quem lhe resiste!
Mal quem lhe obedece!
No meu mal esquivo
Sei como Amor trata:
E pois nelle vivo,
Nenhum amor mata.

A B C FEITOS EM MOTES

A A A A

Amor, quisestes que fosse
O vosso nome da pia
Para mór minha agonia.
Apelles, se fôra vivo,
E a ver-vos alcançára,
Por vós retratos tirára.
Achilles morreo no templo,
Contemplando de giolhos,
Eu quando vejo esses olhos.
Arthemiza sepultou
A seu irmão, e marido,
Vós a mim, e a meu sentido.

B

Bem vejo que sois, Senhora,
Extremo de formosura,
Para minha sepultura.

C C

Cleopatra se matou,
Vendo morto a seu amante,
E eu por vós em ser constante.
Cassandra disse de Troya,
Que havia ser destruida,
E eu por vós d'alma e da vida.

D D

Dido morreo por Eneas,
E vós mataes quem vos ama,
Julgai se sois cruel dama.
Dianira innocente
Da má morte causadora,
Vós da minha sabedora.

E

Euridice foi a causa
De Orpheo hir ao inferno,
Vós de ser meu mal eterno.

F F

Fedra só de puro amor
Morreo por seu enteado,
Eu morro de desamado.
Febo vai escurecendo
Ante vossa claridade,
E eu sem ter liberdade..

G G

Galatea sois, Senhora,
Da formosura estremo,
E eu perdido Polyphemo.

Genebra, que foi Rainha,
Se perdeo por Lançarote,
E vós por me dar a morte.

H H

Hercules, huma camisa
De chammas, o consumio,
Minha alma des que vos vio.
Hebis e Dido morrêrão
Com o rigor da mudança,
Eu vendo vossa esquivança.

J J

Judith que o duro Holofernes
Degolou, se viva fôra,
Mate lhe dereis, Senhora.
Julio Cesar conquistou
O mundo com fortaleza,
Vós a mim com gentileza.

J J

Julio Cesar se livrou
Dos imigos com abrolhos,
Eu não posso desses olhos.
Jazia-se o Minotauro
Preso no seu labyrintho,
Mas eu mais preso me sinto.

L L

Leandro se afogou,
E foi sua causa Hero;
E a mim o que vos quero.

Leandro se afogou
No mar de sua bonança,
Eu no de vossa esperança.

M M

Minerva dizem que foi
E Pallas Deosas da guerra,
E vós, Senhora, da terra.
Medéa foi mui cruel,
Mas não chegou a metade
De vossa grãa crueldade.

N N

Narciso o siso perdeo
Em vendo a sua figura,
Eu por vossa formosura.
Nymphas enganão mil Faunos
Com seu ar e formosura,
E a mim vossa figura.

O O

Os olhos chorão o damno
Que em vos verem sentírão,
Mas eu pago o que elles vírão.
Orpheo com a doce harpa
Venceo o reino de Plutão,
Vós a mim com perfeição.

P P

Páris a Helena roubou,
Por quem Troia foi perdida,
E vós a mim alma e vida.

Pyrrho matou Policena
Perfeita em todos sinaes.
E vós a mim me mataes.

Q Q

Quanto mais desejo ver-vos,
Menos vos vejo, Senhora:
Não vos ver melhor me fôra.
Querendo ver a Diana,
Acteon perdeo a vida,
Que eu por vós trago perdida.

R R

Remedio nenhum não vejo,
Que remedeie meu mal;
Nem crueza á vossa igual.
Roma o mundo sujeita
Com armas, saber, temor,
Vós a mim só por amor.

S

Serena na mór Fortuna
Com enganos vai cantando,
E vós sempre a mim matando.

T T

Thisbe morreo por Pyramo,
A ambos matou o Amor;
A mim vosso desfavor.
Thisbe pelo seu amante
Morreo com amor sobejo,
Mas eu mais morto me vejo.

V V

Venus, que por mais formosa,
Lhe deo Páris a maçãa,
Não foi quanto vós louçãa.
Venus levou a maçãa,
Por vós não serdes, Senhora,
Nascida naquella hora.

X X

Xpõ vos acabe em graça,
E vos faça piedosa,
Tanto, quanto sois formosa.
Xantopea tornou atraz,
Por Aponio a invocar,
E vós não a meu chamar.

CARTA ESCRIPTA D'AFRICA A HUM AMIGO

(INEDITA)

Por usar costume antigo,
Saude mandar quisera,
E mandára se tivera,
Mas amor della he imigo;
Pois me deo, em lugar della,
Saudade em que ando,
Saudades cem mil mando,
E não ficando sem ella.

Se isto não fiz des que vim,
Não me queirais condenar,
Que não tive inda lugar
Para tornar sobre mim.
Perdão merece esta culpa.

Que alem de ser pequena,
La causa que me condena
Me serve de desculpa.

Mandar-vos novas quizera
Desta terra e mais de mim,
Se novas houvera aqui
Boas que mandar podéra;
Mas quem tal enfadamento
Qual vai contar pretende,
Não o sente, ou não entende
Onde chega seu tormento.

Comtudo, o que passa cá,
Contarei como souber,
Se algum nojo vos der,
A tenção me salvará;
Se fallar desconcertado
Deveis-me de perdoar,
Que no estoi para llorar
Si no para ser llorado.

Melhor fôra ter calladas
As novas que ha nesta terra,
Pois aonde vim buscar guerra
Sómente achei badaladas.
Assim estou tão infadado
Que digo em dias tão raros,
Que diera por no allaros
La gloria de os aver allado.

Porque he tal o desconcerto,
Que caminho ja não leva.

Nem menos ha quêm se atreva
A dar hum conselho certo:
A tudo ha conselho cá,
Quem escapa e não fere
Triste del, triste que muere
Si al paraizo no va.

A gente he peor em dobro,
As vergonhas são perdidas,
Fallão das alheias vidas
E põem as suas em cobro;
Poucos hão medo á vergonha,
E a mui poucos se hade ouvir:
Mais vale morrer com honra,
Que deshonrado bivir.

Não ha conversação como d'antes
Porque ha mister cem mil tentos
Com moradores praguentos
E fronteiros mais galantes:
Toda a terra anda ao revez,
Tanto que ja começa
Los pies sobre la cabeça,
La cabeça sobre los pies.

Neste desconcerto tal,
Se quereis saber qual ando,
Passo a vida suspirando
Pela causa do meu mal.
Assim me traz meo tormento
Pelo ver tão perigoso
De mi remedio dudoso,
Mas no de mi perdimento.

Porque de males rodeado.
E sem remedio me vejo,
E juntamente o desejo
Me acaba e o cuidado;
E tão mal me vai tratando
Este mal, segundo vejo,
Si no muere este desejo,
Moriré yo deseando.

O mór mal que cá padeço,
He ver quanto sem razão
Outros olhos lograrão
O que eu por amor mereço:
Isto tanto me entristece
Que depois que estou aqui
Plazer no sabe de mi,
Cuidado no me falece.

Nenhum remedio a meos danos,
Vejo por alguma via,
Senão vendo aquelle dia
Que hade ser fim de dous anos;
Mas tem meo mal tal graveza,
Que depois de me lá ver
Ja não llegará el plazer
A do llegó la tristeza.

Dar-vos esta carta tal,
Não he fóra de razão,
Pois eu sei que em vossa mão
Está meu bem e meu mal;
Y pues sé que muerto soi
Si de tu mano me dexas,

A quien contaré mis quexas
Si a ti no?

Dai-me o favor sem pejo,
Pois o dais a cousa vossa,
Não queirais vós que não possa
Servir-vos como desejo;
Ao menos se sou perdido
Não me deis o desengano,
Que ja não es en mi mano
El querer no ser querido.

Com isto, e o mais que callo,
Julgai qual minha vida anda,
Saudade de huma banda
D'outra tento ao badallo:
Quando me contemplo tal
Chegando a tão tristes dias,
Las tristes lagrimas mias
En piedra hazen señal.

Podera eu viver contente.
Como saber que estava tal
A que he causa de meu mal.
Por me não ter lá presente;
Mas por quão mal lhe merece
Meu amor tão maltratar-me
Quando mas pienso alegrarme,
Maior pacion me recrece.

Viver sempre arreceoso,
Que bem póde ter comigo
Onde está certo o perigo

He o remedio duvidoso:
Assim eu de ter perdida
Esperança de contente,
Ando perdido entre a gente,
Não morro nem tenho vida.

Não he viver á vontade,
Vestir e andar como quero
Donde do bem desespero
E me mata a saudade;
Se isto não vos desengana
Ja ouvireis vós dizer
El hombre queremos ver,
Que los panos son de lana.

Da guerra novas mais certas
Brevemente são contadas,
No verão portas fechadas,
No hinverno pouco abertas;
Qualquer Mouro desmandado
Nos comete sem n'hum pejo,
E aquelle postigo vejo
Que sempre esteve fechado.

Isto não he praguejar,
Mas toda a culpa he da fome,
Porque gente que não come
Mal poderá pelejar;
Assim estão muitos no dia
Com os olhos na tramontana,
Mirando la mar d'España
Como mengoava e crecia.

Tudo são queixas em vão,
E tudo são vãos clamores,
Capitão dos moradores,
Elles contra o Capitão;
Emfim tal vai tudo aqui
Que bráda grande e pequeno:
Tiempo bueno, tiempo bueno
Quien se te llevó daqui.

O mesmo digo eu tambem,
Porque o mal que eu lá passava
Com ver a quem m'o causava
Se me convertia em bem;
E por isso perdoai-me
Se eu brado noute e dia
Naves de la tierra mia
Venid ora e llevadme.

Gabais esta vida cá
E desgabais-me Lisboa,
Eu dera esta vida boa
A troco d'essoutra má;
Quem de estar lá se queixar
Meu desejo lhe responde:
Mas he de nós Conde
Que manzilla ni pesar.

Porém em quanto não vejo
O dia das alabanças,
Lembre-vos que as esperanças
Puz em vós de meu desejo;
Entretanto meu tormento
Soffrerei sem me queixar.

Pues que sufrir e callar
Conviene a mi pensamento.

CARTA ESCRIPTA D'AFRICA EM RESPOSTA Á DE HUM AMIGO

(INEDITA)

Mandaste-me pedir novas,
E pois heide obdecer,
Quero que seja em trovas
Por vos dar em que entender;
E que esta arte de trovar
Se vá desacostumando
A quem anda como eu ando,
Tudo se hade perdoar.

Leixando todo o embaraço
Desde o dia que cá vim,
Vos darei conta de mim
E da vida que cá faço;
E julga o que ca sento
Do que lá sentiria,
S'algu'hora ou algum dia
Tive este tal pensamento.

Acho-me mui enganado
D'hum engano que trazia,
Não cuidei que n'hum cuidado
Tantos cuidados havia:
Cuidei que vida mudada
Mudasse tambem 'ventura:
Mas a má sempre he segura,
E da boa não sei nada.

E pois que ja comecei,
Dar-vos-hei conta comprida
De como passo a vida
Nesta vida que tomei:
Vou-me ao longo da praia
Sem outros ricos petrechos:
Una adarga ate pechos
Y en la mano una azagaia.

Faço no meu pensamento
Mais torres que as de Almeirim,
Mas emfim leva-as o vento,
Porque são ventos em fim;
Vou-me traz isto em que ando
Quando a tormenta mais arde,
Suspirando a menudo,
Hablando de tarde en tarde.

Fujo da conversação,
Anoja-me companhia
E trago os olhos no chão,
E mui alta a fantezia;
Des que vou alongando,
Que me não podem ouvir,
Las bozes que iva dando,
Al cielo quieren subir.

Vejo desfeitos em vão
Todolos meus contentamentos,
Porém os meus pensamentos
Não cansão, nem cansarão:
S'alma, mais que a vida,
Mais que a vida hade durar.

Maldita seas ventura,
Que assi me hazes andar.

Cuido no que he ja passado
E no que está por passar,
Porém nunca o meu cuidado
Se muda d'hum só lugar:
Quando em mim torno cuidando
Que de mi mesmo me velo,
Los ojos puestos nel cielo
Jurando iva hechando.

Vejo o mar embravecer,
Vejo que depois melhora,
Mil cousas vejo cada ora,
Huma só não posso ver:
Assim vou passando o dia
Nesta saudade tamanha,
Mirando la mar d'España
Como mengoava e crecia.

Quem disser que a saudade
He vida para gabar,
Se o disser de verdade,
Di-lo-ha para me enojar.
Vida que a alma entristece
Em que toda a dor consiste.
El dia que hade ser triste,
Para mim solo amañece.

Crede-me quanto mais fallo,
Pois vos fallo como amigo,
E crede que o que callo

He muito mais que o que digo.
Ando com alma cansada,
Suspirando cada hora
Por el tu amor sen ti ora
Passé yo la mar salada.

Andando só, como digo,
Apartado da manada,
Fazendo contas comigo,
Qu'emfim não fundem nada,
Querendo buscar atalho
Para vir ao que desejo,
Vi venir pendon bremejo
Con tresientos de caballo.

Vinhão d'esporas douradas
E vestidos de alegria,
Com adargas e braçados
La flor de la Berberia,
Com gritos e altas vozes
Vinhão a redeas tendidas,
Ricas aljubas vestidas
En cima sus albernozes.

Gentes de muitas maneiras
E diversas nações
Corrião a estas tranqueiras,
Como a ganhar perdões;
Mas porque vos não engane
Cousas que outros vos escrevão,
Los bordones que ellos llevan,
Lanças vos pareceranne.

Tudo anda de levanto.
Era o campo todo cheo,
Em tudo punhão espanto.
De nada tinhão receo;
Com grandes vozes e festas
Vinhão bradando de lá:
Cavalleros de Alcalá
No os allabareis daquesta.

Comigo mesmo fallando,
Como s'a outrem fallasse
Dizia quem me lembrasse
Do em que andava cuidando:
E porque tamanho dote
Não se alcança por cuidar,
A las armas Mouriscote,
S'in ellas quereis entrar.

Contar feitos esquecidos,
He muito contra minh'arte,
Houve mortos e feridos,
Houve mal de parte a parte.
Houve homem que dizia,
Na força do mór recêo,
Donde estás que no te veo,
Qu'es de ti esperança mia.

Pois fallo em tão fraca guerra,
Sinal he de vosso amigo,
Visto como estais em terra,
Que ha outras de mór perigo;
E pois por vós mais fizera
Quem faz isto que aqui vêdes,

Y que nuevas me traedes
Del mi amor que allą era?

Quizera-vos dizer mais,
E pois vos não digo tudo,
Farei conta que sou mudo
E entendei-me por sinaes;
Que se fosse tão ousado,
Qu'inda mais que isto dissesse,
A que muerte condenado
Pudo ser que grave fuesse.

CARTA Á HUMA SENHORA

(INEDITA)

Senhora, quando imagino
O divino
Vosso gesto, claro e bello.
De alguma hora merece-lo
Me conheço por indino,
Que se sento
Ser altivo o pensamento
Que m'inclinou,
Vejo que amor vos destina
Para mór merecimento.

Porque he vosso lindo aspeito
Tão perfeito
Que na mais pequena parte,
Não póde, por nenhuma arte,
Comprender o humano peito:
Nem m'espanta,

Porque se tivestes tanta
Formosura,
Vossa suprema ventura
Mais alta vos levanta.

Porém se meus pensamentos
Nos tormentos
Quizerdes experimentar,
Bem os podeis comparar
Com vossos merecimentos,
Que se ordena
Amor em partẽ pequena
Opinião,
Crede que meu coração
He incapaz de grande pena.

E se cuidais por ventura
Que a natura
Contém outro regimento,
Sabei que meo pensamento
Em vosso gesto se apura;
Nem m'engano
Que mudei o ser de humano
Como pude
Em divino, por virtude,
De gesto tão soberano.

Assim que, feito immortal,
Ou mortal,
Outro nome tomarei
De ser vosso pois mudei
O costume natural.
Tambem vós.

Pelo bem que em vós se poz,
Sereis digna
De serdes por vós divina;
Mas eu divino por vós.

Em fim, que desta maneira,
A fé inteira
Que no peito amor me cria,
Vereis crescer cada dia.
Porque sempre mais vos queira
A fineza
De hum amor que nesta empreza
Me acompanha,
Ficará sendo tamanha
Como vossa gentileza.

MOTE

(INEDITO)

Afuera consejos vanos
Que despertais mi dolor;
No me toquen vuestras manos.
Que los consejos d'amor,
Los que matan, son los sanos.

GLOSA

Foi-me a fortuna entregar
A huma dama interesseira,
Que em vez de premio me dar
Por huma fé verdadeira,
Procura de me roubar.
Diz que rompe qualquer muro,
E escusa cem mil danos,
Eu que temo seos enganos.

Quanto de fero seguro.
Afuera consejos vanos.

Grandemente me persegue.
E me pede que lhe dê.
Não me vale razão que allegue
Nem maneira com que chegue
A achar valor nesta fé;
E porque ella m'entendesse,
Lhe disse: Meu lindo amor,
Por vosso disfavor
Não me pidais interesse,
Que despertais mi dolor.

Em mostras dessa fé pura,
Vos farei, se vós gostais,
Lindas trovas que leiais,
De vossa linda figura
Com que tanto me matais;
Mas se pertendeis roubar-me
Com affagos, com enganos,
E depois desenganar-me,
Pois não he cousa que me arme.
No me toquen vuestras manos.

Se dizeis que quem quer bem
Hade gastar sem ter freio,
Eu, Senhora, bem o creio;
Mas praticai-o com quem
Tiver o seo cofre cheio.
Se me dizeis que se soa
Que quem dá tem mais favor,
Deixai-me antes minha dor,

Pois nada mais me magôa,
Que los consejos d'amor.

Entre as regras dos amores,
Tomai esta singular
Que vos hade aproveitar,
Chamai-nos enganadores
E deixai-vos enganar;
Lograi-vos de vossa idade
No florido desses annos,
Por que de nossos enganos,
Se me crêdes em verdade,
Los que matan, son los sanos.

MOTE

(INEDITO)

Guardai-me esses olhos bellos.

GLOSA

De laços de ouro tão bellos,
Pertende amor fazer molhos,
Por prender quem ousa vê-los,
E pois elle quer cabellos,
Para mim só quero os olhos;
Pois elle he vosso captivo,
Por alcança-los e te-los,
Guardai para elle os cabellos,
Para mim que de olhos vivo,
Guardai-me esses olhos bellos.

OUTRA

Dois extremos tendes mana,
Em vosso gesto divino,

Qualquer delles peregrino,
Olhos de luz soberana,
Cabellos d'ouro mais fino.
Quem cabellos para si
Pertender, deixai-lhe ave-los;
Mas se eu não quero cabellos.
E olhos quero para mim,
Guardai-me esses olhos bellos.

MOTE

(INEDITO)

S'espero, sei que m'engano,
Mas não sei desesperar.

GLOSA

O meu pensamento altivo
Me tem posto em tal extremo,
Que quando esperando vivo,
O bem esperado temo,
Muito mais que o mal esquivo.
Que para crescer meu dano
No gosto da confiança,
Ordena o amor tirano
Que na mais firme esperança,
Se espero, sei que m'engano.

Deste novo sentimento,
Chega a tanto a nova dor,
Que se enlea o pensamento;
Ver que no mór bem de amor
Se descobre o mór tormento;
Folgára de m'enganar,
Mas não he cousa possivel,

Pois para sempre penar,
Sei que espero o impossivel,
Mas não sei desesperar.

A HUMA SENHORA REZANDO

MOTE

(INEDITO)

Peço-vos que me digais
Se as orações que rezastes,
Se forão por quem matastes,
Se por vós, que assi matais.

GLOSA

Com o espirito puro e vivo,
A vista toda turbada,
Nos ceos vos vi enlevada
Com gesto contemplativo
No amor divino inflammada.
E por quanto, extremos tais,
Me causarão grande espanto,
Seria ora com zelo santo,
Peço-vos que me digais?

Porque pondo-me a notar
Os effeitos da visão,
Medindo-os com a razão,
Hei vindo, em fim, a assentar
Que estaveis em oração;
Mas como de tantas vidas.
E corações que roubastes,
Vossas mãos são comprehendidas,
Mal podem ser recebidas
As orações que rezastes.

Que posto que Deos aceita
Hum coração humilhado;
A contricção do peccado
Ha de ser dor tão perfeita,
Que lhe peze do passado;
Porém se no que mostrastes,
De tanto mal vos doestes,
Póde ser que empregastes
Bem as preces que dissestes,
Se forão por quem matastes.

E para ser mais aceito
O preço da salvação,
He de divino direito
Que façais satisfação
Dos danos que tendes feito.
Por tanto restitui
A vida que me tirais,
E então não duvideis mais,
Se rezastes só por mim,
Se por vós que assim matais.

MOTE

(INEDITO)

Ora cuidar me assegura,
Ora me matão cuidados.

GLOSA

Foi ser a vontade minha
De todos tão desviada,
Que me não affirmo em nada,
Pois tenho o mal que tinha,
O bem que tinha m'enfada.

Isto he força da ventura,
Se não m'engana o que cuido,
Que taes extremos mistura,
Que ora o meu proprio descuido,
Ora cuidar me assegura.

Diversas cousas me pede
O meu desejo inquieto,
Humas nego, outras prometto;
Mas comtudo me succede
Perder-me no que cometo.
Como será dos meus fados
A tenção favorecida,
Se para males dobrados
Dão-me ora cuidados vida,
Ora me matão cuidados.

MOTE

(INEDITO)

Ó meos altos pensamentos,
Quão altos que vos pozestes,
E quão grande quéda déstes!

VOLTA

Como de mim vos não vinha
Serdes firme n'hum estado,
Pois o viver enganado,
Era o maior bem que tinha,
Castello d'esta alma minha,
Quão alto que vos pozestes,
E quão grande quéda déstes.

Sabia que creis de vento,
Como quem vos vio fazer;

Ind'assim vos queria ter,
Como ereis sem fundamento:
Quem vos desfez n'hum momento?
Ai quão alto vos pozestes,
E quão grande quéda déstes!

MOTE

(INEDITO)

Esperanças mal tomadas,
Agora vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

VOLTA

Fostes tomadas em vão
De mim sem fundamento,
E vós ereis todas de vento,
E eu delle vivia então;
Se vos tomei sem razão,
Com ella vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

Assim vos queria ter
Sem razão e mal tomadas,
Sabendo, quando deixadas,
Quanto havieis de doer;
Mas nem isto póde ser,
Que por meu mal vos tomei
E por vós me deixarei.

Quereis que faça mudança!
De vós outro bem não entendo,
Isto só se ganha em vos vendo,
Isto só de vós se alcança;

Mas esta van esperança.
Senhora, se eu a tomei
Por vós, como a deixarei?

MOTE

(INEDITO)

Como quer que tendes vida,
A minha alma tão de vosso,
Não digais, mana, não posso.

VOLTA

Para haver-vos de entregar-me,
Bastava sómente huma hora,
E sobrava esta d'agora
Para poder descançar-me.
Se a vida póde faltar-me,
Inda que eu não de ser vosso,
Não digais, mana, não posso.

MOTE

(INEDITO)

Em tudo vejo mudanças,
Senão onde as ver quisera,
Passa a vida em esperanças,
Nunca chega a que se espera.

VOLTA

E posto que chegue o bem,
O que duvido de ser,
Que gosto se póde ter
No que firmeza não tem?

Vida cheia de mudanças
Tudo em ti cança e altera,
Porque dás mil esperanças,
E não dás o que s'espera.

O mal he que te conheço
Ja por falsa e sem firmeza,
E com ter esta certeza
Inda te não aborreço.
De tuas vãas esperanças
Ver-me ja livre quisera,
Por me rir das mudanças
Do que espera e desespera.

MOTE

(INEDITO)

Ay de mim, mas de vós ay,
Que eu morrendo,
Bem intendo
Que a vós nisso mais vai.

VOLTA

A vida, por vós perdida,
Bem me póde ser gloriosa,
Mal póde ser não penosa,
A vós perdida esta vida.
Se me matais attentai,
Que morrendo
Bem intendo
Que a vós mais nisso vai.

Com vossos olhos serenos
Não divisais

Querer vos sirva de mais,
Ter huma vida de menos.
Matai meus olhos, matai,
Que eu morrendo
Bem entendo
Que a vós mais nisso vos vai.

MOTE

(INEDITO)

Lume desta vida
Veja-me esse lume
Ia que se presume
Sem o ver perdida.

VOLTA

Concedei luz tal
A quem vós cegastes,
Toda me tirastes
E essa só me val:
Razão he querida
Ia vir do alto cume
Norte de tal lume
A alma tão perdida.

Desatando hide
Esta treva escura
Aurora onde pura
Toda luz reside:
Ay que atada a vida
Ia com esse lume
Deixa o seu queixume
Estima-se por perdida.

MOTE

(INEDITO)

Que vistes meus olhos?
Meus olhos que vistes,
Que vos vejo tristes?

VOLTA

Vejo-vos chorosos,
De amor agravados,
Tanto namorados
Quanto mais queixosos;
Ora meus mimosos
Dizei-me, que vistes,
Que vos vejo tristes?

Dizei-me, meos olhos,
Quem vos agravou,
Quem vos trespassou
Com duros abrolhos?
Por certo que em molhos
Nunca vi, se ahi vistes,
Lagrimas tão tristes.

Se chorais de amor
Suas esperanças,
Ditosas lembranças,
Mais ditosa dor;
Mas se he desfavor,
Dizei-me, que vistes,
E não sereis tristes.

Porém se de enganos
Viveis enganados,

Não queirais cuidados
De que vem taes danos,
Deixai passar annos
Com o bem que vistes,
E não sereis tristes.

MOTE

(INEDITO)

Ay de mim.
Que muero despoes que os vi,
Ay de vós,
Que cuenta dareis a Dios.

VOLTA

En dos maneras se muestra
La piena que por vos siento,
Es la una, mi tormento,
La otra, la culpa vuestra,
Que se vi,
En perderme no perdi;
Pero vos,
Que cuenta dareis a Dios?

Porque se vuestra codicia
En mi dano es de tal arte,
Aun que perdone la parte,
Queda el caso a la justicia.
Yo de aqui
Tomaré la culpa en mi;
Pero Dios,
Tomara la pena en vos.

MOTE

(INEDITO)

Lagrimas dirão por mim,
Senhora, nesta despedida,
Em que termos vai a vida.

VOLTA

A tanto chega esta dor,
Que desconfio da lingoa,
Quem póde supprir tal mingoa,
Se não lagrimas de Amor;
Ellas vos dirão melhor,
Senhora, nesta partida
Que vai a vida sem vida.

A força da saudade,
Quando a lingoa desvaria,
A quem em lagrimas fia
As que lhe pede a vontade,
Que chore nesta partida,
Irão dando fim á vida.

Não tem que ver a tenção
Com palavras amorosas,
As lagrimas saudosas,
Lingoas dos amores são;
Ellas por mim fallarão
Quando a pena da partida
Me tirar a falla e a vida.

Palavras podem mentir,
Mostrar dor grande ou pequena,
Mas lagrimas que dão pena,

Ninguem as sabe fingir:
Pelo que, quando partir,
Qual for a dor da partida,
Tal será nellas sentida.

MOTE

(INEDITO)

Prazeres, que me quereis?
Se vêdes que vos não quero;
Ja nenhum de vós espero,
Nenhum de mi espereis.

VOLTA

Vindes para vos tornar,
Sois leves de natureza,
Melhor he minha tristeza
Que me não sabe deixar.
Disto não vos espanteis,
Que pois me quer, eu a quero;
Não me engana no que espero,
Como vós sempre fazeis.

Lembre-vos quanto enleastes
Quando fugir vós quizestes,
O muito que promettestes,
O pouco que me deixastes.
O que agora promettestes
He tambem engano mero,
O que podeis, não o quero,
O que quero, não podeis.

De vossos contentamentos
Tenho ja experiencia,

Que de bens tem apparencia;
E na verdade são ventos.
Tempo he que me deixeis,
Ja que nada de vós quero,
Não tenhais isto por fero,
Buscai outrem que enganeis.

MOTE

(INEDITO)

Por huns olhos que fugirão,
O lume dos meus perdi;
Porque nem elles me virão,
Nem eu tambem mais os vi.

VOLTA

Não lhes pude defender
Que taes olhos não seguissem,
Rirão-se muito de ver
Outros olhos que tal vissem.
Eu não sei o que sentirão,
Mas sei que tal dor senti,
Quando vi que não virão
Que nunca mais prazer vi.

Com sua luz me cegárão,
Como o sol tem por costume,
Fiquei com olhos sem lume,
Para chorar me ficárão.
Assi, desde que não vírão
Aquelles que acaso vi,
Sempre disso me servi,
Nunca mais com elles vi.

MOTE

(INEDITO)

No monte de amor andei,
Por ter de monteiro fama,
Sem tomar gamo nem gama.

VOLTA

Achei-me tão elevado
Neste monte a montear,
Que donde cúidei caçar
Eu mesmo fiquei caçado.
Caçador desesperado,
Sahi de huma e outra rama
Sem tomar gamo nem gama.

Levava por meus monteiros,
Nesta caça de tormentos,
Os meus ais, que como vento
Hião diante ligeiros.
Huns tão tristes companheiros
Levei, como quem ama,
Por descobrir esta gama.

A roupa de montear
Que neste dia levava,
Era o mal que me pesava,
A corneta o suspirar.
Ja não podia cessar
Como touro quando brama,
Só por buscar esta gama.

Os cães erão meus tormentos,
Cheios de muita agonia,
O furão, minha porfia,

As redes, meus pensamentos.
Nem me valeo tomar ventos,
Nem penetrar pela rama
Para descobrir tal gama.

MOTE

(INEDITO)

Tal estoi despues que os vi,
Que de mi propio cuidado
Estoi tan enamorado
Como Narciso de si.

VOLTAS

Una sola deferençia
Hallo neste amor altivo,
Que el murio con preferencia,
Mas yo con la vuestra vivo.
En el punto que yo os vi
Se realço mi cuidado,
De modo que enamorado
Por vos me quedê de mi.

Nacieron de un amor dos,
Cupido fue el tercero
Que haze que bien me quiero
Solo por que os quero a vos.
Los extremos que en vos vi,
Me han traido a tal estado
Que me vêo enamorado
De amor de vos e de mi.

MOTE

(INEDITO)

De vós quérerdes meu mal
Me vem pode-lo soffrer.

GLOSA

De tantas penas cercado,
Goso de hum bem que ja tive,
Que o que me he menos pesado
He ponderar que ainda vive
Hum amor tão mal pagado.
A causa deste tormento,
Sem vós, me fôra mortal;
Daqui vem que em dano tal
Só tenho o contentamento
De vós quererdes meu mal.

De vós quererdes meu mal
Vem o querer esta vida,
Porque a dor de tal ferida,
Posto que em si he mortal,
Fica assim menos sentida.
Eu tenho a dor desta pena,
Que me vós fazeis querer,
E posto que me condena
De ver que se me ordena,
Me vem pode-la soffrer.

MOTE

(INEDITO)

No meu peito o meu desejo
Da razão se fez tirano,
Vejo nelle certo dano,
Incerto remedio vejo.

VOLTA

Para de todo defender-me,
Este mal por passar tinha,

Ir eu contra a razão minha
Que morre por defender-me.
Da parte de meu desejo
Me passo para meo dano,
Vejo que nisto me engano,
Mas nenhum remedio vejo.

MOTE

(INEDITO)

Nasce estrella d'alva,
A manhãa se vem,
Despertai, minha alma,
Não durmais meu bem.

VOLTAS

Meu filho e meu Deus,
Rei e peregrino,
Tão grande nos ceos,
Nà terra menino.
Pois sois pequenino
Não temais a alguem;
Despertai minha alma,
Não durmais meu bem.

Pestanas divinas
E debaxo estrellas,
Não cubrais meninas
Tão lindas, tão bellas;
Abri as janellas,
Porque tal luz dêem;
Despertai minha alma,
Não durmais meu bem.

Vós tendes, Senhor,
O mundo na palma,
Vós sois movedor
Do frio e da calma;
Mas pois vos encalma
O sol que ja vem,
Despertai minha alma,
Não durmais meu bem.

Ovelha que errou,
Buscais bom pastor,
Mas quem vos deixou
Is buscar, Senhor;
Pois de tal amor
Tal caminho vem,
Despertai minha alma,
Não durmais meu bem.

Nas calmas estranhas
De area torrada,
Das minhas entranhas
Vos farei ramada;
Pois por esta estrada
Seguir nos convem,
Despertai minha alma,
Não durmais meu bem.

Ribeiras sombrias
Não ha nesta terra,
Não ha fontes frias
Que baxem da serra;
Pois quem vos desterra
Espera tambem,

Despertai minha alma,
Não durmais meu bem.

CARTA A HUMA SENHORA

(INEDITA)

Amor que vio minha dor
Ser maior que a paciencia,
Prometteu-me, por favor,
Huma carta de adherencia
Para vosso desfavor.

Eu, que ainda não sabia
Quanto tinha de divino,
Julgava por desatino
Que carta de tal valia,
Notasse hum cego menino.

Elle vendo-me ficar
Comigo quasi suspenso,
Por mais me desenganar
Começou-me de notar
Na memoria por extenso.

E diz, por ver se o nego,
Via boa se assim for;
E eu tornei-lhe por louvor:
Os conceitos são de cego,
E as palavras são de amor.

Logo escrever me mandou,
E não sendo a pena boa,
Para as azas se virou
E huma grande arrancou,
Daquellas com que mais vôa.

E diz-me: toma esta pena,
Que por minha a todos ganha,
Que parece cousa estranha
Que baste cousa pequena
A contar cousa tamanha.

E por ser mais igual
A materia ao pensamento,
Tudo he de hum natural;
Molha a pena de teu mal
Na tinta do meu tormento.

O pensamento ligeiro,
Como portador tão fiel,
Sendo em tudo verdadeiro,
Te dê agora o papel,
Te sirva de mensageiro.

E eu, aparelhado assi,
Como amor me aparelhou,
Dés que nada me fallece;
Desta maneira escrevi
O que o mòço cego notou:

Senhora, que não quereis,
Depois que tudo quizestes,
E a morte me trazeis,
Negando-me o que podeis,
Sabendo quanto podestes.

Esperai, estai attento,
Que para contar minha dor
Me dá a tinta o tormento,

A pena me dá o amor,
O papel o pensamento.

Democrito tirai
A vista tanto estimada,
Que sem ella procurai
Furtar o corpo á sillada,
Que do desejo esperai.

Se primeiro que vos víra,
Minha dor adivinhára,
Meos, certo, olhos tirára
Que inda que pena sentíra,
Menos pena lhe ficára.

Mas ai, Senhora, que n'isto
Não acerto, nem póde ser,
Porque para meu querer
Antes cego por ter-vos visto,
Que cego por vos não ver.

Quanto mais que os cegos taes,
Se ante vós estivessem,
Como os que vos vêem cegais;
Os cegos vista tivessem
Para nunca verem mais.

Porque, depois que vos vi,
Quando vós ver me quizestes;
Nunca mais me vi a mim,
Nem vi quando me perdestes,
Sentindo que me perdi.

Tanto enlevei o cuidado
Na luz com que me cegastes,
Que de cego e enlevado
Não vi quando me roubastes,
Mas vi que fôra roubado.

O pensamento por quanto
Vos quiz ter por sua estrella,
Como quem mais s'acautela
Se descuidou d'alma tanto,
Por vos dar cuidado della.

Mas a alma que na gloria
Se vio de vossa prisão,
Deu recado ao coração,
Que rendido, ou com victoria,
Se rendesse em vossa mão.

Os olhos que cada dia
Os vossos lhe erão defezos,
Como que mais não queria
Hião sempre ver os presos,
Por ver a quem prendia.

Gosavão da vista pura,
Vião huma alma no ceo;
Ó que ceo! mas pouco dura
A gloria, pois à tolheu,
Ou vós, ou minha ventura.

Ventura, não, que he cousa dura
Negar ella o que podeis;
Vós sim, pois que bem sabeis

Quão pouco póde a ventura
Onde vós tanto podeis.

E se, Senhora, quereis
Ser remedio do que espero,
Sou contente que me deis
Não mais que quanto podeis,
Para ficar com quanto quero.

Se de bem tão sublimado,
Por indigno me tiverdes,
Tende comvosco assentado
Que pois tenho meu cuidado,
Que terei quanto me derdes.

E pois que o pensamento
Foi càpaz de imaginar-vos
Pela gloria do tormento,
Quiz o merecer comprar-vos
Com vosso merecimento.

Assim que de merecer
Não me falta cantidade,
Nem me falta o poder ser;
Mas para tudo poder,
Falta-me vossa vontade.

E pois que podeis pór vós,
O que não posso por mim,
Porque não quereis o fim,
Sem desfazeres em vós,
Vir a fazer tanto em mim.

E pois o tempo vos dá
Licença porque me deis,
Não negueis o que podeis,
Que depois o negará,
E vós m'o concedereis.

E pois tanto bem me destes,
Senhora, não m'o tireis;
Porque mais pena tereis
Em saber que ja podestes,
Que ver que ja não podeis.

Em fim porque nunca seja
Chegado a tão dura sorte,
Ou consenti que vos veja,
Ou não me negueis a morte,
Que a vida sem vós deseja.

OUTRA

(INEDITA)

Carta minha tão ditosa,
Pois que chegarás a ver
O que eu não; dou-te a entender
De minha vida penosa,
O que lhe pódes dizer.

Quero que vás instruida
Para poder fallar lá:
Pede bem, dar-me-has vida,
Que em seres bem respondida
Todo o meu remedio está.

Humildade e reverencia,
Convem nesta parte teres,

Basta-te humilde a mim veres,
Para tu, que és dependencia
Minha, humilde tambem seres.

Ja que me vás remediar,
Se necessario me for,
Chora lá por alcançar,
Fica á conta do chorar,
E em conto de minha dor.

Senhora, dirás chorando,
Sou cá mandado de quem
Não quer mais que só o bem
D'estar sempre contemplando
No que de vós junto tem.

Não fôra nunca atrevido
A cometter tal empreza,
Dizendo, della esquecido:
Baste-me a mim ser perdido
Por uma tão grande belleza.

Mas amor que vio estar
Tão engolfado na pena,
Disse: assi has de penar
Sem quereres applicar
Sequer remedio de pena.

Põe-te logo a escrever
Para aquella que te cança,
Sem te faltar que dizer,
Eu prometto de te ser
Em tudo inteira lembrança.

Pois elle vendo de amor
Hum tão grande offerecimento,
Faz de mim embaixador
Com a pena de sua dor
Escrevendo seu tormento.

Dizendo: Senhora minha,
Lá onde quer que ora estais
Como podeis ser mezinha
Desta vida tão mesquinha,
Com hum só sim que digais.

Hum sim digo de contente,
Que por vós feneça amando,
De modo que saiba a gente
Que me dais vida penando
N'hum vagaroso accidente.

Quem souber que por vós mouro,
Que melhor sorte quero eu?
Quem teve mór bem por seu,
Que quero eu mór thesouro,
Que morrer pelo bem meu.

Macias, o namorado,
Teve que era gloria
Na morte ter estampado
Até ser alanceado,
O nome de sua senhora.

Só quero que de em diante
Se saiba que sois servida,
De quem por vós perca a vida,

Que não houve nunca amante
Que a dê por melhor perdida.

Que he tão grande o bem de amar-vos,
Supposto que muito peno,
Que inda cuido que he pagar-vos
Pouco, e que sacrificar-vos
A vida, he premio pequeno.

Assi que para esperar,
Senhora, de vós favor,
Não me acho merecedor;
Que em fim se vem a pagar
Meu amor c'o mesmo amor.

Hum só que de vós proceda
Mereço, pois me perdi,
E he que nunca succeda,
Qu'algum outro se conceda
O que se nega a mim.

OUTRA

(INEDITA)

Pois que, Senhora, folgais
Que minha alma vos não veja;
Peço-vos que me digais
A razão que vós achais
Em não querer que vosso seja.

Bem que a razão vejo clara,
Que alguem vos enganou,
Porque eu certo julgava
Que o fio não quebrára
Pelo logar que cobrou.

Mas pois foi a vosso grado,
E disso tomais prazer,
Eu estou aparelhado
A cumprir vosso mandado
Ja mais núnca vos ver.

E por ser obediente,
Com o que tenho me componho,
Digo que sou mui contente;
. . . .
Seja passada por sonho.

E se, Senhora, cuidais
Que disto paixão me vem,
Certo que vos enganais
N'isso ganho eu mais
Dez mil vezes que ninguem.

INTENDIMENTO A ESTE VERSO

(INEDITO)

Olvidé y avorescy.

Ha se de entender assi
Que desque os di mi cuidado
A quantas uve mirado
Olvidé y avorescy.

A HUMAS SENHORAS

QUE JOGANDO PERTO DE HUMA JANELLA LHES CAHIRÃO TRES PÁOS
E DERÃO NA CABEÇA DE CAMÕES

Para evitar dias máos
Da vida triste que passo,
Mandem-me dar um baraço,
Que ja cá tenho tres páos.

COMEDIAS

EL-REI SELEUCO

INTERLOCUTORES

DO PROLOGO

O MORDOMO, ou DONO DA CASA — MARTIM CHINCHORRO — AMBROSIO, Escudeiro LANÇAROTE, Moço.

DA COMEDIA

EL-REI SELEUCO — A RAINHA ESTRATONICA — O PRINCIPE ANTIOCHO — LEOCADIO, Pagem do Principe Antiocho — FROLALTA, Creada da Rainha Estratonica — HUM PORTEIRO DA CANA — HUMA MOÇA DA CAMARA — HUM PHYSICO ou MEDICO — SANCHO, Moço do Physico — ALEXANDRE DA FONSECA, hum dos Musicos.

PROLOGO

(Diz logo o MORDOMO, *ou Dono da casa:)*

Eis, Senhores, o Autor, por me honrar nesta festival noite, me quiz representar huma Farça; e diz, que por não se encontrar com outras ja feitas, buscou huns novos fundamentos para a quem tiver hum juizo assi arrazoado satisfazer. E diz que quem se della não contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se vá aos soalheiros dos Escudeiros da Castanheira, ou de Alhos Vedros e Barreiro, ou converse na rua Nova em casa do Boticario; e não lhe faltará que conte. Porém diz o Autor que usou nesta obra da maneira de Isopete. Ora quanto á obra, se não parecer bem a todos, o Autor diz que entende della menos que todos os que lha puderem emendar. Todavia, isto he para praguentos: aos quaes diz que responde com hum dito de hum Philosopho, que diz: *Vós outros estudastes para prague-*

jar, e'eu para desprezar praguentos. Eu com tudo quero saber da Farça, em que ponto vai. Lançarote?

MOÇO

Senhor.

MORDOMO

São ja chegadas as figuras?

MOÇO

Chegadas são ellas quasi ao fim de sua vida.

MORDOMO

Como assi?

MOÇO

Porque foi a gente tanta, que não ficou capa com friza, nem talão de çapato, que não sahisse fóra do couce. Ora vierão huns embuçadetes, e quizerão entrar por força; ei-lo arrancamento na mão: derão huma pedrada na cabeça ao Anjo, e rasgárão huma meia calça ao Ermitão; e agora diz o Anjo que não ha de entrar, até lhe não darem huma cabeça nova, nem o Ermitão até lhe não porem huma estopada na calça. Este pantufo se perdeo alli; mande-o v. m. Domingo apregoar nos pulpitos; que não quero nada do alheio.

MORDOMO

Se elle fôra outra peça de mais valia, tu botáras a consciencia pela porta fóra, para o metteres em tua casa.

MOÇO

Oh! se o elle fôra, mais consciencia sería torná-lo a seu dono, quem o havia mister para si.

MORDOMO

Ora vem cá: vai daqui a casa de Martim Chinchorro, e di-

ze-lhe que temos cá Auto com grande fogueira; que se venha sua mercê para cá, e que traga comsigo o Senhor Romão d'Alvarenga, para que sôbre o Canto-chão botemos nosso contra-ponto de zombaria. Ouves, Lançarote? ir-lhe-has abrir a porta do quintal, porque mudemos o vinte aos que cuidão de entrar por força.

(Indo-se o Moço diz:)

Chichelo de Judeo, assi como foste pantufo, que te custava ser huma bolsa com hum par de reales, que são bons para Escudeiro hypocrita; que são pouco, e valem muito?

MORDOMO

Moço, que estás fazendo que não vás?

MOÇO

Senhor, estou tardando, e porém estou cuidando que se agora fôra aquelle tempo, em que corrião as moedas dos sambarcos, sempre deste tiraria para humas palmilhas. Mas ja que assi he, diga-me v. m. que farei deste?

MORDOMO

Oh fideputa bargante! esperae, que est'outro vo-lo dirá.

(Faz que lhe atira com outro pantufo; vai-se o Moço, e diz o MORDOMO:*)*

Não ha mais máo conselho, que ter hum villão destes mimoso, porque logo passão o pé além da mão, e zombão assi da gravidade de seu amo. Mas tornando ao que importa; vossas mercês he necessario que se cheguem huns para os outros, para darem lugar aos outros senhores que hão de vir; que de outra maneira, se todo o corro se ha de gastar em palanques, será bom mandar fazer outro alvalade; e mais, que me hão de fazer mercê, que se hão de desembuçar, porque eu não sei quem me quer bem, nem quem me quer mal: este só desgosto têe hum

Auto, que he como officio de Alcaide; ou haveis deixar entrar a todos, ou vos hão de ter por villão ruim.

(Entra MARTIM CHINCHORRO, *fallando com o Escudeiro* AMBROSIO, *e diz:)*

MARTIM

Entre v. m.

AMBROSIO

Dias ha, Senhor, que ando de quebras com cortezias; e por-isso vou diante. Beijo as mãos a v. m. A verdade he esta, passear em casa juncada, fogueira com castanhas, mesa posta com alcatifa e cartas; além disto Auto para esgravatar os dentes: esta he a vida, de que se ha de fazer consciencia.

MORDOMO

Senhor, o descanso dizem lá, que se ha de ter em quanto homem poder, porque os trabalhos, sem os chamarem, de seu se vem por seu pé, que seu nome he.

MARTIM

Ora pois, Senhor, o Auto que tal dizem que he? Porque hum Auto enfadonho traz mais somno comsigo que huma prégação comprida.

MORDOMO

Senhor, por bom mo vendêrão, e eu o tomei á cala de sua boa fama. E se tal he, eu acho que, por outra parte, não ha tal vida, como ouvir hum villão, que arranca a falla da garganta, mais sem sabor que huma pera-pão, e huma donzella, que vem podre de amor, fallando como Apostolo, mais piedosa que huma lamentação.

MARTIM

Para estes taes he grande peça rapaz travesso com mólho de junco, porque não andem mais ao coscorrão, mais roucos que huma cigarra, trazendo de si enfadamento.

MOÇO

Ó lá Senhoras; pedem as figuras alfinetes para toucarem um Escudeiro. Ora sus, ha hi quem dê mais? que ainda vos veja todas a mim ás rebatinhas: ora sus, venhão de mano em mano, ou de mana em mana.

MORDOMO

Moço, falla bem ensinado.

MOÇO

Senhor, não faz ao caso; que os erros por amores tẽe privilegio de moedeiro.

AMBROSIO

Ó rapaz, não me entendes? Pergunto-te se tardarão muito por entrar.

MOÇO

Parece-me, Senhor, que antes que amanheça começarão.

AMBROSIO

Oh que salgado moço! Zombas de mi? Vem cá. Donde és natural?

MOÇO

Donde quer que me acho.

AMBROSIO

Pergunto-te onde nasceste.

MOÇO

Nas mãos das parteiras.

AMBROSIO

Em que terra?

MOÇO

Toda a terra he huma; e mais eu nasci em casa assobradada, varrida daquella hora, que não havia palmo de terra nella.

MARTIM

Bem varrido de vergonha que me tu pareces. Dize: Cujo filho és? He para ver com que disparate respondes.

MOÇO

A fallar verdade, parece-me a mi, que eu sou filho de hum meu tio.

MARTIM

Vem cá. De teu tio! E isso como?

MOÇO

Como? Isto, Senhor, he adivinhação, que vossas mercês não entendem. Meu pae era Clerigo, e os Clerigos sempre chamão aos filhos sobrinhos; e daqui me ficou a mi ser filho de meu tio.

MARTIM

Ora te digo que és gracioso. Senhor, donde houvestes este?

MORDOMO

Aqui me veio ás mãos sem piós nem nada; e eu por gracioso o tomei; e mais tẽe outra cousa, que huma trova fa-la tão bem como vós, ou como eu, ou como o Chiado.

AMBROSIO

Não! quanté disso nós havemos-lhe de ver fazer alguma cousa, em quanto se vestem as figuras. Aindaque, para que he mais Auto, que vermos a este?

MORDOMO

Vem cá, moço: dize aquella trova que fizeste á moça Briolanja, por amor de mi!

MOÇO

Senhor, si, direi; mas aquella trova não he senão para quem a entender.

MARTIM

Como! tão escura he ella?

MOÇO

Senhor, assi a fiz e a escrevi na memoria, porque eu não sei escrever senão com carvão; e porém diz assi:

Por amor de vós, Briolanja,
Ando eu morto,
Pezar de meu avô torto.

MARTIM

Oh como he galante! Que descuido tão gracioso! Mas vem cá: que culpa te tee teu avô nos desfavores que te tua dama dá?

MOÇO

Pois, Senhor, se eu houve de pezar de alguem, não pezarei eu antes dos meus parentes, que dos alheios?

MORDOMO

Pois oução vossas mercês a volta; que he mais cheia de gavetas, que a trombeta de Serenissimo de la Valla.

MOÇO

A volta, Senhores, he muito funda; e parece-me, Senhores, que nem de mergulho a entenderão. E por isso mandem assoar os engenhos, e metão mais huma sardinha no entendimento; e póde ser que com esta servilha lhe calçará melhor: e todavia palra assi:

Vossos olhos tão daninhos
Me tratárão de feição,
Que não ha em meu coração
Em que atem dous réis de cominhos.

Meu bem anda sem focinhos
Por vós morto,
Pezar de meu avô torto.

MARTIM

Ora bem: que tẽe de ver os cominhos com o teu coração?

MOÇO

Pois, Senhores, coração, bofes, baço e toda a outra mais cabedella, não se podem comer senão com cominhos: e mais, Senhores, minha dama era tendeira; e este he o verdadeiro entendimento.

MARTIM

E aquella regra que diz: *Meu bem anda sem focinhos*, me dá tu a entender; que ella não dá nada de si.

MOÇO

Nunca vossas mercês ouvírão dizer: *Meu bem e meu mal lutárão hum dia; meu bem era tal, que meu mal o vencia?* Pois desta luta foi tamanha a quéda que meu bem deu entre humas pedras, que quebrou os focinhos; e por ficarem tão esfarrapados, que lhe não podião botar pedaço; por conselho dos Physicos lhos cortárão por lhe nelles não saltarem erpes; e daqui ficou: *Meu bem anda sem focinhos*, como diz o texto.

AMBROSIO

Tu fazes ja melhores argumentos, que moços de estudo por dia de S. Nicoláo.

MARTIM

Senhor, aquillo tudo he bom engenho: este moço he natural para Logico.

MOÇO

Que, Senhor? Natural para loja! Si, mas não tão fria como vossas mercês.

MORDOMO

Parece-me, Senhor, que entra a primeira figura. Moço, mete-te aqui por baixo desta mesa, e ouçamos este Representador, que vem mais amarrotado dos encontros, que hum capuz rôxo de piloto que sahe em terra, e o tira da arca de cedro.

MARTIM

Senhor, elle parece que aprende a cirurgião.

AMBROSIO

Mais parece ourinol capado, que anda de amores com a menina dos olhos verdes.

MORDOMO

Emfim, parece figura de Auto em verdade.

(Entra o Representador.)

He lei de direito, assaz verdadeira,
Julgar por si mesmos aquillo que vem;
Peloque, se cuidão que zombo de alguem,
Eu cuido que zombão da mesma maneira.

E assi a qualquer parece que está mais dobrado, sem nenhum conhecer seu proprio engano, pór grande que seja. Ora, Senhores, a mim me esquece o dito todo de ponto em claro; mas não sou de culpar, porque não ha mais que tres dias que m'o derão. Mas em breves palavras direi a vossas mercês a summa da obra: ella he toda de rir, do cabo até á ponta. Entrarão logo primeiramente quinze donzellas que vão fugidas de casa de seus paes, e vão com cabazes apanhar azeitona; e traz ellas vem logo oito mundanos, metidos em hum covão, cantando: *Quem os amores têe em Cintra;* e despois de cantarem farão huma dança de espadas; cousa muito para ver: entra mais El-Rei Dom Sancho bailando os machatins, e entra logo Catharina Real com

huns poucos de parvos n'huma joeira; e semeá-los-ha pela casa, de que nascerá muito mantimento ao riso. E nisto fenecerá o Auto, com musica de chocalho e buzinas, que Cupido vem dar a huma alfeloeira a quem quer bem; e ir-se-hão vossas mercês cada hum para suas pousadas, ou consoarão cá comnosco disso que ahi houver. Ora pois ficareis *in vanum laboraverunt*, porque atégora zombei de vós, por me forrar do erro da representação, como quem diz: *digo-lo, antes que m'o digas.*

AMBROSIO

Ora vos digo, Senhores, que se as figuras são todas taes, que acertarião em errar os ditos; aindaque me parece que este o não fez, senão a ser mais galante. Mas se assi he, ella he a melhor invenção que eu vi; porque jagora representações, todas he darem por praguentos; e são tão certas, que he melhor errá-las, que acertá-las.

MORDOMO

Parece-me que entrão as figuras do siso: vejamos se são tão galantes na prática, como nos vestidos.

(Entra EL-REI SELEUCO, *com a* RAINHA ESTRATONICA.)

REI

Senhora, desque a ventura
Me quiz dar-vos por mulher,
Me sinto emmeninecer;
Porqu'em vossa formosura
Perde a velhice seu ser.
Hum homem velho, cansado,
Não tẽe força, nem vigor,
Para em si sentir amor:
Se não he qu'estou mudado
Com ser vosso n'outra côr.
Muito grande dita tem
A mulher que he formosa.

RAINHA

Senhor, grande: mas porém
Se a tal he virtuosa,
Quer-lhe a ventura mór bem.

REI

Si, mas porém nunca vemos
A natureza esmerar
Adonde haja que taxar;
Que quando ella faz extremos,
Em tudo quer-se extremar.
Eu fallo como quem sente
Em vós esta calidade,
Pelo que vejo presente;
E se me esta mostra mente,
Mente-me a mesma verdade.
Huma só tristeza tenho
Que não tẽe a meninice,
Que no mór contentamento
O trabalho da velhice
Me embaraça o sentimento.

RAINHA

Senhor, novidades tais
Far-me-hão crer de verdade...

REI

Novidades lhe chamais!
Folgo, Senhora, que achais
Na velhice novidades.

RAINHA

Senhor, dias ha que sento

Em o Principe Antiocho
Certo descontentamento:
Dera alguma cousa a troco
Por saber seu sentimento.
Vejo-lhe amarello o rosto,
Ou de triste, ou de doente;
Ou elle anda mal disposto,
Ou lá tẽe certo desgosto
Que o não deixa ser contente.
Mande, Senhor, vossa Alteza
A chama-lo por alguem,
Saberemos que mal tem,
Se he doença de tristeza,
De que nasce, ou de que vem.

REI

Certó qu'eu me maravilho
Do que vos ouço dizer.
Que mal póde nelle haver?
Ide dizer a meu filho
Que me venha logo ver.

RAINHA

Se curar não se procura
Huma cousa destas tais,
Vem despois a crescer mais.
Quando ja não se acha cura,
Toda a cura he por demais.

(Entra o PRINCIPE ANTIOCHO, *com seu Pagem por nome* LEOCADIO.*)*

PRINCIPE

Leocadio, se és avisado,
E não te falta saber,

Saber-me-has dar a entendér,
Quem ama desesperado,
Que fim espera de haver?

PAGEM

Senhor, não.
Mas porém porque razão
Lhe avem sabê-lo, ou de que?

PRINCIPE

Pergunto-te a conclusão;
Não me perguntes porque.
Porque he minha pena tal,
E de tão estranho ser,
Què me hei de deixar morrer;
E por não cuidar no mal
O não ouso de dizer.
Que maneira de tormento
Tão estranho e evidente,
Que nem cuidar se consente!
Porque o mesmo pensamento
Ha medo do mal que sente.

PAGEM

Não entendo a Vossa Alteza.

PRINCIPE

Assi importa á minha dor.

PAGEM

E porque razão, Senhor?

PRINCIPE

Para que seja a tristeza

Castigo do meu temor.
Porque ordena
O Amor, que me condena,
Que se haja de sentir,
E sem dizer nem ouvir.
Bem-aventurada a pena
Que se póde descobrir!
Oh caso grande e medonho!
Oh duro tormento fero!
Verdade he isto, qu'eu quero?
Não he verdade, mas sonho
De que acordar não espero.
Quero-me chegar a El-Rei
Meu pae, que ja m'está vendo.
Mas onde vou? Não m'entendo.
Com que olhos eu olharei
Hum pae, a quem tanto offendo?
Que novo modo de antolhos!
Porque neste atrevimento
Devêra meu sentimento
Para elle não ter olhos,
Nem para ella pensamento.

(Chega aonde está El-Rei.)

REI

Filho, como andais assi?
Que tanto desgosto tomo
De vos ver como vos vi!

PRINCIPE

Não sei eu tanto de mi,
Que possa saber o como,
Dias ha ja, Senhor, que ando

Mal disposto, sem saber
Este mal que possa ser;
Que se nelle estou cuidando
Quasi me vejo morrer.

REI

Pois, filho, será razão
Que meus Physicos vos vejão.

PRINCIPE

Os Physicos, Senhor, não;
Que os males qu'em mi estão,
São curas que me sobejão.

RAINHA

Deite-se; que na verdade
Hum corpo, deitado e manso,
Descansa á sua vontade.

PRINCIPE

Senhora, esta enfermidade
Não se cura com descanso.

RAINHA

Todavia, bom será
Que lhe fação huma cama.

PRINCIPE

(Hum coxim abastará,
Que assi não descansará
O repouso de quem ama.)

REI

Vamos, filho, para dentro,

Em quanto a cama se faz:
Repousae como capaz;
Que a mi me dá cá no centro
A pena que assi vos traz.

(Vão-se, e vem huma moça a fazer a cama e diz:)

MOÇA

Mimos de grandes Senhores,
E suas extremidades,
Me hão de matar de amores,
Porque de meros dulçores
Adoecem.
Então logo lhes parecem
Aos outros, que são mamados;
E os que são mais privados,
Sobre elles estremecem.
Certo (e assi Deos me ajude!)
Que são muito graciosos,
Porque de meros viçosos,
Não podem com a saude.
Mas deixallos,
Porque elles darão nos vallos,
Donde mais não se erguerão,
Inda que lhe dem a mão
Os seus privados vassallos.

(Entra hum Porteiro da Cana, e bate primeiro e diz:)

PORTEIRO

Traz, traz.

MOÇA

Jesu! Quem 'stá ahi?

PORTEIRO

Ja vós, mana, ereis mamada:

Para vos levar furtada
Nunca tal ensejo vi.
E vós estais descuidada!

MOÇA

E meus descuidos que fazem?

PORTEIRO

Vossos descuidos? cadella!
Ah minh'alma! Sois tão bella,
Qu'esses descuidos me trazem
Dous mil cuidados á vela.
Pois sou vosso ha tantos annos,
Mana, tirae os antolhos,
E vereis meus tristes dannos.

MOÇA

Não tenhais esses enganos.

PORTEIRO

Nem vós tenhais esses olhos;
Que de vossos olhos vem
Esta minha pena fera.

MOÇA

De meus olhos? Assim era.

PORTEIRO

Moça, que taes olhos tem,
Nenhuns olhos ver devêra.

MOÇA

E porque?

PORTEIRO

Porque cegais
A quantos olhos olhais,
Postoque por vós padecem.
Olhos, que tão bem parecem,
Porque não os castigais?

MOÇA

Deos dê siso, pois de vós
Tirou o que aos outros deu.

PORTEIRO

Desatae-me lá esses nós.
Que mais siso quero eu,
Que não ter siso por vós?

MOÇA

Fallais d'arte; eu vos prometo
Que a resposta vem á vela.
Isso he ôlho de panella,
Quanto ha ja que sois discreto?

PORTEIRO

Quanto ha ja que vós sois bella?

MOÇA

Dais-me logo a entender
Que eu sou feia, a meu ver.

PORTEIRO

E isso porque o entendeis?

MOÇA

Porque? Porque me dizeis

Que só de meu parecer
Vos procede o que sabeis.

PORTEIRO

He verdade.

MOÇA

Pois bem sento
Que o vosso saber he vento:
Fica a cousa declarada,
Meu parecer não ser nada.

PORTEIRO

Olhae aquelle argumento:
Além de bella, avisada!
Oh nem tanto, nem tão pouco!
Vêde vós o que fallais.

MOÇA

Cego no saber andais.

PORTEIRO

No siso, mas não tão louco
Como vós, mana, cuidais.
Ora dizei, duna má:
Que não amais, quem vos ama?

MOÇA

Ouvistes vós cantar ja,
Velho malo, em minha cama?
Ja m'entendereis.

PORTEIRO

Ha, ha.

Senhora, estaes enganada:
Que com huma capa e espada,
E com este capuz fóra...

MOÇA

Ora bem: tirae-o ora,
E fazei huma levada.

PORTEIRO

Não: se m'eu hoje alvoróço,
Achar-me-heis d'outra feição.

(Aqui tira o capuz.)

PORTEIRO

Tenho má disposição?
Estas obras são de moço,
Se as mostras de velho são.

MOÇA

Tendes mui gentis meneios.

PORTEIRO

Não, Senhora; faço extremos.

MOÇA

Passeae ora, veremos
Se tendes tão bons passeios.

PORTEIRO

Tudo, Senhora, faremos.

MOÇA

Virae ora a essoutra mão.

PORTEIRO

Esta disposição vêde-a;
Que tenho gentil feição.

MOÇA

Tendes vós mui boa redea.
Soffreis ancas?

PORTEIRO

Isso não.

MOÇA

Por certo que tendes graça
Em tudo quanto fizerdes.
Fazei mais o que souberdes.

PORTEIRO

Não sei cousa que não faça,
Senhora, por me quererdes.

MOÇA

Tendes vós muito bom ar.

PORTEIRO

Mais qu'isto faz quem quer bem.

MOÇA

I-vos asinha, que vem
O Principe a se deitar.

PORTEIRO

Nunca huma pessoa tem
Hum'hora para fallar!

(Entra o Principe *com o seu Pagem* Leocadio *e diz:)*

PRINCIPE

Seja a morte apercebida,
Porque ja o Amor ordena
A dar a meu mal sahida;
Porque o fim da minha vida
O seja da minhá pena.
Não tarde, para tomar
Vingança de meu querer,
Pois não se póde dizer
Que não tẽe ja que esperar,
Nem com que satisfazer?
Os Physicos vem e vão,
Sem saberem minhas mágoas,
Nem o pulso me acharão;
E se o querem ver nas ágoas,
As dos olhos lho dirão.
Se com sangrias tambem
Procurão ver-me curado;
O temor de meu cuidado
O mais do sangue me tem
Nas veias todo coalhado.
Quero-me aqui encostar,
Que ja o esprito me cae.
Leocadio, vae-me chamar
Os Musicos de meu Pae;
Folgarei de ouvir cantar.

(Aqui se deita, como que repousa, e falla dizendo assi:)

Senhora, qual desatino
Me trouxe a tanta tristura?
Foi, Senhora, por ventura
A força do meu destino,

Como vossa formosura?
Bem conheço que não posso
Ter tão alto pensamento;
Mas disto só me contento,
Que se paga com ser vosso
O mór mal de meu tormento.

(Entrão os Musicos, e diz Alexandre da Fonseca, *hum delles:)*

ALEXANDRE

Senhor, de que se acha mal
O Principe, ou que mal sente?

PAGEM

Senhor, sei que está doente;
Mas sua doença he tal,
Qu'entender se não consente.
Os Physicos vem e vão,
Huns e outros a meude,
Sem o poderem dar são.
Quanto mais cura lhe dão,
Então têe menos saude.
O Pae anda em sacrificios
Aos deoses, que lhe dem
A saude que convem;
Dizendo que por seus vicios
O mal a seu filho vem.
Eu suspeito qu'isto são
Alguns novos amorinhos,
Que terá no coração.

ALEXANDRE

Amores! com quem serão,
Que lhe não dem de focinhos?

PORTEIRO

Senhores, que lhe parece
Da doença de Antiocho?

ALEXANDRE

Diga-lha quem lha conhece.

PAGEM

Que toma morrer a troco
De callar o que padece.

PORTEIRO

Isso he estar emperrado
Na doença; que he peor.
Têe-no os Physicos curado?

ALEXANDRE

Oh! que de mal del amor
No ha, Señor, sanador.

PORTEIRO

Fallais como exprimentado
Qu'eu cuido que esta fadiga,
Que o faz com que desespere;
Y por mas tormento quiere
Que se sienta, y no se diga.

ALEXANDRE

Pois senhor meu, isso asselle,
Porque a pena, que sabeis,
Que eu cuido que está nelle,
Dar-lhe-ha penas crueis,
Pues no hay quien la consuele.

PORTEIRO

Folgo, porque m'entendeis.

PAGEM

Hemo-nos, Senhores, de ir,
Porque nos está 'sperando.

PORTEIRO

Pois eu tambem hei de ir;
Que não me posso espedir
Donde vejo estar cantando.

PRINCIPE

Cantae, por amor de mi,
Alguma cantiga triste;
Que todo meu mal consiste
Na tristeza em que me vi.

PORTEIRO

Mande-lhe cantar hum chiste.

ALEXANDRE

Chiste não, que he deshonesto,
E não tẽe esses extremos:
Outro canto mais modesto;
Porém não sei que diremos.

PAGEM

Gaoleão o dirá presto.

PORTEIRO

Dá licença V. Alteza
Que diga minha tenção?

PAGEM

Dizei: seja em canto-chão.

PORTEIRO

Pois crede qu'he subtileza,
Qu'os Anjos a comerão.
Digão esta:
Enforquei minha esperança,
E o Amor foi tão madraço,
Que lhe cortou o baraço.

ALEXANDRE

Não me parece essa boa.

PORTEIRO

Haja eu perdão,
Porque não a entenderão.

ALEXANDRE

Entender!

PORTEIRO

Bofé qu'he boa:
Não lhe cahis na feição?

ALEXANDRE

Dizei ora outra melhor,
Com que nos atarraqueis.

PORTEIRO

Ora esperae, e ouvireis:
Se a esta não dais louvor,
Quero que me degolleis.

(Cantiga)

Com vossos olhos Gonçalves.
Senhora, captivo tendes,
Este meu coração Mendes.

ALEXANDRE

Essa parece mui taibo,
Porque mostra bom indicio.

PORTEIRO

Vós cuidareis qu'eu que raivo.

ALEXANDRE

Todavia tẽe máo saibo.
Ora mal lhe corre o officio.

PRINCIPE

Tá, não vá mais por diante
A zombaria, que he má:
Cantae qualquer dellas ja;
Qu'esse Porteiro he galante,
Ninguem o contentará.

(Aqui cantão, e em acabando, diz o)

PAGEM

Parece que adormeceo.

PORTEIRO

Pois será bom que nos vamos.

ALEXANDRE

Senhor, quer que nos vejamos?

PORTEIRO

Senhor vir-me-ha do ceo:
Releva-me que o façamos.

(Entrà a RAINHA *com huma sua Criada por nome* FROLALTA, *e diz:)*

RAINHA

Frolalta, como ficava
Antiocho em te tu vindo?

FROLALTA

Ficava-se despedindo
Da vida qu'então levava,
E assi seus dias cumprindo.

RAINHA

Oh grave caso d'amor!
Desesperada affeição!
Oh amor sem redempção,
Que alli te fazes maior
Onde tens menos razão!
No mais alto e fundo pégo
Alli tens maior porfia:
Razão de ti não se fia.
Quem a ti te chamou cego,
Mui bem soube o que dizia.
Por ventura hia chorando?

FROLALTA

Chorando hia e chamando
Ao Amor, Amor cruel;
E em, Senhora, se deitando
Lhe cahio este papel.

RAINHA

Que papel?

FROLALTA

Este, Senhora.

RAINHA

Amostra, que quero lê-lo,
Agora acabo de crê-lo;
Que ao que mostra por fóra,
Aqui lhe lançou o sêllo.

(Aqui lê o papel.)

Oh estranha pena fera!
Desditosa vida chara!
Oh quem nunca cá viera,
E com seu Pae não casára,
Ou em casando morrêra!

FROLALTA

Aindaque eu pêca são,
Senhora, tudo bem vejo.
Attente, que na eleição
O que lhe pede o desejo
Não consente o coração.

RAINHA

Frolalta, pois qu'és discreta
Nada te posso encobrir;
Porque, se queres sentir,
A huma mulher discreta
Tudo se ha de descobrir.
O dia qu'entrei aqui,
Que a Seleuco recebi,
Logo nesse mesmo dia
No Principe filho vi
Os olhos com que me via.
Este princípio soffri-lho,
Para ver se se mudava;
Antes mais se accrescentava:

Eu amava-o como filho,
E elle d'outr'arte me amava.
Agora vejo-o no fim
Por se me não declarar.
E pois ja que a isso vim,
A morte que o levar,
Me leve tambem a mim.
Porque ja que minha sorte
Foi tão crua e desabrida,
Que me não quer dar sahida;
Sejamos juntos na morte,
Pois o não somos na vida.
Oh quem me mandou casar,
Para ver tal crueldade!
Ninguem venda a liberdade,
Pois não póde resgatar
Onde não tẽe a vontade.
Que não ha mór desvario,
Que o forçado casamento
Por alcançar alto assento;
Que, emfim, todo o senhorio
Está no contentamento.
Não sei se o vá ver agora,
Se será tempo conforme,
Ou se imos a deshora.

FROLALTA

Despois iremos, Senhora,
Que agora dizem que dorme.

(Entra o Physico *a tomar-lhe o pulso, e tomando-o diz:)*

PHYSICO

Su madrasta oyó nombrar,
Y el pulso se le alteró:

Esto no entiendo yo.
Porque para le alterar
El corazon le obligó.
Pues que el corazon se altere,
Es porque en un momento
Algun nuevo vencimiento
De aficion terrible le hiere,
Que causa tal movimiento.
Pues que aficion cabe así
Con madrasta? Digo yo,
Dos razones hay aqui:
La una dice, que sí,
La otra dice, que no.
Empero yo determino
De exprimentar la verdad,
Y hacer una habilidad,
Que declare es agua, ó vino
Esta su enfermedad.
Porque toda esta mañana
Tengo estudiado su mal,
Sin ver causa efectual
De su dolencia inhumana,
Ni otra de su metal.
Llamar quiero este asnejon;
Mas aun debe de dormir,
Segun que es dormilon.
Sancho? ó Sancho?

SANCHO

Ah Señor.

PHYSICO

Ea. aun estás durmiendo?

SANCHO

Estoyme, Señor, vestiendo.

PHYSICO

Pues vellaco y sin sabor,
No me respondes dormiendo?
Vestios presto, ladron.
Oh qué mozo, y qué ventura!

SANCHO

(Mas qué amo y qué cabron!)
Embíeme acá el ropon,
Que no hallo mi vestidura.

PHYSICO

Que embie el ropon acá?
Parece que os desmandais.

SANCHO

Que vaya, Señor? ha, ha.
Que buenos dias hayais.

*(Entra o **Moço** embrulhado em huma manta)*

PHYSICO

Di como vienes así
Con la manta, y para qué?

SANCHO

Yo, Señor, se lo diré:
Por venir presto vestí
Lo que mas presto me hallé:
Porque viendo que él me llama,
Dormiendo yo sin afan,

Salté presto de la cama,
Que parezco un gavilan,
Hermoso como una dama.

PHYSICO

Mas es tu bovedad tanta,
Que vienes desta facion?

SANCHO

De mi vestido se espanta?
De noche sirve de manta,
Y de dia de ropon.

PHYSICO

Embióme El-Rey á llamar
Otra vez.

SANCHO

Y á mí?

PHYSICO

Y á ti!

SANCHO

Y él qué presta allá sin mí?

PHYSICO

Qué puedes tu aprovechar?

SANCHO

Yo se lo diré de aqui:
Si por la ventura quiere
Para que le dé consejo,
Cuando doliente estuviere;
Digo, coma, si pudiere,

Y beba buen vino anejo:
Porque este es el licor
Que dá fuerza, y es sabroso;
Que segun dicen, Señor,
Vinum lætificat cor
Hominis, y le es provechoso.

PHYSICO

Ya sabes la medicina,
Que Avicena nos refiere.

SANCHO

Pues, Señor! porque es divina.
Pero ElRey qué le quiere,
Qué manda, ó qué determina?

PHYSICO

El Principe está doliente.

SANCHO

Oh mesquino! Y qué mal ha?

PHYSICO

Y á ti, necio, que te vá?

SANCHO

O Señor, que es mi pariente!

PHYSICO

Gracioso el bovo está.
Y pues díme por tu fé:
Llorarás si se muriere?

SANCHO

No, Señor, no lloraré;

Empero, Señor, haré
La peor cara que pudiere.

PHYSICO

Ea, bovo, vé corriendo,
Y ensilla la mula ayna.

SANCHO

Véngalá ensillar mejor.

PHYSICO

Oh velhaco, y sin sabor!

SANCHO

Yo por cierto no lo entiendo.
Pero una medicina
Le he de pedir, Dios queriendo,
(Porque ando atribulado,
Y no sé parte de mi
Con este nuevo cuidado)
Para un sayo esfarrapado,
Que me dicen hay allí.

PHYSICO

Ora ensilla: y nunca viva,
Pues sufro tus desatinos.

SANCHO

Señor, pasion no reciva:
Ya cavalga Calainos
A la sombra de una oliva.

(*Aqui sahe bolindo com a almofada, e acorda o* Principe *e diz*)

PRINCIPE

Oh bella vista e humana,

Por quem tanto mal sostenho!
Oh Princeza soberana!
Como? nos braços vos tenho,
Ou este sonho m'engana?
Pois como, sonho, tambem
Me queres vir magoar?
E para me atormentar
Mostras-me a sombra do bem
Para assi mais m'enganar?
Assi que, com quanto canso,
Ja não posso achar atalho,
Pois que o somno quieto e manso.
Que os outros tẽe por descanso,
Me vem a mi por trabalho.
Pois ha hi tantos enganos
Que condemnão minha sorte:
Não o tenho ja por forte.
Se á volta de tantos danos
Viesse tambem a morte.

(Aqui entra El-Rei *com o* Physico, *e diz:)*

REI

Andae e vêde se achais
O rasto deste segredo,
Que me dizem que alcançais;
Ainda que tenho medo
Que lhe seja por demais.

PHYSICO

Plega á Dios que aqueste sea
Para salud y remedio
Desta dolencia tan fea.
Yo buscaré todo el medio,
Que presto sano se vea.

(Aqui lhe toma o PHYSICO *o pulso)*

Aflojèn, Señor, sus ais.
Como se halla en su penar?

PRINCIPE

Como me acho perguntais?
E como se póde achar
Quem sempre se perde mais?

PHYSICO

(La respuesta abre el camino.)
Imagina de contino?

PRINCIPE

Não tenho outro mantimento,
Nem outro contentamento,
Senão o em que imagino.

(Aqui entra a RAINHA *e diz:)*

RAINHA

Como se sente, Senhor?
Tẽe a febre mais pequena?

PRINCIPE

Responda-lhe minha pena.

PHYSICO

(Conocido es su dolor.
Ora sea en hora buena,
Tomada está la tristeza
Á las manos.) Qué sentió?
(Usaré de subtileza.)

(Diz contra El-Rei:*)*

Cúmpleme que solo yo
Platique con Vuestra Alteza.

REI

Cheguemos-nos para cá.

RAINHA

Não deve desesperar,
Qu'em fim, se bem attentar,
Para tudo o tempo dá
Tempo para se curar.

PRINCIPE

Que cura poderá ter
Quem tẽe a cura, Senhora,
No impossivel haver?

RAINHA

Ficae-vos, Senhor, embora,
Que vos não sei responder.

(Vai-se a Rainha*)*

REI

Neste mal, que não comprendo,
Que meio dais de conselho?

PHYSICO

Señor, nada entiendo dello;
Y supuêsto que lo entiendo,
Yo quisiera no entendello.

REI

Porque?

PHYSICO

Porque he entendido
Lo mas malo de entender,
Para lo que puede ser,
Porque anda, Señor, perdido
De amores por mi muger.

REI

Santo Deos! que! tal amor
Lhe dá doença tão fera!
Que remedio achais melhor?

PHYSICO

Forçado será que muera,
Porque no muera mi honor.

REI

Pois como! a hum só herdeiro
Deste Reino não dareis
Vossa mulher, pois podeis;
Que tudo faz o dinheiro?
Pois este não o engeiteis;
Dae-lha, porque eu espero
De vos dar dinheiro e honra,
Quanto eu para elle quero.

PHYSICO

No tira el mucho dinero
La mancha de la deshonra.

REI

Ora bem pouco defeito!
He pequice conhecida,

Quando deixa de ser feito;
Porque com elle dais vida
A quem vos dará proveito.

PHYSICO

Cuan facilmente aporfia
Quien en tal nunca se vió!
Del consejo que me dió,
Vuestra Alteza que haria
Si agora fuese yo?

REI

A mulher que eu tivesse
Dar-lha-hia. Oxalá
Que elle a Rainha quizesse!

PHYSICO

Pues déla, si le parece,
Que por ella muerto está.

REI

Que me dizeis?

PHYSICO

La verdad.

REI

Sem dúvida, tal sentistes?

PHYSICO

Sin duda, sin falsedad.
Pues, Señor, ahora tomad
Los consejos que me distes.

REI

Certamente, qu'eu o via
Em tudo quanto fallava,
Como o vistes? porque via?

PHYSICO

Nel pulso, que se alterava
Si la via, ó si la oia.

REI

Que maneira ha de haver?
Qu'eu certo me maravilho,
Possa mais o amor do filho,
Do que póde o da mulher.
Finalmente hei-lha de dar,
Que a ambos conheço o centro.
Quero-o ir alevantar,
E iremos para dentro
Neste caso praticar.

(Diz contra o PRINCIPE:)

Levantae-vos, filho, d'hi
O melhor que vós puderdes,
E vinde-vos para aqui;
Porque, emfim, o que quizerdes
Tudo havereis de mi.

PAGEM

Ah Senhores, oulá, ou?

PORTEIRO

Viestes em conjunção
A melhor que póde ser:

Haveis aqui de fazer
A tosquia a um rifão.

PAGEM

Deixae-me, Senhor, dizer:
Haveis isto de acabar,
Coração, hi bugiar,
No esteis preso en cadenas,
Que pois o amor vos deo penas,
Que vos lanceis a voar.

PORTEIRO

Por certo que bem comprou.

PAGEM

Ora sabeis o que vai?
Antiocho que casou
Com a mulher de seu Pai,
E o mesmo Pae o ordenou.

PORTEIRO

Isso como?

PAGEM

Não o sei;
Porque dizem que a amava,
E que só por ella andàva
Para morrer; e El-Rei
Deo-a a quem a desejava.

PORTEIRO

Se o casa por querer bem
Com a moça, a quem elle ama,
Direi eu que a mim me inflamma
O amor mais que a ninguem.

PAGEM

Pois pedi-lhe a nossa dama.

PORTEIRO

Por São Gil, que ei-los cá vem,
Elle pela mão com ella.

(Entra El-Rei, *e* Antiocho *com a* Rainha *pela mão, e diz:)*

REI

Que mais ha hi que esperar?
Olhae qu'estranheza vai!
O muito amor ordenar,
Ir-se o filho namorar
D'huma mulher de seu Pai!
Querer bem foi sua dor,
Negar-lha será cruèldade;
Assi que ja foi bondade,
Usar eu de tal amor,
E de tal humanidade.
Ella deixou de reinar
Como fazia primeiro
Por se com elle casar;
E por amor verdadeiro
Tudo se póde deixar.
Eu que nella tinha pôsto
Todo o bem de meu cuidado,
Deixei mais que ella ha deixado;
Que mais se deixa no gôsto,
Que no poderoso estado.
Mas ja que tudo isto vemos,
Hajão festas de prazer,
As que melhor possão ser;
Porqu'em tão grandes extremos,

Extremos se hão de fazer.
Hajão cantos para ouvir,
Jogos, prazeres sem fundo;
Porque, se quereis sentir,
Deste modo entrou o mundo,
E assi ha de sahir.

(Aqui vem os MUSICOS *e cantão, e depois de cantarem, sahem-se todas as figuras, e diz)*

MARTIM CHINCHORRO

Ora, Senhor, tomemos tambem nosso pandeiro, e vamos festejar os noivos; ou vamos consoar com as figuras, porque me parece que esta he a mór festa que póde ser. Mas espere v. m., ouviremos cantar, e na volta das figuras nos acolheremos. Moço, accende esse mólho de cavacos, porque faz escuro, não vamos dar comnosco em algum atoleiro, onde nos fique o ruço e as canastras.

ESTACIO DA FONSECA

Não, senhor, mas o meu Pilarte irá com elles com hum par de tições na mão; e perdoem o máo gasalhado. Mas daqui em diante sirvão-se desta pousada; e não tenhão isto por palavras, porque essas e plumas, o vento as leva.

OS AMPHITRIÕES

INTERLOCUTORES

AMPHITRIÃO — ALCMENA, sua Mulher — CALLISTO — FELISEO — SOSEA, Moço de Amphitrião — BROMIA, sua Criada — BELFERRÃO, Patrão — AURELIO, Primo de Alcmena — Um Moço de Aurelio — JUPITER — MERCURIO.

ACTO PRIMEIRO

SCENA I

(Entra ALCMENA, *saudosa do marido, que he na guerra, e* BROMIA)

ALCMENA

Ah Senhor Amphitrião,
Onde está todo meu bem!
Pois meus olhos vos não vem,
Fallarei co'o coração,
Que dentro n'alma vos tem.
Ausentes duas vontades,
Qual corre móres perigos,
Qual soffre mais crueldades,
Se vós entre os inimigos,
Se eu entre as saudades?
Que a ventura, que vos traz
Tão longe de vossa terra,

Tantos desconcertos faz,
Que se vos levou á guerra,
Não me quiz leixar em paz.
Bromia, quem com vida ter,
Da vida ja desespera,
Que lhe poderás dizer?

BROMIA

Que nunca se vio prazer,
Senão quando não se espera.
E por tanto não devia
De ter triste a phantasia;
Porque Vossa Mercê creia,
Que o prazer sempre salteia
Quem delle mais desconfia.
Eu tenho no coração,
Do Senhor Amphitrião
Venha hoje alguma nova:
Não receba alteração,
Que a verdadeira affeição
Na longa ausencia se prova.

ALCMENA

Dizei logo a Feliseo
Que chegue muito apressado
Ao caes, e busque mêo
De saber se algum recado
Do porto Persico vêo:
E mais lhe hàveis de dizer,
(Isto vos dou por officio)
D'alguma nova saber,
Em quanto eu vou fazer
Aos Deoses o sacrificio.

SCENA II

BROMIA

Saudades de minh'ama,
Chorinhos e devoções,
Sacrificios e orações,
Me hão de lançar n'huma cama,
Certamente.
Nós mulheres de semente
Somos sedenho mui tosco:
Com qualquer vento que vente,
Queremos forçadamente
Que os Deuses vivão comnosco.
Quero Feliseo chamar,
E dizer-lhe aonde ha de ir.
Mas elle como me vir,
Logo ha de querer rinchar,
De travesso.
Eu que de zombar não cesso,
Por ficar com elle em salvo,
Lanço-lhe hum e outro remêsso;
Aos seus furto-lhe o alvo; —
E então elle fica avesso.
Porque o melhor destas danças,
Com huns vindiços assi,
He trazê-los por aqui
Ó cheiro das esperanças,
Por viver.
Ha-os homem de trazer
Nos amores assi mornos,
Só para ter que fazer;
E despois ao remetter

Lançar-lhe a capa nos cornos.
Feliseo, se estais á mão,
Chegae cá, vem como hum gamo:
Bem sei que não chamo em vão.

SCENA III

(FELISEO e BROMIA)

FELISEO

Chamais-me? tambem vos chamo;
Porém eu ouço, e vós não:
Senhora, que me matais,
Se vós ja nunca me ouvis,
Ou me ouvis, e vos callais,
Dizei: porque me chamais
Se me vós a mim fugis?

BROMIA

Eu vos fujo?

FELISEO

Fugis, digo,
De dar a meus males cabo.

BROMIA

Sabei que desse perigo
Não fujo como de imigo,
Fujo como do diabo.

FELISEO

Dae ao demo essa tenção,
Usae antes de cortês,
Cahi vós nesta razão.

BROMIA

Do p'rigo fogem os pés,
Do diabo o coração.

FELISEO

Dizeis-me que nessa briga
Do meu coração fugis.

BROMIA

Ainda qu'eu isso diga...

FELISEO

Ah minha doce inimiga!
Bem sinto que me sentis.
Mas para que me chamais?

BROMIA

Manda-vos minha Senhora
Que chegueis daqui ao cais,
E algumas nóvas saibais
D'Amphitrião nesta hora.

FELISEO

Quem as não sabe de si,
D'outrem como as saberá?

BROMIA

Não as sabeis vós de mi?

FELISEO

Má trama venha por ti,
Duna feiticeira má!
Porque não me ólhas direito,
Cadella, que assi me cortas?

BROMIA

Porque vos quero dar portas:
Que s'eu olhar d'outro geito,
Trarei cem mil vidas mortas.

FELISEO

E pois para que me andais
Enganando ha cem mil anos?

BROMIA

Dou-vos vida com enganos.

FELISEO

Nesses enganinhos tais
Acho crueis desenganos.

BROMIA

Quant'esses vos quero dar:
Vós cuidais que estais na sella?
Pois podeis-vos descer della;
Qu'eu nunca vos pude olhar.

FELISEO

Jogais comigo á panella?
Tendes-me ha tanto captivo,
E desenganais-me agora?
Tudo isto he o que privo.
Assi que he isso, Senhora,
Dochelo morto, dochelo vivo?
Se me vós desenganais
No cabo de tantos anos,
Direi, se licença dais,
Dais-me vida com enganos,

Desenganos, ja chegais.
Mas se isso havia de ser,
Dizei, má desconhecida,
Destêrro de meu viver,
Que vos custava dizer
Amor, vae buscar tua vida?

BROMIA

Zombais? Fallais-me coprinhas?

FELISEO

Rir-vos-heis se vem á mão:
Copras não, mas isto são
Ansias y pasiones minhas
Dos bofes e coração.

BROMIA

Is-vos fazendo d'huns sengos...

FELISEO

Perdóneme Dios si peco.

BROMIA

Nesses dentinhos framengos
Conheço que sois hum pêco
De todos quatro avoengos.

FELISEO

Tudo vos levo em capelo,
Ja qu'estais tanto em agraço.
Porém, fallando singelo,
A furto desse máo zêlo,
Quereis-me dar hum abraço?

BROMIA

Ora digo que não posso
Usar comvosco de fero:
Tomae-o.

FELISEO

Ja o não quero,
Porque esse abraço vosso,
Sabei que he engano mero.

BROMIA

Oh! vós sois d'huns sensabores...
Abraço pedis assim?
S'eu remango d'hum chapim...

FELISEO

Tudo isso são favores:
Zombae, vingae-vos de mim.

BROMIA

Vós de furioso touro
As garrochas não sentis.

FELISEO

Vêdes, com isso só mouro:
Quando cuido que sois ouro,
Acho-vos toda ceitis.

BROMIA

Emfim, sanha de villão
Vos fez perder hum bom dia.

FELISEO

Jagora o eu tomaria;
Quereis-mo dar?

BROMIA

Ora não.
Cocei-vos eu todavia.

FELISEO

Pois, Senhora, a quem vos ama
Sois tão desarrazoada,
Quero tomar outra dama;
Que não digão os d'Alfama
Que não tenho namorada.

BROMIA

Deixae-me.

FELISEO

Vós me deixais.

BROMIA

Deixae-me.

FELISEO

Zombais de mi?

BROMIA

Deixae-me. Pois m'engeitais,
Eu me ausentarei daqui
Onde me mais não vejais.

FELISEO

Boa está a zombaria!

BROMIA

Não são essas minhas manhas.

FELISEO

Porém is-vos todavia?

BRÓMIA

Voyme á las tierras estrañas
Adó ventura me guia.

SCENA IV

(Feliseo só)

Phantasias de donzellas,
Não ha quem como eu as quebre;
Porque certo cuidão ellas,
Que com palavrinhas bellas
Nos vendem gato por lebre.
Esta tẽe lá para si
Qu'eu sou por ella finado;
E crê que zomba de mi;
E eu digo-lhe que si,
Sou por ella esperdiçado.
Preza-se d'humas seguras;
E eu não quero mais Frandes:
Dou-lhe trela ás travessuras,
Porque destas coçaduras
Se fazem as chagas grandes.
Qu'estas, que andão sempre á vela,
Estas vos digo eu que coço;
Porque de firmes na sella,
Crem que falsão a costella,
E ficão pelo pescoço.
Que quando estas damas tais
Me cachão, então recacho.
Mas disto agora nó mais.
Quero-me ir daqui ao cais
Vêr se algumas novas acho.

SCENA V

(JUPITER e MERCURIO)

JUPITER

Oh grande e alto destino!
Oh potencia tão profana!
Que a setta d'hum menino
Faça que meu ser divino
Se perca por cousa humana!
Que m'aproveitão os ceos,
Onde minha essencia mora
Com tanto poder, se agora
A quem me adora por deos,
Sirvo eu como a senhora?
Oh quão estranha affeição!
Quem em baixa cousa vai pòr
A vontade e o coração,
Sabe tão pouco d'Amor,
Quão pouco Amor de razão.
Mas que remedio hei de ter
Contra mulher tão terribil,
Que se não póde vencer?

MERCURIO

Alto Senhor, teu poder
O difficil faz possibil.

JUPITER

Tu não ves qu'esta mulher
Se preza de virtuosa?

MERCURIO

Senhor, tudo póde ser:
Que para quem muito quer,

Sempre a affeição he manhosa.
Seu marido está ausente
Na guerra, longe daqui;
Tu, qu'és Jupiter potente,
Tomarás sua fórma em ti;
Que o farás mui facilmente.
E eu me transformarei
Na de Sosea, criado seu;
E ao arraial me irei,
Onde logo saberei
Como se a batalha deu.
E assi poderás entrar,
Em lugar de seu marido;
E para que sejas crido,
Poderás tambem contar
Quanto eu lá tiver sabido.

JUPITER

Quem arde em tamanho fogo
Tira-lhe a virtude a côr
De subtil e sabedor;
E quem fóra está do jogo
Enxérga o lanço melhor.
Mas tu, que dos sabedores
Tanto ávante sempre estás,
Se deos és dos mercadores,
Sê-lo-has dos amadores,
Pois tal remedio me dás.
Ponha-se logo em effeito;
Que não soffre dilação
Quem o fogo tẽe no peito;
E tu vae logo direito
Aonde anda Amphitrião.

SCENA VI

(Feliseo e Callisto)

FELISEO

Adó bueno por aqui,
Tão longe do acostumado?

CALLISTO

Mais longe vou eu de mi.
D'ir perto de meu cuidado.

FELISEO

No andar vos conheci.

CALLISTO

E vós onde vos lançais,
Com vossa contemplação?

FELISEO

Eu chego daqui ao cais
A saber de Amphitrião:
Não sei se vou por demais.

CALLISTO

Porque por demais dizeis?

FELISEO

Porque nada alli ha certo.

CALLISTO

Novas lá não as busqueis,
Que aqui as tendes mais perto.

FELISEO

Pois dae-mas ja, se as sabeis.

CALLISTO

Hum navio he ja chegado
Á barra, que vem de lá;
Traz de Amphitrião recado,
Diz que o deixa embarcado
Para se vir para cá.
Tẽe vencido aqûelle Rei;
E diz, segundo lhe ouvi,
Qu'esta noite será aqui.

FELISEO

Essas novas levarei
A Alcmena, que torne em si,
Porque ella tẽe maior guerra
Co'os temores de perdello,
Qu'elle co'o Rei dessa terra.

CALLISTO

Onde amor lançar o sello,
Nenhuma cousa o desterra.
Porqu'inda que o pensamento
Vos fique, Senhor, em calma,
Por morte ou apartamento;
Sempre vos lá ficão n'alma
As pégadas do tormento.

FELISEO

Isso he hum segredo mero,
A que o Amor nos obriga:
Por isso em caso tão fero,
Senhor, nunca ninguem diga,
Ja lho quiz, e não lho quero.
Eu quiz bem a huma mulher,

Que vós conhecestes bem,
E, com muito lhe querer,
Casou-se.

CALLISTO

Oh! e com quem?
Que ainda o não posso crer.

FELISEO

Com huim Mercador, que veio
Agora do Egypto, rico.

CALLISTO

Isso traz água no bico.
Esse homem he parvo, ou feio?

FELISEO

Pois vedes? disso me pico,
E em pago desta traição,
Afóra outros mil descontos
Que traz comsigo a affeição,
Sempre os signaes destes pontos
Trarei no meu coração.

CALLISTO

Viste-la mais?

FELISEO

Senhor, vi,
Na janellinha da grade;
Passei, e disse-lhe assi:
Casada sem piedade,
Porque não a haveis de mi?

CALLISTO

Que vos disse?

FELISEO

Lá no centro
Lh'enxerguei pouca alegria;
E como quem lhe dohia,
Metendo-se para dentro
Disse: Ja pasó folia.

CALLISTO

Ah má sem conhecimento!
Quem lhe désse mil chofradas!

FELISEO

Senhor, como são casadas,
Casão-se co'o esquecimento
Das cousas que são passadas.

CALLISTO

Lembranças de vos deixar
Picar-vos-hão como tojos.

FELISEO

Senhor, haveis d'assentar
Que onde amor vos quer matar,
Siempre allá miran los ojos.
Hum motete lhe mandei
Hum dia, estando com febre,
Só da paixão que tomei.

CALLISTO

Pois vejamos quem tẽe lebre.

FELISEO

Senhor, eu vo-lo direi.

(Mote.)

Vós por outrem, e eu por vós;
Vós contente, e eu penado;
Vós casada, eu cansado.
Polos santos de minha dona!

CALLISTO

Senhor, vós só o fizestes?

FELISEO

Si, que ninguem me ajudou.

CALLISTO

Se vós só o compuzestes,
Crede, que extremos dissestes.
Nunca Orlando tal fallou.
Senhor, fizestes-lhe pé?

FELISEO

Senhor, si; e todo hum anno...
Vós zombais, se não m'engano?

CALLISTO

Não, mas dou-vos minha fé
Que nunca vi tão bom panno.

FELISEO

Ora olhe vossa mercê.

(Volta.)

Olhae em quão fundos váos
Por vossa causa me affógo.
Que outro me ganha no jogo.

E eu triste pago os páos.
Olhos travessos e máos,
Inda eu veja o meu cuidado
Por esse vosso trocado.

CALLISTO

Não mais, qu'isso me degola.

FELISEO

Senhor, eu haja perdão.

CALLISTO

Fizestes esse rifão
Em algum jogo de bola?
E foi-lhe elle ter á mão?

FELISEO

Digo-vos que o vio, e lho leo
Hum moçozinho d'escola.

CALLISTO

Está isso assi do Ceo.
Sabe ella jogar a bola?

FELISEO

Não.

CALLISTO

Pois não vos entendeo.
Ora eu ja cheguei a ler
Petrarca, e crede de mi
Que nunca tal cousa vi.
Onde mora o bom saber,
Logo dá sinal de si.

Onde *casada* puzestes,
Dizei, porque não dissestes
La que yo vi por mi mal.

FELISEO

Renunciava o metal;
Qu'em rifõeszinhos como estes,
Ha-se-de pôr tal como tal.
Que a trova trigo-tremez
Ha de ser toda d'hum pano;
Que parece muito Ingrez
N'hum pelote Portuguez
Todo hum quarto Castelhano.
Ouvi outra tambem minha,
Que fiz a certa tenção,
Clara, leve, bonitinha,
De feição, que esta trovinha,
He trovinha de feição.
Como eu hum dia me visse
Morto, e a mão na candêa,
E ella não me acodisse;
Fiz-lhe esta, porque sentisse
Que dava os fios á têa.
E o proposito he
Andar eu hum dia só;
E para que houvesse dó
De mi e de minha fé,
Lamentei-lhe como Jó.

CALLISTO

Andastes, Senhor, mui bem.

FELISEO

Ora, Senhor, attentai,

E vede o saibo que tem;
Se he para a ver alguem.

CALLISTO

Ora dizei.

FELISEO

Ei-la vai.

(Trova.)

Coração de carne crua,
Vê-lo teu amor aqui,
Que esmorecido por ti
Jaz no meio desta rua?

CALLISTO

Na rua, Senhor, jazia?
E era em tempo de lama?

FELISEO

Senhor, quem falla a quem ama,
De si mesmo se não fia:
Haveis de mentir á dama.

CALLISTO

Volta disso?

FELISEO

Singular,
Senão que he muito sentida;
Far-vos-ha, Senhor, chorar.

CALLISTO

Oh! diga, por sua vida!

FELISEO

Farei o que me mandar.

(Volta.)

Porque não has delle mágoa,
Ó dura mais que ninguem,
Que anda o triste, que não tem
Quem lhe dê huma vez d'ágoa?
Não lhe negues teu querer,
Pois te não custa dinheiro;
Que, emfim, por derradeiro
A terra te ha de comer.

CALLISTO

Tal trova nunca se vio.
Agorentaste-la ja?

FELISEO

Senhor, não; ainda está
Como a sua mãe pario;
E não está muito má.

CALLISTO

He trova, que tẽe por seis;
Não a posso mais gabar.
Mas, pois, tal cousa fazeis,
Senhor, não m'ensinareis
Donde vem tão bem trovar?

FELISEO

Não he a cousa tão pequena,
Como, Senhor, a fizestes,
Essa que agora dissestes.
Mas porém vou dar a Alcmena
Estas novas que me déstes.
Despois, Senhor, nos veremos;
Ficae ja roendo esse osso.

CALLISTO

O roer, Senhor, he vosso.

FELISEO

Pois eu, por mais que zombemos,
Hei de ser vosso e revosso.

CALLISTO

Oh!... Escusae-vos d'extremos,
Qu'isso, Senhor, me atarraca.
Mas nós nos encontraremos,
E sobre isso envidaremos
Dous reales mais de saca.

ACTO SEGUNDO

SCENA I

(Jupiter e Mercurio *transformados,* Jupiter *na fórma de* Amphitrião, Mercurio *na de* Sosea, *escravo.)*

JUPITER

Mercurio, pois sou mudado
Nesta fórma natural,
Olha e nota com cuidado,
Se está em mi o pintado
Apparente co'o real.

MERCURIO

Quem tão proprio se transforma,
Tenho por opinião,
Que na tal transformação
Lhe prestou natura a fôrma,
Com que fez Amphitrião.

JUPITER

Pois tu no gesto e na côr
Estás Sosea escravo seu.

MERCURIO

Muito mais farás, Senhor.

JUPITER

Não o faz senão o Amor,
Que nisto póde mais qu'eu.

MERCURIO

Ja, Senhor, te fiz menção
Como deo Amphitrião
A El-Rei Terela a morte;
Que, na guerra igual, a sorte
Póde mais que o coração.
E despois de ser tomada
Toda a Cidade, com gloria
D'Amphitrião bem ganhada,
Como em sinal de victoria,
Esta copa lhe foi dada.
Por ella bebia El-Rei,
Em quanto a vida queria;
E eu, porque te cumpria,
A seu escravo a furtei,
Que n'huma caixa a trazia.
Esta poderás levar
A Alcmena, por lhe mostrar
Verdadeiro, o que he fingido;
E dest'arte serás crido,
Sem mais outro ardil buscar.

JUPITER

Pois tudo tens ordenado
Por tão nova e subtil arte:
Como me vires entrado,
Irás dar este recado
A Phebo de minha parte:
Que faça mais devagar
Seu curso neste Hemispherio,
Que o que soe acostumar;
Qu'esta noite hei de ordenar
Hum caso de alto mysterio.
E á Esphera mais alta
Mandarás que fixa esteja,
Porque a noite maior seja:
Porque sempre o tempo falta,
Onde a alegria he sobeja.
E terás tamanho tento,
Que como isto se ordenar,
Venhas aqui vigiar,
Porque meu contentamento
Ninguem mo possa estorvar.

MERCURIO

Seja feito sem debate
Tudo como te convem.

JUPITER

Pois não parece ninguem.
Como homem de casa bate,
E muda a falla tambem.

MERCURIO, *batendo á porta.*

Ó de la casa, en buena hora,
Darmehan de cenar aqui?

BROMIA *dentro*

Sosea parece que ouvi:
Alviçaras, minha Senhora,
Que na falla o conheci.

SCENA II

(ALCMENA, BROMIA, JUPITER, e MERCURIO.)

ALCMENA

Zombais, Bromia, por ventura?

BROMIA

Senhora, não zombo, não.

ALCMENA

Vejo eu Amphitrião,
Ou a vista me affigura
O qu'está no coração?

JUPITER

Olhos, diante dos quais
Desejei mais este dia,
Que nenhuma outra alegria,
Senhora, nunca creais
Que lhe minta a phantasia.

ALCMENA

Oh presença mais querida
Que quantas formou Amor!
Isto he verdade, Senhor?
Acabe-se aqui a vida,
Por não ver prazer maior.

JUPITER

Pois esta hora de vos ver
Alcançar, Senhora, pude;
Para mais contente ser,
Conformem co'este prazer
Novas de vossa saude.

ALCMENA

Vida foi pezada e crua
A saude qu'eu sostinha;
Qu'em quanto, Senhor, a tinha,
Temer perigo na sua,
Me fez descuidar da minha.

MERCURIO

Y pues, mi Señora Alcmena,
Pese al demonio malvado,
No dirá á un su criado,
Vengais Sosea norabuena?

ALCMENA

Sejais, Sosea, bem chegado.

BROMIA

Bem mal cri eu, que pudesse
Ver-te, Sosea, hoje aqui.

MERCURIO

Pues tambien yo no creí
Que en mi vida te viese,
Segun las muertes que vi.

ALCMENA

Muito, Senhor, folgarei
Com novas do vencimento.

JUPITER

De tudo quanto passei,
Por vos dar contentamento,
Em summa vos contarei.
Trago, Senhora, a victoria
Daquelle Rei tão temido,
Com fama clara e notoria.
Porém maior foi a gloria
De me ver de vós vencido.
Sem me terem resistencia,
Os Grandes me obedecêrão,
Como El-Rei morto tiverão:
Em sinal de obediencia
Esta copa me trouxerão.
El-Rei por ella bebia:
(Ella, e tudo o mais he nosso)
Por onde claro se via,
Que tudo me obedecia,
Pois tinha nome de vosso.

MERCURIO

Sí, mas luego de rondon
La fortuna dió la vuelta.

ALCMENA

Como?

MERCURIO

Fué gran perdicion,
Porque en aquella revuelta,
Me hurtaron mi jubon.
Pero bien lo pagaron,
Cuando comigo riñeron;
Que aunque me despojaron,

Si uno de seda llevaron,
Otro de azotes me dieron.

ALCMENA

Senhor, não posso gostar
De gosto, que he tão immenso,
Senão muito devagar:
Faça-me mercê d'entrar,
E contar-mo-ha por extenso.

SCENA III

(MERCURIO *e* BROMIA.)

MERCURIO

Yo tambien te contaria,
Bromia, si quedas atrás,
Que una noche... enojartehas?

BROMIA

Que?

MERCURIO

Soñaba, que te tenia...
No me atrevo á decir mas.

BROMIA

Dize.

MERCURIO

Pardies, no diré.
Soñaba...

BROMIA

Bem: que sonhavas?

MERCURIO

Que cuando en la cama estavas
Que yo... enfin recordé.

BROMIA

Pois tudo isso receavas?

MERCURIO

Sabe Dios qué yo acá siento:
Sola una alma vive en dos,
La cual anda dentro en vos.

BROMIA

E que quer ella cá dentro?

MERCURIO

Tambien eso, sabe Dios.

SCENA IV

MERCURIO

Bem se poderá enganar
Bromia, segundo ora estou,
Como Alcmena s'enganou;
Mas cumpre-me ir ordenar
O que meu Pae me mandou.
E porque seja guardada
Esta porta e vigiada
De toda a gente nascida,
Me será cousa forçada,
Ser tão depressa a tornada,
Quão prestes faço a partida.

SCENA V

(Sosea, *cantando.*)

Amphitrion esforzado

Bravo vá por la batalla,
Siete cabezas llevaba,
De las mejores que ha hallado.

(Falla.)

Quien viene de tierra agena,
Y de la muerte escapó,
La razon le permitió
Que cante como sirena,
Como agora hago yo.
Y pues canto tan gentil,
Fuera llanto si muriera.
Quiero cantar como quiera,
Una y otra, y mas de mil,
Que digan desta manera:

(Canta.)

Dongolondron, con dongolondrera,
Por el camino de Otera,
Rosas coge en la rosera,
Dongolondron, con dongolondrera.

(Falla.)

Cuando yo vengo á pensar
Que uno matarme quisiera,
No hago sino temblar,
Porque creo si muriera,
No pudiera mas cantar.
Porque estando á un rincon
De la casa adó quedé,
Sentí muy grande ronron,
Y mirando, que miré?
Vi que era un gran raton.

Empero yo nunca sigo,
Sino consejos muy sanos;
Que en estes casos levianos,
Quien desprecia el enemigo,
Mil veces muere á sus manos.
Pero mi Señor allí
Mató al Rey de los Glipazos:
Yo como muerto le vi,
Juro á mi fé, que le dí
Mas de dos mil cuchillazos.
Y por me librar de afan,
Me voy siempre á cosa hecha
Probar mi mano derecha;
Que aquel es buen capitan,
Que del tiempo se aprovecha.
Que quien ha de pelear,
Ha de buscar tiempo y hora.
Pero quiero caminar,
Que me muero por contar
Todo aquesto á mi Señora.

SCENA VI

(Mercurio e Sosea.)

MERCURIO

Mil vezes comigo vejo,
Para que meu Pae se affoute;
Pois em tão pequeno ensejo
Lhe mandei talhar a noute
Á medida do desejo.
E pois que como possante,
A mi tudo se reporta,
Chego agora neste instante

A estorvar qu'este bargante
Me não chegue a esta porta.

SOSEA

No sé que miedo, ó locura,
Neste pecho se me cria:
Por Dios que se me afigura,
Que ha mucho que es noche escura,
Sin que venga el claro dia.
Mas sabed, que pienso yo
Que el sol que no se acordó
De con el dia venir,
Que á noche cuando cenó
Algun buen vino bebió,
Que le hace tanto dormir.

MERCURIO

Ja sentes comprida a noute,
Qu'eu assi mandei fazer?
Pois mais te quero dizer,
Que sentirás muito açoute,
Se cá quizeres vir ter.
Porém, pois este bargante
Tẽe médroso coração,
Quero-me fingir ladrão,
Ou phantasma, e por diante
Não irá, se vem á mão.
E com tudo se passar,
A falla quero mudar
Na sua de tal feição,
Que couces, e porfiar,
Lhe fação hoje assentar
Que sou Sosea, e elle não.

(Falla Castelhano.)

No veo passar ninguno,
En quien yo me pueda hartar.

SOSEA

Á quien oigo aqui hablar?
Mande Dios no sea alguno
Que me quiera aporrear.

MERCURIO

La carne de algun humano
Me seria muy sabrosa.

SOSEA

Oh qué voz tan temerosa!
Hombres comes, ó mi hermano?
No es mejor otra cosa?
Carne humana es muy mezquina.
Oh no comas deso, no!
Antes carne de gallina.
Pero se mas se avecina,
Qué mas gallina, que yo?

MERCURIO

Una voz de hombre ahora
Á la oreja me voló.

SOSEA

Pésete quien me parió:
La voz traigo boladora?
Ella quisiera ser yo.
Pues mi voz pudo volar
Do la pudieses oir;

Por contigo no reñir,
Me debiera de prestar
Las alas para huir.

MERCURIO

Qué buscas cabe esa puerta,
Hombre? Sé que eres ladron.

SOSEA

Ay que el alma tengo muerta!
Oh Júpiter me convierta
Las tripas en corazon!

MERCURIO

Quien eres? quieres hablar?

SOSEA

Soy quien mi voluntad quiere.

MERCURIO

Piensas que puedas burlar?

SOSEA

Y tú puédesme quitar
Que yo sea quien quisiere?

MERCURIO

Osas hablar tan osado,
Don vellaco bovarron?
Dí, quien eres?

SOSEA

Un criado

Del Señor Amphitrion,
Por nombre Sosea llamado.

MERCURIO

Pienso que el seso perdiste.
Como te llamas, mal hombre?

SOSEA

Sosea soy, si no me oiste.

MERCURIO

Como? en persona tan triste
Osas d'ensuciar mi nombre?
Estos puños llevarás,
Pues tener mi nombre quieres.
Quiéresme dicir quien eres?

SOSEA

O Señor, no me dés mas,
Que yo seré quien tú quisieres.

MERCURIO

Con tan nueva falsedad
Andais por esta Ciudad,
Delante de quien os mira?
Pues si sois Sosea, tomad.

SOSEA

Si me dás por la verdad,
Que me harás por la mentira?

MERCURIO

Y que verdad es la tuya?
Que te quiero dar castigo.

SOSEA

Si no soy Sosea que digo,
Que Júpiter me destruya.

MERCURIO

Mirad el falso enemigo:
Tomad este bofeton,
Que yo soy Sosea, y no vos.

SOSEA

Tú Sosea?

MERCURIO

Sosea por Dios,
Escravo de Amphitrion.

SOSEA

De modo que tiene dos?

MERCURIO

No tendrá, aunque tú quieres;
Que á mi solo conoció.

SOSEA

Pues luego de quien soy yo?

MERCURIO

Si tú no sabes quien eres,
Quieres que yo lo sepa? No.

SOSEA

Enfin, has me de hacer crer
Que yo no soy quien ser solia?

MERCURIO

Quien solias tú de ser?

SOSEA

Tregoas me has de prometer,
Dirtelohé sin porfía.

MERCURIO

Prometo.

SOSEA

No me darás?

MERCURIO

No, si no fuere razon.

SOSEA

Pues, hermano, tú sabrás
Que mi amo Amphitrion...

MERCURIO

Tu amo? Pues llevarás.
Mi amo es, que tuyo no.

SOSEA

Ay que un brazo me quebró!

MERCURIO

Mas que luego te matasse.

SOSEA

Ojalá Dios ordenase
Que tú ahora fueses yo,
Y yo que te desmembrase!

MERCURIO

Esa tu tema tan loca,

Puños te la han de quitar.
Díme, dí, vergüenza poca,
Qué hablas?

SOSEA

Qué puedo hablar,
Si me has quebrado la boca?

MERCURIO

Dí quien eres, sin fatiga.

SOSEA

Soy un hombre, en quien tu dás.

MERCURIO

Díme pues, qué nombre has.

SOSEA

Como quieres tú que diga,
Para qué no me dés más?

MERCURIO

No me has de hablar contrahecho.

SOSEA

Toda mi vida pasada
Sosea fuy, y con despecho
Ahora soy... qué? No nada;
Qüe tus manos me han deshecho.

MERCURIO

Cuyo eres, pues las sientes,
Dejando consejos vanos?
La verdad; que si me mientes,

Dás con la lengua en los dientes,
Y yo dóyte con las manos.

SOSEA

No conoces Amphitrion?

MERCURIO

Hombre sin seso te llamo.
Tan fuera estás de razon!
Piensas de mí, bovarron,
Que no conozco á mi amo?

SOSEA

En su casa conociste
Uno, que es Sosea llamado,
Hombre despreciado y triste?

MERCURIO

Desa suerte lo dijiste?
Yo soy triste y despreciado?
Pues sabe que te llegó
Á la muerte tu fortuna.

SOSEA

Pues logo si yo no soy yo,
Aunque nadie me mató;
Soy luego cosa ninguna.
Oh dioses, que desconcierto!
Yo por ventura soy muerto,
Ó murióme la razon?
Yo no soy de Amphitrion?
Él no me mandou del puerto?
Yo sé que no estoy loco.

De mi madre no nací?
No ando? No hablo aqui?

MERCURIO

Pues sosiega ahora un poco,
Que yo tambien diré de mí.
Yo no sé que yo soy yo?
Yo no te dí con mis manos?
Mi Señor no me llevó
Á la guerra, adó mató
Aquel Rey de los Thebanos?

SOSEA

Yo eso muy bien lo sé.
Empero tú qué hacias
Cuando la batalla vias?

MERCURIO

Escucha: yo lo diré,
Y cesaran tus porfías.
Cuando mi Señor andaba
Peleando, y derramaba
La sangre de algun mezquino;
Con una bota de vino
Yo la mia acrescentaba.

SOSEA

(Dice lo que yo hacia)
Con todo, saber queria
Sola una cosa, si puedo:
Tu pecho entonces sentia?

MERCURIO

Del beber grande alegria,
Y del pelear gran miedo.

SOSEA

Y despues?

MERCURIO

Muy reposado
Á dormir me eché de grado,
Desde el sol hasta la luna.

SOSEA

(Todo lo tiene contado.
Enfin, tengo averiguado
Que yo no soy cosa ninguna)
Pues de todo en un instante
Me has echado de mí fuera,
Aconséjame si quiera,
Quien seré daqui adelante,
Pues no soy quien de antes era.

MERCURIO

Cuando yo no ser quisiere
Ese, que tú ser deseas,
Despues que ya Sosea no fuere,
Dartehé, si te pluguiere,
Licencia que todo seas.
Y acógete luego, amigo,
Á buscar tu nombre, digo,
Pues Dios vida te dejó;
Que el Sosea queda comigo.

SOSEA

Pues contigo quedo yo,
Dios quede, hermano, contigo.
Ahora quiero ir allá
Adó mi Señora está,

Contarle como es venido
Mi Señor. Mas, oh perdido!
Si un otro yo tiene allá,
Todo lo terná sabido.

MERCURIO

Ah hombre...

SOSEA

Mi voz sonó.

MERCURIO

Aonde vuelves ahora?

SOSEA

Por Dios no sé onde vó,
Porque si yo no soy yo,
Ni Alcmena es mi Señora.

MERCURIO

Adonde vás?

SOSEA

Con mensaje
Del Señor Amphitrion
Para Alcmena.

MERCURIO

Adó, salvaje?
Pues quebraste la omenaje,
Ahí verás tu perdicion.
Yo doyte consejos sanos,
Y porfías otra vez?

SOSEA

Altos dioses soberanos!
Pues me no valen las manos,
Aqui me valgan los pies. *(Foge.)*

MERCURIO

Desta arte enseñan aqui
Á hurtar el nombre ageno?

SCENA VII

SOSEA

Ay Dios, como me acogí!
Ó Júpiter alto y bueno,
Cuan cerca la muerte vi!
Quiérome ir á mi Señor
Contarle cuanto hé pasado;
Y él me dirá de grado,
Si yo soy su servidor,
En que cosa me hé tornado.

ACTO TERCEIRO

SCENA I

(JUPITER e ALCMENA.)

JUPITER

Toda a pessoa discreta
Terá, Senhora, assentado,
Que hum bem muito desejado
Se ha de alcançar por dieta,
Para ser sempre estimado.

E quem alcançado tem
Tamanho contentamento;
Por conserva-lo convem
Que tome por mantimento
A fome de tanto bem.
E por isso hei de tomar
Este tempo tão ditoso,
Para a frota visitar;
E despois quando tornar,
Tornarei mais desejoso.
Que pois tão bom captiveiro
Me tẽe presa a liberdade,
Eu lhe prometto em verdade
Que torne ainda primeiro,
Que mo peça a saudade.

ALCMENA

Aindaque se possa ir
Mais asinha do que creio,
Como hei d'eu consentir
Que se haja de partir
Na mesma noite que veio?

JUPITER

Forçada he minha tornada,
Mas muito cedo virei;
Porque desque foi chegada
A este porto a Armada,
Ainda a não visitei.

ALCMENA

Pois, Senhor, tão pouco estais
Com quem vistes inda agora?
Faça-se como mandais.

JUPITER

Vós me vereis cá, Senhora,
Primeiro do que cuidais.

SCENA II

(Amphitrião e Sosea.)

AMPHITRIÃO

Emfim tu, que estás aqui,
Estavas ja lá primeiro?

SOSEA

Señor, crea que es ansí.

AMPHITRIÃO

Eu nunca entendi de ti,
Qu'eras tambem chocarreiro.

SOSEA

Señor, yo que estoy presente,
No soy Sosea su criado?

AMPHITRIÃO

Creio que não certamente,
Porque Sosea era avisado,
E tu és mui différente.

SOSEA

Pues, Señor, si en mí se vé
Que no soy quien de antes era,
Vuélvome.

AMPHITRIÃO

E para que?

SOSEA

Ver se á dicha me quedé
Durmiendo por la galera.

AMPHITRIÃO

Pois me queres fazer crer
Huma doudice tão rasa,
Mais quero de ti saber:
Como não entraste em casa
D'Alcmena minha mulher?

SOSEA

Aunque Sosea quisiese,
La verdad no negará:
Aquel yo que allá está,
No quiso que á casa fuese
Estotro yo, que iba allá.
Y con furia tan crecida
Á mí se vino aquel hombre,
Que yo me puse en huida,
Y ansí le dejé mi nombre,
Por me dejar él la vida.

AMPHITRIÃO

Quem sería tão ousado,
Que tanto mal te fizesse?

SOSEA

Yo mismo Sosea llamado,
Que á casa era ya llegado,
Antes que de acá partise.

AMPHITRIÃO

Tu chegaste antes de ti?
Este he gentil disparate.

SOSEA

Pues mas le digo daqui,
Que vengo huyendo de mí,
Porque yo mismo no me mate.

AMPHITRIÃO

Erão dous, ou era hum só,
Quem te fez assi fugir?

SOSEA

Pésete quien me parió:
Digo, que era un solo yo:
Mil veces lo hé de decir?
Puede ser que naceria
De aquel hombre otro alguno,
Como aquel de mí nacia;
Porque aunque fuese él uno,
Por mas de cuatro tenia.
Él tenia mi aparencia,
Empero yo nunca vi
Tal fuerza, ni tal potencia:
Esta sola diferencia
Le tengo hallado de mí.

AMPHITRIÃO

Pudeste delle saber
Cujo era?

SOSEA

Quien? aquel yo?
Tuyo, Señor, dijo ser.

AMPHITRIÃO

Nunca eu tive mais que hum só,
E esse não quizera ter.

SOSEA

Pues, Señor, si el bien doblado
Te le muestra agora Dios,
Debe ser de ti alabado;
Pues de uno solo criado
Te ha hecho agora dos.

AMPHITRIÃO

Antes para que conheças,
Que cousa he máo servidor,
Me pezará se assi for;
Que de tão ruins cabeças,
Quantas mais, tanto peor.
E ja que são tão incertos
Teus ditos para se crer;
Muito melhor deve ser
Que deixe teus desconcertos,
E vá ver minha mulher.

SCENA III

ALCMENA

Que fado, que nascimento
De gente humana nascida,
Que d'escasso e avarento,
Nunca consentio na vida
Perfeito contentamento!
Amphitrião, que mostrou
Hum prazer tão desejado
A quem tanto o desejou;
Na noite, que foi chegado,
Nessa mesma se tornou!
De se tornar tão asinha

Sinto tanto entristecer
O sentido e alma minha,
Que certo que me adivinha
Algum novo desprazer.
Mas parece este que vem,
Se não estou enganada:
Se elle he, venha com bem,
Pois que com sua tornada
Tão transtornada me tem.

SCENA IV

(Amphitrião, Alcmena e Sosea)

AMPHITRIÃO

Com que palavras, Senhora,
Poderei engrandecer
Tão sublimado prazer,
Como he ver chegada a hora,
Em que vos pudesse ver?
Certo grão contentamento
Tive de meu vencimento;
Mas maior o hei de mim,
De me ver posto no fim
De tão longo apartamento.

ALCMENA

Ja eu disse o que sentia
De vinda tão desejada.
Mas diga-me todavia:
Como não foi ver a Armada,
Que me disse hoje este dia?

AMPHITRIÃO

Della venho eu inda agora

Desejoso de vos ver,
Muito mais que de vencer.
Mas que me dizeis, Senhora,
Que hoje me ouvistes dizer?

ALCMENA

Se não estava remota,
Certamente que lhe ouvi,
Quando hoje partio daqui,
Que tornava a ver a frota,
Porque era forçado assi.

AMPHITRIÃO

Sosea.

SOSEA

Señor, aqui estoy yo.

AMPHITRIÃO

Tu ouves tal desconcerto?

SOSEA

Grandes orejas ganó,
Pues estando en casa oyó
Quien estava allá nel puerto!

AMPHITRIÃO

Quando dizeis, que m'ouvistes?

ALCMENA

Hoje, quando vos partistes.

AMPHITRIÃO

Donde?

ALCMENA

Daqui, de me ver.

AMPHITRIÃO

Nunca vi grande prazer,
Que não tenha os cabos tristes.
Quantos males d'improviso
Que causão grandes mudanças!
Que mulher de tanto aviso,
Agora minhas lembranças
A tẽe fóra de juizo!

ALCMENA

Quereis-me fazer cuidar
Que poderia sonhar
O que pelos olhos vi?
Nunca vos eu mereci
Quererdes-me exprimentar.

AMPHITRIÃO

Postoque he para pasmar
Ver hum caso tão estranho,
Todavia hei de attentar,
Se poderei concertar
Hum desconcêrto tamanho.
Quando dizeis que vim cá?

ALCMENA

Esta noite que passou.

AMPHITRIÃO

Dae-me alguem que aqui se achuo,
Que me visse.

ALCMENA

Esse que hi está,
Sosea que comvosco andou.

AMPHITRIÃO

Sosea, podes-te lembrar,
Que hontem me vistes aqui?

SOSEA

Nunca yo supe de mí
Que me pudiese acordar
De aquello que nunca vi.

ALCMENA

Ora eu creo, e he assi,
Que ambos vindes conjurados,
Para zombardes de mi;
Mas eu darei hoje aqui
Sinaes que sejão provados.

AMPHITRIÃO

Que sinaes póde ahi haver
De mentira tão notoria,
Que nem foi, nem póde ser?

ALCMENA

Donde vim eu a saber
Novas de vossa victoria?

AMPHITRIÃO

Que novas?

ALCMENA

Dir-vo-las-hei,
Assim como mas contastes:

Que na batalha matastes
Aquelle soberbo Rei,
E tudo desbaratastes:
Não fazendo resistencia
N'huma batalha tão crua,
Dando-vos obediencia,
Vos derão huma copa sua,
Lavrada por excellencia.

AMPHITRIÃO

Sosea he culpado só
Nestes acontecimentos.

SOSEA

Señor, son encantamientos,
Porque aquel hombre, que es yo,
Le contaria estos cuentos.

AMPHITRIÃO

Quem he esse, que vos deu
Taes novas, saber queria?

ALCMENA

Quem mo pergunta.

AMPHITRIÃO

Quem? Eu!
Quereis-me fazer sandeu?

ALCMENA

Mas vós me fazeis sandía.

AMPHITRIÃO

Ora quero perguntar:
Que fiz sendo aqui chegado?

ALCMENA

Puzemo-nos a cear.

AMPHITRIÃO

E despois de ter ceado?

ALCMENA

Fomos-nos ambos deitar.

AMPHITRIÃO

Nunca queira Deos que possa
Achar-se na minha honra
Nenhuma falta nem mossa:
Seja isto doudice vossa,
Antes que minha deshonra.

SOSEA

Bien lo supe yo entender,
Que era esto encantaciones;
Y ahora me habrá de crer
Que dos Soseas puede haber,
Pues hay dos Amphitriones.

ALCMENA

Com me quererdes tentar
Tão torvada me fizestes,
Que me não póde lembrar
Que vos mandasse mostrar
A copa que me hontem déstes.

AMPHITRIÃO

Eu? copa? Se isso ahi ha,
Que estou doudo cuidarei.

SOSEA

Señor, bien guardada está.

ALCMENA

Bromia?

BROMIA, *de dentro*

Senhora.

ALCMENA

Dae cá
A copa que hontem vos dei.

SOSEA

Pues yo parí otro yo,
Y vós otro Amphitrion,
No es mucha admiracion,
Si la copa otra parió,
Ni aun fuera de razon.

SCENA V

(Amphitrião, Alcmena, Sosea e Bromia)

BROMIA

Eis-aqui a copa vem,
Testimunho da verdade.

AMPHITRIÃO

Oh estranha novidade!

ALCMENA

Poder-me-ha dizer alguem
Que o que digo he falsidade?

AMPHITRIÃO

Sosea, quando hontem cá vinhas,

Poder-me-has negar, ladrão,
Que lhe déste as novas minhas,
E mais a copa que tinhas
Guardada na tua mão?

SOSEA

Señor, que no pude, no,
Ver á mi Señora Alcmena:
Si aquel eso acá ordenó,
No lleve este yo la pena
Del mal que hizo el otro yo.

AMPHITRIÃO

Ora eu não sei entender
Tal caso, nem lhe acho fundo:
Com tudo venho a dizer,
Que ha tantos males no mundo,
Que tudo se póde crer.
Se vos trouxer quem vos diga
Como esta noite dormi
Na náo, crereis que he assi?

ALCMENA

Nenhuma cousa me obriga
A que não creia o que vi.

AMPHITRIÃO

Se o Patrão aqui vier,
Que he homem d'autoridade,
Crereis o que vos disser?

ALCMENA

Sim, que ninguem póde haver
Que me negue esta verdade.

AMPHITRIÃO

Eu estou em concrusão
D'hoje desembaraçar
Tão enleada questão:
Á náo me quero tornar
A trazer cá Belferrão.
Sosea, até minha tornada
Fica nesta casa em vela;
Qu'eu armarei tal cilada
A quem ma a mim tẽe armada,
Que venha hoje a cahir nella.

SCENA VI

(ALCMENA e BROMIA.)

ALCMENA

Oh mulher triste e suspensa
Da mais alta confusão
Que nunca vio coração!
Em que mereces a offensa,
Que te faz Amphitrião?
Sempre de mi foi amado,
Tanto quanto em mi se sente,
Co'o coração tão liado,
Que se de mi era ausente,
Nelle o via figurado.
E pois mulher, que cumprisse
Melhor qu'eu fidelidade,
Não a vi, nem quem me visse
Que dos limites sahisse
Hum pouco da honestidade.
Pois porque he tão maltratada
Innocencia tão singella?

Que a pena mais apertada,
He a culpa levantada
Ao coração livre della.
Mas ja que minh'alma está
Sem culpa do que padeço,
Seja o que fôr; qu'eu conheço
Que a verdade me porá
No qu'eu pola ter mereço.
Bromia?

BROMIA

Senhora.

ALCMENA

Hi mandar
A Feliseo, que vá
Meu primo Aurelio chamar;
Que lhe quero perguntar
Que conselho me dará.
E pois que Amphitrião
Vai buscar sómente quem
Lhe ajude a sua tenção,
Quero eu ter aqui tambem
Quem me defenda a razão.

ACTO QUARTO

SCENA I

(Jupiter, Alcmena e Sosea.)

JUPITER

Grão desconcerto tẽe feito
Amphitrião com Alcmena!
Qualquer delles tẽe direito:
Eu sou o que venço o preito,

E ambos págão a pena.
Quero-me ir lá desfazer
Tão trabalhosa demanda,
Por nos tornarmos a ver;
Porque, emfim, quem muito quer
Com qualquer desculpa abranda.
E pois ja que a affeição
Ha de mudar tão asinha,
Quero ir alcançar perdão
Da culpa, que sendo minha,
Parece de Amphitrião.

ALCMENA

Parece que torna cá
Amphitrião, que já se hia:
Não sei a que tornará,
Senão se lhe peza ja
Dos enganos que tecia.

JUPITER

Senhora, não haja error
Que tantos males me faça,
Porque se o contrario for,
Pequeno será o amor,
Que manencória desfaça.
E pois com tanta alegria
De tantos perigos vim,
Pezar-me-ha se achar no fim,
Que huma leve zombaria
Vos possa aggravar de mim.

ALCMENA

Com palavras de deshonra
Não se ha de tratar quem ama;

Nem zombaria se chama,
Por exprimentar a honra,
Pôr em tal perigo a fama.
Bem tive eu para mim,
Que era aquillo experiencia.

JUPITER

Errei no que commetti:
Bem me basta a penitencia
De quanto me arrependi.
E se fiz algum error,
Com que vosso amor se mude
De quem vo-lo tẽe maior;
Não exprimentei virtude,
Mas exprimentei amor.
Que se com caso tão vário
Folguei de vos agastar,
Foi amor accrescentar;
Porque ás vezes hum contrário
Faz seu contrário avisar.
Daqui vem, que a leve mágoa
Firmeza e affeições augmenta,
Como bem se vê na frágoa,
Onde o fogo se accrescenta,
Borrifando-o com pouca ágoa.
Se hum mal grande se alevanta
N'hum coração que maltrata,
A affeição se desbarata;
Porque onde a água he tanta
O fogo d'amor se mata.
E pois tive tal tenção,
Perdoae, Senhora, a culpa
Deste vosso coração.

ALCMENA

Não se alcança assi perdão
D'erro que não tẽe desculpa.

JUPITER

Ora pois assi tratais
Quem em tanto risco pôs
O amor que vós negais,
Eu m'ausentarei de vós
Onde mais me não vejais.
Que, pois desculpa não tem
Coração que tanto quer,
Vou-me; que não será bem
Que quem vós não podeis ver,
Que possa mais ver ninguem.
Se algum'hora meu cuidado
Vos der dor, em que pequena;
Peço-vos, pois fui culpado,
Que vos não peze da pena
De quem vos foi tão pezado.
E despois que a desventura
Puzer este coração
Debaixo da sepultura,
As letras na pedra dura
Vossa dureza dirão.
Isto vos hei de dizer,
Que m'ensinou minha dor:
Se quizerdes leda ser,
Nunca exprimenteis amor
Em quem vo-lo não tiver.
Deixae-me ir; não me tenhais.

ALCMENA

Amphitrião, não choreis!

Amphitrião!

JUPITER

Que quereis,
Ou para que nomeais
Homem, que ver não podeis?

ALCMENA

Amphitrião, s'eu causei
Com manencória pequena
Cousa, com que o magoei;
Eu quero cahir na pena
Dessa culpa que lhe dei.

JUPITER

Sempre serei magoado
Se vossa má condição
Me não perdôa o passado.

ALCMENA

Perdôo, e peço perdão
De lhe não ter perdoado.

SOSEA

No le perdone, Señora,
Hasta que con devocion
Tambien me pida perdon;
Que bien se me acuerda ahora
Que me ha llamado ladron.

JUPITER

Sosea?

SOSEA

Señor.

JUPITER

Vae buscar
O Piloto Belferrão;
Dir-lhe-has, se desembarcar,
Que me parece razão
Que venha hoje cá cear.

SOSEA

Sí, Señor, voy á la hora.

JUPITER

De nenhuma qualidade
Cure de fazer demora.
E nós vamos-nos, Senhora,
Confirmar nossa amizade.

SCENA II

MERCURIO

Grandes revoltas vão lá,
Grandes acontecimentos!
Cumpre-me que esteja cá,
Em quanto meu pae está
Em seus desenfadamentos.
Porque vi Amphitrião
Vir da náo mui apressado;
E tendo corrido e andado,
Não pôde achar Belferrão,
Que lhe era bem escusado.
Parece-me que virá
Ver se lhe abre aqui alguem;
Mas, porém, se chega cá,
Ja pode ser que se vá
Mais confuso do que vem.

SCENA III

(Mercurio e Amphitrião.)

AMPHITRIÃO

Quiz-nos nossa natureza
Com tal condição fazer,
Que ja temos por certeza
Não haver grande prazer,
Sem mistura de tristeza.
Este decreto espantoso,
Que instituio nossa sorte,
He tal e tão rigoroso,
Que ninguem antes da morte
Se póde chamar ditoso.
Com esta justa balança
O fado grande e profundo
Nos refreia a esperança,
Porque ninguem neste mundo
Busque bem-aventurança.
Eu, que cuidei de viver
Sempre contente de mi
Com tamanho Rei vencer,
Venho achar minha mulher
De todo fóra de si.
Mas d'outra parte, que digo?
Que s'he verdade o que vi,
E o que ella diz he assi;
Virei a cuidar comigo
Qu'eu sou fóra de mi.
Quero ver se a acho ja
Fóra de tão seccos nós.
Ó de casa?

MERCURIO

O de allá?
Quien sois?

AMPHITRIÃO

Abre.

MERCURIO

Santo Dios!
Pues no os conocen acá.

AMPHITRIÃO

Oh que gentil desvario!
Abri-me ora se quizerdes.

MERCURIO

No haré, que en mi confio
Que de fuera dormiredes,
Que no comigo, amor mio.
(Que cancion para oir!)

AMPHITRIÃO

Ah Sosea! zombas de mi?
(Ora quero-me fingir
Que ainda o não conheci,
Por ver se me quer abrir)
Ah Senhor, não abrireis?

MERCURIO

Qué quereis, hombre, por Dios?

AMPHITRIÃO

Duas palavras de vós.

MERCURIO

Tengo dicho mas de seis,
E ahora me pedis dos?
De fuera podeis dormir,
Que entrar no podeis acá.

AMPHITRIÃO

Ora acabae, abri lá.

MERCURIO

Digo que no quiero abrir:
Dije dos palabras ya.

AMPHITRIÃO

Ora sus, bargante, abri.

MERCURIO

Si no te vuelves de aqui,
Á gran peligro te ofreces.

AMPHITRIÃO

Velhaco, não me conheces,
Ou estás fóra de ti?

MERCURIO

Bonito venis, amor.
Quien sois, que hablais tan osado?

AMPHITRIÃO

Abre, que sou teu Senhor.

MERCURIO

Vuélvase de esotro lado,
Y conocerlehé mejor.

AMPHITRIÃO

Sosea moço.

MERCURIO

Así me llamo,
Huélgome que lo sepais;
Empero digo que os vais,
Que Amphitrion es mi amo;
Vos id buscar quien seais.

AMPHITRIÃO

Pois quero saber de ti:
Eu quem sou?

MERCURIO

Y quien sois vós?
Como os llaman?

AMPHITRIÃO

Abri.

MERCURIO

Á vos os llaman Abri?
Pues, Abri, andad con Dios.

AMPHITRIÃO

Quem ha, que possa soffrer
Em sua honra tal destroço,
Que para me endoudecer
Me tẽe negado a mulher,
E agora me nega o moço?

MERCURIO

Mira el encantador
Como se lastima y llora.

Y fuese tomar ahora
La forma de mi Señor,
Para engañar mi Señora.
Pues esperad, y no os vais,
Por un espacio pequeño;
Verná quien representais,
Y él os hará que volvais
El falso gesto á su dueño.

AMPHITRIÃO

Vae, velhaco, e chama cá
Esse falso feiticeiro;
Que se elle lá dentro está,
Esta espada julgará
Qual de nós he o verdadeiro.

SCENA IV

(Amphitrião, Sosea e Belferrão.)

BELFERRÃO

Ora ninguem presumíra
Que tinhas tão pouco siso;
Pois vás achar d'improviso
Tão bem forjada mentira,
Que me faz cahir de riso.
Hum moço, que alevantou
Tal graça, nunca nasceo:
Porque vos jura que achou
Que ou elle em dous se perdeo,
Ou de hum dous se tornou.

SOSEA

Patron, que no burlo, no:
En uno son dos unidos,

Y en dos cuerpos repartidos;
Yo soy él, y él es yo,
De un padre y madre nacidos.

BELFERRÃO

Esse tu que lá estás,
Tão velhaco he coma ti?

SOSEA

Mas aun pienso que es mas:
Por delante y por detrás
Todo se parece á mí.
Y fue gran merced de Dios
Ayuntar á mí mas uno,
Que peor fuera de nos,
Si Dios me hiciera ninguno,
Que no de uno hacer dos.

BELFERRÃO

Assi que, se te perdeste
Vieste a cobrar mais hum:
Mui gentil conta fizeste,
Pois que perdido soubeste
Que eras dous, sendo nenhum.

SOSEA

Pues teneis por abusion
Verdad tan clara, y tan rasa,
Aunque pone admiracion;
Quiera Dios, que allá en casa
No halleis otro Patron.

AMPHITRIÃO

O Patrão, que fui buscar,

Parece que vejo vir:
Não sei quem o foi chamar;
Mas que me ha de aproveitar
Se me não querem abrir?
Ah Belferrão!

BELFERRÃO

Ah Senhor!
Ja sinto que fui culpado;
Porque quem he convidado,
Se tão vagaroso for,
Merece não ser chamado.

AMPHITRIÃO

A vós quem vos convidou?

BELFERRÃO

Sosea, por mandado seu.

AMPHITRIÃO

Disso, Patrão, não sei eu;
Que Sosea ja me negou,
E ja se não dá por meu.
E se alguem vos foi dizer
Qu'eu vos chamo á minha mesa;
Mal vos dará de comer
Quem de todo lhe he defesa
A casa, e mais a mulher.

BELFERRÃO

Quem he esse tão ousado,
Que vos isso faz, Senhor?

AMPHITRIÃO

Sosea, creio que enganado

Por algum encantador,
Que a honra me tẽe roubado.

BELFERRÃO

Se elle aqui comigo vem,
Isso como póde ser?

AMPHITRIÃO

Ah! que a íra que vou ter,
Tão cega a vista me tem,
Que mo não deixava ver.
Porque razão, cavalleiro,
Não me abris quando vos mando?
Vós fazeis-vos chocarreiro?

SOSEA

Yo Señor? y como? y cuando?

AMPHITRIÃO

Quereis-lo saber primeiro?
Esperae, dir-se-vos-ha,
Mas será por outro son.

SOSEA

Ah Señor Amphitrion,
Porque matándome está,
Sin delito, y sin razon?

AMPHITRIÃO

Agora que vos eu dou
Me chamais Amphitrião,
E para me abrirdes não.

BELFERRÃO

Este moço em que peccou?

Porque pena sem razão?
Não mais por amor de mi.

AMPHITRIÃO

Não, que não sou seu Senhor;
Eu sou hum encantador.
Não o dizeis vós assi,
Ladrão, perro, enganador?

SOSEA

Porque fuy presto á llamar
Por su mandado al Patron,
Me quiere ahora matar?

AMPHITRIÃO

Quem vo-lo mandou buscar?

SOSEA

Si no hay otro Amphitrion,
Vuestra merced sin dudar.

AMPHITRIÃO

Eu te mandei?

SOSEA

Sí Señor,
Si otro no.

AMPHITRIÃO

Outro ha aqui,
Por quem tu zombes de mi?
Pois só desse encantador
Me quero vingar em ti.

SOSEA

Oh Júpiter, á quien bramo
Por su bondad que me vala!
Pues porque Sosea me llamo,
Yo mismo, y despues mi amo,
Me dieron venida mala!

ACTO QUINTO

SCENA I

(Jupiter, Belferrão, Sosea e Amphitrião.)

JUPITER

Quem he o tão atrevido,
Que aqui ousa de fazer
Tão revoltoso arruido
Com meus moços, sem temer,
Que fui sempre tão temido?
Quem aqui faz união,
Toma mui grande despejo.

BELFERRÃO

Oh grande admiração!
Vejo eu outro Amphitrião,
Ou he sonho isto que vejo?

SOSEA

No mirais la encantacion,
Que aquel hizo á mi Señor?
El que sale, Belferron,
Es el cierto Amphitrion,
Que estotro es encantador.

JUPITER

Sosea?

SOSEA

Mi Señor, ya vó.

JUPITER

Patrão, só por vós espero.

SOSEA

No os lo dicia yo,
Que este era el verdadero,
Y. esse que allá queda, no?

AMPHITRIÃO

Bargante, aonde te vás?
Fazes teu Senhor sandeu?
Pois espera, e levarás.

JUPITER

Ó lá, tornae por detrás,
Não deis no moço, que he meu.

AMPHITRIÃO

Vosso?

JUPITER

Meu.

AMPHITRIÃO

Póde isto haver,
Que outrem minhas cousas tome?
Vós galante haveis de ser,
O que me tomais o nome,
Casa, moços e mulher.

Eu vos farei conhecer
Com quem tendes esse trato.

JUPITER

Sosea?

SOSEA

Señor?

JUPITER

Vae dizer,
Que apparelhem de comer,
Em quanto este doudo mato.

BELFERRÃO

Oh Senhor, não seja assim,
Haja em vós concerto algum!
E senão, pois aqui vim,
Farei que só tome em mim
Os golpes de cada hum.

JUPITER

Patrão, vossa boa estrella
Me fará deixar com vida
Quem me não merece tella.

AMPHITRIÃO

Não a tenho eu merecida,
Pois que vos deixo com ella.

BELFERRÃO

O homem que for sisudo,
N'huma tão grande questão
Ha de tomar por escudo

A justiça, e a razão;
Que estas armas vencem tudo.
E pois essa natureza
Muitos homens faz iguaes,
Dê qualquer de vós signais
De quem he, para certeza
Da fórma que ambos mostrais.

JUPITER

Sou contente de mostrar
Polos sinaes que vos dou,
Que são estes sem faltar.

AMPHITRIÃO

Que sinaes podeis vós dar,
Para que sejais quem sou?

JUPITER

Estes, que logo vereis
Se são vãos, se de raiz.
Patrão, vós sêde juiz,
Que vós logo enxergareis
Qual mais verdade vos diz.

BELFERRÃO

Eu não sinto onde consista
A cura desta doença,
Que ha tão pouca differença,
Que aquelle em que ponho a vista,
Por esse dou a sentença.
Mas, Senhor, vós que ordenastes
Que o juiz disto fosse eu,
Quando se a batalha deu,

Dizei, que m'encommendastes
Que ficasse a cargo meu?

JUPITER

Dei-vos cargo, qu'estivesse
Toda a armada a bom recado,
E, se mal nos succedesse,
Que para os vivos houvesse
O refugio apparelhado.

BELFERRÃO

Ora vós quantos dobrões
Esse dia m'entregastes?

AMPHITRIÃO

Tres mil; e vós os contastes.

BELFERRÃO

Ambos sois Amphitriões
Pelos signaes que mostrastes.

JUPITER

Para ser mais conhecida
A tenção deste sandeu,
Vede est'outro sinal meu,
Que he neste braço a ferida
Que me El-Rei Terela deu.

BELFERRÃO

Mostrae vós, Senhor, tambem.

AMPHITRIÃO

Aqui o podeis olhar.

BELFERRÃO

Oh cousa para espantar!
Que ambos a ferida tem
D'hum tamanho, em hum lugar!

SCENA II

(JUPITER, AMPHITRIÃO e SOSEA.)

SOSEA

Dice mi Señora Alcmena
Que no se ha de así de estar
Con un bobo á razonar,
Que se le enfria la cena.

JUPITER

Belferrão, vamos cear.

AMPHITRIÃO

Belferrão, não me deixeis.
Como? tambem me negais?

JUPITER

Andae, não vos detenhais,
Vamos comer, se quereis,
Não ouçais hum doudo mais.

AMPHITRIÃO

Ah máos! assi me ordenais
Offensa tão mal olhada?
Eu farei, se m'esperais,
Com que todos conheçais
Os fios da minha espada,

JUPITER

As portas prestes fechemos,
Não entre este doudo cá.

SOSEA

De fuera se dormirá:
Entre tanto que cenemos,
Puede pasearse allá.

SCENA III

AMPHITRIÃO *só*

Oh íra para não crer,
Em que minh'alma se abraza,
Que me faz endoudecer,
E não me ajuda a romper
As paredes desta casa!
E porque? Não tenho eu
Forças, que tudo destrua?
Pois que tanto a salvo seu,
Outrem acho que possua
A melhor parte do meu;
Eu irei hoje buscar
Quem me ajude a vir queimar
Toda esta casa sem pena,
Donde veja arder Alcmena,
Com quem a vejo enganar.

SCENA IV

(AURELIO *e* MOÇO.)

AURELIO

No hallo á mis males culpa,

Para que merezca pena
La causa que me condena.

MOÇO

Essa está gentil desculpa
Para hoje dar a Alcmena!
Têe-no mandado chamar,
E elle está tão descuidado!

AURELIO

Moço, queres-me matar?
Que desculpa posso eu dar
Melhor qu'este meu cuidado?

MOÇO

E não ha mais que fazer?
Com isso a boca me tapa
Para mais nada dizer?

AURELIO

Ora dá-me cá essa capa,
E vamos ver o que quer:
Não trates de mais razão,
Pois não ha quem te resista.
Que vejo? outra novação!

MOÇO

Que he?

AURELIO

Ou me mente a vista,
Ou eu vejo Amphitrião.

MOÇO

Eu ouvi a Feliseo,

Quando cá trouxe o recado,
Como elle era chegado,
E quiz-me dizer que veo
Do siso desconcertado.

AURELIO

Isso quero eu ir saber,
Pois que tal cousa se sôa.

SCENA V

(Aurelio e Amphitrião.)

AURELIO

Senhor, póde-se dizer
Que a vinda seja mui boa?

AMPHITRIÃO

Essa não póde ella ser.

AURELIO

Porque não?

AMPHITRIÃO

Porque he roubada
Minha honra sem temor,
E minha casa tomada,
E vossa Prima enganada
Por hum grande encantador.

AURELIO

Isso he certo?

AMPHITRIÃO

E manifesto:

E tudo têe ja por seu
Adúltero e deshonesto:
Têe-me tomado o meu gesto,
E faz-lhe crer que sou eu.

AURELIO

Contais hum caso d'espanto!
E pois não podeis entrar,
Defendei-me por em tanto,
Que eu hei de lá chegar
Para ver quem póde tanto.

SCENA VI

AMPHITRIÃO, *só*

Se ver deshonra tão clara
Me não tivera o sentido
Totalmente endoudecido,
Que gravemente choràra
Ver tão grande amor perdido!
E quando vejo a verdade
Do nosso amor e amizade
Desfeita com tanta mágoa,
Enchem-se-me os olhos d'ágoa,
E a alma de saudade.
Assi que quiz minha estrella,
Para nunca ser contente,
Que agora, estando presente
Viva mais saudoso della,
Que quando della era ausente.
Esta porta vejo abrir
Com impeto demasiado,
Que poderei presumir,

Que vejo Aurelio sahir,
Como homem desatinado?

SCENA VII

(Amphitrião, Aurelio, Belferrão e Sosea.)

AURELIO

Oh estranha novidade!
Oh cousa para não crer!

BELFERRÃO

Venho cego de verdade,
Que não puderão soffrer
Meus olhos a claridade.

SOSEA

Oh triste, que vengo ciego
Con rayos, y con visiones!
Y destas encantaciones,
Si nuestra casa arde en fuego,
Han se de arder mis colchones.

AURELIO

Vamos a Amphitrião
Contar-lhe cousas tamanhas.

AMPHITRIÃO

Que vai lá? que cousas vão?

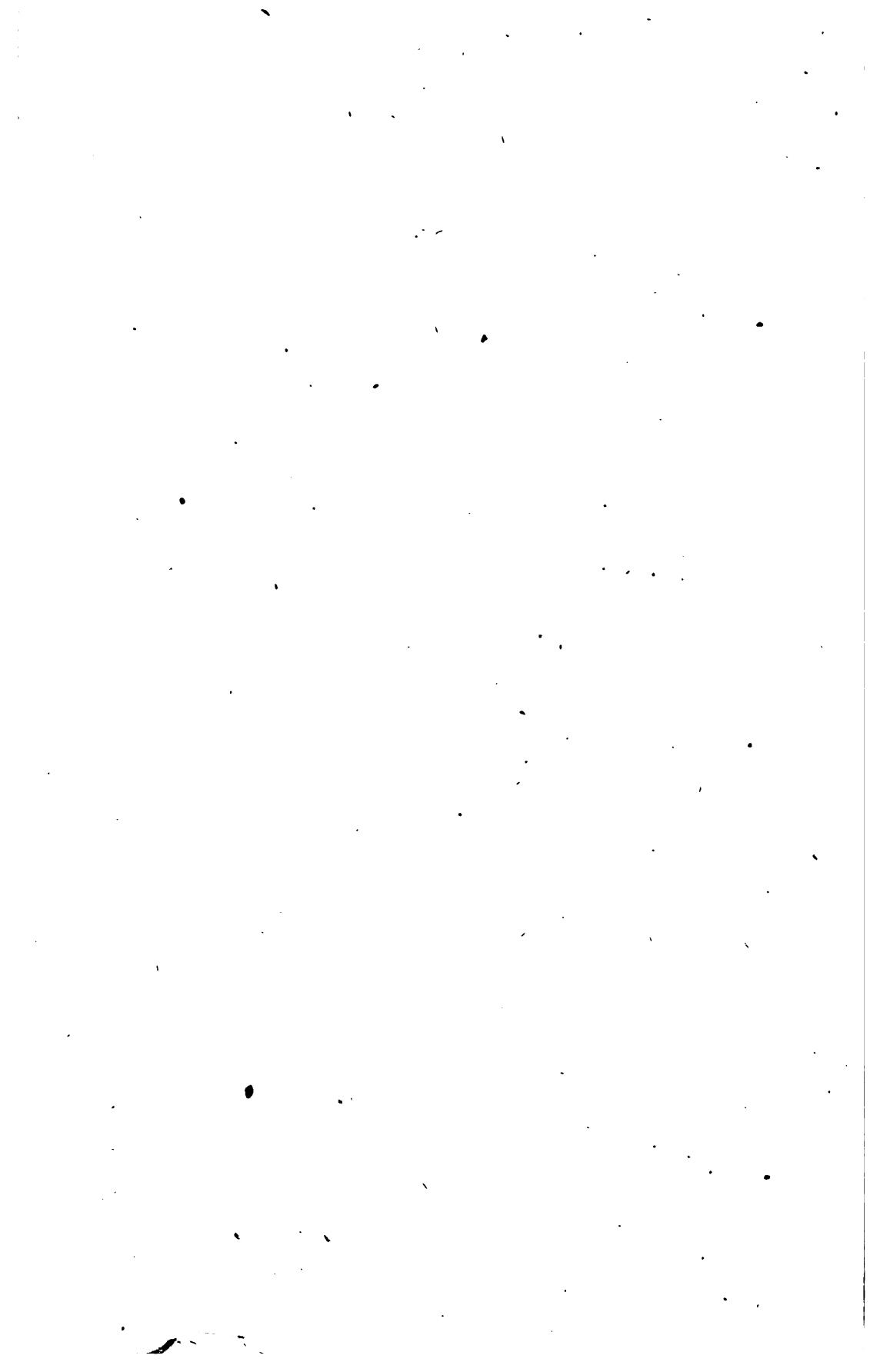
AURELIO

Maravilhas tão estranhas,
Que me treme o coração.
Porque aquelle homem, que assi

Tantos enganos teceo,
Como era cousa do Ceo,
Tanto qu'eu appareci,
Logo desappareceo.
E em desapparecendo
Com ruido grande e horrendo,
Toda a casa allumiou;
E de arte nos inflammou,
Que nos vimos acolhendo
Do raio que nos cegou.
Estes acontecimentos
Não são de humana pessoa.
Vós ouvis a voz que soa?
Escutae, estae attentos;
Vejamos o que pregoa.

JUPITER, *de dentro*

Amphitrião, qu'em teus dias
Vês tamanhas estranhezas,
Não t'espantem phantasias,
Que ás vezes grandes tristezas
Parem grandes alegrias.
Jupiter sou manifesto
Nas obras de admiração,
Que por mi causadas são:
Quiz-me vestir em teu gesto,
Por honrar tua geração.
Tua mulher parirá
Hum filho de mi gerado,
Que Hercules se chamará,
O mais valente e esforçado,
Que no mundo se achará.
Com este, teus successores

Se honrarão de serem teus;
E dar-lhe-hão os escriptores,
Por doze trabalhos seus,
Doze milhões de louvores.
E dessa illustre fadiga
Colherás mui rico fruito:
Emfim, a razão me obriga
Que tão pouco delle diga,
Porque o tempo dirá muito.

FILODEMO

INTERLOCUTORES

FILODEMO — VILARDO, seu Moço — DIONYSA — SOLINA, sua Moça. — VENADORO — MONTEIRO — DURIANO, Amigo de Filodemo — Hum Pastor — Hum Bobo, Filho do Pastor — FLORIMENA, Pastora — DOM LUSIDARDO, Pae de Venadoro — DOLOROSO, Amigo de Vilardo — Tres Pastores.

ARGUMENTO

Hum Fidalgo Portuguez, que acaso andava nos Reinos de Dinamarca, como por largos amores e maiores serviços, tivesse alcançado o amor de huma filha d'El-Rei, foi-lhe necessario fugir com ella em huma galé, por quanto havia dias que a tinha prenhe. E de feito, sendo chegados á costa de Hespanha, onde elle era senhor de grande patrimonio, armou-se-lhe grande tormenta, que sem nenhum remedio, dando a galé á costa, se perdêrão todos miseravelmente, senão a Princeza, que em huma taboa foi á praia: a qual, como chegasse o tempo de seu parto, junto de huma fonte pario duas crianças, macho e femea; e não tardou muito que hum pastor Castelhano, que naquellas partes morava, ouvindo os tenros gritos dos meninos, lhe acudio a tempo que a Mãe ja tinha espirado. Crescidas, emfim, as crianças debaixo da humanidade e criação daquelle pastor, o macho que Filodemo se chamou á vontade de quem os baptizára, levado da natural inclinação, deixando o campo, se foi para a cidade, aonde

por musico e discreto, valeo muito em casa de D. Lusidardo, irmão de seu pae, a quem muitos annos servio sem saber o parentesco que entre ambos havia. E como de seu Pae não tivesse herdado nada mais que os altos espiritos, namorou-se de Dionysa, filha de seu Senhor e Tio, que incitada ao que por suas obras e boas partes merecia, ou porque ellas nada engeitão, lhe não queria mal. Aconteceo mais, que Venadoro, filho de D. Lusidardo, mancebo fragueiro, e muito dado ao exercicio da caça, andando hum dia no campo após hum cervo, se perdeo dos seus; e indo dar em huma fonte, onde estava Florimena, irmãa de Filodemo (que assim lhe pozerão o nome) enchendo huma talha de água, se perdeo de amores por ella, que se não soube dar a conselho, nem partir-se donde ella estava, até que seu pae o não foi buscar. O qual informado pelo pastor que a criára (que era homem sabio na arte magica) de como a achára e como a criára, não teve por mal de casar a Filodemo com Dionysa sua filha, e prima de Filodemo; e a Venadoro seu filho, com Florimena sua sobrinha, irmãa de Filodemo pastor; e tambem pela muita renda que tinha e de seu pae ficára, de que elles erão verdadeiros herdeiros. Das mais particularidades da Comedia, fará menção o Auto, que he o seguinte.

ACTO PRIMEIRO

SCENA I

(Filodemo e Vilardo.)

FILODEMO

Moço Vilardo?

VILARDO

Ei-lo vae.

FILODEMO

Fallae era má, fallae,
E sahi cá para a sala.
O villão como se cala!

VILARDO

Pois, Senhor, sahi a meu Pae,
Que quando dorme não fala.

FILODEMO

Trazei cá huma cadeira:
Ouvis, villão?

VILARDO

Senhor, sim.
(Se m'ella não traz a mim,
Vejo-lh'eu ruim maneira.)

FILODEMO

Acabae, villão ruim.
Que moço para servir
Quem tẽe as tristezas minhas!
Quem pudesse assi dormir!

VILARDO

Senhor, nestas manhãzinhas
Não ha hi senão cahir:
Por demais he trabalhar
Qu'este somno se me ausente.

FILODEMO

Porque?

VILARDO

Porque ha d'assentar

Que se não for com pão quente,
Não ha de desafferrar.

FILODEMO

Ora hi pelo que vos mando,
Villão feito de fermento.
(Sahe VILARDO.)
Triste do que vive amando
Sem ter outro mantimento,
Qu'estar só phantasiando!
Só hũa cousa me desculpa
Deste cuidado que sigo,
Ser dẽ tamanho perigo,
Que cuido que a mesma culpa
Me fica sendo castigo.

(Vem o moço, e assenta-se na cadeira FILODEMO, *e diz ávante:)*
Ora quero praticar
Só comigo hum pouco aqui;
Que despois que me perdi,
Desejo de me tomar
Estreita conta de mi.
Vae para fóra, Vilardo.
Torna cá: vae-me saber
Se se quer ja lá erguer
O Senhor Dom Lusidardo,
E vem-mo logo dizer.
(Vai-se o moço.)
Ora bem, minha ousadia,
Sem azas, pouco segura,
Quem vos deo tanta valia,
Que subais a phantasia
Onde não sóbe a ventura?

Por ventura eu não nasci
No mato, sem mais valer,
Que o gado ao pasto trazer?
Pois donde me veio a mi
Saber-me tão bem perder?
Eu, nascido entre pastores,
Fui trazido dos currais,
E d'entre meus naturais
Para casa dos Senhores,
Donde vim a valer mais.
E agora logo tão cedo
Quiz mostrar a condição
De rustico e de villão!
Dando-me ventura o dedo,
Lhe quero tomar a mão!
Mas oh! qu'isto não he assi,
Nem são villãos meus cuidados,
Como eu delles entendi;
Mas antes, de sublimados,
Os não posso crer de mi.
Porque como hei eu de crer
Que me faça minha estrella
Tão alta pena soffrer,
Que sómente pola ter
Mereço a gloria della?
Senão se amor, d'attentado,
Porque me não queixe delle,
Tẽe por ventura ordenado
Que mereça o meu cuidado,
Só por ter cuidado nelle.

SCENA II

(VILARDO *e* FILODEMO.)

VILARDO

O Senhor Dom Lusidardo
Dorme com todo o convento;
E elle com o pensamento
Quer estar fazendo alardo
De castellinhos de vento!
Pois tão cedo se vestio,
Com seu damno se conforme,
Pezar de quem me pario;
Que ainda o sol não sahio:
Se vem á mão, tambem dorme.
Elle quer-se levantar
Assi pela manhãzinha!
Pois quero-o desenganar:
Nem por muito madrugar
Amanhece mais asinha.

FILODEMO

Traze-me a viola cá.

VILARDO

(Voto a tal que me vou rindo.)
Senhor, tambem dormirá.

FILODEMO

Traze-a, moço.

VILARDO

Si, virá,
Se não estiver dormindo.

FILODEMO

Ora hi polo que vos mando:
Não gracejeis.

VILARDO

Eis-me vou:
Pois, pezar de São Fernando!
Por ventura sou eu grou?
Sempre hei d'estar vigiando? *Sahe.*

FILODEMO

Ah Senhora, que podeis
Ser remedio do que peno,
Quão mal ora cuidareis
Que viveis e que cabeis
N'hum coração tão pequeno!
Se vos fosse apresentado
Este tormento em que vivo,
Crerieis que foi ousado
Este vosso, de criado
Tornar-se vosso captivo?

SCENA III

(Filodemo *e* Vilardo.)

VILARDO

Ora eu creio, se he verdade
Qu'estou de todo acordado,
Que meu amo he namorado;
E a mi dá-me na vontade
Que anda hum pouco abalado.
E se tal he, eu daria
Por conhecer a donzella

A ração d'hoje este dia;
Porque a desenganaria,
Sómente por ter dó della.
Havia-lhe perguntar:
Senhora, de que comeis?
Se comeis d'ouvir cantar,
De fallar bem, de trovar,
Em boa hora casareis.
Porém se vós comeis pão,
Tende, senhora, resguardo;
Qu'eis-aqui está Vilardo,
Qu'he como hum camaleão,
Por isso, bus, fazei fardo.
E se vós sois das gamenhas,
E houverdes d'attentar
Por mais que por manducar,
Mi cama son duras peñas,
Mi dormir siempre es velar.
A viola, Senhor, vem
Sem primas, nem derradeiras:
Mas sabe o que lhe convem?
Se quer, Senhor, tanger bèm,
Ha de haver mister terceiras.
E se estas cantigas vossas
Não forem para escutar,
E quizerdes espirar;
Ha mister cordas mais grossas,
Porque não possão quebrar.

FILODEMO

Vae para fóra.

VILARDO

Ja venho.

FILODENO

Qu'eu só desta phantasia
Me sostenho e me mantenho.

VILARDO

Quamanha vista que tenho,
Que vejo a estrella do dia! *Sahe.*

SCENA IV

FILODEMO, *cantando.*

Adó sube el pensamiento,
Seria una gloria inmensa
Si allá fuese quien lo piensa.

(Falla.)

Qual espirito divino
Me fará à mi sabedor
Deste meu mal, se he amor,
Se por dita desatino?
Se he amor, diga-me qual
Póde ser seu fundamento,
Ou qual he seu natural,
Ou porque empregou tão mal
Hum tão alto pensamento.
Se he doudice, como em tudo
A vida me abraza e queima,
Ou quem vio n'hum peito rudo
Desatino tão sisudo,
Que toma tão doce teima?
Ah Senhora Dionysa,
Onde a natureza humana
Se mostrou tão soberana!
O que vós valeis me avisa,
Mas o qu'eu peno m'engana.

SCENA V

(Solina e Filodemo.)

SOLINA

Tómado estais vós agora,
Senhor co'o furto nas mãos.

FILOLEMO

Solina, minha Senhora,
Quantos pensamentos vãos
Me ouvirieis lançar fóra?

SOLINA

Oh Senhor, quão bem que sôa
O tanger de quando em quando!
Bem sei eu huma pessoa,
Que ha ja huma hora, e boa,
Que vos está escutando.

FILODEMO

Por vida vossa, zombais?
Quem he? quereis-mo dizer?

SOLINA

Não o haveis vós de saber,
Bofé se me não peitais.

FILODEMO

Dar-vos-hei quanto tiver,
Para taes tempos como estes.
Quem tivera voz dos Ceos,
Pois escutar me quizestes!

SOLINA

Assi pareça eu a Deos,
Como lhe vós parecestes.

FILODEMO

A Senhora Dionysa
Quer-se ja alevantar?

SOLINA

Assi me veja eu casar,
Como despida em camisa
Se ergueo por vos escutar.

FILODEMO

Em camisa levantada!
Tão ditosa he minha estrella?
Ou mo dizeis refalsada?

SOLINA

Pois bem me defendeo ella
Que vos não dissesse nada.

FILODEMO

Se pena de tantos annos
Merecer algum favor,
Para cura de meus dannos
Fartae-me desses engannos,
Que não quero mais de Amor.

SOLINA

Agora quero eu fallar
Neste caso com mais tento;
Quero agora perguntar:
E de siso his vós tomar

Hum tão alto pensamento?
Certo he minha maravilha,
Se vós isto não sentis
Bem: vós como não cahis
Que Dionysa qu'he filha
Do Senhor a quem servis?
Como? Vós não attentais
Os Grandes, de qu'he pedida?
Peço-vos que me digais
Qual he o fim que esperais
Neste caso, em vossa vida.
Que razão boa, ou que côr
Podeis dar a esta affeição?
Dizei-me vossa tenção.

FILODEMO

Onde vistes vós amor
Que se guie por razão?
Se quereis saber de mi
Que fim, ou de que theor
O pretendo em minha dor;
S'eu neste amor quero fim,
Sem fim me atormente Amor.
Mas vós com gloria fingida
Pretendeis de m'enganar,
Por assi mal me tratar:
Assi que me dais a vida
Sómente por me matar.

SOLINA

Eu digo-vos a verdade.

FILODEMO

Da verdade fujo eu,

Porque se o Amor me deu
Pena de tal qualidade,
Assaz me custa do meu.

SOLINA

Folgo muito de saber
Que sois amante tão fino.

FILODEMO

Pois mais vos quero dizer,
Que ás vezes no imaginar
Não ouso de m'estender.
Na hora que imaginei
Na causa de meu tormento,
Tamanha gloria levei,
Que por onças desejei
De lograr o pensamento.

SOLINA

Se me vós à mi jurardes
De me terdes em segredo
Huma cousa... mas hei medo
De logo tudo contardes.

FILODEMO

A quem?

SOLINA

Áquelle enxovedo.

FILODEMO

Qual?

SOLINA

Aquelle máo pezar,

Que ant'hontem comvosco hia.
Quem se fosse em vós fiar!
O que vos disse o outro dia,
Tudo lhe fostes contar.

FILODEMO

Que lhe contei?

SOLINA

Ja lh'esquece?

FILODEMO

Por certo qu'estou remoto.

SOLINA

Hi, que sois hum cesto roto.

FILODEMO

Esse homem tudo merece.

SOLINA

Vós sois muito seu devoto.

FILODEMO

Senhora, não hajais medo:
Contae-m'isso, e far-me-hei mudo.

SOLINA

Senhor, o homem sisudo,
Se em taes cousas têe segredo,
Saiba que alcançará tudo.
A senhora Dionysa
Crede que mal vos não quer:
Não vos posso mais dizer.
Isto tende por balisa

Com que vos saibais reger.
Qu'em mulheres, se attentais,
O querer está visibil;
E se bem vos governais,
Não desespereis do mais,
Porque, emfim, tudo he possibil.

FILODEMO

Senhora, póde isso ser?

SOLINA

Si, que tudo o mundo tem:
Olhae não o saiba alguem.

FILODEMO

E que maneira hei de ter
Para crer tamanho bem?

SOLINA

Vós, Senhor, o sabereis;
E ja que vos descobri
Tamanho segredo aqui,
Huma mercê me fareis
Em que me vai muito a mi.

FILODEMO

Senhora, a tudo me obrigo
Quanto for em minha mão.

SOLINA

Pois dizei a vosso amigo
Que não gaste tempo em vão,
Nem queira amores comigo.

Porque eu tenho parentes,
Que me podem bem casar;
E mais que não quero andar
Agora em bôca de gentes
A quem s'elle vai gabar.

FILODEMO

Senhora, mal conheceis
O que vos quer Duriano:
Sabei-o, se o não sabeis,
Qu'em sua alma sente o dano
Do pouco que lhe quereis;
E que outra cousa não quer,
Que ter-vos sempre servida.

SOLINA

Pola sua negra vida,
Isso havia eu bem mister.

FILODEMO

Vós sois desagradecida!

SOLINA

Si, que tudo são enganos
Em tudo quanto fallais.

FILODEMO

Não quero que me creais:
Crede o tempo; que ha dous anos
Que vos serve, e inda mais.

SOLINA

Senhor, bem sei que m'engano;

Mas a vós, como a irmão,
Descubro este coração:
Sabei que a Duriano
Tenho sobeja affeição.
Olhae que lhe não digais
Isto que vos aqui digo.

FILODEMO

Senhora, mal me tratais:
Inda que sou seu amigo,
Sabei que vosso sou mais.

SOLINA

E ja que vos confessei
Aquestas fraquezas minhas,
Que ha tanto que de mi sei;
Fazei vós nas cousas minhas
O qu'eu nas vossas farei.

FILODEMO

Vós enxergareis, Senhora,
O qu'eu por vós sei fazer.

SOLINA

Como me deixo esquecer!
Aqui estivera agora
Fallando té anoitecer.
Vou-me; e olhae quanto val
O que passou entre nós.

FILODEMO

E porque vos ides vós?

SOLINA

Porque parece ja mal

Estar aqui ambos sós.
E mais vou vestir agora
A quem vos dá tão má vida.
Ficae-vos, Senhor, embora.

FILODEMO

Nessa ide vós, Senhora,
Que ja vos tenho entendida.

SCENA VI

FILODEMO, *só.*

Ora se póde isto ser
Do qu'esta moça me avisa,
Que a Senhora Dionysa,
Por me ouvir, se fosse erguer
Da sua cama em camisa!
E diz que mal me não quer.
Não queria maior gloria;
Mas o que mais posso crer,
Que nem para lhe esquecer
Lhe passo pela memoria.
Mas ter Solina tambem
Em Duriano o intento,
He levar-me a lenha o vento;
Porque s'ella lhe quer bem,
Para bem vai meu tormento.
Mas foi-se este homem perder
Neste tempo, de maneira,
Por huma mulher solteira,
Que não me atrevo a fazer
Que hum pequeno bem lhe queira.
Porém far-lhe-hei hum partido,

Porqu'ella não se querelle:
Que se mostre seu perdido,
Inda que seja fingido,
Como lh'outrem faz a elle.
E ja que me satisfaz,
E tanto nisto se alcança,
Dê-lhe fingida esperança:
Do mal que lhe outrem faz,
Tomará nella vingança.

SCENA VII

VILARDO, *só.*

Ora boa está a cilada
De meu amo com sua ama.
Que se levantou da cama
Por ouvi-lo! Está tomada:
Assi a tome má trama.
E mais crede que quem canta,
Ainda descantará:
E quem do leito, onde está.
Por ouvi-lo se levanta,
Mór desatino fará.
Quem havia de cuidar,
Que dama formosa e bella
Saltasse o demonio nella,
Para a fazer namorar
De quem não he igual della?
Que me dizeis a Solina?
Como se faz Celestina,
Que por não lhe haver inveja
Tambem para si deseja
O que o desejo lh'ensina!

Crêde que se me alvoróço,
Que a hei de tomar por dama;
E não será grão destroço,
Pois o amo quer a ama,
Que a moça queira o moço.
Vou-me; que vejo lá vir
Venadoro, apercebido
Para a caça se partir:
E voto a tal, que he partido
Para ver e para ouvir.
Que he razão justa e rasa
Que seu folgar se desconte
Em quem arde como brasa;
Que se vai caçar ao monte,
Fique outrem caçando em casa.

SCENA VIII

VENADORO, *só.*

Approvada antiguamente
Foi, e muito de louvar
A occupação do caçar,
E da mais antigua gente
Havida por singular.
He o mais contrário officio
Que tẽe a ociosidade,
Mãe de todo o bruto vicio:
Por este limpo exercicio
Se reserva a castidade.
Este dos grandes Senhores
Foi sempre muito estimado;
E he grande parte do estado
Ter monteiros, caçadores,

Como officio qu'he prezado.
Pois logo porque razão
A meu pae ha de pezar
De me ver ir a caçar?
E tão boa occupação
Que mal me póde causar?

SCENA IX

(Venadoro e o Monteiro.)

MONTEIRO

Senhor, venho alvoroçado,
E mais com muita razão.

VENADORO

Como assi?

MONTEIRO

Que me he chegado
O mais extremado cão,
Que nunca caçou veado.
Vejamôs que me ha de dar.

VENADORO

Dar-vos-hei quanto tiver;
Mas ha-se d'exprimentar,
Para se poder julgar
As manhas que póde ter.

MONTEIRO

Póde assentar qu'este cão,
Que tẽe das manhas a chave.
Bem feito? Em admiração.

Pois em ligeiro? He huma ave.
Em commetter? Hum leão.
Com porcos? Maravilhoso.
Com veados? Extremado.
Sobeja-lhe o ser manhoso.

VENADORO

Pois eu ando desejoso
D'irmos matar um veado.

MONTEIRO

Pois, Senhor, como não vae?

VENADORO

Vamos, e vós mui ligeiro
O necessario ordenae;
Qu'eu quero chegar primeiro
Pedir licença a meu pae.

ACTO SEGUNDO

SCENA I

DURIANO

Pois não creio eu em S. Pisco de páo, se hei de pôr pé em ramo verde, té lhe dar trezentos açoutes. Despois de ter gastado perto de trezentos cruzados com ella, porque logo lhe não mandei o setim para as mangas, fez de mim mangas ao demo. Não desejo eu de saber, senão qual he o galante que me succedeo; que se vo-lo eu colho a balravento, eu lhe farei botar ao mar quantas esperanças lhe a fortuna tẽe cortado á minha. Ora tenho assentado, què amor destas anda com o dinheiro, como a maré com a lua: bolsa cheia, amor em águas vivas; mas se vasa,

vereis espraiar este engano, e deixar em secco quantos gostos andavão como o peixe na água.

SCENA II

(FILODEMO *e* DURIANO.)

FILODEMO

Ó lá! cá sois vós? Pois agora hia eu bater essas moutas, para ver se me sahieis de alguma; porque quem vos quizer achar, he necessario que vos tire como huma alma.

DURIANO

Oh maravilhosa pessoa! Vós he certo que vos prezais de mais certo em casa, que pinheiro em porta de taverna; e trazeis, se vem á mão, os pensamentos com os focinhos quebrados, de cahirem onde vós sabeis. Pois sabeis, Senhor Filodemo, quaes são os que me mátão? Huns muito bem almofaçados, que com dois ceitís fendem a anca pelo meio, e se prezão de brandos na conversação, e de fallarem pouco e sempre comsigo, dizendo que não darão meia hora de triste pelo thesouro de Veneza; e gábão mais Garcilasso que Boscão; e ambos lhe sahem das mãos virgens; e tudo isto por vos meterem em consciencia que se não achou para mais o grão Capitão Gonçalo Fernandes. Ora pois desengano-vos, que a mór rapazia do mundo farão altos espiritos: e eu não trocarei duas pescoçadas da minha &c., despois de ter feito a tosquia a hum frasco, e fallar-me por tu e fingir-se-me bebada, porque o não pareça, por quantos Sonetos estão escriptos polos troncos das árvores do vale Luso, nem por quantas Madamas Lauras vós idolatrais.

FILODEMO

Tá, tá, não vades ávante, que vos perdeis.

DURIANO

Aposto que adivinho o que quereis dizer?

FILODEMO

Que?

DURIANO

Que se me não acudieis com o batel, que me hia meus passos contados a herege de amor.

FILODEMO

Oh que certeza tamanha, o muito peccador não se conhecer por esse!

DURIANO

Mas oh que certeza maior, de muito enganado, esperar em sua opinião! Mas tornando a nosso proposito, que he o para que me buscais? que se he cousa de vossa saude, tudo farei.

FILODEMO

Como templará el destemplado? Quem poderá dar o que não têe, Senhor Duriano? Eu quero-vos deixar comer tudo: não póde ser que a natureza não faça em vós o que a razão não póde: o caso he este; dir-vo-lo-hei; porém he necessario que primeiro vos alimpeis como marmelo, e que ajunteis para hum canto da casa todos esses máos pensamentos; porque segundo andais mal avinhado, damnareis tudo aquillo que agora lançarem em vós. Ja vos dei conta da pouca que tenho com toda a outra cousa que não he servir a Senhora Dionysa; e postoque a desigualdade dos estádos o não consinta, eu não pretendo della mais que o não pretender della nada, porque o que lhe quero, comsigo mesmo se paga; que este meu amor he como a ave Phenix, que de si só nasce, e não de outro nenhum interesse.

DURIANO

Bem praticado está isso; mas dias ha que eu não creio em sonhos.

FILODEMO

Porque?

DURIANO

Eu vo-lo direi: porque todos vós-outros os que amais pela passiva, dizeis que o amor fino como melão, não ha de querer mais de sua dama que amá-la; e virá logo o vosso Petrarcha, e o vosso Pietro Bembo, atoado a trezentos Platões, mais çafado que as luvas de hum pagem d'arte, mostrando razões verisimeis e apparentes, para não quererdes mais de vossa dama que vê-la; e ao mais até fallar com ella.

Pois inda achareis outros esquadrinhadores d'amor, mais especulativos, que defenderão a justa por não emprenhar o desejo; e eu (faço-vos voto solemne) se a qualquer destes lhe entregassem sua dama tosada e apparelhada entre dous pratos, eu fico que não ficasse pedra sobre pedra: e eu ja de mi vos sei confessar que os meus amores hão de ser pela activa, e que ella ha de ser a paciente, e eu agente, porque esta he a verdade. Mas, com tudo, vá v. m. co'a historia por diante.

FILODEMO

Vou, porque vos confesso que neste caso ha muita duvida entre os Doctores: assi que vos conto, que estando esta noite com a viola na mão, bem trinta ou quarenta legoas pelo sertão dentro de hum pensamento, senão quando me tomou á traição Solina; e entre muitas palavras que tivemos, me descobrio que a Senhora Dionysa se levantára da cama por me ouvir, e que estivera pela greta da porta espreitando quasi hora e meia.

DURIANO

Cobras e tostões, sinal de terra: pois ainda vos não fazia tanto ávante.

FILODEMO

Finalmente, veio-me a descobrir, que me não queria mal, que

foi para mi o maior bem do mundo; que eu estava ja concertado com minha pena a soffrer por sua causa, e não tenho agora sojeito para tamanho bem.

DURIANO

Grande parte da saude he para o doente trabalhar por ser são. Se vos deixardes manquecer na estrebaria com essas finezas de namorado, nunca chegareis onde chegou Rui de Sande. Por isso boas esperanças ao leme; que eu vos faço bom que ás duas enxadadas acheis água. E que mais passastes?

FILODEMO

A maior graça do mundo: veio-me a descobrir que era perdida por vós; e me quiz dar a entender que faria por mi tudo o que lhe vós merecesseis.

DURIANO

Santa Maria! Quantos dias ha que nos olhos lhe vejo marejar esse amor? porque o fechar de janellas que essa mulher me faz, e outros enojos que dizer poderia, no son sino corredores del amor, e a cilada em que ella quer que eu caia.

FILODEMO

Nem eu não quero que lho queirais, mas que lhe façais crer que lho quereis.

DURIANO

Não... quanté dessa maneira me offereço a romper meia duzia de serviços alinhavados ás panderetas, que bastem assentar-me em soldo pelo mais fiel amante que nunca calçou esporas; e se isto não bastar, salgan las palabras mas sangrientas del corazon, entoadas de feição, que digão que sou hum Mancias, e peor ainda.

FILODEMO

Ora dais-me a vida. Vamos ver se por ventura apparece, porque Venadoro, irmão da Senhora Dionysa, he fóra á caça; e sem

elle fica a casa despejada; e o Senhor Dom Lusidardo anda no pomar; que todo o seu passatempo he enxertar e dispor, e outros exercicios d'agricultura, naturaes a velhos: e pois o tempo nos vem á medida do desejo, vamo-nos lá; e se puderdes fallar, fazei de vós mil manjares, porque lhe façais crer que sois mais esperdiçado d'amor que hum Braz Quadrado.

DURIANO

Ora vamos, que agora estou de vez, e cuido d'hoje fazer mil maravilhas, com que vosso feito venha á luz.

SCENA III

(Dionysa e Solina.)

DIONYSA

Solina, mana.

SOLINA

Senhora.

DIONYSA

Trazei-me cá a almofada;
Que a casa está despejada,
E esta varanda cá fóra
Está melhor assombrada.
Trazei a vòssa tambem
Para estarmos cá lavrando;
Em quanto meu pae não vem,
Estaremos praticando,
Sem nos estorvar ninguem.

SOLINA

Este he o mesmo logar
Onde estava o bem logrado,

Tal que de muito enlevado
Se esquecia do càntar
Por se enlevar no cuidado.

DIÓNYSA

Vós, mana, sois mui ruim!
Logo lhe fostes contar
Que me ergui polo escutar.

SOLINA

Eu o disse?

DIONYSA

Eu não o ouvi?
Como mo quereis negar?

SOLINA

E pois isso que releva?
Que se perde nisso agora?

DIONYSA

Que se perde! Assi, Senhora,
Folgareis vós que se atreva
A contá-lo lá por fóra?
Que se lhe meta em cabeça
Alguma parvoa tenção?
Que faça, se vem á mão,
Algũa cousa que pareça?

SOLINA

Senhora, não tẽe razão.

DIONYSA

Eu sei mui bem attentar

Do que se ha de ter receio,
E do que he para estimar.

SOLINA

Não he o demo tão feio
Como alguem o quer pintar;
E não se espera isso delle,
Que não he ora tão moço.
E Vossa Mercê asselle
Que qualquer segredo nelle
He como huma pedra em poço.

DIONYSA

E eu que segredo quero
Co'hum criado de meu pae?

SOLINA

E vós, mana, fazeis fero?
Ao diante vos espero,
Se adiante o caso vae.

DIONYSA

O madraço! quem o vir
Fallar de siso co'ella...
Então vós, gentil donzella,
Folgais muito de o ouvir?

SOLINA

Si, porque me falla nella;
E eu como ouço fallar
Nella, como quem não sente,
Folgo de o escutar,
Só para lhe vir contar

O que della diz a gente;
Qu'eu não quero nada delle.
E mais, porque está fallando?
Não m'esteve ella rogando
Que fosse fallar com elle?

DIONYSA

Disse-vo-lo assi zombando.
Vós logo tomais em grosso
Tudo quanto me escutais.
Parvo! que vê-lo não posso.

SOLINA

Ella alli, e o cão co'o osso!
Inda isto ha de vir a mais.
Pois que tal odio lhe tem,
Fallemos, Senhora, em al;
Mas eu digo que ninguem
Merece por querer bem
Que a quem lho quer, queira mal.

DIONYSA

Deixae-o vós doudejar.
Se meu pae, ou meu irmão,
O vierém a aventar,
Não ha elle de folgar.

SOLINA

Deos meterá nisso a mão.

DIONYSA

Ora hi polas almofadas,
Que quero hum pouco lavrar,

Por ter em que me occupar;
Qu'em cousas tão mal olhadas
Não se ha o tempo de gastar.

SOLINA

Que cousa somos mulheres!
Como somos perigosas!
E mais estas tão viçosas
Qu'estão á bôca *que queres?*
E adoecem de mimosas!
Se eu não caminho agora
A seu desejo e vontade;
Como faz esta Senhora,
Fazem-se logo nessa hora
Na volta da honestidade.
Quem a víra o outro dia
Hum poucochinho agastada,
Dar no chão com a almofada,
E enlevar a phantasia,
Toda n'outra transformada!
Outro dia lhe ouvirão
Lançar suspiros a mólhos,
E com a imaginação
Cahir-lhe a agulha da mão,
E as lagrimas dos olhos.
Ouvir-lhe-heis á derradeira
A ventura maldizer,
Porque a foi fazer mulher.
Então diz que quer ser Freira;
E não se sabe entender.
Então gaba-o de discreto,
De musico e bem disposto,
De bom corpo e de bom rosto.

Quanté então eu vos prometo,
Que não tẽe delle desgosto.
Despois, se vem a attentar,
Diz que he muito mal feito
Amar homem deste geito;
E que não póde alcançar
Pôr seu desejo em effeito.
Logo se faz tão Senhora,
Logo lhe ameaça a vida,
Logo se mostra nessa hora
Muito segura de fóra,
E de dentro está sentida.
Bofé, segundo vou vendo,
Se esta postema vier,
Como eu suspeito, a crescer,
Muito ha que della entendo
O fim que póde vir ter.

SCENA IV

(Duriano e Filodemo.)

DURIANO

Ora deixae-a ir, que á vinda lhe fallaremos; entretanto cuidarei o como hei de fazer; que não ha mór trabalho para huma pessoa que fingir-se.

FILODEMO

Dar-lhe-heis esta carta; e fazei muito com ella que a dê á Senhora Dionysa; que me vai nisso muito.

DURIANO

Por mulher de tão bom engenho a tendes?

FILODEMO

E porque me perguntais isso?

DURIANO

Porque ainda hontem entrou pelo A, B, C, e ja quereis que leia carta mandadeira: fa-la-heis cedo escrever materia junta.

FILODEMO

Não lhe digais que vos disse nada, porque cuidará que por isso lhe fallais; mas fingi que de puro amor a andais buscando a tempos que fação á vossa tenção.

DURIANO

Deixae-me vós a mi com o caso, que eu sei melhor as pancadas a estes vintes, que vós; e eu vo-la farei hoje vir a nós sem gafas; e vós entretanto acolhei-vos a sagrado, porque ei-la lá vem.

FILODEMO

Olhae lá: fazei que a não vêdes, e fingi que fallais comvosco; que faz a nosso caso.

DURIANO

Dizeis bem. (Yo sigo tristeza, remedio de tristes: la terrible pena mia no la espero remediar. Pois não devia assi de ser, polos santos Evangelhos! mas muitos dias ha que eu sei que o amor, e os cangrejos, andão ás vessas. Ora, emfim, las tristezas no me espanten, porque suelen aflojar cuando mas duelen.)

SCENA V

(SOLINA *e* DURIANO.)

SOLINA, *com a almofada.*

Aqui anda passeando
Duriano, e só comsigo
Pensamentos praticando:
Daqui posso estar notando
Com quem sonha, se he comigo.

DURIANO

Ah quão longe estará agora
Minha Senhora Solina
De saber que estou bem fóra
De ter outra por senhora,
Segundo o amor determina!
Porém se determinasse
Minha bem-aventurança
Que de meu mal lhe pezasse,
Até que nella tomasse
Do que lhe quero vingança!...

SOLINA

(Comigo sonha por certo.
Ora quero-me mostrar,
Assim como por acêrto:
Chegar-me-hei mais ao perto,
Por ver se me quer fallar.)
Sempre esta casa ha d'estar
Acompanhada de gente,
Que não possa homem passar!

DURIANO

Á traição vindes tomar
Quem ja feridas não sente?

SOLINA

Logo me a mi parecia
Que era elle o que passeava.

DURIANO

E eu mal adivinhava
Que me viesse este dia,

Que ha tantos que desejava.
Se huns olhos por vos servir,
Com o amor que vos conquista,
Se atrevêrão a subir
Os muros da vossa vista,
Que culpa tẽe quem vos vir?
E se esta minha affeição,
Que vos serve de giolhos,
Não fez erro na tenção,
Tomae vingança nos olhos,
E deixae o coração.

SOLINA

Ora agora me vem riso.
Assi que vós sois, Senhor,
De siso meu servidor?

DURIANO

De siso não, porque o siso
Me tẽe tirado o amor.
Porque o amor, se attentais,
N'hum tão verdadeiro amante
Não deixa siso bastante;
Senão se siso chamais
A doudice tão galante.

SOLINA

Como Deos está nos Ceos,
Que se he verdade o que temo,
Que fez isto Filodemo.

DURIANO

Mas fê-lo o démo; que Deos
Não faz mal tanto em extremo.

SOLINA

Bem. Vós, Senhor Duriano,
Porque zombareis de mim?

DURIANO

Eu zombo?

SOLINA

Eu não me engano.

DURIANO

S'eu zombo, inda em meu dano
Vejais vós mui cedo a fim.
Mas vós, Senhora Solina,
Porque me querereis mal?

SOLINA

Sou mofina.

DURIANO

Oh! real.
Assi que minha mofina
He minha imiga mortal.
Dias ha qu'eu imagino
Qu'em vos amar e servir
Não ha amador mais fino;
Mas sinto que de mofino
Me fino sem o sentir.

SOLINA

Bem derivais: quanté assi
Á popa o dito vos veio.

DURIANO

Vir-me-ha de vós, porque creio
Que vós fallais dentro em mi.

Como esprito em corpo alheio.
E assi que em estas piós
A cahir, Senhora, vim;
Bem parecerá entre nós,
Pois vós andais dentro em mim,
Que ande eu tambem dentro em vós.

SOLINA

He bem: que fallar he esse?

DURIANO

Dentro na vossa alma, digo,
Lá andasse, e lá morresse!
E se isto mal vos parece,
Dae-me a morte por castigo.

SOLINA

Ah máo! Como sois malvado!

DURIANO

Mas vós como sois malvada,
Que de hum pouco mais de nada
Fazeis hum homem armado,
Como quem 'stá sempre armada!
Dizei-me, Solina, mana.

SOLINA

Qu'he isso? Tirae lá a mão:
Oh! vós sois máo cortezão.

DURIANO

O que vos quero m'engana,
Mas o que desejo não.

Não ha aqui senão paredes,
As quaes não fallão, nem vem.

SOLINA

Está isso muito bem.
Bem: e vós, Senhor, não vêdes
Que poderá vir alguem?

DURIANO

Que vos custão dous abraços?

SOLINA

Não quero tantos despejos.

DURIANO

Pois que farão meus desejos,
Que querem ter-vos nos braços,
E dar-vos trezentos beijos?

SOLINA

Olhae que pouca vergonha!
Hi-vos d'hi, bôca de praga.

DURIANO

Eu não sei certo a que ponha
Mostrardes-me a triaga,
E virdes-me a dar peçonha.

SOLINA

Ora ide rir á feira,
E não sejais dessa laia.

DURIANO

Se vêdes minha canseira,
Porque lhe não dais maneira?

SOLINA

Que maneira?

DURIANO

A da saia.

SOLINA

Por minha alma, hei de vos dar
Meia duzia de porradas.

DURIANO

Oh que gostosas pancadas!
Mui bem vos podeis vingar,
Qu'em mim são bem empregadas.

SOLINA

Ao diabo, que o eu dou.
Como me doeo a mão!

DURIANO

Mostrae cá, minha affeição,
Que essa dor me magoou
Dentro no meu coração.

SOLINA

Ora hi-vos embora asinha.

DURIANO

Por amor de mi, Senhora,
Não fareis huma cousinha?

SOLINA

Digo que vades embora.
Que cousa?

DURIANO

Esta cartinha.

SOLINA

Que carta?

DURIANO

De Filodemo
A Dionysa vossa ama.

SOLINA

Dizei, que tome outra dama,
E dê os amores ao démo.

DURIANO

Não andemos pola rama.
Senhora (aqui para nós),
Que sentis della com elle?

SOLINA

Grandes alforges sois vós!
Pois hi-lhe dizer que appelle.

DURIANO

Fallae, que aqui 'stamos sós.

SOLINA

Qualquer honesta se abala,
Como sabe que he querida.
Ella he por elle perdida:
Nunca n'outra cousa falla.

DURIANO

Ora vou-lhe dar a vida.

SOLINA

E eu não lhe disse ja
Quanta affeição lh'ella tem?

DURIANO

Não se fia de ninguem,
Nem crê que para elle ha
No mundo tamanho bem.

SOLINA

Dir-vos-hia de mim lá
O que lh'eu disse zombando?

DURIANO

Não disse, por S. Fernando!

SOLINA

Ora ide-vos.

DURIANO

Que me vá!
E mandais que torne? Quando?

SOLINA

Quando eu cá vir lugar,
Vo-lo mandarei dizer.

DURIANO

Se o quizerdes buscar,
Não vos deve de faltar,
Se não faltar o querer.

SOLINA

Não falta.

DURIANO

Dae-me hum abraço
Em sinal do que quereis.

SOLINA

Tá, que o não levareis.

DURIANO

De quantos serviços faço
Nenhum pagar me quereis?

SOLINA

Pagar-vos-hão algum'hora,
Que isso a mi tambem me toca;
Mas agora hi-vos embora.

DURIANO

Essas mãos beijo, Senhora,
Em quanto não posso a bôca.

SCENA VI

(Solina *que traz a almofada, e* Dionysa.)

SOLINA

Ja Vossa Mercê dirá
Qu'estive muito tardando.

DIONYSA

Bem vos detivestes lá.
Bofé que estava cuidando
Em não sei que.

SOLINA

Que será?

Aqui somos. (Quanté agora
Está ella transportada.)

DIONYSA

Que rosnais vós lá, Senhóra?

SOLINA

Digo que tardei lá fóra
Em buscar esta almofada.
Que estava ella agora só
Comsigo phantasiando?

DIONYSA

Bofé que estava cuidando
Qu'he muito para haver dó
Da mulher que vive amando.
Que hum homem póde passar
A vida mais occupado:
Com passear, com caçar,
Com correr, com cavalgar,
Fórra parte do cuidado.
Mas a coitada
Da mulher sempre encerrada,
Que não tẽe contentamento,
Não tẽe desenfadamento,
Mais que agulha e almofada?
Então isto vem parir
Os grandes erros da gente:
Forão mil vezes cahir
Princezas d'alta semente.
Lembra-me que ouvi contar
De tantas affeiçoadas
Em baixo e pobre lugar,

Que as que agora vão errar
Podem ficar desculpadas.

SOLINA

Senhora, a muita affeição
Nas Princezas d'alto estado
Não he muita admiração;
Que no sangue delicado
Faz amor mais impressão.
Mas deixando isto á parte,
Se m'ella quizer peitar,
Prometto de lhe mostrar
Huma cousa muito d'arte,
Que lá dentro fui achar.

DIONYSA

Que cousa?

SOLINA

Cousa d'esprito.

DIONYSA

Algum panno de lavores?

SOLINA

Inda ella não deo no fito?
Cartinha sem sobre-escripto,
Que parece ser de amores.

DIONYSA

Essa he a boa ventura?

SOLINA

Bofé que mo pareceo.

DIONYSA

E essa donde nasceo?

SOLINA

No meu cesto da costura:
Não sei quem m'alli meteo.

DIONYSA

Mostrae-ma; não hajais medo,
Mana. Eu que vos descobri...

SOLINA

E se ella vem para mi,
Logo quer ver meu segredo?
Não a veja: vá-se d'hi.
Ei-la-ahi.

DIONYSA

Cuja será?

SOLINA

Não sei certo cuja he.

DIONYSA

Si; sabeis.

SOLINA

Não sei, bofé.

DIONYSA

Ora a carta mo dirá.

SOLINA

Pois leia Vossa Mercê.

(Abre Dionysa *a carta, e lê-a.)*

«Se para merecer minha pena me não falta mais que viver

contente della, ja logo ma podeis consentir; pois que de nenhuma outra cousa vivo triste, senão por não ser para tão doce tristeza. Se tendes por offensa commetter tamanha ousadia; por maior a devieis ter, se a não commettesse; que amor acostumado he fazer os extremos á medida das affeições, e as affeições á medida da causa dellas. Pois logo, nem o meu amor póde ser pouco, nem fazer menos: se este não bastar para consentirdes em meu pensamento, baste para me dardes o que pelo ter mereço; e senão muitas graças ao Amor, que me soube dar hum cuidado, que com tê-lo se paga o trabalho de soffre-lo. »

SOLINA

Quanta parvoice diz!

DIONYSA

Ora muito boa está!
Como vós, mana, sois má!
Não sejais vós tão biliz;
Que bem vos entendo ja.
Cuja he?

SOLINA

E eu que sei?

DIONYSA

Pois quem o sabe?

SOLINA

O démo.

DIONYSA

Certo que he de quem temo;
Que os ditos que nella achei
São todos de Filodemo.
Este homem, que atrevimento

He este que foi tomar?
Qual será seu fundamento?
Que mil vezes me faz dar
Mil voltas ao pensamento.
Não entendo delle nada.
Mas inda qu'isto he assi,
Disso que delle entendi,
Me sinto tão alterada,
Que me arreceio de mi.
Eu inda agora não creio
Que he verdade este amor;
Mas praza a Deos, se assi for,
Que inda este meu arreceio
Se não converta em temor.

SOLINA

Ja vós, ja sêdes,
Peixes, nas redes.
Senhora, quem mais confia,
Mais asinha a cahir vem:
Natural he o querer bem;
Que o amor n'alma se cria,
Sem o sentir quem o tem.
Filodemo, no que ouvi,
Tẽe-lhe sobeja affeição;
E postoque o creia assi,
Ou eu sonhei, ou ouvi,
Que era d'alta geração.
Logo na physionomia,
Nas manhas, artes e geito,
Mostra mui grande respeito:
Nem tão alta phantasia
Não se põe em baixo peito.

DIONYSA

Tudo isso cuido, e vi
Mil vezes miudamente;
Más estas mostras assi
São desculpas para mi,
E não para toda a gente.

SOLINA

O seu mòço vejo vir
A nós, seu passo contado:
Este he muito para ouvir,
Que diz que me quer servir
D'amores esperdiçado.

SCENA VII

(Vilardo, Solina e Dionysa.)

VILARDO

Senhora, o Senhor seu pae,
Mesmo de Vossa Mercê,
Ja lá para casa vae:
Por isso, Senhora, andae,
Que elle me mandou n'hum pé;
E diz que fosse jantar
Vossa Mercê mesmamente.

SOLINA

E ja veio do pomar?

DIONYSA

Oh quem pudéra escusar
De comer, nem de ver gente!
(Nenhuma côr de verdade
Tenho do que m'elle manda.)

VILARDO

S'ella sem vontade anda,
Eu lh'emprestarei vontade,
Empreste-m'ella a vianda.

SOLINA

Vá, Senhora, por não dar
Majs em que cuidar á gente.

DIONYSA

Irei, mas não por jantar;
Que quem vive descontente
Mantem-se de imaginar.

VILARDO

Pois tambem cá minhas dores
Me não deixão comer pão;
Nem come minha affeição
Senão sopadas d'amores,
E mil postas de paixão.
Das lagrimas caldo faço,
Do coração escudella;
Esses olhos são panella
Que coze bofes e baço,
Com toda a mais cabedella.

SCENA VIII

(O MONTEIRO, *hum* PASTOR *e hum* BOBO.*)*

MONTEIRO

Perdeo-se por esta brenha
Venadoro, meu Senhor,
Sem que novas delle tenha:

Queira Deos que inda não venha
Desta perda outra maior.
Contra esta parte daqui
Des pós hum cervo correo,
Logo desappareceo:
Como da vista o perdi,
O gosto se me perdeo.
Eu, e os mais caçadores,
Corremos montes e covas;
Fallamos com lavradores
Deste valle, e com pastores,
Sem acharmos delle novas.
Quero ver nestes casais
Que cobre aquelle arvoredo,
Se acharei pastores mais,
Que me dem alguns sinais
Que me possão tornar ledo.

(Chama.)

Ó dos casaes, ó de lá:
Ah pastores, não fallais?

PASTOR

Quien sois, ó lo que buscais?

MONTEIRO

Ouvis? Chegae para cá.

PASTOR

Dicid vos lo que mandais.

BOBO

No vayais adó os llamó,
Padre, sin saber quien es.

PASTOR

Porque?

BOBO

Porque este es
Aquel ladron que hurtó
El asno del Portugues.
Y se vais adó estan,
Os juro al cuerpo sagrado
De San Pisco, y San Juan,
Que tambien os hurtarán,
Que sois asno mas honrado.

PASTOR

Déjame ir, que me llamó.

BOBO

No, por vida de mi madre;
Que si allá vais, muerto so',
Y desta vez quedo yo,
Sin asno, triste! y sin padre.

MONTEIRO

Vinde, que vo-lo encommendo,
E em vossas mãos me ponho.

BOBO

No vais, que dijo *en comiendo,*
Encomiendoos al demonio!

(Ao Monteiro.)

Y esso es lo que andais haciendo?

PASTOR

Déjame ir adó está,
Que no es cosa que me espante.

BOBO

No quereis sino ir allá?
Pues echadle pan delante,
Puede ser amansará.

PASTOR

Dios os guarde! Qué cosa es
Esa porque voceais?

MONTEIRO

Dar-m'heis novas, ou sinais
D'hum Fidalgo Portugues,
Se passou por onde andais?

BOBO

Yo so' Hidalgo Portugues:
Que manda su Señoria?

PASTOR

Cállate: oh que nescio es!

BOBO

Padre, no me dejarés
Ser lo que quisiere un dia?
Ah Santo Dios verdadero!
No seré lo que otros son?
Digo ahora que no quiero
Ser Alonsico, el vaquero.

PASTOR

Cállate ya, bobarron.

BOBO

Ya me callo: ahora un poco
He de ser lo que [yo] quisiere.

PASTOR

Señor, diga lo que quiere,
Porque este mochacho es loco,
Y muero porque no muere.

MONTEIRO

Digo, que se por ventura
Sabeis o que ando buscando:
Hum Fidalgo, que caçando
Se perdeu nesta espessura
Após hum cervo andando.
Tenho esta parte corrida,
Sem delle poder saber:
Trago a alegria perdida;
E se de todo a perder,
Perca-se tambem a vida.
Porque só polo buscar
Tenho trabalhos assás.

BOBO

(Yo no puedo callar mas.)

PASTOR

(Como no puedes callar?
Quítate allá para tras.)
Cuanto por aquesta tierra,
No siento nueva ninguna.

MONTEIRO

Oh trabalhosa fortuna!

PASTOR

Mas detras daquesta sierra
Hallareis, por dicha, alguna;

Que unas choças de vaqueros
Portugueses allí estan;
Y ahí muchas veces van
Cazadores Cavalleros:
Puede ser que lo sabran.

MONTEIRO

Quero-me ir lá saber.
Ficae-vos a Deos, pastor.

PASTOR

Dios os livre de dolor.

BOBO

Y á nos dé siempre comer
Pan y sopas, qu'es mejor.
Mirad lo que os notifico:
En aquel valle, acullá,
Anda paciendo un burrico,
Hidalgo, manso, y bonico;
Puede ser que ese será.

PASTOR

Calla, y acaba de andar.

BOBO

Ya ando.

PASTOR

Quieres callar?
Bobo que tan poco sabe!

BOBO

No diceis que ande y acabe?
Ando, y no quiero acabar.

ACTO TERCEIRO

SCENA I

(Florimena, *pastora, com hum pote, que vai á fonte.)*

FLORIMENA

Por este formoso prado
Tudo quanto a vista alcança
Tão alegre está tornado,
Que a qualquer desesperado
Póde dar certa esperança.
O monte, e sua aspereza,
De flores se veste ledo;
Reverdece o arvoredo,
Sómente em minha tristeza
Está sempre o tempo quedo.
Junto desta fonte pura,
Segundo a muitos ouvi,
D'altos parentes nasci:
Foi como quiz a Ventura,
Mas não como eu mereci.
O dia que fui nascida,
Minha mãe do parto forte
Foi sem cura fallecida;
E o dia que me deo vida
Lhe dei eu a ella a morte.
Do mesmo parto nasceo
Meu irmão, que entre os cabritos
Comigo tambem viveo;
Mas, assi como cresceo,
Crescêrão nelle os espritos.

Foi-se buscar a cidade;
Teve juizo e saber;
Eu fiquei, como mulher,
E não tive faculdade
Para poder mais valer.
A hum pastor obedeço
Por pae, que d'outro não sei;
E pola mãe que matei,
A huma cabra conheço,
De cujo leite mamei.
Mas porém, ja qu'este monte
Me obriga e meu nascimento,
Quero, pois quer meu tormento,
Encher a talha na fonte
Que co'os olhos accrescento.

(Finge que enche a talha.)

SCENA II

(Venadoro e Florimena.)

VENADORO

Pois que me vim alongar
Dos caminhos e da gente,
Fortuna, que o consente,
Se devia contentar
De me tér tão descontente.
Porém, segundo adivinho,
Por tão espesso arvoredo,
Por tão áspero rochedo,
Quanto mais busco o caminho,
Tanto mais delle me arredo.
O cavallo, como amigo,
Ja cansado me trazia:

Mais deixou-me todavia;
Que mal pudera comigo
Quem comsigo não podia.
Quero-me aqui assentar
Á sombra, nesta hervinha,
Porque canso ja de andar;
Mas inda a fortuna minha
Não cansa de me cansar.
Junto desta fonte pura
Não sei quem cuido qu'está;
Mas no coração me dá
Que aqui me guarda a Ventura
Alguma ventura má.
Ou ganhado, ou bem perdido,
Faça, emfim, o que quizer,
Qu'eu o fim disto hei de ver;
Que ja venho apercebido
A tudo quanto vier.
Oh que formosa serrana
Á vista se me offerece!
Deosa dos montes parece;
E se he certo que he humana,
O monte não a merece.
Pastora tão delicada,
De gesto tão singular,
Parece-me qu'em lugar
De perguntar pola estrada,
Por mim lhe hei de perguntar.
Atéqui sempre zombei
De qualquer outra pessoa
Que affeiçoada topei;
Mas agora zombarei
De quem se não affeiçoa.

Serrana, cuja pintura
Tanto a alma me moveo,
Dizei-me: Por qual ventura
Andareis nesta espessura,
Merecendo estar no Ceo?

FLORIMENA

Tamanho inconveniente
Andar na serra parece?
Pois a ventura dà gente
Sempre he mui differente
Do que, ao parecer, merece.

VENADORO

Tal resposta he manifesto
Não se parecer co'as cabras.
Pois não vos parece honesto
Saberdes matar co'o gesto,
Senão inda com palabras?
No mato tudo he rudeza.
Ha tal gesto e discrição?
Não o creio.

FLORIMENA

Porque não?
Não supprirá natureza
Onde falta criação?

VENADORO

Ja logo nisso, Senhora,
Dizeis, se não sinto mal,
Que do vosso natural
Não era serdes pastora.

FLORIMENA

Digo, mas pouco me val.

VENADORO

Pois quem vos pôde trazer
Á conversação do monte?

FLORIMENA

Perguntae-o a essa fonte;
Que as cousas duras de crer,
Hum as faça, outro as conte.

VENADORO

Esta fonte, que está aqui,
Que sabe do que dizeis?

FLORIMENA

Senhor, mais não pergunteis,
Porque outra cousa de mi
Sabei que não sabereis.
De vós agora sabei,
O que não tendes sabido:
Se quereis água, bebei;
Se andais por dita perdido,
Eu vos encaminharei.

VENADORO

Senhora, eu não vos pedia
Que ninguem m'encaminhasse;
Que o caminho qu'eu queria,
Se o eu agora achasse,
Mais perdido me acharia.
Não quero passar daqui:

E não vos pareça espanto
Qu'em vos vendo me rendi;
Porque quando me perdi,
Não cuidei de ganhar tanto.

FLORIMENA

Senhor, quem na serra mora
Tambem entende a verdade
Dos enganos da cidade:
Vá-se embora, ou fique embora,
Qual for mais sua vontade.

VENADORO

Oh lindissima donzella,
A quem a ventura ordena
Que me guie como estrella!
Quereis-me deixar a pena,
E levar-me a causa della?
E ja que vos conjurastes
Vós e Amor para matar-me,
Oh não deixeis d'escutar-me!
Pois a vida me tirastes,
Não me tireis o queixar-me!
Qu'eu, em sangue e em nobreza
O claro Ceo me extremou;
E a Fortuna me dotou
De grandes bens e riqueza,
Que sempre a muitos negou.
Andando caçando aqui,
Após hum cervo ferido,
Permittio meu fado assi,
Que andando dos meus perdido,
Me venha perder a mi.

E porqu'inda mais passasse
Do que tinha por passar,
Buscando quem m'ensinasse,
Por que via me tornasse,
Acho quem me faz ficar.
Que vingança permittio
A fortuna n'hum perdido!
Oh que tyranno partido,
Que quem o cervo ferio,
Vá como cervo ferido!
Ambos feridos n'hum monte,
Eu a elle, outrem a mi:
Huma differença ha aqui,
Qu'elle vai sarar á fonte,
E eu nella me feri.
E pois que tão transformado
Me tẽe vossa formosura,
Hum de nós troque o estado,
Ou vós para o povoado,
Ou eu para a espessura.

FLORIMENA

Dos arminhos he certeza,
Se lhe a cova alguem çujar,
Morar fóra, antes d'entrar:
D'estimar muito a limpeza
Pola vida a vai trocar:
Tambem quem na serra mora
Tanto estima a honestidade,
Que antes toma ser pastora,
Que perder a honestidade
A troco de ser Senhora.
Se mais quereis, esta fonte

Vos descubra o mais de mim:
O que ella vio, ella o conte;
Porque eu vou-me para o monte,
Porque ha ja muito que vim.

SCENA III

VENADORO

Ó linda minha inimiga,
Gentil pastora, esperae!
Pois que tanto amor me obriga,
Consenti-me que vos siga;
Vá o corpo onde alma vae.
E pois por vós me perdi,
E neste estado Amor pôs
Os olhos com que vos vi,
Pois os deixaste sem mi,
Oh não os deixeis sem vós!
Porque a Fortuna me disse
Que nas serras, onde andais,
Em estes extremos tais,
Não era bem que vos visse
Para não ver de vós mais.
E pois Amor se quiz ver
Da livre vida vingado,
Em que eu sohia viver;
Faça em mi o que quizer,
Que aqui vou ao jugo atado.

SCENA IV

(DOM LUSIDARDO, *o* MONTEIRO *e* FILODEMO.)

LUSIDARDO

Oh Santo Deos verdadeiro,

A quem o mundo obedece!
Meu filho não apparece.
E que me dizeis, Monteiro?

MONTEIRO

Digo-lhe que m'entristece.
Qu'eu corri por esses montes,
Bem quinze leguas, ou mais,
E busquei polos casais,
Por serras, montes e fontes,
Sem ver novas, nem sinais.
Toda a gente que levou,
Buscando-o, muito cansada
Pelo mato anda espalhada;
Mas ainda ninguem tornou,
Que soubesse delle nada.

LUSIDARDO

Oh fortuna nunca igual!
Quem me fará sabedor
De meu filho e meu amor?
Que se he muito grande o mal,
Muito mór he o temor.
Quem tolhe que não achasse
Algum leão temeroso
N'algum monte cavernoso,
Que sua fome fartasse
Em seu corpo tão formoso?
Quem ha que saiba, ou que visse,
Que das montanhas erguidas
Algum monstro não sahisse,
E com seu sangue tingisse
As hervas nellas nascidas?

Oh filho! vai-me a lembrar
Quantas vezes os mandava
Que deixasseis o caçar!
Não cuidei de adivinhar
O que Fortuna ordenava.
Eu irei, filho, buscar-vos
Por esses montes, por hi,
Ou a perder-me, ou cobrar-vos;
Que morte que quiz matar-vos,
Quero que me mate a mi.
Onde fostes fenecido,
Seja tambem vosso pae;
Ser-me-ha acontecido,
Como a virote que vae
Buscar outro que he perdido.
Vós só haveis de ficar,
Filodemo, encarregado
Para esta casa guardar;
Que de vosso bom cuidado
Tudo se póde fiar.
Ide-vos a fazer prestes,
Mandae cavallos sellar;
Pois achá-lo não pudestes,
Ir-m'heis buscar o lugar
Onde da vista o perdestes.

SCENA V

O Bobo *com o vestido de Venadoro, a quem dera o seu.*

(Canta.)

Los mochachos del Obispo
No comen cosa mimosa,
Ni zanca d'araña, ni cosa mimosa.

(Falla.)

De su sayo colorado
Tan lozano me vestió,
Que yo ya no soy yo,
Ya por otro estoy trocado;
Que este sayo me trocó.
Oh qué asno Portugues,
Que loco por Florimena,
Deseó zamarra agena,
Y dame por enterés
Una zamarra tan buena!
Como yo vi la bobilla
Andar con él en questiones,
Y parársele amarilla,
Díjele: Florimenilla,
Andais en dongolondrones?
Él me dijo: Matalote,
No tengais dello desmayo.
Y en esto, como un rayo,
Tomóme mi capirote,
Y dióme su capisayo.
Capirote, en buena fé,
Si vos, cuando en mi entrastes,
Capisayo vos tornastes,
Que yo por eso cantaré,
Pues ansí me mejorastes.

(Canta.)

Lyrio, lyrio, lyrio loco,
Con qué? Con capirotada.
Por hablar con la golosa
De amores, mirad la cosa!
Zamarilla tan hermosa,

Que me ha dado tan honrada,
Con qué? Con capirotada.

(Falla.)

Yo entonces respondí:
Señor, dame pan y queso,
Mas despues que lo entendí,
Dije a ella: Dale un beso,
Que él me dió zamarra á mí.
Ahora me mirarán
Cuantos á la eglesia fueren;
Y aquellos que no me quieren.
Ahora me rogarán.
Sabeis porque no querré?
Porque estoy ahidalgado;
Y cuando fuere rogado,
Cantando responderé,
Que ya estoy otro tornado.

(Canta e baila.)

Soropicote, picote, mozas,
Ahora quiero amores con vosotras.

SCENA VI

(O PASTOR *e o* BOBO.)

PASTOR

Hijo Alonsillo.

BOBO

Hijo Alonsillo.

PASTOR

No me quieres escuchar?

BOBO

Pues déjame suspirar.

PASTOR

Escúchame ahora, asnillo,
Lo que te quiero mandar.
Véte al valle de las rosas,
Y di á Anton del Lugar
Que si puede acá llegar,
Porque tengo muchas cosas
Que importan para le hablar.
Porque es aqui llegado
Á este valle un hombre honrado,
Mancebo de casta buena,
Que amores de Florimena
Le traen loco y penado.
Dice que quiere casar
Con ella, que su tormento
No le deja reposar;
Y que venga festejar
Tan dichoso casamiento.

BOBO

Dicid, padre, tambien vos,
No quereis casar comigo?
Casemos ambos adós.

PASTOR

Vé, y haz lo que te digo.

BOBO

Responde, padre, por Dios.

PASTOR

Vé luego, y vuelve apresado.
Anda. No quieres andar?

BOBO

Pues que me habeis empujado,
Juro á mí de desandar
Todo cuanto tengo andado.

PASTOR

Trabajoso es este insano!
Nunca hace lo que quereis.

BOBO

Ora no os apasioneis,
Mi padrecico lozano:
Que burlaba, no lo veis?

PASTOR

Véte dahi.

BOBO

Héme aqui.

PASTOR

Vé donde te dije.

BOBO

Ya vengo.
Oh que padrasto que tengo,
Que asi me manda por ahi,
Siendo camino tan luengo!

ACTO QUARTO

SCENA I

(DIONYSA e SOLINA.)

DIONYSA

Oh Solina, minha amiga,
Que todo este coração

Tenho posto em vossa mão;
Amor me manda que diga,
Vergonha me diz que não.
Que farei?
Como me descobrirei?
Porque a tamanho tormento
Mais remedio lhe não sei,
Que entregá-lo aò soffrimento.
Meu pae muito entristecido
Se vai pela serra erguida,
Ja da vida aborrecido,
Buscando o filho perdido,
Tendo a filha cá perdida!
Sem cuidar,
Foi a casa encommendar
A quem destruir lha quer:
Olhae que gentil saber,
Que vai comigo deixar
Quem me não deixa viver.

SOLINA

Senhora, em tanto desgosto
Não posso meter a mão;
Mas como diz o rifão,
Mais val vergonha no rosto,
Que mágoa no coração.
E bofé, se eu tanto amasse,
E visse tempo e sazão,
Sem seu pae, sem seu irmão,
Que a nuvem triste tirasse
De cima do coração.

DIONYSA

Ah mana! que tenho medo,

Que s'eu em tal consentisse
Que logo o mundo o sentisse,
Porque nunca houve segredo,
Que, emfim, se não descobrisse.

SOLINA

Se eu tantas dobras tivesse
Como quantas houve erradas,
Sem que o mundo o soubesse,
Á fé qu'eu enriquecesse,
E fosse das mais honradas.

DIONYSA

Sabeis que tenho em vontade?

SOLINA

Que podeis, Senhora, ter?

DIONYSA

Fallar-lhe, só para ver
Se he por ventura verdade
O que dizeis que me quer.

SOLINA

Bofé, mana, dizeis bem,
E eu o mandarei chamar,
Como para lhe rogar
Que hum annel, que lá me tem,
Que mo mande concertar.

DIONYSA

Dizeis mui bem.

SOLINA

Vou-me lá

Chamar o seu moço á sala:
E s'este parvo vem cá,
Com elle hum pouco rirá,
Que sempre amores me fala.
Vilardo, moço?

SCENA II

(VILARDO e SOLINA.)

VILARDO

Quem chama?

SOLINA

Vem cá, moço; eu te chamo.
Qu'he de teu amo?

VILARDO

Ah que dama!
Perguntais-me por meu amo,
E não por hum que vos ama?

SOLINA

E quem he esse amador,
Que quer ter comigo passo?
Será elle algum madrasso?

VILARDO

Eu sou o mesmo, que o amor
Me quebra pelo espinhasso.
E mais vós sabei de mi,
Se eu a dizê-lo me atrevo,
Que desque esses olhos vi,
Que yo ni como, ni bebo,

Ni hago vida sin ti.
E mais para namorado
Não sou ora tão madrasso.

SOLINA

Sois muito desmazelado.

VILARDO

Mas antes, de delicado
Caio pedaço a pedaço.
E mais eu soffrer não posso
Que me façais tanto fero,
Qu'estou ja posto no osso,
Porque sou vosso e revosso,
Por vida de quanto quero.

SOLINA

Feros está cheia a rua.
Ora estou bem aviada!

VILARDO

Cupido, por vida tua,
Que a não faças tão crua,
Pois que te não faço nada!
Amor, Amor, mas te pido,
Que quando se for deitar,
Que le digas al oido:
Devieis-vos de lembrar
Neste tempo de hum perdido.

SOLINA

E tu ja fazes coprinhas?
Ainda tu trovarás?

VILARDO

Quem eu? por estas barbinhas,
Que se vós virdes as minhas,
Que digais que não são más.

SOLINA

Ora, pois me quereis bem,
Dizei-me huma.

VILARDO

Ei-la aqui;
E veja o saibo que tem;
Porque esta trovinha assi,
Saiba qu'he trova do assem.

(Trova.)

Passarinhos, que voais
Nesta manhãa tão serena,
Sabei que só minha pena
Póde encher mil cabeçais.

SOLINA

O rifão está salgado.
Essa pena te dou eu?

VILARDO

Vós e Amor, que de malvado,
Me tẽe melhor empennado,
Que nenhum virote seu.
Pois se me ouvíreis cantar!

SOLINA

E tu és tambem cantor?

VILARDO

Canto melhor que hum açor.

Quereis que vos venha dar
Musiqueta de primor,
E que vos mande tanger
Muito melhor que ninguem?

SOLINA

Ja isso quizera ver.

VILARDO

Querer-me-heis, se o eu fizer,
Algum pedaço de bem?

SOLINA

Querer-te-hei trinta pedaços.

VILARDO

E esse querer dará fruito,
Que me tire destes laços?

SOLINA

E que fruito?

VILARDO

Dous abraços.

SOLINA

Esse fruito custa muito.

VILARDO

Esse he o amor qu'em vós ha?
Pezar de minha mãe torta!

SOLINA

Ora hi, chamae logo lá

Vosso amo que venha cá,
Porque he cousa que importa.

VILARDO

Logo?

SOLINA

Logo nessas horas.

VILARDO

Não estarei aqui mais?

SOLINA

Não. Ainda ahi estais?
Vós haveis mister esporas.

VILARDO

Irei, porque me mandais.

SCENA III

(O Pastor, e Venadoro com elle, feito Pastor.)

PASTOR

Mas de un mez es ya pasado
Que en esta sierra andais;
Y es caso mal mirado
Que andeis guardando ganado
Por una que tanto amais.
Y si os determinais
En querer casar con ella,
Juro á mí que nada errais;
Y si eso es para habella,
En vano cabras guardais.
Ya me distes vuestra fé

(Sábendo estas tierras todas):
Yo con ella me engañé,
Que luego mandar llamé
Quien festejase las bodas.
Y agora dicis con pena,
Que es dura cosa casar:
Pues volveos nora buena,
Que no habeis de engañar
Con palabras Florimena.

VENADORO

Quem se ha de ter coração
Para tamanho temor?
Que em mim pegando estão,
De huma parte a razão,
E d'outra parte o Amor.
Tambem vejo que perdella
Será minha perdição;
Que bem me diz a affeição,
Que pouco faço por ella,
Pois não desfaço em quem são.

PASTOR

Dígoos, si por bajeza
Dicis que no os conviene,
Daros hé una certeza,
Que en sangre y en nobleza,
Tanto como vos la tiene.

VENADORO

Pastor, digo que daqui
Farei tudo que quizerdes;
E se mais quereis de mi,

Digo que vos dou o si
Para tudo o que quizerdes.

PASTOR

Dios os dé su bendicion;
Y pues que casais con ella,
Yo os afirmo en conclusion,
Que aun de vos y mas della
Verná gran generacion.
Yo me voy por ella, hijo,
Tomadla así mal compuesta;
Verná quien haga la fiesta;
Que en placer y regocijo
Nos festeje esta floresta.

SCENA IV

VENADORO *só*

Ó ribeiras tão formosas,
Valles, campos pastoris,
Porque vos não revestis
De novas flores e rosas,
Se minha gloria sentis?
Porque não seccais, abrolhos?
E vós, água, que regando,
Os olhos his alegrando,
Correi, que tambem meus olhos
D'alegres estão manando.
Ah pastora, em quem espero
Poder viver descansado!
Comtigo guardarei gado,
Que já eu sem ti não quero
Nenhuma alteza d'estado.

Diga o que quizer a gente,
Tudo terei n'huma palha,
Porque está claro e evidente
Que não ha honra que valha
Contra a vida descontente.

SCENA V

(Tres Pastores bailando, e cantando de terreiro, diante do PASTOR, *que traz* FLORIMENA.)

PASTOR

Pues el amor os obliga
Á que hagais tan buena liga,
Tomando a Dios por testigo,
Daqui os la entrego, amigo,
Por muger y por amiga.

VENADORO

Consentis nisto, Senhora?

FLORIMENA

Senhor, em tudo consento.

VENADORO

Oh grande contentamento!

FLORIMENA

Saiba que nunca tégora
Lhe houve inveja ao tormento.

PASTOR

Asi lo dices, bobilla?
Oh! mala dolor os duela!
Pero no es maravilla

Quien consiente ansí la silla,
Consienta tambien la espuela.

SCENA VI

(Tornão a bailar e cantar, e acabado, entra D. LUSIDARDO, *e o* MONTEIRO, *que andão em busca de* VENADORO.)

LUSIDARDO

Tres dias ha ja que ando
Por esta larga espessura
A Venadoro buscando;
E o que delle vou achando
He como quer a Ventura.

MONTEIRO

Senhor, cuido que lá vejo
Huns lavradores cantar.

LUSIDARDO

Hi diante perguntar.

MONTEIRO

Cumprido he seu desejo,
Se a vista não m'enganar.

LUSIDARDO

Como assi?

MONTEIRO

Elle não vê
Aquelle pastor loução
Com huma moça pela mão?
Se Venadoro não he,
Nem eu o Monteiro são.

PASTOR

Quien veo allá asomar,
Que se viene á nuestras bodas?

BOBO

No los dejemos llegar,
Que nos veran á roubar,
Juro á mí, las migas todas.

LUSIDARDO

Oh Venadoro, meu filho!
És tu este?

VENADORO

Tal estou,
Que cuido que este não sou.

LUSIDARDO

Certo que me maravilho
De quem tanto te mudou.
Como estais assi mudado
No rosto e mais no vestido?

VENADORO

Ando ja n'outro trocado,
Tanto, que fiquei pasmado
De como fui conhecido.
E se Vossa Mercê vem
Para me levar daqui,
Mais ha de levar que a mi;
E ha de ser quem me tem
Todo transformado em si.

BOBO

Eso porque lo entendeis?

Por las migas por ventura?
Voto á tal no llevareis:
Por mas y por mas que andeis
No hareis tal travesura.

VENADORO

Esta formosa donzella
Em mi teve tal poder,
Que folguei de me perder;
Pois, emfim, vim achar nella
O que não cuidei de ser.
Tanto em mi póde este amor,
Que a tenho recebida;
E se o erro grave for,
Aqui quero ser pastor:
Deixe-me ter esta vida.

LUSIDARDO

He certo tal casamento?

VENADORO

Tenha-o por cousa segura.

LUSIDARDO

Oh grande acontecimento!
Dest'arte sabe a ventura
Aguar hum contentamento!

PASTOR

Óigame, Señor, á mí,
Como hombre sabio, discreto,
Porque acaeció así,
Y lo que supo hasta aqui

Lo puede tener por cierto.
Muchos años son corridos
Que en esta fuente abierta,
En estos valles floridos
Hallé dos niños nascidos,
Y á su madre casi muerta.
Los niños chicos crié,
(Y desto cierto me arreo)
Y á la madre sepulté;
Y despues un gran deseo
De saber esto tomé.
Como yo fuese enseñado
De chico á la mágica arte
Por mi padre, que es finado;
Muy conoscido y nombrado
Soy por tal en toda parte.
Yo con yervas de la sierra,
Animales y otras cosas
Haré, si el arte no se yerra,
Que desciendan á la tierra
Las estrellas luminosas.
Soy, en fin, certificado
Que la madre de los dos
Fué Princeza de alto estado,
Y por un caso nombrado
La trajo á esta tierra Dios.
El macho, como creció,
Deseoso de otro bien,
Á la Corte se partió:
La hembra es esta por quien
Vuestro hijo se perdió.
Y si mas quiere, Señor,
De mi arte, prestamente

Dello le haré sabedor;
Mas ha de ser de tenor
Que no lo sepa la gente.

LUSIDARDO

Mas vamos-nos, se quereis,
Que não soffro dilação,
A minha casa, e então
Lá disso me informareis,
Que caso he de admiração.
E vós, filho, não cuideis
Que a gloria de vos achar
Não he tanto d'estimar,
Qu'em qualquer 'stado que esteis,
Não folgue de vos levar.

ACTO QUINTO

SCENA I

(SOLINA, DIONYSA e FILODEMO.)

SOLINA

Eis Filodemo lá vem:
Asinha acudio ao leme.

DIONYSA

Isso he de quem quer bem;
Mas não sei se o vio alguem.
Porque quem espera teme.
Agora me quizera eu
Daqui cem mil leguas ver.

FILODEMO

Folgára eu assi de ser,

Porqu'este cuidado meu
Fôra mais de agradecer,
Que quando por accidente
A fortuna desastrada
Vos apartasse da gente
N'hum deserto, onde sómente
Das feras fosseis guardada;
Lá por ferro, fogo e ágoa
Buscar minha morte iria;
A voz ronca, a lingua fria,
Tamanho mal, tanta mágoa
Ás montanhas contaria.
Lá, mui contente e ufano
De mostrar amor tão puro;
Poderia ser que o dano,
Que não move hum peito humano,
Que movesse hum monte duro.

DIONYSA

Nesse deserto apartado
De toda a conversação
Merecieis degradado
Por justiça, com pregão
Que dissesse: *Por ousado.*
E eu tambem merecia
Metida a grave tormento,
Pois que, como não devia,
Vim a dar consentimento
A tão sobeja ousadia.

FILODEMO

Senhora, se me atrevi,
Fiz tudo o que Amor ordena;
E se pouco mereci,

Tudo o que perco por mi,
Mereço por minha pena.
E se Amor póde vencer,
Levando de mi a palma,
Eu não lho pude tolher;
Que os homens não tẽe poder
Sobre os affectos da alma.
E ainda que pudera
Resistir contra o mal meu,
Saiba que o não fizera;
Que pouco valêra eu,
Se contra vós me valêra.
Não deve logo ter culpa
Quem se venceo d'armas tais:
Assi que nisto, e no mais,
Tomo por minha desculpa
Vós mesma que me culpais.
E se este atrevimento
Com tudo for de culpar,
Acabae de me matar;
Que aqui tenho hum soffrimento
Que tudo póde passar.
E se esta penitencia,
Que faço em me perder,
Algum bem vos merecer,
Fique em vossa consciencia
O que me podeis dever.
Que dizeis a isto, Senhora?

DIONYSA

Eu que vos posso dizer?
Ja não tenho em mi poder,
Segundo me sinto agora,

Para poder responder.
Respondei-lhe vós, Solina,
Pois que a vós me entreguei.

SOLINA

Bofé não responderei:
Veja ella o que determina.

DIONYSA

Não o vejo, nem o sei.

SOLINA

Pois eu tambem não sei nada.

DIONYSA

Porque?

SOLINA

Do que eu fizer,
Se despois se arrepender,
Dirá qu'eu fui a culpada.

DIONYSA

Éu só quero a culpa ter.

SOLINA

Senhora, por não errar,
Não quero que fique em mim.
Esta noite no jardim
Ambos podem praticar
Como isto venha a bom fim.
Lá poderão ajustar
Entr'ambos o parecer;
Qu'eu não m'hei nisso de achar,

Que não quero temperar
O que outrem ha-de comer.

DIONYSA

Vós vêdes a torvação,
Que lá nessa casa vae?

SOLINA

Dá-me cá no coração
Que he vindo o Senhor seu pae
Com o Senhor seu irmão.

DIONYSA

Filodemo, hi-vos embora,
Fallae depois com Solina.

SOLINA

Vamos-nos tambem, Senhora,
Receber seu pae lá fóra;
Não venha sentir a mina.

SCENA II

(VILARDO *e* DOLOROSO, *que vem dar hum descante a* SOLINA *com os Musicos.)*

VILARDO

Assi que te contava, Doloroso, destas em que sempre andão rugindo as sedas.

DOLOROSO

Avante, que bem sei que o não dizeis polas sedas de Veneza.

VILARDO

Ja sabeis que esta nossa Solina he tão Celestina, que não ha quem a traga a nós.

DOLOROSO

Logo parece moça brigosa, que por dá cá aquellas palhas, dará e tomará quatro espaldeiradas; e ao outro dia quem ha de cuidar que huma mulher de sua arte ha de querer bem a hum parvo como a ti? porque estas taes são como homens sisudos; se de noite se achão em algum arruido, onde possão fugir sem serem conhecidos, facilmente o fazem; e ao outro dia quem ha de cuidar que hum tão honrado havia de fugir? Outros dizem: Bem póde ser, porque noite escura he capa de judeos e de envergonhados.

VILARDO

Mui gentil comparação he esta. Mas assi que te dizia, o outro dia assi zombando lhe prometti de lhe dar huma musica, e ja chamei outros dous meus amigos, que logo hão de vir aqui ter comnosco.

DOLOROSO

Que tal he a musica que determinas de lhe dar? Não seja de siso; porque será a maior parvoice do mundo, porque não concerta com a parvoice que tu finges.

VILARDO

A musica não he senão das nossas; mas faço-te queixume, que nem com hum cão de busca pude achar humas nesperas por toda esta terra.

DOLOROSO

Nem as acharás senão alugadas; mas eu não sou de opinião que teus amores te custem dinheiro. Ora ja lá apparecem os outros companheiros, e eu tambem ajudarei de telhinha ou de assovio; e vem-me isto á popa, porque daqui iremos á porta da minha padeirinha, porque ando com ella n'hum certo requerimento.

VILARDO

Vossas Mercês vem ao proprio; boa seja a vinda. As guitarras vem temperadas?

DOLOROSO

Tudo vem como cumpre: mandae vigiar a Justiça entretanto.

VILARDO

Ora sus: fazei como se temperasseis cabeça de pescada com seu figado e bucho, e canada e meia, que nunca meu pae fez tamanho gasto na sua Missa nova.

(Neste passo se dá a musica com todos quatro, hum tange guitarra, outro pentem, outro telhinha, outro canta cantigas muito velhas, e no melhor diz VILARDO:)

Estae assi quedos, que eu sinto quem quer que he.

DOLOROSO

Justiça, pelo corpo de tal! Ora sus: aqui não ha outro valhacouto que nos valha, que pôr os pés ao caminho, e mostrarlhe as ferraduras.

SCENA III

O MONTEIRO, *só*

Como he gracioso este mundo, e como he galante! E quão gracioso seria quem o pudesse ver de palanque com carta d'alforria ao pescoço, porque não podessem entender nelle Meirinhos, Almotacés da limpeza, trabalhos, esperanças, temores, com toda a outra cabedella de enfadamentos! Ora notae bem de quantas cores teceo a Fortuna esta manta d'Alentejo: perdeo-se Venadoro na caça, eis a casa toda envolta como rio: o pae enfadado, a irmã triste, a gente desgostosa; tudo, emfim, fóra do couce; e o galante aposentado nos matos com trajos mudados como camaleão, decepado dos pés e das mãos, por huma serranica d'Alentejo; e veio acaso a sahir de maneira fóra da madre, que a recebeo por mulher; e rapa oleo e chrisma de quem he, e renega todas as lembranças de seu pae; pois tanto tomou ao pé da letra o que Deus disse: *Por esta deixarás teu pae e mãe.* E attentae isto por me fazer mercê: cuidareis que este caso era

solus peregrinus: sabei que os não dá a fortuna senão aos pares, como quédas. Dionysa mais mimosa e mais guardada de seu pae que bicho de seda, moça sem fel como pombinha, que nos annos não tinha feito inda o enequim; mais formosa que huma manhãa do S. João, mais mansa que o rio Tejo, mais branda que hum soneto de Garcilasso, mais delicada que hum pucarinho de Natal; emfim, que por meia hora de sua conversação se poderá soffrer huma pipa com cobra e gallo e doninha, como a parricida, com tanto que dissesse o pregão o porque; porque vos não fieis em castanhas (não sei se diga, se o cale, que de magoado me trava pola manga a falla da garganta; mas, com tudo, não ha quem se tenha) seu pae a achou esta noite no jardim com Filodemo, mais arrependida do tempo que perdêra, que do que alli perdia: eu, coitado de mi, que meta os dentes nos cabeçaes se desejar ave de penna.

SCENA IV

(Duriano *e o* Monteiro.)

DURIANO, *como cantando*

Ti ri ri, ti ri rão.

MONTEIRO

Que he isso, Senhor Duriano? Que descuidos são esses? Onde he cá a ida agora?

DURIANO

Vou assi como parvo, porque o melhor he não saber homem nada de si.

MONTEIRO

Que dizeis a vosso amigo Filodemo, que assi se soube aproveitar do tempo que ficou só em casa?

DURIANO

Eu que hei de dizer? Digo que descreio desta minha capa, se não he isso caso para sahir com elle a desafio.

MONTEIRO

Porque?

DURIANO

Porque não basta que lhe dê a Fortuna gostos tão medidos sobre o funil, que lhe põe nos braços Dionysa, a mais formosa dama que nunca espalhou cabellos ao vento, senão ainda para o assegurar em sua boa ventura, lhe vem a descobrir, que he filho de não sei quem, nem quem não.

MONTEIRO

Esses são outros quinhentos. Cujo filho dizem que he? que eu ouvi ja sobre isso não sei que fabulas.

DURIANO

Dir-vo-lo-hei; pasmareis, que não he menos que Principe, e peor ainda. Nunca ouvistes dizer de hum irmão do Senhor Dom Lusidardo que aggràvado del Rei, se foi para os Reinos de Dinamarca?

MONTEIRO

Tudo isso ouvi ja.

DURIANO

Pois esse galante, em satisfação de muitas mercês que El-Rei de Dinamarca lhe fizera, meteo-se d'amores com huma sua filha, a mais moça; e como era bom justador, manso, discreto, galante, partes que a qualquer mulher abalão, desejou ella de ver geração delle; senão quando, livre-nos Deos! se lhe começou d'encurtar o vestido; e porque estes sirgos não se desistem em nove dias, senão em nove mezes, foi-lhe a elle então necessario acolher-se com ella, porque não colhessem a ella com elle: acolheo-se em huma galé; e vêde la Princeza em huma galera nueva, con el marinero á ser marinera. Finalmente, vindo navegando todo esse Oceano Germanico, bancos de Frandes, mar d'Inglaterra, e trazidos á costa d'Hespanha, não os quiz a Ventura deixar gozar do repouso que nella buscavão: deo-lhe subitamente

tamanha tormenta, que sem remedio deo a galé á costa, onde feita pedaços, morrêrão todos desastradamente, sem escapar mais que a Princeza com o que trazia na barriga, a quem parece que a Fortuna guardava para dar o descanso, que a seu pae e mãe negára. Sahio finalmente a moça na praia, tal qual o temeroso naufragio deixaria huma Princeza mais delicada que hum arminho; e indo assi a pobre mulher pola terra estranha e despovoada, e sem quem a encaminhasse por onde, depois de ter perdido toda a esperança de ter algum remedio, derão-lhe as dores de parto junto de huma fonte, aonde em breve espaço lançou duas crianças, macho e femia, como vizagras. E como a fraca compreição da delicada mulher não pudesse sustentar tantos e tão desacostumados trabalhos, facilmente deo a vida, que tanto havia que desejava de dar, deixando vivos aquelles dous retratos della e de seu pae, que por causa de seus nascimentos a vida lhe tirárão, como acontece a viboras. E como as crianças fossem destinadas ao que vêdes, não faltou hum pastor que as criasse, que alli veio ter, dando a mãe a alma a Deos: de maneira que, por não gastar mais palavras, o macho he vosso amigo Filodemo, e a femia he a serrana Florimena, mulher que he ja de Venadoro.

MONTEIRO

Estranhas cousas me contais. Assi que logo de seu pae herdou Filodemo namorar a filha do Senhor que serve: não haverá logo por mal o Senhor Dom Lusidardo tomar por genro e nora, quem acha por sobrinhos.

DURIANO

Sabei que chora de prazer com elles, que ja diz que acha que Filodemo se parece natural com seu irmão, e Florimena com sua mãe.

MONTEIRO

Dae-me a entender, como se crêo tão de ligeiro o Senhor Dom Lusidardo de quem isso contou.

DURIANO

No caso não ha dúvida, porque o pastor que hi achastes, lhe certificou todo o caso; e fez ao pastor muitas mercês, e mandou fazer muitas festas solemnes. Venadoro, casado com sua mulher e prima, e Filodemo, que o mesmo parentesco tẽe com a Senhora Dionysa, estão fóra de crer tamanho contentamento; cuido que zombão delle.

MONTEIRO

Ora deixa-me ir a ver o rosto a esse velhaco de Filodemo; pois de meu matalote se me tornou Senhor. Creio que vem o Senhor Dom Lusidardo: dissimulemos.

SCENA V

(Dom Lusidardo *com* Venadoro, *que traz* Florimena *pela mão, e* Filodemo *a* Dionysa.)

LUSIDARDO

Quem não ficará pasmado
De ver que por tal caminho
Tẽe a Ventura ordenado
Filodemo, meu criado,
Vir ser meu genro e sobrinho!
Quem não pasmará agora
De ver a ventura minha,
Que tẽe tornado n'hum'hora
Florimena, huma pastora,
Ser minha nora e sobrinha!
Dem-se graças ao Senhor,
Cujo segredo he profundo;
Pois que vemos que quiz dar
A ventura e o amor
Por prazeres deste mundo.

NOTAS ÁS REDONDILHAS

N'esta denominação se comprehendem as poesias menores do nosso Poeta, voltas, glosas, esparsas, chistes, endechas, vilancicos, etc.; umas eroticas, e que pela sua exiguidade tinham particular uso na sociedade de senhoras a quem eram dirigidas, e outras pertencem ao estylo epigrammatico. Não se faz necessario dar aqui a definição d'estes poemetos, que abrangem desde o verso quatrisyllabo até o octosyllabo, principal typo da trova antiga ou poesia primitiva portugueza, porque essa a encontrará o leitor nas artes poeticas; só direi que n'este genero, como em todas as outras regiões da poesia, sobresaiu sempre o nosso Poeta. Bastava a paraphrase do psalmo 136, poesia que tão admirada foi no seu tempo, para estabelecer a reputação de qualquer poeta que não fosse Camões; graciosas são alem d'isto outras quando se dirige a damas, ou responde aos chistosos apodos das mesmas, ou graceja com os amigos; ás vezes porém ferinas, quando estende o arco e dardeja a satyra; este genero de poesia ligeira, que Antonio Ferreira embalde quiz desterrar:

A antiga trova deixo ao vulgo,

reagiu comtudo no seu tempo, e veiu ainda fazer as delicias de nossos paes e avós nos decantados outeiros, academias poeticas, certames e nos salões em improvisos, que muitas vezes davam logar a brilhar a agudeza de engenho de poetas, como Bocage e outros.

Sôbolos rios que vão, etc.

Estas redondilhas, diz um auctor contemporaneo de Camões, o editor da edição dos *Lusiadas* de 1584, que foram feitas por occasião do naufragio da China, e lhe chama Cancioneiro, o que dá a entender que ellas faziam parte de uma collecção mais numerosa de poesias do mesmo genero; Manuel Severim de Faria, seguindo a tradição que havia, tambem o affirma, bem como Manuel de Faria e Sousa. O sr. bispo de Vizeu segue porém uma opinião differente, fundando-se especialmente em parecer que o Poeta tinha o desterro a que allude n'estas redondilhas como castigo de erro proprio:

A pena deste desterro,
Essa nunca seja ouvida
Em castigo do meu erro.

O que está em contradicção com aquelle verso dos *Lusiadas* em que se queixa da injustiça d'este degredo:

Quando for o injusto mando executado.

É pois de opinião que foram escriptas em occasião differente da do naufragio, e conjectura que o foram quando teve logar a jornada para a India, que o Poeta reputava como desterro a que deram causa os seus erros amorosos. Se concordo com o sr. bispo em que o Poeta n'estas redondilhas se refere vagamente e em geral, não só a esta epocha, mas a toda a sua vida transacta, abraço comtudo a opinião de um escriptor contemporaneo, e de outros que mais se avizinharam do tempo em que viveu o Poeta, que asseveram que foram compostas quando teve logar o naufragio.

Fossem-no porém n'esta ou n'outra occasião, o que é certo é que foram escriptas em tempo que o poeta se achava animado de sentimentos religiosos, e em que algumas d'estas catastrophes da vida acordam a alma adormecida provocando o arrependimento de culpas. Se foram feitas pelo naufragio, corrobora-se mais a opinião que já emittimos de que só em Goa recebeu a noticia da morte de D. Catharina de Athaide; a noticia d'esta morte devia ir nos navios que partiram para a India no anno de 1557, porquanto falleceu depois da partida das naus de Lisboa no anno antecedente; e se os navios da expedição da China que o deviam trazer a Goa, saíram d'esta cidade antes da chegada das naus do reino, só em Goa á sua volta viria o Poeta a receber tão triste nova.

O que me dá logar a acreditar que escreveu estas redondilhas em occasião em que acontecimento muito extraordinario da vida provoca a contrição, é que alem do seu contexto todo biblico, pois é a paraphrase do psalmo 136, teve tambem em parte o pensamento da conversão de Boscan, de quem imita algumas fórmas de estylo, aindaque muito de passagem, na frequente repetição do —*ali vi*,

Vi mi alma como va, etc.

Vi mi sesso como es, etc.

Vi la parte que se muestra, etc.

Vi mis quatro calidades, etc.

e prosegue:

Ali vi el entendimiento
Con la verdad por objecto
E vi todo el regimiento,
Lo passado e por venir
Todo lo puro delante.

Estas redondilhas serão de uma obscura interpretação para quem não advertir que o Poeta toma umas vezes Sião por Lisboa e Babylonia pela India, e outras vezes a mesma Sião pelo céu e Babylonia pelo mundo em geral.

Sentado sobre os rios de Babylonia chora as lembranças de Sião, e quanto n'ella passou, comparando Babylonia ao mal presente, Sião ao tempo passado. Ali pondo-se-lhe presente as lembranças do tempo transcorrido, viu que todo o bem passado não é gosto, mas é magua. E considerando em todas as variedades, inconstancias e desenganos que vem a quem se fia da ventura, dependurou a sua frauta nos salgueiros, aquella frauta que n'outro tempo fazia mover os montes e tornar os abrolhos em rosas, offerecendo-a á fama.

Porém não julgue ninguem que o deixar o canto da mocidade n'esta espessura será obra da idade o que é força da ventura, pois postoque por tão forçosos motivos deixe o canto, nunca deixará a causa d'elle:

Mas em tristezas e nojos,
Em gosto e contentamento;
Por sol, por neve, por vento,
Tendré presente á los ojos,
Por quien muero tan contento.

Estes dois ultimos versos são o remate do soneto de Boscan, que começa:

Poneme en la vida, etc.

Mas lembranças da affeição que ali o tinham captivo lhe perguntaram porque não usava do seu doce canto, pois sempre ajuda a passar qualquer trabalho passado. Ao que responde: Como dirá

Quem tão alheio está de si,
Doce canto em terra alhea;

porque se quem trabalha canta por menos cansar, elle engeita o descanso; e se a paixão o quebrantar antes morra de tristeza do que cante por abranda-la: e que maior contentamento do que morrer de pura tristeza?

Não cantará na frauta o que passa e passou já, porque a penna cansará, mas elle não,

Que se vida tão pequena
Se acrescenta em terra estranha,
E se amor assi o ordena,
Rasão he que canse a pena
D'escrever pena tamanha.

Porém se cansar para exprimir os seus affectos amorosos, não cansará para voar a memoria a Sião.

Muda agora a allegoria representando Babylonia a terra e os seus vicios, e Sião o céu. Se por algum motivo apagar da alma a lembrança de Sião, a sua alma seja dada a perpetuo esquecimento:

A pena deste desterro,
Qu'eu mais desejo esculpida,
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.

É difficil distinguir que degredo é este a que aqui allude, se se refere a algum degredo real, como julga Faria e Sousa, pretendendo que seja o imaginario degredo a que o condemnou o governador Francisco Barreto, ou se em geral á terra, considerada como exilio temporario em relação ao céu e vida eterna.

Rompe em seguida o Poeta em ardentes protestos de contrição, promettendo só cantar canções divinas, e converte toda a sua saudade para o céu:

E aquella humana figura,
Que cá me póde alterar,
Não he quem se ha de buscar;
He raio da formosura,
Que só se deve d'amar.

Descreve a luta do amor terreno que o combate com o celeste, os affectos que o captivam, sophistas que lhe ensinaram maus caminhos por direitos:

Destes o mando tyrano
M'obriga com desatino

A cantar ao som do dano
Cantares d'amor profano,
Por versos d'amor divino.

Como ha de porém cantar a canção que se deve ao Senhor? tanto póde o poder da graça, que faz que se suba da belleza particular para a geral.

Fique pois pendurada a frauta e tome-se a lyra para cantar Jerusalem sagrada livre de Babylonia; e se mais se curvar a accidentes mundanos risque-se tudo quanto já fez do grande livro dos viventes. O Poeta no seu canto religioso. que prosegue como inspirado, pede a assistencia do céu contra a fraqueza humana, que arrase os vicios que o tentam, e derrube os maus affectos que o querem derrubar a elle do alicerce.

Beato só quem póde resistir ás tentações carnaes, afogando os maus pensamentos logo ao nascer, e os desfizer com a penitencia, pondo o pensamento n'aquella carne que esteve já na Cruz. Beato quem, posto o pensamento no céu, julga por baixeza os faustos do mundo.

Ditoso quem se partir
Para ti, terra excellente,
Tão justo e tão penitente,
Que despois de a ti subir,
Lá descanse eternamente!

Terminam estas admiraveis redondilhas com esta exclamação, que bem denota que foram feitas achando-se o Poeta contricto das suas culpas; seguramente quando teve logar o naufragio.

Sôbolos rios que vão, etc.

Nota Faria e Sousa como vicioso este modo de dizer; a edição de 1595 traz: *Sobre os rios*. É a traducção do primeiro verso do psalmo 136. «*Super flumina Babylonis, illic sedimus et flevimus: cum recordaremur Sion*», etc. De Babylonia com allusão á India veja-se o soneto CXCIV.

Nos salgueiros pendurei, etc.

Terceiro verso do Psalmo: «*Quia illic interrogaverunt nos, qui captivos duxerunt nos, verba cantionum*».

Como dirá respondi,
Quem alheio está de si,
Doce canto em terra alheia.

Verso quarto do psalmo: «*Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena?*»

Terra bemaventurada
Se por algum movimento.

Verso quinto do psalmo: «*Si oblitus fuero tui Hierusalem, oblivioni detur dextra mea*». Imitação de Job, cap. 19, em que manifesta os mesmos desejos. «*Quis mihi tribuat, ut scribantur sermones mei? Quis mihi det, ut exarentur in libro stylo ferreo, et plumbi lamina, vel celte sculpantur in silice.*

A minha lingua se apegue.

Verso sexto: «*Adhæreat lingua mea faucibus meis, si non mininero tui*».

E aquella humana figura.

Imitação do Dante, no *Paraiso* e nas *Rimas*.

He sombra daquella idea.

Dante, *Paradiso*, Canto III.

Ciò que no muere e ciò que no può morire
Non è si no splendor daquella idea
Que partorince amando il nostro sere.

E se eu mais der a cerviz.

Torna a tomar o fio do psalmo.

Risque-se quanto ja fiz
Do grão livro dos viventes.

Psalmo 68: «*Deleantur de libro viventium; et cum justis non scribantur*».

Canta-se a visão de paz.

Hierusalem quer dizer *Visão de paz*.

Os ruins filhos de Edom.

Entende-se os vicios e peccados. Edom foi o nome de Esau. «*Hic sunt autem generationes Esau ipse est Edom*». *Genes.* Edom quer dizer *terreno*.

Estes que tão furiosos
Gritando vem a escalar-me.

Verso setimo do psalmo: «*Qui dicunt, exinanite, exinanite usque ad fundamentum in ea*».

E tu, ó carne, qu'eneurtas,
Filha de Babel tão feia.

Verso oitavo do psalmo: «*Filia Babylonis misera: beatus qui retribuet tibi retributionem quam retribuisti nobis*».

Emfim cabeça do canto.

Canto entende-se por pedra e não por musica; assim usou o Poeta em varios logares. Ode III, estancia X:

Cessou de alçar Sysifo o grave canto.

Lusiadas, Canto VII:

Em quem quer reprovar da Igreja o canto.

Ditoso quem se partir.

Esta copla devêra ser de dez versos como as outras; em todas as edições diz Faria e Sousa que é de dez, porém é porque a XXXV inclue tres quintilhas, e sendo erro das copias ou da imprensa, não querendo que fosse com elle, deixou esta separada no fim. Diz mais Faria e Sousa que, ou se perdeu uma d'ellas, ou o Poeta não teria feito estas quintilhas para serem unidas, o que é possivel, e assim se lêem na primeira edição (1595) separadas; comtudo inclina-se a que

foram feitas unidas, porquanto desde a copla v se seguem umas comparações que o estão indicando.

Em algumas edições vem separada esta ultima copla, o que não acontece na edição das *Rimas* de 1598, a segunda d'estas poesias. A mim me parece que se devem juntar as quintilhas, porquanto assim juntas o pensamento das duas coplas ligam perfeitamente, e as segundas são dependentes das antecedentes com que ligam; e longe de seguir a opinião de Faria e Sousa e de alguns editores, a minha é que se deve unir com a antecedente da qual é o complemento, e separando na xxxiv as tres quintilhas que alguns uniram pôr signal de lacuna depois do verso

Que na Cruz esteve ja,

indicando que falta a copla principio da redondilha que se segue, omittida por descuido do copista, ou por outro qualquer motivo.

Estas redondilhas foram sempre mui estimadas, e com rasão, pois têem bellezas de primeira ordem.

Sôbolos rios que vão
Por Babylonia, me achei.

Sobre os rios que vão
Por Babylonia, m'achei.
Edição de 1595.

Mas em tristezas e nojos.

Mas em tristezas e enojos.
Edição de 1595.

Tendré presente á los ojos.

Terne presente a los ojos.
Edição de 1595.

Por entre o espesso arvoredo.

Por antr'o espesso arvoredo.
Edição de 1595.

D'alma me fores tirada.

D'alma me fores mudada.
Edição de 1595.

Dos affectos com que venho.

Dos affeitos com que venho.
Edição de 1595.

Do livre arbitrio que tenho.

Do livre alvedrio que tenho.
Edição de 1595.

Cá deste mundo visibil,
Quanto ao homem for possibil.

Cá deste mundo visivel,
Quanto ao homem for possivel.
Edição de 1595.

Para o mundo intelligibil.

Para o mundo intelligivel.
Edição de 1595.

Querendo escrever hum dia, etc.

Carta a huma Senhora:—Duvidoso o Poeta do que havia de escrever, apparece-lhe Amor, e tomando uma penna das azas, fazendo-lhe experimentar os seus effeitos lhe foi dictando, fazendo-lhe escrever os milagres da formosura da sua amante e as suas tristezas amorosas.
Imitando a Boscan no seu *Mar de Amor,* que começa:

El sentir de mi sentido.

e a Petrarcha, canção XXXI, em successivas comparações descreve o effeito do seu amor até á copla XIX; e quando estava todo enlevado e cevando-se na descripção amorosa, umas suspeitas, como harpias, lhe convertem em peçonha o goso em que estava: e com isto termina a carta, para não corromper o que tem escripto com os males que ha de escrever.

Escutae e estae attento.

Uma lição dizia:

Ouvido me dai attento.

Faria e Sousa assim tinha emendado, e assim deve ser porque se dirige a uma senhora, e não podia pôr *attenta* no feminino, porque não faz consoante com *pensamento* do verso antecedente.
Na primeira edição vêem as coplas separadas em quintilhas; apesar de virem separadas, eu julgo que devem pôr-se unidas de dez versos, porquanto a segunda quintilha liga sempre com o sentido da antecedente, e é a applicação da comparação.

Escrevem varios moradores.

Veja-se o que o Poeta diz sobre o mesmo assumpto, estancia XIX do canto VII dos *Lusiadas:*

E junto donde nasce o longo braço
Gangetico, o rumor antigo conta
Que os vesinhos da terra moradores,
Do cheiro se mantem das lindas flores.

Hum Rei de grande poder.

É Methridates, rei do Ponto, o qual querendo-se matar com veneno quando Pompeu foi vencido, por habituado a elle o não póde conseguir. Marcial, liv. V, epigramma LXXVII.

Profecit poto Mitridates sæpe veneno
Toxia ne possent sœva nocere sibi.

Quem da doença Real.

Esta doença chamada *Mal Regio,* é a ictericia.

Querendo Amor sustentar-se.

Allude á fabula de Pigmalião que se enamorou de uma estatua, e Venus condoida a converteu em mulher, com quem casou.

D'huma fonte se sabia.

Faria e Sousa, referindo-se a João Maria Bonardo, na sua *Minera del Mondo*, faz menção de algumas fontes com differentes virtudes, e entre estas de uma igual a esta onde, se alguem era accusado de furto, mettia a mão e negava o crime tendo-o praticado, ficava cego.

Huma herva lhe vai buscar.

É a *celidonia maior*. Adverte Faria e Sousa a este respeito o que diz o psalmista, que Deus até das aves cuida, pois florece esta planta quando as andorinhas começam a crear, e secca quando acabam os seus trabalhos.

Lá para onde o sol sahe.

É á ilha de Sunda que se refere. Veja-se a estancia cxxxiv do canto x dos *Lusiadas:*

Olha a Sunda tão larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso
A gente do Sertão, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle só vem outro vae,
Converte em pedra o páo que nelle cae.

Como na vela s'entende.

É a mesma comparação de Boscan no seu *Mar de Amor*. Em Boscan são quatorze as comparações, e as do Poeta outras tantas, porém de differente argumento.

D'ave, que chamão Camão.

Eliano, livro xiv, cap. xxxv, descreve esta ave dando-lhe o nome de porphyrio; Nebrissa lhe chama palemon e outros camão. Parece que o Poeta tomou esta comparação dos versos de Alciato, emblema xlvii, que já referimos n'outro logar.

E daquella a quem te dei.

E daquelle a quem te dei.
Edição de 1595.

Ella tanto s'entristece.

Ella só tanto entristece.
Edição de 1595.

A vista a quanto padece.

A vida a quanto padesce.
Edição de 1595.

Que quem sobre ella jurava.

Que quem sobr'ella jurava.
Edição de 1595.

Dama d'estranho primor, etc.

N'estas redondilhas entra o Poeta em desafio com a sua dama sobre qual terá mais força, ella em o maltratar, ou elle em a amar, protestando-lhe que

quanto mais por ella for tratado com esquivança, mais a ha de adorar. Termina dizendo que por tão grande constancia deveria ter esperança de algum premio, que ella lhe quizesse tanto quanto elle lhe queria. Parece que o Poeta teve em vista alguns logares das poesias de Jorge de Montemaior. Corresponde com o remate d'estas redondilhas o da estancia I da egloga II:

No derradeiro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentára a vida tantos annos
N'huma amorosa e branda confiança,
Que quem tanto queria,
Parece que não erra se confia.

Estas redondilhas chamam-se de pé quebrado; diz Faria e Sousa que o Poeta escreve menos n'este genero de redondilhas, porque começavam a estar em desuso no seu tempo, e no d'elle commentador já ninguem as escrevia. Havia-as de quatro até doze versos,

Dama d'estranho primor.

Dama de illustre valor.

Meu MS.

Porque a converto em amor.

Que se converta em amor.

Meu MS.

E se cuidais.

Se cuidais.

Edição de 1595.

Amar-vos cada vez mais.

Querer-vos cada vez mais.

Meu MS.

Crendo qu'em tanta affeição
Não haja accrescentamento.

Vendo que em tanta afflição
Não póde haver crescimento.

Meu MS.

Invencibil;
Que Amor sobre o impossibil.

Invencivel;
Que Amor sobre o impossivel.

Edição de 1595 e meu MS.

O final d'esta redondilha é inteiramente differente no meu Ms., por esta fórma:

Todavia
Amor tem tanta valia
Quando quer,
Que o que ja não póde ser,
Faz elle em nós cada dia.

As cinco redondilhas que se seguem são inteiramente differentes no meu Ms., por esta fórma:

Mas em tamanho perigo,
Muito digo;
Pois que tão livre viveis,
Que jamais que elle podeis
Neste mal que usais comigo:
E se for
O poder vosso maior
Antre nós,
Quem poderá mais que vós,
Se vós podeis mais que amor?

Segundo o vejo vendido,
Não duvido,
Que se possa presumir;
Qu'em lugar de vos ferir,
Saia de vos ver ferido.
Mas suspeito
Que quando em vós direito
Desarmar,
Que se lhe virou no ar,
A setta contra seu peito.

Pois se está ferido amor
Desta dor,
De quem me aqueixo ou que fallei?
Se em vez de ser seu vassallo,
Vou ser seu competidor.
Ja perdi quanto amando mereci,
Pois conheço,
Que aquelle bem que lhe eu peço,
Vos pede elle para si.

Mas mais se deve a meu mal
Paga igual,
Pois que por vós não duvido
De ser traidor sabido
A meu Senhor natural.
O Senhor,
Neguo com quanto q'em mim for;
Mas se olhar,
Quem por vós tudo neguar,
Não póde neguar amor.

Que poderei ja tomar,
Ou deixar,
Pois que me trazeis tão ceguo;
Que aquillo que por vós neguo,
Por vós torno a confessar.
Bem sei eu,
Que neguar o Senhor meu
Ja não posso,
Que se elle, Senhora, he vosso,
Eu sou vosso sendo seu.

Suspeitas, que me quereis?

A estas suspeitas se refere na carta ou redondilhas que começam:

Querendo escrever hum dia, etc.

O Poeta, apesar de se inflammar como doudo em vinganças e iras, e jurar arrancar d'alma e pôr n'outra parte o seu amor, o não póde fazer e prefere que a sua dama lhe confesse e declare a sua desgraça, embora n'elle se execute a penitencia e seja condemnado ao inferno dos ciumes. Boscan escreveu umas trovas ao mesmo assumpto. Veja-se tambem Garcilasso, soneto XXX:

Suspechas que en mi triste fantesía, etc.

De arrancar d'alma os amores.

D'arrancar d'alma os amores.
Edição de 1595.

Que contentar-me co'os danos.

Que contentar-me cos danos.
Edição de 1595.

———

Corre sem vela e sem leme, etc.

Labyrinto, queixando-se do mundo: — Esta composição se forma de quadras ou quintilhas. O seu mechanismo consiste em que lendo-se seguidamente como redondilhas façam sentido, ou tomando-se versos da primeira e juntando-se aos da segunda quintilha oû redondilha, ou lendo-se as quintilhas horisontalmente, de todo o modo façam sentido. Ha os acrosticos em fórma de cruz, de estrella ou de outro qualquer modo á vontade do poeta. Na primeira edição vem com este titulo: «*Labyrinto do autor queixando-se do mundo*», n'elle se lêem os primeiros cinco versos separados, e o resto das quintilhas juntas em redondilha, excepto os ultimos cinco versos; deviam-se talvez ler todos em quintilhas separadas. O artificio do presente *labyrinto* é o seguinte. Lêem-se primeiro seguidas as quintilhas ou redondilhas, toma-se depois o primeiro verso da primeira copla, o primeiro da segunda, o primeiro da terceira, o primeiro da quarta e o primeiro da quinta, que juntos formam esta quintilha:

Corre sem vela e sem leme
A náo, que se vai perder,
Que poderá vir a ser
Não porque governe o leme
Na tormenta, se vier.

Toma-se o segundo verso da primeira copla e os segundos das outras coplas, e forma-se outra quintilha por esta fórma:

O tempo desordenado,
Destrue mil esperanças;
O mal nunca refreado,
Em mar envolto e turbado,
Desespere na bonança.

Tomando o terceiro verso de cada copla, tira-se esta quintilha:

D'hum grande vento levado:
Vejo o máo que vem a ter;

Anda, por certo, enganado.
Que têe seu rumo mudado,
Quem manhas não sabe ter.

Tomando pela mesma ordem o quarto verso de cada copla, forma-se esta quintilha:

O que perigo não teme,
Vejo perigos correr;
Aquelle que quer valer.
Se perece grita e geme,
Sem que lhe valha gemer.

Seguindo a mesma ordem com o quinto verso se faz a quintilha que se segue:

He de pouco exprimentado,
Quem não cuida que ha mudanças.
Levando o caminho errado,
Em tempo desordenado
Verá falsar a balança.

Do mesmo modo se formam as seguintes quintilhas. tomando os sextos, setimos, oitavos, nonos e decimos versos das redondilhas:

As redeas trazem na mão
Os que nunca em sella andárão,
He para os bons confusão,
Terem justo galardão.
Os que nunca trabalhárão.

Os que redeas não tiverão
Na sella postos se vem:
Ver que os máos prevalecêrão,
E dor dos que merecêrão,
Tendo o que lhe não convem.

Vendo quanto mal fizerão
De fazer mal não deixárão;
Que, posto se detiverão,
Sempre castigos tiverão
Se ao innocente enganárão.

A cobiça e ambição,
De demonio hábito tem.
Com esta simulação,
Sem nenhuma redempção,
Perderão o eterno bem.

Disfarçados se acolhêrão,
Os que o justo profanárão:
Sempre castigos tiverão:
Postoque se detiverão
Se do mal não s'apartárão.

Lê-se ainda este *labyrinto* por dois modos, tomando a primeira quintilha, terceira, quinta, setima e nona, sendo o seu argumento no singular, e tomando a segunda, quarta, sexta, oitava e decima, sendo o argumento no plural por esta maneira:

Corre sem vela e sem leme
O tempo desordenado,
D'hum grande vento levado.
O que perigo não teme,
He de pouco exprimentado.

A náo que se vai perder,
Destrue mil esperanças:
Vejo o máo que vem a ter;
Vejo perigos correr
Quem não cuida que ha mudanças.

Que poderá vir a ser
O mal nunca refreado?
Anda, por certo, enganado
Aquelle que quer valer,
Levando o caminho errado.

Não porque governe o leme
Em mar envolto e turbado,
Que tẽe seu rumo mudado,
Se perece grita e geme
Em tempo desordenado.

Na tormenta, se vier,
Desespere na bonança,
Quem manhas não sabe ter:
Sem que lhe valha gemer,
Verá falsar a balança.

Com o argumento no plural, e tomando, como dissemos, a segunda, quarta, sexta, oitava e decima quintilha se lê por esta fórma:

As redeas trazem na mão
Os que redeas não tiverão:
Vendo quanto mal fizerão
A cobiça e ambição,
Disfarçados se acolhêrão.

Os que nunca em sella andárão,
Na sella postos se vem:
De fazer mal não deixárão;
De demonios hábitos tem
Os que o justo profanárão.

He para os bons confusão,
Ver que os máos prevalecêrão:
Que, posto se detiverão
Com esta simulação,
Sempre castigos tiverão:

Terem justo galardão,
E dor dos que merecêrão,
Sempre castigos tiverão
Sem nenhuma redempção,
Postoque se detiverão.

Os que nunca trabalhárão,
Tendo o que lhe não convem,
Se ao innocente enganárão,
Perderão o eterno bem,
Se do mal não s'apartárão.

Mal empregado tempo gasto com estas poesias tão superficiaes! Fernão Alvares do Oriente traz na sua *Lusitania* um *labyrinto* a Nossa Senhora, em quintilhas, e logo em seguimento vem outro em oitava rima. Filippe Nunes, na sua *Arte Poetica,* prescreve a regra dos consoantes d'esta poesia.

De demonio hábito tem.

De demonios hábito tem.
Edição de 1595.

Que tẽe seu rumo mudado.

Que tem seu remo mudado.
Edição de 1595.

Se não quereis padecer, etc.

Convidou Camões certos fidalgos na India, e em logar de iguarias encontraram entre dois pratos estas redondilhas. Eram os convidados D. Vasco de Athaide, D. Francisco de Almeida, Heitor da Silveira e João Lopes Leitão; o meu Ms. não traz Heitor da Silveira, mas sim Jorge de Moura. Todos estes fidalgos, amigos do Poeta, pertenciam á primeira nobreza de Portugal; alguns tinham acompanhado o vice-rei D. Constantino de Bragança, de sorte que este convite devia ser feito para festejar a sua chegada.

A primeira iguaria foi posta a D. Vasco de Athaide, o da Castanheira, filho de D. Pedro de Athaide, que o foi de outro do mesmo nome, abbade de Penalva, filho natural de Álvaro Gonçalves de Athaide. D. Vasco de Athaide militou na India, foi por capitão de uma nau na armada contra o Achem em que ía o governador Francisco Barreto. Achou-se no infeliz conflicto do Baharem onde falleceu D. Alvaro da Silveira, amigo de Camões, a cuja morte escreveu a elegia XXVIII, e elle D. Vasco foi gravemente ferido de uma lançada, voltando ainda convalescente n'outra armada ao Baharem a tomar vingança dos fidalgos parentes e amigos que ahi pereceram.

Heliogabalo zombava, etc.

Esta segunda iguaria foi posta a D. Francisco de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, filho segundo do prior do Cratô D. Diogo Fernandes de Almeida, filho de Lopo de Almeida, primeiro conde de Abrantes. Tinha este fidalgo ido para a India com o vice-rei D. Constantino de Bragança, e por mandado d'este foi em favor do rei de Cochim expulsar a gente do Camorim da ilha de Pombalão, e depois d'elle a haver recuperado, a entregou D. Constantino áquelle rei. Foi depois D. Francisco capitão de Tangere, e aquelle mesmo a quem andando juntando gente para resistir á invasão de Filippe II, o Poeta escreveu aquella tão interessante carta, da qual apenas nos restam os fragmentos; n'ella descrevia o estado das facções do reino, e manifesta os seus sentimentos patrioticos. Era tão amigo d'este fidalgo o Poeta, que, segundo nos affirma o editor da edição de 1626, ou antes em seu nome D. João de Almeida, filho de D. Francisco, Camões dizia que só por não estar este fidalgo na India se retirava para o reino.

N'esta redondilha se refere ao bem conhecido facto do feroz imperador romano, que fazendo esplendidos convites, zombava dos convidados, apresentando em vez de iguarias verdadeiras manjares pintados nos pratos.

Cêa não a papareis, etc.

A terceira iguaria foi posta a Heitor da Silveira, o Drago. Era este fidalgo cunhado de André Falcão de Resende, e grande amigo de Camões, em cuja companhia veiu para o reino, tendo a desdita de morrer já á vista do cabo da Roca. Era bom poeta, cavalleiro esforçado, e pobre como Camões, como se deprehende dos versos que enviou ao conde de Redondo; a elle dirigiu seu cunhado André Falcão de Resende as satyras v e viii, e a epistola i; e n'estas mesmas obras, a que já alludimos em outra parte do nosso trabalho, e que se imprimem na imprensa da universidade de Coimbra, vem uma resposta de Heitor da Silveira á primeira d'estas duas satyras e á epistola. Para o leitor poder julgar do estylo d'este cavalheiro e poeta, cujas obras se perderam, darei aqui uns fragmentos da resposta á epistola, em que, minado pela saudade da esposa, lhe inveja a vida quieta que contrasta com a sua inquieta e turbulenta, e declama contra os que se passam ás conquistas após o oiro e uma falsa opinião de honra.

Tudo nos roubam cá, té o desejo,
Que em nosso peito mora, lá o desviam;
Parece que lhe faz affronta, ou pejo.
Este é o ouro, este é o metal, que criam
Estas partes de cá, que em poucos annos
Europa de varões nobres despiam.
Cruel Gama, cruel, que tantos damnos
Ó Lusitano dás! Que se desfaça
Em pó tanto varão por bens mundanos!
Ó desleal cubiça! viva traça;
Faminta harpia, que por quasi nada
Alma, que livre é, prêsa andar faça!

Termina com uma apostrophe saudosa á esposa:

—Ó certo norte meu, luz clara e guia,
Beliza de minha alma —em vão chamava:
Jurára, amigo André, ora que a via.
Beliza, amor, Beliza, mal cuidava,
Quando de vós fugi quasi voando,
Que vinha o mal voando, e cá o achava!
Parti-me sem vos ver, assi enganando
A dura saudade bem guardada,
Que inda ora, mais que então, estou chorando.
Mas não será fortuna tão ousada,
Se a doce liberdade me ora nega,
Que muito tempo assi m'a tinha atada.
Esta confiança, André, só me socega,
E me desvia de mil máos extremos,
A que a vãa phantasia se me apega.
Amor me diz á orelha, que nos vemos
Cedo já sem fortuna mar bonança:
Em quanto tarda, assim nos visitemos,
Se dar-me queres vida, ou esperança.

Quão enganados desejos! e como são varios os destinos da vida humana! Á vista da patria nem ao menos póde morrer nos braços de uma esposa que tão extremosamente amava, e só coube a ella receber o cadaver frio do marido, onde se encerrava um coração abrasado de um amor tão constante e apaixonado.

Não Caparica, mas tinta, etc.

Por este verso se vê que o vinho da freguezia de Caparica, situada da outra banda do Tejo, proximo de Almada, era tido como muito especial: hoje temos vinhos muito mais generosos.

A epistola XVIII de Pedro de Andrade Caminha é tambem dirigida a Heitor da Silveira em resposta a outra sua escripta da India, em que lhe noticiava a morte de João Lopes Leitão, de quem passâmos a tratar.

Porque os que vos convidárão, etc.

A quarta a João Lopes Leitão. Manuel de Faria e Sousa não póde descobrir quem fosse este cavalheiro; foi filho de Francisco Leitão, fidalgo que viveu no reinado d'el-rei D. Manuel, e de D. Joanna Freire, filha de Rodrigo de Sande, vedor da rainha D. Maria e embaixador ao rei catholico D. Fernando, a quem tinha servido na conquista de Granada, que lhe foi muito aceito, e lhe deu o Dom, e de sua mulher D. Margarida Freire, viuva de Estevão de Brito, alcaide mór de Beja, e filha de Nuno Fernandes Freire. João Lopes Leitão, sendo moço foi pagem da lança do principe D. João, pae d'el-rei D. Sebastião, e no torneio de Xabregas, que se deu por occasião d'este principe tomar as primeiras armas, foi parelha de Fernão da Silva, vedor da fazenda e regedor da justiça. Foi poeta, jovial e cortejador das damas, e por este motivo sendo moço, e antes de ir para a India, o mandou el-rei D. João III prender em casa por entrar uma porta a ver as damas do paço contra vontade do porteiro, a cujo proposito fez Pedro de Andrade Caminha o epigramma CLXVII, a que o preso responde no epigramma CLXVIII da mesma collecção de poesias, publicada pela academia real das sciencias de Lisboa. As poesias de João Lopes Leitão perderam-se; apenas resta a resposta ao epigramma, a quintilha que vem n'este convite que começa:

Pezar ora não de são,

e attribue-se-lhe o soneto que acompanha as obras de Camões

Quem he este que na harpa Lusitana,

em elogio do poeta; eu vi na bibliotheca real das Necessidades uma longa carta (Ms.) dirigida a seu irmão Pedro Leitão, escripta da India, no estylo das de Camões, e que me pareceu interessante; porém d'ella não conservo lembrança, nem tirei apontamento. Camões lhe dirigiu outra poesia sobre uma burla que experimentou de uma senhora a quem dera uma peça de fazenda, e alem d'isto o soneto que começa:

Senhor João Lopes, o meu baxo estado.

Militou João Lopes Leitão na India com distincção no tempo do Poeta, indo varias vezes por capitão nas differentes expedições, e morreu na mesma India no mar, não sabemos se afogado, se de doença. Á sua morte allude Pedro de Andrade de Caminha em uma poesia, e á mesma compoz quatro epitaphios. Copiâmos aqui, dos quatro, aquelle que nos parece melhor:

Vês tu que passas, esta sepultura,
  De palma ornada, e de loureiro e d'era?
Vazia está, que o quiz assi a ventura,
  Que para o corpo de João Lopes era.
Seu corpo jaz no mar, su'alma pura
  O Ceo se foi, onde seu corpo espera:
Corôa mereceo de dous Loureiros,
  A dos Poetas, e a dos Cavalleiros.

João Lopes Leitão não casou, mas teve uma filha bastarda, D. Violante Leitoa, que foi religiosa de Odivellas. Era irmão de Pedro Leitão e de Estevão Leitão, que foi frade dominico, muito parcial de D. Antonio, prior do Crato.
A derradeira a Francisco de Mello:

D'hum homem, que teve o scetro, etc.

Francisco de Mello era filho de Pedro de Mello de Serpa e neto de Diogo de Mello; militou na India e falleceu no cerco de Chaul em 1571, sendo vice-rei o famoso conde de Athouguia D. Luiz de Athaide. Allude aqui Camões a Ovidio e a estes versos do poeta romano:

Sponte sua carmen números veniebat adaptus,
Et quod tentabam scribere versus erat.

No meu Ms. a disposição d'estas redondilhas é differente, e tambem ha mudança no nome dos convidados. A terceira iguaria foi posta a João Lopes Leitão no Ms. em logar de Heitor da Silveira, de quem ali se não faz menção, vindo a redondilha que diz respeito a este fidalgo no fim, depois da que pertence a Francisco de Mello, e com referencia a todos os convidados. A quarta iguaria é posta no Ms. a D. Jorge de Moura, e os versos que lhe dizem respeito são a quintilha que figura de resposta de João Lopes Leitão, e começa:

Pezar ora não de são,

que vem com este titulo ou advertencia: «*A outra a D. Jorge de Moura, e falla aqui como era seu costume quando zombava queixando-se do engano*».
Este Jorge de Moura era collaço do principe D. João, pae d'el-rei D. Sebastião; foi um dos esforçados guerreiros da India, e mais de uma vez capitão mór de armadas.

Sabeis que haveis de fazer?

Sabeis o que aveis de fazer?
Meu MS.

Que aqui não ha que comer.

Que aqui no ai que comer.
Meu MS.

Porque por mais que corrais,
Não heis de alcançar a ceia.

Que por mais que vós corrais,
Não alcançareis a ceia.
Meu MS.

Heliogabalo zombava.

Elioguabalo zombava.
Meu MS.

Porque a cêa está segura
De vos não vir em pintura.

Que esta ceia está segura
De não vos vir em pintura.
Meu MS.

Vos dá aqui tinta por vinho.

Vos dá tinta aqui por vinho.
Meu MS.

Vosso estomago não danem.

Vosso estomaguo não danem.
Meu MS.

E nada feito em empada;
E vento de tigelada;
Picar no dente em remôlho:
De fumo tendes taçalhos:
Ave da pena que sente
Quem da fome anda doente.

E nada feito de empada;
E vento de piverada;
Picar no dente em repolho:
Em carne tendes taçalhos;
De aves de pena que sente
Quem de fome anda doente.
Meu MS.

Que se lhe tornava em metro.

Que se lhe fazia em metro.
Meu MS.

De mi vos quero affirmar.

De mi vos quero apostar.
Edição de 1595 e meu MS.

De quanto podeis cuidar;
E esta céa, que he manjar,
Vos faça na boca em trovas.

Que quanto podeis cuidar;
Nesta ceia, que he manjar,
Vos faça na boca trovas.
Meu MS.

Conde, cujo illustre peito, etc.

Ao conde de Redondo D. Francisco Coutinho, vice-rei da India, para onde foi no anno de 1561, e durante o seu governo procurou tirar o Poeta do abatimento e desgraça em que o foi encontrar. Era o conde homem de espirito elevado tanto nas armas como nas letras, e como tal sabia apreciar o verdadeiro merecimento de Camões. Pela descripção, que nos faz Couto, do caracter e boas partes que concorriam n'este vice-rei, se vê como o Poeta não era lisonjeiro nos elogios que lhe dirigia. «Era o conde, diz o chronista da India, homem de bom corpo, gentil-homem, bem posto no chão, e ainda n'aquella idade de cincoenta e sete annos em que morreu, era galante. Foy homem facil, alegre, bem assombrado, muito avisado e grande cortesão, e tinha ditos muito galantes, foy liberal, ao menos não foy tacanho, amigo de justiça e trabalhou sempre muito que se fizesse com inteireza». Foi filho do primeiro conde de Redondo D. João Coutinho, e de D. Maria Henriques, filha de Fernão Martins Mascarenhas, senhor de Lavra; elle foi casado com D. Maria de Gusmão, filha de Francisco de Gusmão, e D. Joanna de Blasfé, camareira mór da infanta D. Maria, e elle seu mordomo mór. D'este consorcio houve tres filhos e cinco filhas; o primeiro, D. João Coutinho, morreu menino; o segundo, D. Luiz Coutinho, herdeiro da casa, foi casado com D. Mecia, filha de

D. Aleixo de Menezes, o aio d'el-rei D. Sebastião; morreu na batalha de Alcacer, e por não ter successão, passou a casa ao immediato e derradeiro filho D. João Coutinho, conde de Redondo.

Ao mesmo conde escreveu a ode ou trovas que lhe mandou da prisão, quando Miguel Rodrigues Coutinho o embargava por uma divida, e os versos em favor do seu amigo Heitor da Silveira, que acompanham a que ao mesmo vice-rei dirigiu aquelle fidalgo.

Senhora, s'eu alcançasse, etc.

Parece ser escripto á sua amante, que lhe teria pedido as suas poesias, poisque n'estes versos revela o desejo que a pessoa a quem são dirigidos leia antes no seu coração do que nos seus papeis.

E por ver
Tudo o que posso escrever.

Só por ver
Tudo o que possa escrever.
Meu MS.

Por mi só quizesseis ler.

Só por mim quizesses ler.
Meu MS.

Verieis o natural
Do que aqui vêdes pintado.

Vereis ao natural
Do que aqui virdes pintado.
Meu MS.

Vereis aspero e cruel.

Vereis aspera e cruel.
Meu MS.

Em mi com sangue no peito.

E a mi com sangue no peito.
Meu MS.

Se não póde declarar.

Não se póde declarar.
Meu MS.

Vêde que melhor lereis,
Se a mi, se aquillo qu'escrevo.

Vêde qual milhor lereis,
Se a mi, se ao que escrevo.
Meu MS.

Se derivais da verdade, etc.

A huma Senhora, a quem derão hum pedaço de silim amarello: — Aconselha-a o Poeta que resista á dadiva que lhe fazia um cavalheiro astucioso, de uma peça de setim, e a despreze. Que não é dadiva, pois ella lhe cede mais, que é a sua honra. Invectiva contra a devassidão d'aquelles que, abusando da sua nobreza,

armam ciladas contra o pudor das mulheres de inferior nascimento, e lastima a simplicidade d'estas que, por um dom de nobreza, deixam os mais singulares dons.

Hum Dom, que anda enxertado
No nome, e nas obras não.

É mui graciosa esta poesia. Na edição de 1595 traz este titulo: «*Outras a huma Senhora, a quem derão para huma filha sua hum pedaço de sitim amarello de quem se tinha suspeita*».

Peço-vos que me digais, etc.

A huma Senhora rezando por humas contas: — Cousa alguma desafia tanto a devoção como ver uma dama formosa orando; os olhos que em uma sala porventura dardejam faíscas de um amor profano, no tabernaculo quebram-se docemente, fulguram, mas com um esplendor suave e estranho, e parecem absorver em si um reflexo do raio da divindade. Dirieis que um dos entes que circumdam o throno celestial baixou á terra e veiu incarnar-se na fórma externa da mulher, illuminando-a com todo o fulgor mysterioso da alta região d'onde descendeu, e inspirando-a com a fé viva com que os coros celestes levantam o *Hosana* na côrte celeste. Sim, a mulher ou não reza, ou o faz com fé sincera. Foi enlevado na sua amante, vendo-a rezar, que o Poeta escreveu esta poesia: em outra occasião glosou o mesmo mote. Veja-se a pag. 165, o mote e glosa (ineditos).

Se n'alma e no pensamento, etc.

A huma Dama que lhe deo huma penna: — Esta *esparsa* funda-se no equivoco do Poeta tomar a penna de ave pela pena de sentimento, não lhe pesando o tormento que lhe causa a mesma pena.

Sem olhos vi o mal claro, etc.

A huma Dama que lhe chamou cara sem olhos: — Diz-lhe o Poeta que vendo-a lhe sobejam os olhos, não a vendo, olhos não são.

DISPARATES NA INDIA

Esta satyra foi escripta na India, e dizem que ella deu origem ao seu degredo, o que eu não acredito; não obstante devia malquista-lo com os que militavam n'aquelle estado. Cada redondilha acaba com um proverbio, maxima, dictado ou verso tirado das coplas antigas ou de auctor castelhano:

Este mundo es el camino, etc.

Este verso é de D. Jorge de Manrique, copla v. Parece que o Poeta n'esta redondilha critica aquelles que sendo de baixa extracção, logoque sobem aos logares elevados — desque mudão a côr — não fazem caso dos antigos conhecimentos

Chamão logo a El-Rei compadre;

isto é, se ensoberbecem tanto que não conhecem os iguaes.

Deixae a hum que se abone.

Continua o Poeta a fustigar os que se jactam de poderosos, e que fabricaram estado por meios illicitos, á custa da honra.

Diz logo de muito sengo.

Diz Faria e Sousa que alguns pensam que o vocabulo *sengo* se deriva de Seneca.

Digo-lhe: *tu ex illis es.*

O que disseram a S. Pedro quando negou a Christo; na primeira edição traz: *tu insanus es.*

Vereis huns, que no seu seio.

Critica certos mancebos que, com dois ceitis de sciencia, julgam que sabem tudo quanto se ensina na universidade de Paris, e não têem outra occupação senão tratar de seus trages.

Não ha mais Italiano.

Foram os italianos que inventaram o talabarte, que se começou a usar entre nós no tempo d'el-rei D. Manuel; e assim pinta o Poeta a Vasco da Gama guarnecido com elle:

Ao Italico modo, a aurea espada.
Lusiadas, Canto II, estancia 98.

A este direis: Meu mano.

Tratamento que parece davam aos afeminados, que em Castella chamavam *lindos.*

Outros em cada theatro.

Refere-se esta redondilha aos que alardeam valentias, e cujas palavras não correspondem com as obras. Veja-se a carta I: «Ja estes que tomavão esta opinião de valentes as costas, crede, que nunca riberas de Duero arriba cavalgaron Çamoranos, que roncas de tal soberbia entre si fuesen hablando, e quando vem ao effeito da obra, salvão-se com dizer que se nam podem fazer tamanhas duas cousas como he prometer e dar».

Outros vejo por ahi.

Contra os hypocritas que andam emendando o mundo com conselhos e não emendam a sua vida.

El dolor que está secreto.

Vem de uma copla antiga que corresponde a um verso tambem antigo: *De dentro tengo mi dolor.*

Assi entrou o mundo, assi ha de sahir.

Este adagio continua por esta fórma:

Muitos a reprende-lo e poucos a emenda-lo.

Achareis rafeiro velho.

Allude aos de baixa qualidade que querem hombrear com os cavalheiros, dizendo que a riqueza é a verdadeira fidalguia.

Que se quer vender por galgo;

isto é, se quer fazer passar por fidalgo, porque o galgo se reputa o cão mais nobre.

Diz que o dinheiro he fidalgo.

Corresponde a uma copla antiga castelhana:

Cavallero es dom dinero, etc.

Que su padre era de Ronda.

Parece que estas duas terras eram insignificantes e de pouca nobreza.

Fraldas largas, grave aspeito.

É uma pungente e vehementissima invectiva contra um ministro.

Que Momo lhe abrisse o peito.

Desejava Momo que no coração do homem houvesse uma abertura por onde se visse o que havia dentro; isto mesmo desejava o Poeta a este ministro para desmascarar o lobo vestido com pelle de ovelha. Faria e Sousa diz que ainda que o Poeta escrevia na India, o magistrado, a que se refere, estava no reino; que elle sabe quem era, porém que o não quer dizer. Parece querer alludir ao ministro d'el-rei D. Sebastião, apesar do segredo que finge guardar, pois passa a mostrar certa identidade com logares analogos dos *Lusiadas*, em que se suppõe que o Poeta o quiz indigitar. Fernão Alvares do Oriente na sua *Lusitania Transformada* descreve um ministro que foi do reino para a India, muito parecido com este.

Guardae-vos de huns meus Senhores.

Quer Faria e Sousa que esta redondilha se refira aos christãos novos; julgo porém que diz respeito aos fidalgos que negociavam, e que o Poeta allude aqui ao que lhe aconteceu com os amigos que o intrigaram com o governador Francisco Barreto, e depois o abandonaram.

Que de fóra dormiredes.

É uma cantiga velha:

De fuera dormiredes pastorsico.

Até aqui acabavam estas redondilhas na edição de 1595; as que se seguem vêem nas outras edições.

Que direis d'huns, que as entranhas.

Contra os magistrados, sua cobiça, hypocrisia e tyrannia, especialmente com os pequenos.

Que lá vão leis, onde querem cruzados?

Este rifão teve principio no reinado de D. Affonso o VI de Castella.

Mas tornando a huns enfadonhos.

Aos importunos narradores de contos, mais insipidos do que zamboas, que matam com suas historias a quem os ouve, seja-lhe applicada a pena de talião, morram tambem.

Adonde tienen las mentes.

Aos vaidosos de nobreza que, sem terem fundamento para taes se julgarem, andam desenterrando mortos para ver se encontram algum parente d'onde possam derivar a sua ascendencia.

Escudeiro de Solia.

Solia era certo estofo do qual, no seculo XIV, se vestiam as senhoras distinctas; diz Faria e Sousa que era téla baixa que suppria a alta.

Huns, que fallão muito, vi.

Contra os falladores, que não fazem mais do que importunar e mentir.

Oh vós, quem quer que me lerdes.

Mette a ridiculo o namorado; Gil Vicente em uma das suas comedias pinta um do mesmo modo.

Mas deixemos, se quizerdes.

Parece que o Poeta se dispõe a atacar alguem, personalisando, e pessoa de elevada categoria.

Deitemos-nos mais ao mar.

O logar porém da critica, e onde se indigitava a pessoa ou pessoas objecto d'ella, foi cortado, como se deprehende dos seguintes versos:

E se algum se arrecear,
Passe tres ou quatro trovas;

e porque a ultima redondilha d'esta composição não está terminada. Devia ser pessoa da governação da India, ou talvez que occupasse em Lisboa os mais elevados cargos.

Ó vós, que sois Secretarios.

Dirige-se agora aos ministros d'el-rei D. Sebastião, dizendo-lhe por que não põem freio ao roubar que vae sem medida debaixo de um bom governo; nos *Lusiadas* usa da mesma linguagem tocando este assumpto.

Porque a mente, affeiçoada.

Parecendo atacar os privados do rei atenua a critica com o elogio que faz do joven soberano, carregando as culpas nos ministros que não deixam exercitar as suas boas qualidades.

Por isso, gentis pastores.

Quer Faria e Sousa que o ultimo verso d'esta poesia:

Hum que só foi pastor bom,

seja allusivo a Christo quando lançou fóra do templo os vendilhões; porém parece-me que se engana, e que este dito é de um dos vice-reis da India, julgo que de D. João de Castro. Esta poesia não está terminada, pois da ultima redondilha só ha quatro versos.

Se vossa Dama vos dá, etc.

A João Lopes Leitão, sobre huma peça de cacha que mandou a huma Dama, que se lhe fazia donzella:—Com este titulo vem esta poesia nas differentes edições. Cacha, significa peça de fazenda, e ardil ou engano de jogo. Esta volta do mote refere-se a expressões de jogo, hoje desconhecidas.

Menina formosa e crua, etc.

Aconselha uma menina que largue outro que a corteja e o prefira a elle. É escripta em estylo jocoserio, e sem verdadeiro pensamento amoroso. Na primeira edição (1595) vem com este titulo: «*A huma Dama com quem queria andar de amores*»; no meu Ms. se acrescenta: *se não fóra afeiçoada ao outro.*

Ja tomára não ser meu,
Se vós não foreis tão sua.
Nos olhos, e na feição.

Tomaria não ser meu,
Se não foreis tanto sua.
Nos olhos, e na afeição.

Meu MS.

Não o quizestes de crua.

Não no quisestes de crua.

Meu MS. e edição de 1595.

Por ser meu:
Se outrem vos dera o seu,
Póde ser foreis mais sua.

Porque he meu:
E se outrem vos dera o seu,
Não foreis vós tanto sua.

Meu MS.

Que ainda não venha a ser.

Para que não venha a ser.

Meu MS.

Da doença, em que ora ardeis, etc.

A huma Dama doente:—Alem d'estas voltas, ao mesmo assumpto escreveu o Poeta a canção XXI (inedita).

Porque fiquemos iguaes,
Pois meu ardor não curais.
Que se cure vosso ardor.

Para ficardes em joguo,
Que se apague o foguo,
Senão com meu, que he maior.

Meu MS.

Em vós me busque a doença.

Em vós me busca a doença.
Meu MS.

Que em vós só me achará;
Qu'em mi, se me vem buscar.

Que em vós só me matará;
Que a mi se me vem buscar.
Meu MS.

Que a fórma do que foi ja.

Que a sombra do que fui ja.
Meu MS.

Os outros ramos d'esta poesia são inteiramente differentes no meu Ms., pela maneira seguinte:

Que se em vós estou trocado,
O mal que mal me quizer
Para me n'alma doer,
Em vós hade ser mostrado.
Nem m'espanto
Que me queirais mal, em quanto
Querer-vos menos não posso;
Pois, Senhora, ser tão vosso,
Me tem ja custado tanto.

D'outra parte, quem duvida
Ser tão alta minha sorte,
Que vos ame até á morte;
Porque me neguais a vida
Se pagais.
Nisso a morte que me dais,
O não me sejais esquiva;
Não porque eu, Senhora, viva;
Mas para que vós vivais.

Que tanto mais qualquer dano
Vosso que o meu sentiria,
Quanto he maior a valia
D'alma, que do corpo humano.
De verdade,
Que ja vossa humanidade
De que se aqueixe não tem;
Pois para as almas tambem
Fez amor enfermidade.

Se a verdade dizer posso,
Estar doente convinha;
Vós não, que sois alma minha,
Eu si, que sou corpo vosso.

De atormentado e perdido, etc.

A huma Dama vestida de dó: — Pede-lhe que o dó não seja sómente externo, que o tenha d'elle Poeta, que tantas vezes tem morto.

Amor, que todos offende, etc.

A Dona Guiomar de Blasfé, queimando-se com huma vêla no rosto: — Esta D. Guiomar era filha do conde de Redondo, D. Francisco Coutinho. Ao mesmo assumpto escreveu o soneto xxxix, que começa:

O fogo que na branda cera ardia, etc.

Esta D. Guiomar foi casada com D. Simão de Menezes, que morreu na batalha de Africa com el-rei D. Sebastião.

Bem sei que Amor se vos rende.

Bem, sei que Amor se lhe rende.
Edição de 1595.

Na primeira edição os primeiros versos formam uma oitava, e termina com uma quadra.

Não estejais aggravada, etc.

A huma mulher, açoutada por hum homem, que chamavão Quaresma: — O argumento d'esta poesia está claro; na primeira edição se diz ser feita na India. Na mesma edição os versos vêem mal collocados, porque vêem primeiro nove, depois cinco e por fim os outros nove.

Deve ser disciplinada.

Deve ser disciprinada.
Edição de 1595.

Seja bem disciplinada.

Seja bem disciprinada.
Edição de 1595.

Vossos vicios do carnal.

Vossos viços do carnal.
Edição de 1595.

Outra vez disciplinada.

Outra vez disciprinada.
Edição de 1595.

Quem no mundo quizer ser, etc.

A hum fidalgo, que lhe tardava com huma camisa que lhe prometteo: — Na primeira edição vem esta poesia com o titulo de *esparsa,* e á camisa se chama *camisa galante.* Estas camisas não eram ordinarias, e custavam ás vezes um preço elevado pela riqueza da fazenda e lavor da gola ou gorgeira.

Como o mundo todo vê,
Que venha a dar a camisa.

Como todo mundo vê,
Que dar a camisa.
Edição de 1595.

Senhora, pois me chamais, etc.

A huma Dama que lhe chamou Diabo, por nome Foãa dos Anjos:—São graciosas as voltas a este mote; grave seria a causa que obrigou a dama a dar-lhe tão mau nome, e bem aproveitada a occasião para lhe redarguir com estes bonitos versos.

Como de Anjo, e não de luz.

Como d'anjo e não da luz.
Edição de 1595.

Qual terá culpa de nós, etc.

A hum Amigo, que não podia encontrar:—O titulo d'esta poesia, e a mesma, declara o seu assumpto; por isso não precisa de explicação.

Descalça vai pela neve, etc.

Este mote é de Camões: as voltas são bonitas, menos os dois ultimos versos. Depois de fallar tanto em neve, cabe mal o *ferver em fogo;* é pensamento e expressão alambicada.

A dor que a minha alma sente, etc.

O Poeta revela em mais de um logar das suas poesias a necessidade de guardar sepultado no coração o segredo dos seus amores:

Por não mostrar meu mal a toda a gente.
Elegia III.

Comtudo parece que nem sempre teve a constancia de guardar para si toda a sua ventura; e a imprudencia sobre esta materia deveu a separação, embora temporaria, que lhe impoz a amante, privando-o por algum tempo da sua presença e agrado.

Parece que Diogo Bernardes usurpára estas voltas, porém com alguma differença, por esta fórma:

Tenho feito juramento,
Porque assi o quiz Amor,
De sempre como avarento
Guardar em mim minha dor,
Por nam tratar peor:
Se disto o contrario sente
Nam o saiba toda a gente.

Bernardes traz só duas coplas.

Não na sabe toda a gente.

Não a saiba toda a gente.
Edição de 1595.

De ninguem ouso fiar.

De ninguem a ouso fiar.
Edição de 1595.

D'alma, e de quanto tiver, etc.

Pede á dama que use para com elle toda a sorte de rigores, comtantoque lhe deixe os olhos para a ver.

Amores de huma casada, etc.

A frequente convivencia com uma casada, deu em resultado converter-se a amisade em amor impossivel, que se quebra contra a barreira da honestidade da dama que o faz nutrir. O mote é alheio, e tambem provavelmente estranho ao Poeta o assumpto d'elle.

Faz-se o desejo maior
Donde o remedio não val,
Em perigo de meu mal.

Fez-se o desejo maior
Donde remedio não val,
Sem perigo do mais mal.
M u MS.

Que donde entra por amigo,
Se levante por senhor.

Mas onde entrou por amigo,
Se levantou por Senhor.
Meu MS.

E de final em final,
Cada vez para mór mal.

Aquelle passo mortal,
Que eu terei por menos mal.
Meu MS.

No meu MS. vem mais esta redondilha que não está no impresso:

Casada, bem vejo eu
Que sois alheia e não vossa,
Mas quem deste mal se apossa,
Tambem he vosso, e não seu;
Ja que a vós amor me deu,
Dai-me vós algum sinal
De vos pezar de meu mal.

Enforquei minha esperança, etc.

Feito a uma reconciliação, é galante poesia. Ao mesmo assumpto vae, mais adiante, uma poesia inedita.

Puz o coração nos olhos, etc.

Não entendo muito bem este mote, nem a volta; é escripto n'um estylo algum tanto alambicado.

Puz meus olhos n'huma funda, etc.

Feito, como claramente declara a poesia, a um trocar de olhos com uma dama; é um epigramma engraçado.

Trape, quebrei-lhe a janella.

Trape, quebro-lh'a janella.
Edição de 1595.

De pequena tomei amor, etc.

Este mote parece ter sido dado ao Poeta por uma dama; elle revira as settas, e declara á mesma, como conhecendo amor desde pequenino, illudido o seguiu, e foi victima dos seus enganos e tormentos, que só ella póde mitigar e extinguir.

Tenho sabido que emfim.

Tenho sabido em fim.
Edição de 1595.

Apartárão-se os meus olhos, etc.

A uma dama privando-o da sua vista, por ausencia ou interrupção de relações amorosas.

E oxalá enganadores.

Erão crueis matadores.
Edição de 1595.

N'esta primeira edição traz mais esta redondilha:

Não se poz terra nem mar
Entre vós, que forão em vão,
Poz-se vossa condição,
Que tão doce he de passar,
Por ella vos quiz levar
De mim tão longe,
Falsos amores,
E oxalá enganadores.

Falso Cavalheiro, ingrato, etc.

N'este mote e voltas é uma dama que falla; serão pois estes versos escriptos por ella ou por Camões, para ella responder á arguição que parece se lhe fazia?

Sobre isento coração.

Sobre falso coração.
Meu MS.

Se de meu mal me contento, etc.

Encarece as qualidades da dama, e a impossibilidade de a merecer, por ser impossivel aspirar á ventura de a amar, reconhecendo o seu pouco merecimento; só se este igualasse ao seu desejo.

Vós, Senhora, tudo tendes, etc.

Exalta a belleza da dama e de seus olhos verdes, que excede a dos azues, embora estes sejam muito louvados.

Para que me dan tormento, etc.

Instigado a declarar a quem ama, recusa-se a revela-lo, promettendo guardar segredo, orgulhoso do seu tormento. É mote antigo que muitos glosaram, e entre outros, Montemaior, como se póde ver nas suas poesias em castelhano.

De vuestros ojos centelhas, etc.

Os olhos da dama não podem subir ao céu, e ali transformar-se em estrellas, porque já o são na terra, e não podem subir mais; e se ali subissem inspirariam amor ao proprio Deus no oitavo céu.

Lo como alumbran al suelo.

De como alumbran al cielo.
Edição de 1595.

Escripto em castelhano.

De dentro tengo mi mal, etc.

A sua dor está tão occulta no coração, como a centelha na pederneira. Em castelhano.

Amor loco, amor loco, etc.

Anda doido por uma dama que anda louca por outro que a não ama; se a não vira tão dedicada por elle, fôra mais louco por ella. Este mote glosaram muitos, entre outros Montemaior, na sua *Diana*. Em castelhano.

Vêde bem se nos meus dias, etc.

Desiste de novos amores, pelos tormentos que experimentou com os passados.

Pois se he mais vosso que meu, etc.

Pede á dama, pois o seu coração é mais d'ella do que seu, e elle seu captivo, que se lembre da tristeza que o domina.

Senhora, pois minha vida, etc.

Ao mesmo assumpto do mote antecedente. Pede á dama não queira ver destruida a sua vida, pois é d'ella e não sua.

Pois damno me faz olhar-vos, etc.

Entre os dois extremos de não ver e perder a sua dama, ou vê-la e perde-la, prefere não a ver.

Pois damno me faz olhar-vos.

Pois me fez dano olhar-vos.
Edição de 1595.

Não sei se m'engana Helena.

A tres Damas, que lhe dizião que o amavão:—Bem se vê que esta poesia é puramente jocosa; se assim fôra não haveria tão boa concordancia entre as tres. Eram brinquedos e ditos chistosos para provocarem a veia poetica facil e engraçada de Camões.

Menina, não sei dizer, etc.

A huma Dama mal empregada:—Esta poesia é dedicada a uma senhora com quem teve amores, que o deixou para passar ao estado de casada; é natural que a achasse como diz: —*mal empregada.*

Com vossos olhos, Gonçalves, etc.

A huma Foũa Gonçalves:—Não posso entender a amphibologia d'esta composição.

De que me serve fugir, etc.

Para toda a parte para onde vá leva comsigo o seu desgosto, ao qual não póde fugir.

Quando me quer enganar, etc.

A huma Dama, que lhe jurava pelos seus olhos:—Parece que escreveu o Poeta estes versos á imitação da ode VIII de Horacio, do livro II, dirigida a Julia Barina, que fazia taes juramentos e perjurios. D'estes juramentos, de que alguns disseram que se riam os deuses, resultou o adagio latino: «*Venerium jusjurandum*». Faria e Sousa tinha dividido estas redondilhas em quatro quintilhas.

Quanto me ella jura mais.

Quanto m'ella jura mais.
Edição de 1595.

Ser melhor todo tormento.

Ser melhor tod'o tormento.
Edição de 1598.

Que o mal melhor me fôra.

Qu'o mal melhor me fôra.
Edição de 1598.

Se me desta terra for, etc.

Protesta a uma dama, ausentando-se, ou leva-la comsigo, ou deixar junto d'ella a sua alma.

A minha alma, se me for.

A minh'alma, se me for.
Edição de 1598.

Pequenos contentamentos, etc.

Não quer aceitar os gostos que se lhe offerecem já tão tarde, por minguados e mesquinhos; pois o bem que lhe é devido nunca o satisfará.

Que a mi não me conheceis.

Qu'a mim não me conheceis.
Edição de 1598.

Perdigão perdeo a penna, etc.

Por acaso em um livro genealogico que pertenceu a Manuel Severim de Faria, o mesmo escriptor que escreveu uma biographia do Poeta, encontrámos o que deu assumpto à este poema, e que aqui transcrevemos: « Silvas, Casa do Regedor. Jorge da Silva, filho terceiro do Regedor, João da Silva irmão de Diogo da Silva. Casou com D. Luiza de Barros, filha herdeira de Jorge de Barros e D. Philippa de Mello, de quem não teve filhos. Foi fidalgo de grandes brios e altivos pensamentos; sendo moço namorou a Infanta D. Maria, filha d'El-Rei D. Manuel, e fez taes extremos que, chegando á noticia d'El-Rei D. João III, irmão da Infanta, o mandou prender no Limoeiro onde esteve o tempo que pareceu bastante para seu castigo; e a esta prisão e amores fez Luiz de Camões umas voltas áquella cantiga velha:

Perdigão perdeo a penna, etc.

que começam:

Perdigão, que o pensamento, etc.

Quarta parte dos Familias Nobres de Portugal. Segue a assignatura de Manuel Severim de Faria. Na folha primeira que está collada á capa, tem esta nota: « O P.e Prior do Hospital do Beato João de Deos de Montemor, me fez m. deste livro em Fevereiro de 1649. = *Manuel Severim de Faria* ».

Subio a hum alto lugar,
Perde a penna do voar,
Ganha a pena do tormento.

Foi por em alto lugar,
Perde as pennas de voar,
Ganha as penas de tormento.

MS. genealogico.

Se a queixumes se soccorre.

Se'a queixumes se socorre.

Edição de 1598.

Pois a tantas perdições, etc.

A humas Senhoras, que havião ser terceiras para com huma Dama: — É mui gentil esta poesia, na qual péde que intercedam para com a sua amante. Pelo seu estylo delicado e cortezão se vê que é dirigida a senhoras da mais elevada posição social, e não deixa duvida que fossem as damas do paço. É escripta com muita arte, commove e persuade com mui fina galanteria, e emprega affectos verdadeiros, a que se junta um estylo natural repassado de melancholia; bem se vê que saía do coração. Lisonjeia as damas com uma lisonja delicada; pois a ventura o subiu a tanta altura, que melhores cirurgiões póde ter para a sua ferida; ditosa ferida! ditosa tristeza! A vaidade feminina é adulada com summa finura; emprega o argumento dos argumentos para com o sexo, chama-lhe formosas; não se contenta com isso, como que desapparece da scena, e tudo entrega ao seu poderoso valimento. São sómente ellas, rosas milagrosas de amor, que podem fazer o milagre de abrandar o coração da sua amante; assim de joelhos peçam-lhe que queiram ver no seu padecer o poder que têem os seus olhos. E que maior intercessora do que a formosura dobrando o joelho perante a formosura? Para despertar o empenho das suas amaveis medianeiras, termina evocando por assim dizer o seu egoismo, lembra-lhes que podem ser victimas de um mal como o que soffre, o que oxalá nunca lhes aconteça.

Que tẽe taes Cirurgiões.

Que taes Cirurgiões.

Edição de 1598.

Ja qu'entendeis, que he assi.

Ja entendeis qu'he assim.

Edição de 1598.

Fazei milagres de Amor.

Fazei milagres d'amor.

Edição de 1598.

Que o valer.

Qu'o valer.

Edição de 1598.

Quando cuido em quem me cura.

Quando cuido em quem me cura.

Edição de 1598

Na fonte está Leonor, etc.

É bonita e affectuosa esta poesia; a representação da dor de Leonor é pintada com cores tão naturaes como expressivas.

Na fonte está Leonor.

Na fonte está Leanor.

Edição de 1616.

Ás amigas perguntando.

As amigas preguntando.

Edição de 1616.

Nisto estava Leonor.

Nisto estava Leanor.

Edição de 1616.

O rosto sobre hũa mão.

O rosto sobre huma mão.

Edição de 1616.

Que de chorar ja cansados.

Que do chorar ja cansados.

Edição de 1616.

Desta sorte Leonor.

Desta sorte Leanor.

Edição de 1616.

Que não quer que a dor s'abrande.

Que não quer que a dor se abrande

Edição de 1616.

Despois que de seu amor
Soube novas perguntando,
D'improviso a vi chorando.

Que depois de seu amor
Soube novas preguntando,
Demproviso a vi chorando.

Edição de 1616.

Que diabo ha tão damnado, etc.

Trovas que mandou o autor da cadeia, em que o tinha embargado por huma divida Miguel Roiz, Fios Seccos d'alcunha, ao Conde de Redondo D. Francisco Coutinho, Viso-Rei, que se embarcava para fóra, pedindo-lhe o fizesse desembarcar:— Escreveu o Poeta estes versos que dirigiu, como declara o titulo, ao viso-rei, pedindo-lhe o mandasse soltar antes que embarcasse. Veja-se o que dissemos na biographia, tomo I. Este fidalgo era um dos capitães da India dos mais distinctos, e esteve no cerco de Dio. É um epigramma engraçado e energico.

Vossa Senhoria creia, etc.

Trovas que mandou Heitor da Silveira ao mesmo Conde, invernando em Goa:— São escriptas por elle mesmo; quem fosse este fidalgo, amigo de Camões, deixámos dito quando tratámos do convite feito aos fidalgos na India.

Que o tempo traz somnolenta.

Que o tempo traz sonorenta.
Edição de 1616.

Que só dá vida e contenta.

Que só dá vida e a contenta.
Edição de 1616.

Não posso chegar ao cabo, etc.

A huma Senhora, que lhe chamou diabo:—Ao mesmo assumpto d'esta esparsa fica atrás o mote que começa:

Senhora, pois me chamais, etc.

Vi chorar huns claros olhos, etc.

Lindos versos a uma despedida. É no mesmo momento de se ausentar, que a amante lhe confessa que o ama; assim a sua alegria ainda é maior que a dor e tristeza pela ausencia, ouvindo esta confissão, e vendo arrazar-se os olhos de agua de quem a fazia.

Se èsta dor, se esta alegria.

Se esta dor, se est'alegria.
Edição de 1616.

Assi, se minha alma vive.

Assi, se minh'alma vive.
Edição de 1616.

No tempo que desejei.

No tempo que o desejei.
Edição de 1616.

O principio da alegria.

O principio d'alegria.
Edição de 1616.

Deos te salve, Vasco amigo, etc.

Vilancete pastoril:—Vasco arguido por Gil de lhe não responder, diz-lhe que o não faz por que não está em si; se o quer procurar o faça em Magdalena. Arguelhe Gil, como é que não está em si, se responde tão atilado; ao que elle contesta que é ella que responde.

Pois onde te hão de fallar.

Pois onde te não fallar.
Edição de 1616.

Se Magdanela conheces.

Se Madanela conheces.
Edição de 1616.

Em ti; como em Magdanela.

Em ti, como em Madanella.
Edição de 1616.

Porque no miras, Giraldo, etc.

Outro vilancete pastoril:—Giraldo convidado por um pastor para ouvir a harmonia da sua sanfona, lhe volve que está mudo e surdo para o attender, porquanto não vê Helena.

No vês cuan dulce que suena.

No vês quan dulce e serena.
Edição de 1616.

Crescem, Camilla, os abrolhos, etc.

Outro vilancete pastoril:—A uma senhora que chorava a ausencia do seu amante e não queria ser consolada, e repelle os conselhos que lhe dá para mitigar a sua dor.

S'eu não vejo quem mais quero.

Se eu não vejo quem mais quero.
Edição de 1616.

Se se foi ha mais d'hum mês.

Se se foy ha mais de hum mez.
Edição de 1616.

Olhos, em qu'estão mil flores, etc.

A huma mulher, que se chamou Gracia de Moraes:—Joga com o equivoco de morais, verbo, com o de Moraes appellido. A esta mesma Gracia de Moraes traz Faria e Sousa as duas outras redondilhas seguintes que não vêem impressas:

Ha huma questão de Amor,
Na qual ninguem se assegura,
Qual seja de mais valor:
Se a Graça, se a Fermosura.
Julgo a poder julgar nella,
Se a affeiçam nam me embaraça,
Que muito mais vale a Graça
Que a Fermosura sem ella.

Se me dessem a escolher
(Mas nam tenho tal ventura)
A Graça quisera eu ter,
Tenha outra a Fermosura.
Ninguem póde aqui por grossa
Que nam fique com desgraça,
Póde haver Graça fermosa,
Nam Fermosura sem graça.

Anacreonte fazendo o retrato da sua amante a representa composta de leite, rosas e marfim; porém não julga completo o retrato, se todas estas partes não forem acompanhadas da graça, por isso quer que as graças esvoacem em torno do collo.

Olhos, em qu'estão mil flores.

Olhos, em que estão mil flores.
Edição de 1616.

Quem se confia em huns olhos, etc.

Queixa-se da inconstancia ou antes garridice de uma senhora; engana-se quem põe a sua confiança em meninas que, com um mudar de olhos, mudam de pensamento.

Sois formosa, e tudo tendes, etc.

Louvando e deslouvando huma dama: — Faz a descripção dos differentes attributos physicos e moraes da senhora, terminando sempre com o elogio dos olhos verdes.

Serdes tão bem assombrada.

Serdes bem assombrada.
Edição de 1616.

He tão branca e bem talhada.

He branca e bem talhada.
Edição de 1616.

Assi he; e quanto a mim,
Isso vos nasce de a terdes.

Ja sei quanto a mim,
Isso nasce de a terdes.
Edição de 1616.

A alma, sem o vós saberdes.

Ja sem o vós saberdes.
Edição de 1616.

Inda assim achareis nação.

Inda assim achareis gente.
Edição de 1616.

Esse riso, que he composto.

Esse riso, he composto.
Edição de 1616.

Boca co' huma graça igual.

Boca nem graça igual.
Edição de 1616.

Dou-me eu a Deos, que me leve.

Dou-me a Deos, que me leve.
Edição de 1616.

Senão qu' he feita em rosquinhas.

Senão que feita em rosquinhas.
Edição de 1616.

Eu sei bem quem se offerece.

Eu sei quem se offerece.
Edição de 1616.

Só o vê-las enfeitiça.

Só com vê-las enfeitiça.
Edição de 1616.

Quem vê vossos olhos verdes.

Os que vem vossos olhos verdes.
Edição de 1616.

Que eu logo vos roubaria.
Oh dou-me a Santa Maria!

Que eu rogo vos roubaria.
Dou-me a Santa Maria!
Edição de 1616.

Tudo tendes singular, etc.

Ao mesmo assumpto do antecedente.

Quanto o ser formosa alcança.

Quando ser formòsa alcança.
Edição de 1616.

N'esta edição faltam os ultimos dois versos.

Cinco gallinhas e meia, etc.

A Dom Antonio, Senhor de Cascaes, que tendo-lhe promettido seis gallinhas recheadas por huma copla que lhe fizera, lhe mandou por principio de paga meia gallinha recheada:—Muito engraçado epigramma. Mal pensava Camões, quando lhe dirigia estes versos, que este mesmo fidalgo seria quem arvorasse no castello de Lisboa o estandarte castelhano por Filippe II.

Catharina bem promette, etc.

Pedindo a uma mulher, depois de uma entrevista, mais do que ella queria e devia consentir-lhe; é escripta em estylo jocoso, e por elle se vê que ella se evadia ás suas pretensões, ou por se fazer valer ou por decoro. Faria e Sousa inverte a ordem das redondilhas. Depois da primeira, em logar da segunda é a sexta, no da terceira a quarta, e no da quarta a terceira.

Catharina bem promette;
Ora má! como ella mente!

Caterina bem promete;
Era má! como ella mente!
Edição de 1595.

Enganou-me; tinha a minha;
Deo-lhe pouco de perdella.

Enganou-me; teve a minha;
Da-lhe pouco de perdella.
Edição de 1595.

Dizei, porque me mentis?
Prometteis, e então fugis?
Pois sem tornar, tudo he nada.
Não sois bem aconselhada.

Dizei, para que mentis?
Prometeis, e não cumpris?
Pois sem cumprir, tudo he nada.
Nem sois bem aconselhada.

Edição de 1595.

O que perde não o sente.

O que perde não no sente.

Edição de 1595.

Se este vosso prometter
Fosse por me ter hum dia.

Se esse vosso pormeter
Fosse por me ter um dia.

Edição de 1595.

Com gosto; e vós de contente.

Com vosco; e vós de contente.

Edição de 1595.

Deixai-me vós o servir.

Deixai-me vós o comprir.

Edição de 1595.

O servir a quem lhe mente.

O que cumpre o que mente.

Edição de 1595.

Fallar-lhe, o mais me consente.

Fallar, o mais me consente.

Edição de 1595.

Em logar da sexta redondilha, vem a seguinte no meu Ms.:

Mas pois folgais de mentir,
Prometendo de me vêr,
Eu vos deixo a prometer,
Deixai-me vós o comprir;
Aveis então de sentir
Quanto fica mais constante,
O que cumpre, que o que mente.

A alma, qu'está offrecida, etc.

No estado em que se acha, o mal e o bem é-lhe já indifferente.

Ferro, fogo, frio e calma, etc.

Insignificante e pouco intelligivel é esta poesia.

Esperei, ja não espero, etc.

Desenganado do pouco interesse que lhe mostra uma dama, bate em retirada e despede-se d'ella.

Descalça vai para a fonte, etc.

Este mote e voltas parece que deviam preceder, se estas rimas fossem por ordem, o mote que começa:

Na fonte está Leonor, etc.

É bonita descripção de uma pastora.

Vai formosa, e não segura.

Vai fermosa, e não segura.
Edição de 1668.

Quem disser que a barca pende, etc.

Não entendo a allegoria d'esta barca que pende; são allusões a cousas do tempo em que foram escriptos estes versos.

Com razão queixar-me posso, etc.

A uma senhora sangrando-se: talvez a mesma a quem são dirigidos os outros versos, que vão n'esta collecção, a uma senhora estando doente.

Ojos, herido me habeis, etc.

Se o mata com os seus olhos, torne a olha-lo depois de morto para o resuscitar. Em castelhano.

O ojos, ya de matarme;
Mas muerto volved á mirarme,
Porque me resusciteis.

Ojos, de resuscitarme;
Mas muerto bolve a mirarme,
Porque me resusciteis.
Edição de 1668.

Na mesma edição vem esta poesia com as quadras separadas.

Mas porém a que cuidados, etc.

A D. Francisca de Aragão: este mote foi dado por esta senhora, e a glosa acompanhada da carta que vae junta com as outras cartas em prosa.

Eu não tenho que vos dar.

E não tenho que vos dar.
Edição de 1595.

Trabalhos descansarião, etc.

Expor-se-ia a todo o trabalho de bom grado, se experimentasse o mais pequeno reconhecimento por parte da sua amante; porém acostumado a soffrer as suas cruezas, que esperanças póde ter no futuro.

Triste vida se me ordena, etc.

Apesar da injustiça de querer satisfazer os seus serviços com cruezas, não póde ter maior bem que servi-la; pois quanto mais pedir mais deverá, e são taes os seus merecimentos, e de tão alta estima, que ainda é muito favor querer que os seus tormentos lhe fiquem por galardão.

Ja não posso ser contente, etc.

Perdida a esperança, repelle os contentamentos e gosos que se lhe offerecem; só deseja a solidão para cevar a sua tristeza, ou antes a morte para pôr termo aos seus males; porquanto, no doloroso estado em que vive, nem morre, nem tem vida.

A morte, pois que sou vosso, etc.

A huma dama que se chamava Anna: — Amor, para o experimentar, lhe apresentou a morte para ver se a temeria; não a quer, mas se vier, será todo o seu bem.

Amôr se me achava forte.

Amor se m'achava forte.
Edição de 1595.

Entendeo quanto me toca.

Disse o que mais n'alma toca.
Meu MS.

Vejo-a n'alma pintada, etc.

Despertado pelo desejo vê, na ausencia, tão claramente retratada a sua amante, que a traz debuxada na alma namorada, como se a tivera presente. Como o cego a quem falta a vista, e a natureza lhe dobrou a memoria, assim a elle a mesma natureza, se lhe nega que veja com os olhos o que deseja, lhe concede o natural que não vê.

Assi a mi, que não vejo
Co'os olhos o que desejo.

Assim a mim, que não vejo
Os olhos ao que desejo.
Edição de 1595.

Sem vós e com meu cuidado, etc.

Ao mesmo assumpto do mote antecedente. O amor para que a levasse na alma, fez com que se transformasse n'ella, deixando-o porém cego e sem guia, e assim se ausenta.

Foi sempre que não errasse.

Nunca fez cousa que errasse.

Meu MS.

Sem alma, qu'em si vos tem,
Co'o mal de viver sem ella.

Sem a alma que em si vos tem,
Co mal de viver sem ella.

Edição de 1595.

Sem ventura he por demais, etc.

Todo o trabalho produz gostoso fructo, vence tudo e torna os hòmens immortaes; porém querer achar ventura quem a não tem, é trabalho ocioso.

Rompe toda a pedra dura.

Rompem toda a pedra dura.

Edição de 1595.

Minh'alma, lembrae-vos della, etc.

Pede á sua dama que lhe dê o gosto de a ver, prazer que para elle vale mil vidas, ou lhe dê morte por uma vez.

Tudo póde huma affeição, etc.

É tal o poder e jurisdicção do amor, que tudo liberta de temor humano, e assim declarará por toda a parte quanto póde uma affeição.

De todo humano temor.

De todo o humano temor.

Edição de 1595.

Justa fué mi perdicion, etc.

A uma trova de Boscan. Consentiu-lhe a amante a vista, e prohibiu-lhe o desejo, e depois compadeceu-se da sua dor despertando-lhe o desejo; pede-lhe que o não olhe, se não quer ver culpado o seu merecimento do desejo que faz nascer. Em castelhano.

Satisfizo mi pasion.

Satisfizo a mi pasion.

Edição de 1595.

De zelos de mi dolor.

De celos de mi dolor.

Edição de 1595.

Todo es poco lo posible, etc.

É pouco intelligivel, e tem referencia a successos passados dos seus amores; por isso são difficeis de interpretar estes versos.

Vos teneis mi corazon, etc.

Amor o consola de lhe terem roubado os olhos, pois foi roubo feito pelos mais formosos que viu desde que vive.

Mi corazon me han robado.

Mi coraçon me an robado.
Edição de 1595.

Que veré que me contente? etc.

Não póde saciar-se com a vista da amante, assim, se o quer ver contente, não lh'a roube.

Señora, vuestra beldad.

Senhora, vuestra beldade.
Edição de 1616.

Pues sin vos placer no siente.

Pues si en vos plazer no siente.
Edição de 1616.

Si no quereis que yo os vea.

Si no quereis que os vea.
Edição de 1616.

Sem vós, e com meu cuidado, etc.

Amor roubou-lhe a vista da amante e cegou-o: qual seria pois a sua indignação contra o deus vendado, ficando sem ella e com o seu cuidado. Este mote fica anteriormente glosado.

Retrato, vós não sois meu, etc.

A um seu retrato: vendo-o no seio da amante, em sitio tão privilegiado, não ousa acreditar tanta ventura, e duvida que seja d'elle; por isso lhe aconselha que não confesse que é seu, porque a sua mofina ventura o derrubará de tão elevada altura. São bonitos estes versos.

Indaque'em vós a arte vença.

Inda que em vós a arte vença.
Edição de 1668.

Se he qu'eu sou quem d'antes era.

Se he que eu sou quem dantes era.
Edição de 1668

O qu'em mi he principal,
Muito em ambos s'enganárão.

O que em mim he principal,
Muito em ambos se enganárão.
Edição de 1668.

Quizerão representar,
E houverão por bom partido
Dar-vos a alma do sentido.

Quizereis representar,
Ouvera por bom partido
Dar-lho a alma do sentido.
Edição de 1668.

Que a serdes meu natural.

Que serdes meu natural.
Edição de 1668.

Blazonae que sois divino.

Blasonai que sois divino.
Edição de 1668.

Conhecessem qu'ereis meu.

Conhecessem que ereis meu.
Edição de 1668.

Foi-se gastando a esperança, etc.

Apesar da esperança gasta e maltratado ingratamente pelo amor, pois ninguem foi mais fino amador, cresça a fé e fique n'alma impressa a lembrança do bem já passado.

Do mal ficárão-me os danos.

Do mal ficárão meus danos.
Edição de 1668.

Qu'inda não erão chegados.

Que inda não erão chegados.
Edição de 1668.

Que a ninguem, como mais dino.

Que ninguem como mais dino.
Edição de 1668.

Do mal ficárão-me os danos.

Do mal ficárão meus danos.
Edição de 1668.

Aquella captiva, etc.

Endechas a Barbara escrava: — Parece impossivel que sujeito tão *escuro* inspirasse tão linda poesia. Chateaubriand traduziu para francez estes versos.

Quem ora soubesse, etc.

Fez-se lavrador de amor, porém só colheu enganos e dor.

Se me levão ágoas, etc.

A uma despedida; protestos de saudade e constancia que faz á amante chorosa n'esta despedida. São naturaes e bem escriptos estes versos.

A lançar as ágoas.

Alcançar as ágoas.
Edição de 1595.

Estas de amar são.

Estas do mar são.
Edição de 1595.

Me leva, eu as levo.

Me levão, eu as levo.
Edição de 1595.

Menina dos olhos verdes, etc.

Duvida que sejam verdes os olhos da amante, porque o verde é côr de esperança, e assim a daria aos seus amores.

Trocae o cuidado, etc.

Aconselha-lhe que troque com elle o cuidado, para experimentar o que é ser desamada; porém arrepende-se porque lhe quer tanto bem que antes elle seja maltratado, do que ella experimentar que castigo seja o ser desamada.

Que queira o perigo.

Que quero o perigo.
Edição de 1595.

Ver, e mais guardar, etc.

Á tenção de Miraguarda:—Cantiga antiga. Se quem a vê uma só vez se não póde guardar, o que acontecerá a quem a vê continuamente. O abster-se de a ver seria o melhor partido; terá porém força para faze-lo?

Da lindeza vossa.

A lindeza vossa.
Edição de 1595.

Irme quiero, madre, etc.

Parece ser allegoria a uma senhora que acompanhou o amante ou marido n'uma viagem.

Con él por que muero.

Con el por quien muero.
Edição de 1595.

Saudade minha, etc.

Ausente, suspira pelo dia de tornar a ver a amante, esperança que lhe vae faltando; desafoga n'estas saudosas queixas, e não lhe importa que a dor seja grande, porque, quanto maior for tambem maior será a valia d'ella.

Vida da minha alma, etc.

Ausente, inveja a ventura que experimentava quando tinha a dita de gosar da presença da amante; então vivia, agora a vida que passa não lhe póde chamar vida.

Coifa de beirame, etc.

Joanne é increpado pela amante de amar o toucado, e não a ella, que anda cega e louca por elle. Nas edições antigas traz mais duas redondilhas, que vem por ordem differente. As duas que faltam aqui são as seguintes que estão depois da segunda redondilha:

Se alguem te vir,
Que dirá de ti?
Que deixas a mim
Por cousa tão vil!
Terá bem que rir,
Pois amas beirame,
E a mim não, Joanne.

Quem ama assi
Póde ser amada,
Ando maltratada
De amores por ti;
Ama-me a mi
E deixa o beirame
Que he razão, Joanne.

Cego e mui perdido.

Cego e perdido.

Edição de 1595.

Se Helena apartar, etc.

Descreve os effeitos que produzem nos seres inanimados os olhos de Helena: se são tão milagrosos, o que farão nos corações. Não sei se é esta a mesma Helena a quem se refere nas redondilhas que começam:

Não sei se m'engana, etc.

Os ventos serena,
Faz flores d'abrolhos
O ar de seus olhos.

He noite serena,
Faz secar abrolhos
Na luz de seus olhos.

Meu MS.

Á primeira redondilha segue-se esta, no meu Ms.:

A parte escurece
Donde os olhos tira,
E para onde os vira
O ar se esclarece,
A terra florece,
Secam-se os abrolhos
Na luz de seus olhos.

E posto em giolhos,
Pasma nos seus olhos.

E posto de giolhos,
Lhe adora os olhos.
Meu MS.

Verdes são os campos, etc.

As bellezas da natureza tiram toda a sua essencia da graça dos olhos da sua amante.

Campo, que t'estendes.

Campo, que te estendes.
Edição de 1598.

E eu das lembranças.

Mas eu de lembranças.
Meu MS.

Isso que comeis.

Isto que comeis.
Meu MS.

São graça dos olhos.

São graças dos olhos.
Meu MS.

Verdes são as hortas, etc.

Parece serem feitos estes versos ao ver algumas senhoras jardinando e regando flores; representa um sitio cheio de rochedos e povoado de espesso arvoredo.

Com ágoa, que cai.

Co'a ágoa, que cay.
Edição de 1598.

Hortelóas dellas.

Os ortelois della.
Meu MS.

Menina formosa, etc.

Aconselha-a a não ser esquiva, condição que diz mal com a formosura; pois até a bonina sécca, se a terra é dura.

Menina formosa.

Menina fermosa.
Edição de 1598.

Fique antes formosa.

Fique antes fermosa.
Edição de 1598.

O Amor formoso.

O Amor fermoso.
Edição de 1598.

Se ama, he piedoso.

Se ama, he piadoso.
Edição de 1598.

Que quem he formosa,

Que quem he fermosa.
Edição de 1598.

Havei dó, menina,
Dessa formosura;
Que se a terra he dura.

Avei dó, menina,
Dessa fermosura;
Que s'a terra he dura.
Edição de 1598.

Sêde piedosa.

Sêde piadosa.
Edição de 1598.

Tende-me mão nelle, etc.

Grita após o Amor, que vae fugindo, devendo-lhe a liberdade que lhe roubou. Ha aqui uma conta de reaes que não entendo.

Que hum real me deve.

Qu'hum real me deve.
Edição de 1598.

O falso se atreve.

O falso s'atreve.
Edição de 1598.

Comprou-me o amor.

Comprou-me amor.
Edição de 1598.

Dar-me desfavor.

Dar-me disfavor.
Edição de 1598.

Que ando após elle.

Qu'ando após elle.
Edição de 1598.

No amor se atreve.

No amor s'atreve.
Edição de 1598.

Dó la mi ventura, etc.

Desde o berço o perseguiu a desventura, e não houve tormento que não experimentasse; o que não admira, pois nasceu em dia de uma estrella mui contraria. Só na sepultura póde ter fim a sua desventura, e não se queixa d'ella; porém sim que dure vida tão mofina.

Vida de minha alma, etc.

Luta entre dois tormentos: o de não ver a sua dama e desejar, e o de a ver e temer.

Vida de minha alma.

Vida de minh'alma.
Edição de 1616.

Temendo o desejo,
Desejo temer.

E temo o desejo,
Desejo o temer.
Edição de 1616.

Pastora da serra, etc.

Parece fazer o elogio de uma senhora da serra da Estrella, objecto da admiração dos pastores d'aquella serra, pela sua extraordinaria belleza e encantos.

Mais que a formosura.

Mas da formosura.
Edição de 1616.

Se ri, não cuidando.

Se rim, não cuidando.
Edição de 1616.

Por ventura bellas,
Das que colhe dellas.

Por ventura dellas,
Das que colhe bellas.
Edição de 1616.

Se n'ágoa corrente.

Se na ágoa corrente.
Edição de 1616.

Faz a luz divina.

Faz a luz cristalina.
Edição de 1616.

Por ver-se a ágoa nella.

Por ver-se ágoa nella.
Edição de 1616.

Vós sois huma Dama, etc.

Estes versos têem duas interpretações, louvando e deslouvando uma dama; lendo-se de alto a baixo, são em vituperio, e dobrando-os, em elogio; por esta fórma:

Vós sois huma Dama
Das feias do mundo;
De toda a má fama
Sois cabo profundo.
A vossa figura
Não he para ver;
Em vosso poder
Não ha formosura.
Vós fostes dotada
De toda a maldade;
Perfeita beldade
De vós he tirada.
Sois mui acabada
De taixa e de glosa:
Pois quanto a formosa,
Em vós não ha nada.

Do grão merecer
Sois bem apartada;
Andais alongada
Do bem parecer.
Bem claro mostrais
Em vós fealdade:
Não ha hi maldade,
Que não precedais.
De fresco carão
Vos vejo ausente;
Em vós he presente
A má condição.
De ter perfeição
Mui alheia estais;
Mui muito alcançais
De pouca razão.

Vai o bem fugindo, etc.

Estas endechas vem na primeira edição, d'onde se tiraram depois. Faria e Sousa traz mais estas em seguida:

Grandes esperanças
Tem grandes desvios;
E grandes desvios
Certas as mudanças.
Anda mui vizinha
A quéda á subida;
Os gostos da vida
Passão mui acima.
Nas torres mais altas
Mais combate o vento;
O fallar sem tento
Descobre mil faltas.
Ninguem se contenta
Co'a sua ventura;
Onde irá segura
A náo com tormenta.
O que subio muito
Mais subir deseja;
Sempre deu a inveja
Amargoso fruito.

O cego interesse
Desfaz amizades:
Nas prosperidades
A soberba crece.
O curso dos annos
Descobre a verdade;
A necessidade
He mestra de enganos.
Quem cuida que engana
Acha-se enganado.
Necio, confiado,
A si mesmo dana.
Ser soberbo e pobre
He cousa de riso.
Nam he muito aviso
Dar ouro por cobre.
Do que pouco tem
Ninguem tem memoria.
Soberba e vangloria.
Nam conjuntam bem.

OUTRAS

Nesta vida escassa
Todo o bem se nega:
Quando acaso chega
Como raio passa.
Vão e vem os dias,
As noites tambem;
Se vão nunca vem
Firmes alegrias.

Cansão-me lembranças
De cousas passadas,
Horas mal gastadas
Em vãs esperanças.
Lagrimas sem fruito
Fruito de amor louco,
Valeste-me pouco,
Custaste muito.

D'spiritos cativos
Me vejo cativo,
Entre mortos vivo,
E morto entr'vivos.

Posto em liberdade
Me vi mais perdido;
Outra vez metido
Nas mãos da vontade.

Se me não socorre
Divino favor,
De mi o melhor
Grande risco corre.

Diogo Bernardes, nas *Varias Rimas ao Bom Jesus,* traz estas duas ultimas endechas, e não as que se imprimiram como de Camões.

A B C FEITO EM MOTES

No meu Ms. vem addicionados mais alguns motes.

B

Bersabé com seu prazer
A El-Rei David seguio,
E o vosso sol me matou.

C C

Caim dizem que matou
Abel sendo seu irmão,
A mim vossa ingratidão.

Caim se mostrou matador
Pela inveja que havia,
Vós a mim por outra via.

E

Esther por formosura
A ser rainha e gran Senhora,
Vós nome de matadora.

G

Geremias lamentando,
Chorava com gran cuidado,
E eu sou ja sepultado.

J

Julio Cesar conquistou
O mundo com fortaleza,
Vós a mim com gentileza.

J

Judic ao grão Allofernes
Degolou, se vivo fôra,
Morte lhe dereis, Senhora.

M

Minerva foi mui cruel,
Mas não chegou a metade
Da vossa gran crueldade.

S

Salomão, por adorar
Huma mulher, se perdeo;
E por vós me perdi eu.

Z Z

Zenobia, se sois por mim
Pedida de amor e fé,
Como essa por si he.

Zacharias emudeceu
Por hum pouco duvidar,
E eu só por vos fallar.

Não faço explicações a esta poesia, aliás trivial, porque estas se encontram nos diccionarios da fabula. No meu Ms. vem estes motes com o seguinte titulo: «*Motes feitos pelo A B C com historias antigas, que fez Luis de Camões a huma sua dama*». Esta dama, pela variante do primeiro mote do mesmo Ms., parece chamar-se Anna; talvez a mesma do mote, a pag. 106, que começa:

A morte, pois que sou vosso, etc.

Amor, quisestes que fosse.

Anna quisestes que fosse.
Edição de 1668 e o meu MS.

Apelles, se fôra vivo.

Apelles, se vivo fôra.
Meu MS.

Por vós retratos tirára.

Por vós debuxos pintára.
Meu MS.

Extremo de formosura.

Extremo da fermosura.
Edição de 1668 e o meu MS.

Para minha sepultura.

Pera minha sepultura.
Meu MS.

Cassandra disse de Troya.
Que havia ser destruida,
E eu por vós d'alma e da vida.

Cassandra disse por Troia,
Que havia de ser distroida,
Eu por vós alma e vida.
Meu MS.

Da má morte causadora.

De má morte causadora.
Meu MS.

Fedra só de puro amor.

Fedra de puro amor.
Meu MS.

Da formosura estremo.

Da fermosura extremo.
Edição de 1668.

De chammas, o consumio.

De foguo, o consumio.
Meu MS.

Hebis e Dido morrêrão
Com o rigor da mudança,
Eu vendo vossa esquivança.

Helisa, Dido morrêrão
Por se ver sem esperança,
Eu vendo vossa mudança.
Meu MS.

Judith que o duro Holofernes.

Judic ao grão Allofernes.
Meu MS.

Leandro se afogou
No mar de sua bonança,
Eu no de vossa esperança.

Leandro foi dar á costa
Na praia de sua bonança,
E eu na vossa esperança.
Meu MS.

E vós, Senhora, da terra.

E vós, sois Deosa da terra.
Meu MS.

Em vendo a sua figura.

Vendo sua figura.
Meu MS.

Eu por vossa formosura.

Eu por vossa fermosura.
Edição de 1668.

Eu a vossa fermosura.
Meu MS.

Com seu ar e formosura.

Com seu ar e fermosura.
Edição de 1668.

Vendo sua fermosura.
Meu MS.

Que em vos verem sentirão,
Mas eu pago o que elles virão.
Orpheo com a doce harpa.

Que em vos vendo sentirão,
E eu choro o que elles vírão.
Orpheo com sua arpa.
Meu MS.

Vós a mim com perfeição.

Vós a mim com mais rezão.
Meu MS.

Páris a Helena roubou.

Páris roubou a Hellena.
Meu MS.

E vós a mim me mataes.

E vós a mim só me matais.
Meu MS.

Roma o mundo sujeita.

Roma o mundo sogeita.
Edição de 1668.

Roma o mundo sogigou.
Meu MS.

Serena na mór Fortuna
Com enganos vai cantando,
E vós sempre a mim matando.

Serea na formosura
Com engano vai cantando.
Vós a mim sempre matando.

Meu MS.

Venus, que por mais formosa,
Lhe deo Páris a maçãa.
Não foi quanto vós louçãa.

Venus, que mais fermosa,
Páris lhe julgou a sorte,
Vós a mim dareis a morte.

Meu MS.

Por vós não serdes, Senhora,
Nascida naquella hora.

Porque não fostes, Senhora,
Presente naquella ora.

Meu MS.

Tanto, quanto sois formosa.

Tanto quanto sois fermosa.

Edição de 1668.

Na edição de 1668, onde vem primeiro esta poesia, depois da letra X vem mais estes dois motes:

Julio Cezar se livrou
Dos imigos com abrolhos,
Eu não posso desses olhos.
Jazia-se o Minotauro
Preso no seu labyrintho,
Mas eu mais preso me sinto.

Por usar costume antigo, etc.

Carta escripta d'Africa a hum amigo:—Expõe-lhe o estado apaixonado que o domina longe da sua amante, e a saudade que o devora; pede novas do objecto que lh'a faz nutrir, e roga ao fidalgo continue os seus bons officios perante a dama, da qual pede novas, fundamentando na amisade d'este fidalgo, e no seu patrocinio toda a consistencia da sua ventura; ao mesmo fidalgo se dirige, por a mesma occasião e igual motivo, na elegia II, e muito explicitamente; é uma maneira de exprimir inteiramente analoga á da variante inedita que publicámos d'esta elegia. Alem da descripção que faz do seu estado amoroso, dá noticia dos negocios militares da praça, alludindo a queixas mutuas da parte do governador a respeito dos moradores, e d'estes do governador, por ventura de parte a parte injustas, e devidas sem duvida ao abandono forçado que se começava a experimentar n'estas primeiras conquistas no ultramar, em tempo de D. João III, que vergava com o peso de uma tão vasta e dilatada monarchia.

Sómente achei badaladas.

«Ja estes (diz o Poeta na sua primeira carta escripta da India) que tomárão esta opinião de valentes ás costas, crede que nunca riberas del Duero arriba ca-

valgaron Çamoranos, que roncas de tal soberbia entre si fuesen hablando, e quando vem ao effeito da obra salvão-se em dizer que se não podem fazer tamanhas duas cousas como é prometer e dar.» O Poeta, valoroso por natureza, não só nos logares seguintes, mas ainda em outros, mette a ridiculo estes rufiões mais esforçados com a lingua, do que com a espada.

Outros em cada theatro,
Por officio lhe ouvirés
Que se matarán con tres,
....
Na paz mostrão coração,
Na guerra mostrão as costas;
Porque aqui torce a porca o rabo.

Disparates na India.

Senão vendo aquelle dia
Que hade ser fim de dous anos.

Por estes versos se vê que o degredo tinha praso marcado. Esta epistola devia ser das primeiras cousas que escreveu da Africa, porque n'ella não faz menção dos combates a que allude na seguinte e na elegia II. Talvez este degredo fosse de tres annos, começado nas margens do Tejo e terminado na Africa. Os seguintes versos da elegia I, escripta por esta occasião, parecem confirma-lo:

Até que venha aquelle alegre dia
Qu'eu vá onde vós ides, livre e ledo.
Mas tanto tempo, quem o passaria?

As penas impostas aos que se atreviam a ter amores no paço eram severas, como deixâmos dito na biographia; alem d'isto podia-se ter aggravado a causa d'este castigo com alguma rixa ou duello.

Pois sei que em vossa mão
Está meu bem e meu mal.

Por estes versos se vê que a pessoa, a quem o Poeta se dirigia n'esta carta, era terceira n'estes amores, e tinha grande valimento com a dama; o mesmo se deprehende da variante inedita que publicámos na nota á elegia II.

Dai-me o favor sem pejo,
Pois o dais a cousa vossa.

Veja-se a ode VII em que o Poeta celebra D. Manuel de Portugal: ali se expressa de uma maneira muito analoga:

Saudade de uma banda
D'outra tento ao badallo.

D'aqui muito claramente se collige que os amores do Poeta, ainda depois da pena, não estavam extinctos, mas exigiam grande segredo e recato.

Mas he de nós Conde.

Se este verso é de Camões e não pertence aos alheios inseridos no fim de cada redondilha, dá a entender que esta poesia era dirigida a um conde; podia ser o de Vimioso, ou de Redondo, ambos amigos e protectores de Camões.

O dia das alabanças.

Torna o Poeta a marcar um praso determinado para termo do seu degredo, e pela expressão que emprega se vê com quanto alvoroço era por elle esperado. Vem esta poesia em um Ms. do seculo XVII.

Mandaste-me pedir novas, etc.

Carta escripta d'Africa em resposta á de hum amigo: — Este lhe mandou pedir novas: dá as suas, e de uma investida dos mouros á praça onde militava.

Cuidei que vida mudada.

Do mesmo modo se expressa na elegia II, escripta por esta mesma occasião:

Mas nem com isto, emfim, qu'estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
D'amorosas lembranças me defendo.

Faço no meu pensamento
Mais torres que as de Almeirim.

Onde estão estas torres? ainda no fim do seculo XVI era este paço uma das casas onde os nossos reis se íam recrear, e hoje está tudo nivelado com o chão; as suas torres estão derrubadas do mesmo modo que aquellas que o Poeta fazia no seu pensamento. Parece que um anathema foi lançado contra estas muralhas, onde um rei caduco e portuguezes vendidos entregaram o reino ao estrangeiro.

Quem disser que a saudade.

O Poeta descreve n'esta poesia o seu estado apaixonado com as mesmas cores exactamente com que o fez na elegia II, tambem escripta por esta occasião. Aqui, como na primeira poesia, é corroido pela saudade mais violenta, divaga solitario ao longo do mar, através do qual dilata a vista até á patria: a analogia das suas composições é igual; a descripção, os sentimentos expressados os mesmos.

Vi venir pendon bremejo.

Descreve uma investida á praça feita pelos mouros, á qual, na fórma do costume, dá pouca importancia; o mesmo usa quando descreve a sua primeira expedição na India. O nosso Poeta não era bom para redigir boletins de batalhas.

A las armas Mouriscote.

Veja-se a carta I em prosa escripta da India: «... mas os que sua opinião deita á las armas Mouriscote, como maré corpos mortos á praia», etc.

A que muerte condenado.

Termina a carta com o receio, que manifesta na primeira, de fallar nos seus amores, e que isto possa de alguma maneira constar. Vem esta poesia em um Ms. do seculo XVII.

Senhora, quando imagino, etc.

Carta a huma Senhora: — Encarece as qualidades da amante, e expõe o seu pouco merecimento para amar tão divina formosura e dama tão perfeita; porém

depois volta sobre o que disse, e reputa-se idoneo para a amar, pois mudou o ser humano no divino, por virtude de gesto tão soberano. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Afuera consejos vanos, etc.

Poesia burlesca a uma mulher que o queria disfructar na bolsa; aconselha-a que procure outro, e o deixe com a sua dor. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Lagrimas dirão por mim, etc.

A uma despedida: têem verdadeiro sentimento estes versos. Lagrimas verdadeiras e sinceras, que não se sabem fingir, fallarão por elle quando a pena da partida lhe tirar a falla e a vida. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Prazeres, que me quereis? etc.

Diz aos prazeres, que sempre o enganaram, que o deixem com a sua tristeza, pois essa lhe tem sido sempre fiel companheira. De seus contentamentos apparentes tem já experiencia certa; assim busquem outro a quem enganem. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

S'espero, sei que m'engano, etc.

Vive entre dois extremos: temendo sempre o bem que espera, e sendo este impossivel, não podendo comtudo desesperar. Este mote foi glosado duas vezes por Diogo Bernardes, e em uma d'ellas por esta fórma; Francisco Rodrigues Lobo tambem o glosou na sua *Primavera*. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Peço-vos que me digais, etc.

A huma Senhora rezando:—Vendo a sua dama a orar, e toda inflammada no amor divino, recorda-lhe quão pouco serão aceitas as suas rezas, tendo roubado tantos corações, se ellas não forem acompanhadas de uma verdadeira contrição e da satisfação dos damnos causados; assim, se quer, restitua-lhe a vida que lhe roubou. Galante poesia, e ao mesmo assumpto escreveu o lindo soneto CCXLVI e as redondilhas antecedentes, glosando o mesmo mote. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Ora cuidar me assegura, etc.

Vive em tal incerteza e tormento com os seus amores, que os mesmos cuidados que lhe dão vida, lhe dão a morte. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Ó meos altos pensamentos, etc.

Embora conhecesse que eram aereos e sem base os seus pensamentos, tinha-os elevado tão alto que agora sente o caír de tão grande altura. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Esperanças mal tomadas, etc.

Ao mesmo assumpto da redondilha

S'espero, sei que m'engano.

Embora as suas esperanças sejam vãs e sem fundamento, não as póde deixar, pois é origem d'ellas a sua amante. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Como quer que tendes vida, etc.

Pede a uma mulher que se lhe entregue, pelo menos uma hora, e despache bem o seu requerimento. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Em tudo vejo mudanças, etc.

A estas esperanças vãs e mal concebidas escreveu o Poeta, como temos visto, varias poesias; sendo vãs, falsas e dando-lhe tanto tormento, ainda assim as não aborrece. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Ay de mim, mas de vós ay, etc.

Diz á dama que attenda bem no que faz matando-o, porquanto ella é n'isso mais prejudicada. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Lume desta vida, etc.

Acrostico de *Luis* e *Caterina de Ataide*. Resente-se esta redondilha da natureza das poesias restrictas a estas fórmas mesquinhas; o assumpto, isto é, o nome da sua amante, como em outras occasiões, deveria elevar mais o estro do Poeta. No mesmo Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Que vistes meus olhos? etc.

Não é bem claro se se dirige aos seus olhos ou aos de uma senhora. Se são chorosos de amor e de esperanças lisonjeiras, ditosa dor, ditosas lagrimas; porém se de desfavor, de enganos e cuidados, deixem passar os annos e não serão tristes. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa, e traz esta cota: No Ms. novo.

Ay de mim, etc.

Diz á dama que será responsavel da sua vida perante Deus, pois aindaque a parte perdõe fica o caso á justiça; todos sabem, os que têem pratica de fóro, que embora a parte se não desaggrave, toma ella a si esse dever. Em castelhano, no Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Guardai-me esses olhos bellos, etc.

Embora sejam lindos os cabellos da dama, guarde-os amor para si, que elle prefere os olhos, pois é d'elles que se mantem e vive. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Por huns olhos que fugirão, etc.

Explica o effeito que produziu n'elle a vista dos olhos de uma senhora. Alem de o cegarem, nunca mais sentiu prazer por os não tornar a ver. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

No monte de amor andei, etc.

Esta poesia visivelmente é escripta a uma senhora que se appellidava Gama, talvez parenta do proprio Poeta, que era aparentado com esta familia por sua avó D. Guiomar da Gama, dos Gamas do Algarve. O assumpto parece ser um desencontro com a mesma senhora. Vem estes versos no Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Tal estoi despues que os vi, etc.

Em castelhano: declara-se namorado ao mesmo tempo de amor pela dama, assumpto d'esta poesia, e de si mesmo. Vem no Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

De vós quererdes meu mal, etc.

Fortalece-se no soffrimento do seu mal com a causa que lh'o faz soffrer, e resigna-se contente á pena, porque lh'a ordena a sua dama. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

No meu peito o meu desejo, etc.

No seu amor é certo o damno que se segue voluntariamente, não dando ouvidos á rasão, mas incerto o remedio. No Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Nasce estrella d'alva, etc.

Ao nascimento de Christo: versos provavelmente para serem recitados na noite de Natal. Parecem mais do estylo de Diogo Bernardes. Vem no Ms. de Manuel de Faria e Sousa.

Amor que vio minha dor, etc.

Carta a huma Senhora:—Amor tirou uma penna das azas, e mandou que escrevesse o que elle dictasse; pede, na fórma do costume, uma entrevista. Esta carta, bem como outras poesias d'esta natureza, póde bem ser que não fosse directamente dirigida pelo Poeta, mas sim escripta para algum estranho apoucado de talento poetico para a escrever. Existia n'outro tempo este commercio, e talvez o Poeta em occasião de apuro recorresse a este meio. Vem no meu Ms.

Carta minha tão ditosa, etc.

Parece ser escripta á mesma senhora, e em continuação da primeira carta, porquanto é o mesmo amor que dictou a outra, que agora se encarrega de dictar esta. Parece que não houve resposta da primeira missiva, e agora n'esta a reclama com encarecimentos de amor; estabelece novos parallelos para render a praça, que pede se não renda a outro. No meu Ms.

Pois que, Senhora, folgais, etc.

A uma senhora que em um rompimento de relações amorosas lhe ordenou que mais não lhe apparecesse. Desforço jocoso do Poeta, em que lhe assevera que nada perde com a quebra d'estes amores. Já se vê que esta poesia não foi dirigida á amante; talvez a fizesse para um outro a enviar a alguma senhora. No meu Ms.

Olvidé y avorescy, etc.

Intendimento a este verso:—Com este titulo vem estes versos no meu Ms.

Para evitar dias máos, etc.

A humas Senhoras que jogando perto de huma janella lhes cahirão tres páos e derão na cabeça de Camões: — A forca é triangular, por isso o Poeta allude aos tres paus do baralho que lhe caíram na cabeça, referindo-se ao instrumento do supplicio; fazemos esta explicação, não para nós que o sabemos, mas para intelligencia de algum estrangeiro, se lhe caír nas mãos esta poesia, a qual talvez não entenderia sem ella. Na carta II, em prosa, se encontra tambem uma allusão aos tres paus do baralho:

> Eu então por burlar quem me burlou,
> Tres páos joguei, e disse que ganhasse.

Este improviso vem tambem no meu Ms.

EL-REI SELEUCO

Foi impresso este auto, pela primeira vez, no anno de 1616 sobre um Ms. que possuia o conde de Penaguião. É precedido de um prologo dramatico, e composto, segundo se deprehende do mesmo prologo, em o curto espaço de tres dias e representado em casa de um Estacio da Fonseca, enteado de Duarte Rodrigues, reposteiro d'el-rei D. João III, o qual exerceu no paço differentes cargos: almoxarife dos paços de Alcaçova (1551); recebedor dos dinheiros das aposentadorias da côrte (1565); e por ultimo, cavalleiro fidalgo e thesoureiro das moradias da côrte (1574). Devia ser escripto depois do anno de 1545, pois no prologo o moço diz, fazendo menção da moeda, os basarucos: «...que se agora fora aquelle tempo em que corrião as moedas dos sambarcos», etc., os quaes corriam ainda no tempo de D. João de Castro, pois n'este mesmo anno revogou este vice-rei a lei de seu antecessor Martim Affonso de Sousa, que lhe alterava o valor.

O prologo é escripto em prosa e estylo burlesco, e não deixa de nos dar alguma noticia d'estas representações particulares; por elle vemos que era costume deixar entrar o publico que podia ser admittido, e que o representador explicava o argumento da peça ou como n'esta suspendia a attenção, e preparava a surpreza annunciando divertimento differente; n'este mesmo faz o nosso Poeta menção do Chiado, como bom trovista.

O facto narrado por Plutarcho, de Seleuco rei da Syria, que cede a mulher a seu filho Antiocho, que apaixonado da madrasta chega ás portas da morte, forma o assumpto d'este auto, que tem sido reputado difficil, e por isso pouco proprio para o theatro. Eis como a este respeito se expressa o abbade d'Aubignac (*La pratique du théatre*, etc. Amsterdam, 1715, tomo I, pag. 57): «D'avantage il ne faut pas s'imaginer que toutes les belles histoires puissent heureusement paraître sur la scene, parce que souvent toute leur beauté dépend de quelque circonstance que le théatre ne peut souffrir. Et ce fut l'avis que je donnai à celui qui voulait travailler sur *les Amours de Stratonice et Anthiocus:* car le seul accident considérable, est l'adresse du Medécin qui fit passer devant les yeux de ce jeune Prince malade depuis longtemps toutes les Dames de la Cour a fin de juger par l'émotion de son poulx celle qu'il aimait et qui causait sa maladie; et j'estime qu'il est très difficile de faire un Poëme Dramatique, dont ce Héros soit toujours au lit, ni de représenter cette circonstance; et qu'il a peu de moiens de la changer en telle sorte que l'on en put conserver les agremens; outre que le temps, et le lieu de la scene seraient très difficiles à ren-

contrer; car si Antiochus est au lit le matin, il faudra bien travailler pour le faire agir dans le même jour. De même aussi la scene dans la chambre du malade, ou devant sa porte cela ne seroit guere raisonable. La Theodore de Monsieur Corneille n'a pas eû tant de succès ni toute l'approbation qu'elle meritoit».

Apesar comtudo d'esta difficuldade, deparámos com duas peças d'este mesmo assumpto no theatro italiano no seculo XVII, uma para musica, e representada no theatro S. Cassiano: «*Antioco D. per Musica de N. M. sul teatro S. Cassiano per l'anno* 1658 *in Venet.*», e outra por uma senhora, escripta em prosa e verso: «*La Stratonica Tragicomedia di Angelica Scaramucia in Viterbo,* 1609». Agostinho Moreto tratou o mesmo assumpto em Hespanha: «*Comedia Famosa Antioco e Seleuco, de Don Agustin Moreto*». Não nos sobra aqui o espaço para confrontarmos estas differentes peças com a do nosso Poeta, o que talvez faremos em outra occasião, e assim limitar-nos-hemos a dizer duas palavras sobre a sua composição.

Sem ser uma peça de grande merecimento, de espaço a espaço apparecem comtudo lampejos do genio de Camões. O enredo do auto é simples, e resolvida a difficuldade que aponta mr. d'Aubignac, tratada com o genio com que Racine tratou a Phedra, uma scena de declaração feita á rainha, poderia fazer um bello effeito dramatico no theatro moderno; Camões evitou este passo, e é por um papel que lhe cáe quando se reclina na cama, apanhado pela aia da rainha, que ella vem no conhecimento do amor illicito do principe, amor illicito de que ella se acha tambem ferida, e assim foi talvez para evitar o embaraço que devia seguir-se da entrevista entre os dois, que Camões fugiu a esta scena, preparando comtudo de ante-mão para o desfecho final, e tornando natural a união dos dois, pelo interesse que ella mostra pelo principe, e pelas confidencias com a aia, a quem declara o amor que tem pelo entiado, pezarosa de ter vendido a liberdade, conservando-se com todo o decoro n'esta luta do coração.

Emquanto ao estylo, tem todo o colorido da epocha; o principe exprime-se nos seus amores no estylo de Petrarcha, e o mesmo anachronismo se nota nos outros personagens: Sancho é o gracioso moderno, um dos musicos é o sr. Alexandre da Fonseca, e o porteiro recita motes entoados em cantochão.

A comedia de Moreto é mais apparatosa e acompanhada de incidentes mais variados; conheceu o auctor hespanhol a do nosso Poeta, como se vê da scena dos musicos, e do discurso que na peça portugueza faz o moço, e na hespanhola o gracioso Luquete, sobre a delicadeza no trato e melindres dos principes e grandes senhores, comparada com os trabalhos physicos que experimentam os homens ordinarios do povo. O dialogo do physico e do bobo em Camões é comico, e a scena do mesmo physico quando revela ao rei a paixão do filho pela rainha, é bem conduzida e me parece mais natural e com mais arte do que a de Moreto.

Esta comedia não devia agradar na côrte, pois sabemos que el-rei D. Manuel não representou com seu filho D. João III o papel de Seleuco, antes lhe tomou a noiva que lhe estava destinada.

OS AMPHITRIÕES

O argumento d'esta peça eminentemente comica, antes de Plauto tinha sido tratado por Archipo e Euripides; no começo do seculo XVI (1505) reproduziu Villalobos na lingua castelhana a comedia latina, acommodada á representação, imitando-a pouco depois (1545), na Italia Ludovico Dalee (Il Marito), em Portugal o nosso Poeta, e mais tarde o poeta inglez Dryden e o celebre Molière.

O ser escolhida por homens tão eminentes, demonstra que acharam esta fabula mui adaptada para ser tratada no theatro. Se na comedia de Seleuco deparámos com alguns lampejos de genio de Camões, n'este auto dos Amphitriões ou Enphatrioens, como então se dizia, apparece uma força mais comica, e se exceptuarmos algumas scenas accessorias revestidas de um certo modernismo e anachronismos a que o Poeta talvez era obrigado para satisfazer o gosto de uma parte dos espectadores, não receámos affirmar que n'ella corre parelhas, senão excede ás vezes o poeta latino imitado e o proprio Molière. N'este caso

estão, a meu ver, as scenas v e vi do acto ii, de Sosea e Mercurio contrafeito em Sosea, que é superior á de Plauto e de Molière, e n'outras lhes é igual: o enredo da peça geralmente é bem conduzido, o estylo mui comico e incisivo, e o final mais bem ordenado do que em Plauto e Molière. Na peça franceza apparece Jupiter montado na Aguia entre ondas de luz, e revela a Amphitrião o que deu causa á mystificação que tanto o atormentou, vaticinando-lhe o futuro nascimento de Hercules que deveria provir d'esse concubito; parece-me que isto não devia consolar muito Amphitrião, e assim o expressa Molière pela bôca de Sosea nos ultimos versos com que termina a sua comedia:

Sur telles affaires toujours
Le meilleur est de ne rien dire.

Na comedia portugueza o final acaba de uma maneira muito mais dramatica, e é mais bem conduzido. Aurelio, primo de Alcmena, a quem Amphitrião se havia queixado da affronta na sua honra, conjuntamente com Belferrão, o patrão do navio, e Sosea se dirigem a casa de Alcmena para forçar a entrada e aclarar toda esta embrulhada; porém ao penetrar na casa são de subito fulminados pelo clarão de raios de luz que a esclarecem, desapparecendo n'isto o embusteiro Jupiter, perdõe-me sua divindade, com um ruido grande e horrendo. Attonitos e assombrados da claridade que os cega, sáem, e encontrando Amphitrião, narram rapidamente o acontecido, pedindo-lhe que preste ouvido attento á voz que inda sôa. É a de Jupiter que de dentro aclara a Amphitrião o que se ha passado, consolando-o com o vaticinio que faz das glorias de Hercules que nascerá d'este ajuntamento, doirando-lhe a pilula como póde:

Quiz-me vestir em teu gesto,
Por honrar tua geração.

Molière ao mesmo assumpto disse:

L'éclat d'une fortune en mille biens féconde,
Fera connaître à tous que je suis ton support.

Parece-me em Camões mais bem doirada, assim como já dissemos este final todo mais artisticamente trabalhado. O theatro repentinamente esclarecido por entre a transparencia do panno da bôca do mesmo theatro, uma voz sobrenatural, auxiliada talvez por um porta-voz, annunciando as grandes venturas de Amphitrião, me parece mais theatral do que Jupiter escarranchado na aguia, e fallando cara a cara com Amphitrião, que deve achar-se n'uma posição critica, e que talvez dispensasse tanta honra.

Esta comedia, que revela aonde podia chegar o genio vasto de Camões, se a sua vocação o chamasse exclusivamente para o theatro, e não o aguardasse ainda mais elevada esphera, na litteratura tem sido olhada com pouca attenção pelos nossos philologos; admira-me como bellezas comicas de tão subido quilate não feriram a vista do nosso aliás distinctissimo academico Sebastião Trigoso. Não aconteceu porém assim no seu tempo; representada ou perante academicos, ou na presença de uma aristocracia das mais illustradas da Europa, a quem os exemplares da lingua latina eram tão familiares como os da lingua propria, cubriram de applausos o auctor, e foi sem duvida no meio d'estes applausos e ovação que um enthusiasta, admirador do Poeta, rompeu em seu louvor com o seguinte soneto improvisado:

Quem he este que na harpa Lusitana
Abate as Musas Gregas, e Latinas?
E faz que ao mundo esqueçam as Plautinas
Graças, com graça alegre, e lyra ufana?

Luis de Camões he, que a Soberana
Potencia lhe influio partes divinas,
Com que espiram as flores, e boninas,
Da Homerica Musa, e Mantuana.
Se tu, triumphante Roma, este alcançáras
No teu theatro, e scena luminosa,
Nunca do grão Terencio te admiráras.
Mas antes, sem contraste, curiosa
Estatua de ouro ali lhe levantáras,
Contente de ventura tão ditosa.

Foi este auto, bem como o de Filodemo, impresso pela primeira vez no anno de 1587, na rarissima collecção dos autos de Antonio Prestes, da qual apenas conhecemos em Lisboa o exemplar que possue o sr. Sousa Lobo; é para sentir que não se proceda a uma reimpressão, com a qual faria o distincto litterato, possuidor do livro, valioso serviço á litteratura nacional, pois conjunctamente estão outros autos do seculo XVI, e com qualquer descaminho do livro, será inevitavel a perda d'estes, se fóra do reino se não descobrir outro exemplar.

Esta tragicomedia foi representada na India, ao governador Francisco Barreto, para celebrar a investidura do seu governo, nas festas que os fidalgos e povo de Goa fizeram por esta occasião, como consta do Ms. de Luiz Franco, onde vem incluida com este titulo: «*Comedia feita por Luis de Camões. Representada na India a francisco de barreto. Em a qual entrão as figuras seguintes,* etc.» Representada logo no principio da sua estada na India, é repassada ás vezes de um certo fel, o que me induz muito a acreditar que fosse feita na viagem para a India, para se desenfastiar de uma tão enfadonha viagem, e quando as feridas recebidas no reino ainda sangravam; não estava pòrém acabada quando foi posta em scena, porque depois reduziu a verso algumas passagens que no manuscripto vem em prosa. São bastantes as variantes no manuscripto, o que nos levaria a termos que repetir uma impressão d'este auto; limitar-nos-hemos pois a darmos alguns versos que não vêem no impresso, e alguma variante mais saliente que possa convir para emendar os erros em que abunda o auto impresso, postoque, em partes, o manuscripto não está menos incorrecto.

Não sei o romance d'onde Camões tirou o fundamento para esta tragicomedia; parece ter comtudo uma certa analogia com uma lenda genealogica da casa de Marialva, de uma tal infanta Cras, filha do rei Ordonho.

Depois do verso:

Assás me custa do meu,

vem a seguinte estancia, que não está impressa:

SOLINA

Pois dizei por vossa vida
Vós que podereis querer della?

FILODEMO

Eu não quero mais que querela,
Que vida tão bem perdida
O ganha-la está em perdella,
Porque os pensamentos meus
Tenho por tanta ousadia,
Que se acerto algum dia
Pôr os meus olhos nos ceos
Me parece inda heresia.

Do dialogo em prosa que começa: «Pois não creio em S. Pisco de páo», etc., copiámos a parte onde é mais saliente a mudança, porque convem para emen-

dar o erro grosseiro, que vem no original, de *Vale Luzo* por Valchiusa, logar romantico dos amores de Petrarcha:

DORIANO

«... Ora desengano-vos que foi a maior rapazia do mundo altos espiritos, porque eu não darei duas pescoçadas da minha beni-ni cem depois de ter feito a trosquia a um frasco, e falar-me por tu e fingir-se bebada, porque pareça que o não está, por quantos sonetos estão escritos pelos tronquos das arvores de Valchiusa, nem por quantas Madamas Lauras vós idolatrais, que se vem á mão.

FILODEMO

«Tá que vos perdeis, não consinto que vades mais ávante.

DORIANO

«Queres apostar que adivinho o que quereis dizer?

FILODEMO

«Que?

DORIANO

«Que se me não acudes com o batel, que me hia nesse de amor.

FILODEMO

«Ó que certeza tamanha do muito pecador, não se conhecer por esse.

DORIANO

«Mas que certeza tamanha do muito enganado, embirrar em sua opinião.

FILODEMO

«Se não tivesse por maior offensa o que faço a meu pensamento em vos contradizer, que telo secretamente, gastara humas poucas de palavras comvosco; mas ainda eu não tenho as minhas em tão má conta, que as queira tão mal empregadas.

DORIANO

«Ja falamos por meu pensamento, ay era má, peza-me que ereis um homem de bom saber e boa conversação; mas prazerá a Deos que me chorareis, e vos porá no caminho da verdade. E tornando ao nosso preposito que he o que para que me buscais que se for causa da vossa saude tudo farei.

DORIANO

«... Bem praticado está isto, mas a outro perro com esse osso criei, dias ha que não creo em sonhos.

FILODEMO

«Porque dizeis isto?

DORIANO

«Eu volo direi, porque vós outros que amais pela passiva dizeis que o amador fino como melão, que não hade querer mais de sua dama que ama-la viva, e virá logo o vosso Petro Bembo e Petrarcha, e outros trinta Platois (mais safados destes hypocritas que umas luvas de pagem d'arte) mostrando-vos resões verosimilhantes para homem não querer mais de sua dama, que ver e até fallar, e ainda ouve outros inquisidores d'amor mais especulativos, que defenderão a vista por não emprenhar o desejo, e eu faço voto a Deos que se a qualquer destes lhe entregarem sua dama entre dous pratos tosada e aparelhada, que não fique pedra sobre pedra, nem lugar sagrado em que se possa dizer missa dahi a mil an-

nos, nem lugar tão privilegiado em que a furia da justiça não buscasse até os caninhos escaninhos; de mim vos sei dizer que os meus amores hão de ser activos, e eu heide ser a pessoa agente e ella a paciente, e esta he a verdade, mas tornando a nosso preposito vá V. M.ce com sua historia avante.

FILODEMO

«Vou, porque vos confesso que ha neste caso muitas duvidas nos doutores. Mas assy como vos contava estando esta manhãa bem trinta ou corenta legoas pelo certão de meu pensamento, muito, com a viola nas mãos, perto de la amorosa torre, senão quando me toma de traição Solina, e entre algumas pratiquas que tivemos certificou-me que a Senhora Dioniza se levantara da cama para me ouvir.

DORIANO

«Cobres e tostes, sinal de terra: pois ainda vos não fazia tanto ávante.»

Se foi a censura que cortou parte d'este dialogo, teve alguma rasão, porque não é o sacrificio da missa objecto para uma comparação tão excessivamente profana; o Poeta não o fez com má tenção, mas para exagerar o fingimento dos hypocritas a que allude.

DORIANO

«Ó Santa Maria Senhora... em que ella quer que eu caya, porque este fingimento não he senão fazer-me sêde della. Comtudo se vos a vós cumprir será necessario que me transtorne n'outro, porque neste que agora sou he impossivel eu querer-lhe nenhum bem.»

A continuação do dialogo mostra que falta o que vem no manuscripto.

DORIANO

«... Deixay-me vós a mim o cargo, que eu sei melhor as pancadas que vós, e eu vos farei hoje este dia sem negaça vir-nos, e vós acolhei-nos ao sagrado, porque ella lá aparece.

FILODEMO

«Fazei que a não vêdes e fallai comvosco alguns pensamentos que fação ao caso.»

A redondilha que começa:

Ah quão longe estará agora, etc.

Vem no manuscripto em prosa, por esta fórma:

DORIANO

«... Quão longe estará agora a Sr.ª Solina de cuidar que ja canso de cuidar como meus cuidados não cansão. Se esta rapariga da fortuna, minha senhora, em pago de tantos danos consentisse que pudesse meu desejo deitar uma ancora em vossa formosura, eu tomaria de vós vingança de fogo e ferro.»

Depois do verso:

Quem ja feridas não sente,

vem estes versos que não estão no impresso:

Pois que aqui estamos sós,
Vós e eu, minha fim,
Mal volo demande Dios
Porque vós fugis de mim,
E eu de mim para vós.

Depois do verso:

Que mágoa no coração,

vem as seguintes redondilhas:

De que serve assim gastar
A vida em tantas paixões,
Nam mais que por sustentar
Estas vãas opiniões
Que o vulgo foi inventar,
Onras grandes, nome eterno
Nenhuma outra cousa dão,
Que para as almas inferno
E dores no coração.

Quem não pertende morar
Ipocrita em huma Ermida,
Quem não ade jejuar,
Disciplinar-se e chorar
Para fingir santa vida,
Porque não se lograrà
Do tempo que tem nas mãos,
Ou porque sustentarà
Onras falsas, nomes vãos
À custa da vida má.

Certamente que m'espanto
Desta opinião errada,
Como está tão arreigada
Que custando a vida tanto,
Emfim, emfim não he nada.
De lá nacerão as guerras,
Os danos e morte da gente,
Por ella só se consente
Correr mares, buscar terras
Pola sustentar sómente.

Por esta nossa enemiga
Vereis logo o mundo vão
Ter em má opinião
A mulher que o Amor obriga
A natural affeição.
Assi que é meu pensar
Quem estas verdades mede,
Pois no mundo quer viver,
Deve certo de fazer
O que lhe a vontade pede.

Se nisto replicais
Que ofendo as leis do ceo,
Os que as onras sustentais
Dizei-me, servis a Deus;
Mas errai-lo muito mais.
Ora, Senhora, este error
Consinto que seja culpa,
Porque tão sobejo amor,
Todos os erros desculpa.

N'estes versos não podemos ver outra cousa mais do que a hyperbole para desculpar talvez erros proprios, acompanhada de um certo resentimento, que se nota em mais de um logar d'este auto, por offensas recebidas no reino da parte de homens que apparentando a austeridade da virtude, sendo aliás propensos para o vicio, o perseguiram e incommodaram nos seus amores. Talvez que a carapuça que aqui pretende talhar, assentasse na cabeça d'aquelle a quem se refere na satyra dos *Disparates da India.* A moral aqui apregoada não seria a mais pura, se a não olhassemos como a ironia provocada pelo resentimento, e está em perfeita opposição com os sentimentos religiosos constantemente sustentados pelo Poeta não só nos *Lusiadas,* já em outros logares: na bella e violenta apostrophe em que convida os principes catholicos para resgatarem o santo sepulchro, como nas *Rimas,* especialmente n'aquellas redondilhas tão divinamente inspiradas e saídas do coração, por occasião do naufragio em que se notam estes versos:

E tu, ó carne, qu'encantas,
Filha de Babel tão feia,
Toda de miseria cheia,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhoreia;
Beato só póde ser
Quem co'a ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste:

Quem com disciplina crua
Se fere mais que huma vez;
Cuja alma, de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que ja a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes,
E em nascendo os affogar,
Por não virem a parar
Em vicios graves e urgentes.

O desafogo do Poeta é dirigido contra a hypocrisia, e não contra o verdadeiro religioso. Depois do verso:

Caio pedaço a pedaço,

vem esta variante:

E mais eu soffrer não posso
Que me façais tanto fero,
Qu'estou ja posto no osso,
Porque sou vosso e revosso
Por vida de quanto quero.

E mais eu sofrer não posso
Que um archanjo dos Ceos,
Que me corte carne e osso,
Porque sou vosso e revosso
Pelo Santo dia de Deos.

Mais adiante depois do verso

Mal consentira la espuela,

vem mais estes versos:

Pues sus, canta si mandais.

FLORIMENA

Padre no quero cantar.

PASTOR

Porque?

FLORIMENA

Porque no me dais que tragar
Ni tan poco me casais.

PASTOR

Canta que algo te ande dar.

Faltam estes versos no manuscripto:

El macho como crecio
Deseoso de otro bien,
A la corte se partio,
La hembra es esta por quien
Vuestro hijo se perdio.

Falta tambem todo o dialogo em prosa, desde: «Assi te contava, Doloroso,... até que pôr os pés ao caminho, e mostrar-lhe as ferraduras». O resto do dialogo faz pouca differença no manuscripto.

INDICE

DAS POESIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

REDONDILHAS

COMEDIAS

Esta edição das obras de Camões constará de cinco a sete volumes conforme der o texto. Preço 1$440 réis o volume, por assignatura, pagos á entrega, e 1$600 réis avulso.

Assigna-se em Lisboa nas lojas dos srs. João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8, Livraria Central de José Melchiades & Companhia, rua do Oiro n.º 155.—Coimbra, José de Mesquita.—Porto, Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho.—L. J. de Oliveira.—París, Rey et Belhate, Quai des Augustins n.º 45, N. Moré, 2 bis, rue d'Arcole.

Vende-se nas lojas acima mencionadas, nas dos commissarios da Imprensa Nacional, na dos srs. Bertrands aos Martyres n.º 73, e nas mais do costume.

Está no prelo o 5.º volume.

OBRA DO MESMO AUCTOR

Cintra Pinturesca ou Memoria Descriptiva da Villa de Cintra, Collares e seus arredores

Vende-se nas mesmas lojas.